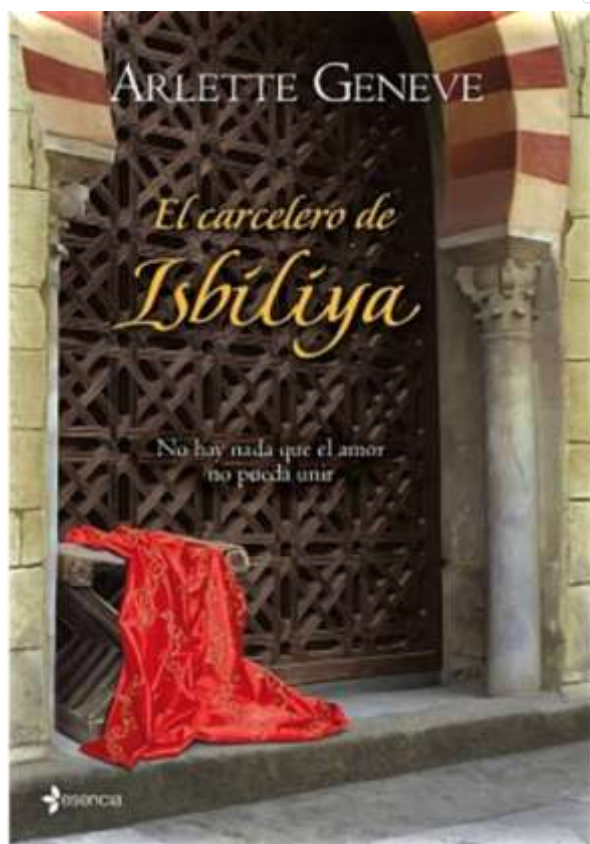


GRH

Arlette Geneve

O Carcereiro de Isbiliya



Tradução/Pesquisa: GRH

Revisão Inicial: Kelly

Revisão Final: Ana Julia

Leitura Final: Ana Paula G.

Formatação: Ana Paula G.



COMENTÁRIO REVISORA INICIAL KELLY

Pessoal, todos sabem que eu reviso livros para o GRJ há um bom tempo, já revisei de espadão a luvinhas, não tenho discriminação, mas esse livro me entusiasmou de uma maneira que há muito não acontecia. Ele tem uma história super envolvente, em um ponto dele você não sabe se ama ou odeia o casal principal, pois ambos, tanto o mouro quanto a cristã, são muito controversos e envolventes, completamente apaixonantes. Confesso que no início não botei fé na história, pois ela é ambientalizada na Península Ibérica na época da invasão árabe, ou seja, bem diferente dos escoceses e normandos de costume, mas com o passar da leitura passei a amar a história, pois a autora a desenvolve com várias jogadas de mestre. Ela não a deixa ficar maçante nunca. De coração, espero que gostem do livro, pois eu amei. Já era fã da Geneve, agora a coloquei do ladozinho da Howell no meu altar de deusas do romance.

COMENTÁRIO REVISORA FINAL ANA JULIA:

Só tenho a agradecer por ter feito parte desse trabalho, é um dos livros mais lindos que já li! É muito bom quando um livro nos leva a ter tantas emoções, compaixão, raiva, tristeza, incompreensão, e neste há todos esses sentimentos e alguns mais, o livro te envolve do início ao fim e deixa com um gostinho de quero mais. Espero que todos gostem deste trabalho tanto como eu. Boa leitura.

COMENTÁRIO DE LEITURA FINAL ANA PAULA:

Eu, com certeza, não poderia deixar de fazer a leitura final deste livro. Uma história maravilhosa, um casal de tirar o fôlego...Confesso que achei a heroína muito intransigente, no começo. Mas com o decorrer do livro, ela vai se revelando...O que mais falar??Leiam, pois a história é apaixonante!

Notas de Revisão:

Isbiliya: o nome Isbiliya foi um dos vários que teve a cidade de Sevilha, na Espanha, em seus primórdios. Em virtude do período histórico, resolvemos mantê-lo, ao invés de atualizar para Sevilha.

Segundo a lenda, Sevilha foi fundada por Hércules e suas origens estão ligadas à civilização dos tartesios. Foi chamada de Híspalis durante o domínio romano e de Isbiliya durante o domínio árabe. Alcançou seu auge na história logo após o descobrimento da América.

Al-Andaluz : foi o nome dado à península Ibérica pelos seus conquistadores islâmicos do século VIII, tendo o nome sido utilizado para se referir à península, independentemente do território politicamente controlado pelas forças islâmicas.

Pireneus

Os **Pireneus**, ou menos corretamente **Pirineus** ou **Pireneus** são uma cordilheira no sudoeste da Europa cujos montes formam uma fronteira natural entre a França e a Espanha. Separam a Península Ibérica da França, e estendem-se por aproximadamente 430 km, desde o Golfo da Biscaia, no oceano Atlântico, até o cabo de Creus (extremo oriental da Espanha continental), no mar Mediterrâneo.

Na sua maior parte, a crista principal dos Pireneus forma a fronteira franco-espanhola, com o principado de Andorra incrustado entre seus dois grandes vizinhos. A principal exceção a esta regra é o Vale de Aran, que pertence à Espanha, mas se situa na face norte da cordilheira. Outras anomalias orográficas incluem a Cerdanha (único vale dos Pireneus no sentido leste-oeste) e o enclave espanhol de Llívia (completamente cercado por território francês).

O gentílico de Pireneus é "pireneu"; há, ainda, o adjetivo "pirenaico".^[2]

Reino de Castela (Castilla)

O **Reino de Castela** foi um dos antigos reinos da Península Ibérica formados durante a Reconquista. Na verdade, começou por ser um condado do Reino de Leão, até se tornar independente. Desde o ano 1833, o seu território faz parte de Espanha.

Reino de Navarra

Enquanto **reino**, **Navarra** surgiu no século IX, durante a Reconquista cristã. Em 1234, a dinastia inicial dos reis de Navarra foi substituída pelos Condes de Champagne. Em 1284 o casamento de Joana I de Navarra com o rei Filipe IV de França causou uma união pessoal entre os dois países que iria durar até 1328. A herdeira das duas coroas era Joana II, filha de Luís X de França, mas como em França vigorava a lei sálica, este país foi herdado por Filipe V, o comprido. Navarra recuperou a independência sob Filipe de Evreux, casado com Joana II.

RESUMO

Rosália, uma valente jovem cristã, entra na conflitiva Al-Andalus disfarçada de homem com a intenção de resgatar a seu pai. Quando cai em mãos do soldado mais sanguinário do exército muçulmano, suas esperanças de sair com vida de sua aventura se desvanecem.

Yibraíl é o torturado primo do califa de Sevilha. Sobre o ódio que sente pelos cristãos tão somente prevalece o ressentimento para sua mãe, que o abandonou quando ainda era um menino. Mas seus sentimentos se tornarão quase imperceptíveis ante a força do amor que Rosália acordada nele.

O ímpeto de uma paixão proibida e o desejo de um amor abrasador. Conseguirão Rosália e Yibraíl vencer ao destino?

Nota da autora

No ano 1195 teve lugar um enfrentamento bélico entre o exército castelhano e o almohade. O rei de Castilla, Alfonso VIII, enfrentou-se nessa batalha contra o caudilho almohade Abu Yusuf. Em conflito estava à fronteira mais avançada da Castilla, Alarcos. Embora a vitória fosse para os muçulmanos, aquela luta supôs um marco significativo na história medieval espanhola.

Alguns dos personagens desta novela são reais: Alfonso VIII de Castilla, Alfonso IX de Leão, Sancho VII de Navarra, Abu Já'qub Yusuf ao-Mansur e Abu I-Walid Muhammad ibn Ahmad ibn Muhammad ibn Rushd, popularmente conhecido como Averroes.

O resto são, entretanto, personagens fictícios. Não existiu nenhuma princesa Alma, foi uma liberdade que tomei como escritora. Atualmente, o castelo de Portas Negras é conhecido como castelo de São Servando, embora esse não fosse seu nome no ano 1195.

Tratei que a descrição da batalha de Alarcos fosse o mais fidedigna possível. Para isso, contribuo com dados de algumas fontes históricas; sem elas não teria sido possível desenvolver a parte real desta novela.

Prólogo

Al-Andalus, escarpado de Maro.

la ao encontro da morte!

Alma passeou seus olhos pelo horizonte azul, pela infinita linha que separava o céu da terra nessa manhã da primavera, ambos se fundiam como se fossem uma fita de seda serpenteante. Uma ondulação brilhante e eterna. As pupilas negras, reluzentes pelas lágrimas, fixaram-se no levante solar de especial formosura. Os raios como flechas ambarinas se estrelavam contra o impenetrável espelho das ondas que dançavam de forma compassada, vestidas de branca espuma. Admirou a beleza da costa rochosa e cinzelada como se tivesse sido moldada verticalmente pelas hábeis mãos de um oleiro. Era o escarpado mais alto e afiado que ela conhecia. Amava o escarpado de Maro, a rítmica sucessão de baías, o grande escarpado rochoso que levantava a montanha. Quando se satisfiz da harmonia e a perfeição da paisagem, voltou os olhos para seus pés nus. O despenhadeiro se unia à salitrosa umidade do mar, como se não quisesse perder o vínculo com o meio de sua origem. Convidando-a a unir-se a seu universo marinho.

Alma suspirou, foi quase um gemido. Escutar o som sibilante do mar cada vez que rompia com um bramido nas rochas de baixo insuflava o valor que lhe faltava. O voo de seu qamis¹ prateado se elevou em muda dança em

¹ Também escrito "shalwar kameez ou shalwar kamiz" ou pronunciado "kameez" em hindi é o vestido usado por homens e mulheres no sul da Ásia e da Ásia Central . É um vestido unissex similar em forma de camisa e calças usadas pelos ocidentais. A frase shalwar kameez é um termo genérico usado para descrever trajes diferentes, que têm sido desenvolvidos em diferentes regiões (o Suthan Sindi; Suthan Kashmiri, o pijama Dogri). Tradicionalmente, tem sido usado no Paquistão e Bangladesh.

Desde o século 20, as mulheres no sul da Índia também têm copiado este vestido complementando o Sari, o traje tradicional da Índia. O *Shalwar* ou *Salwar* (tão pronunciados na Índia) é um frouxo pijama -like pant. As pernas são frequentemente largos na parte superior e estreita no tornozelo, embora haja vários estilos de calças shalwar em tempos modernos. O *kameez* é uma túnica de comprimento que chega no meio da coxa, mas tradicionalmente, ele desceria para a parte superior do joelho. As costuras laterais (conhecido como o *chaak*) deixam em aberto abaixo da cintura, para dar maior liberdade de movimento. Em uma fêmea, o shalwar kameez conjunto é completado por vestindo uma dupatta (lenço solto) ao redor dos ombros, drapeados sobre o peito.

torno de seus pés, como se invisíveis sereias brincassem com ela adulando-a, atraindo-a para a imensidão celeste.

O brilho de seu olhar se apagou durante um instante eterno. Avançou um passo mais até ficar a escassos centímetros do enorme precipício que se abria sob seus pés. O afiado escarpado, com suas pedras bicudas e cortantes, espreitava-a de sua privilegiada situação, em muda interrogação ante a ligeira hesitação que ela mostrava. Seguia observando-a como ávida testemunha do sangue que, durante séculos, derramou-se sobre suas cinzas e agudos dentes.

Um novo golpe de ar a envolveu e a fez oscilar perigosamente para o vazio, sem que uma ponta de medo aparecesse em seus olhos, da mesma cor que a terra que pisava e que a chamava em um canto amoroso de rendição.

Sentia-se condenada e sua mancha tinha alcançado ser o que mais amava no mundo, tinha deixado cair sobre sua pessoa o escárnio e a vergonha absoluta. De novo as lágrimas se amontoaram em seus olhos e já sem querer reprimi-las permitiu que deslizassem por suas bochechas até sulcar o canal entre seus seios, agitados por emoções que a transbordavam. Ali, naquele vale acetinado e cremoso, caíram para morrer.

Tinha pagado com sua escolha o preço mais alto possível.

Sua vida estava imersa na mais escura incerteza, mas seu coração pulsou com um último impulso necessário para dar o passo definitivo. De nada servia lamentar-se, elevar queixas ante um destino que a tinha prejudicado com fúria de um amante despeitado. Sua família estava dividida, seu filho ia odiá-la pelo resto de seus dias, e a dor dessa certeza rasgou em farrapos seus princípios.

Tinha medo! Que ser humano com um pouco de prudência não teria? Elevou suas mãos trementes e as olhou com um sentimento de aversão e rechaço; eram as mesmas mãos que tinham acariciado a esperança, mas agora estavam manchadas de ofensa. A culpa a devorava desde há meses. O remorso voltou a sacudi-la sem piedade, dando dentadas ferozes. Vingativos. Tragou com dificuldade a bÍlis que não abandonava sua garganta ao mesmo tempo em que voltava a levantar a vista ao horizonte. As nuvens cinzentas se refletiam na íris de seus olhos dando a seu rosto o aspecto sereno de quem vai executar um ato censurável, mas está absolutamente convencido de sua motivação. As mechas rebeldes de sua cabeleira a golpeavam como látigos



furiosos e deixavam um rastro carmesim na pele perfeita e sem mácula de seu rosto, mas Alma seguia alheia a tudo o que não fosse o chamado do precipício que a enfeitiçava deixando-a sem a vontade férrea que necessitava para abandonar sua intenção.

Com uma oração nascida da perda total de esperança, Alma se despediu de seu filho Yibrail. Rogava, desde sua frustração maternal, que sua morte fosse esquecida prontamente. Fechou os olhos às sensações, olhou de novo para o precipício e, sem uma vacilação mais, saltou para o negro vazio.

Capítulo 1

Julho de 1195, Alarcos.

O rio Guadiana se tingiu de vermelho pelo sangue valente dos vencidos. Na alta colina, a fortaleza de Alarcos se erguia como guardião sombrio dos corpos que tinham deixado de lutar e que jaziam inertes sobre o áspero chão, alimentando com seu fôlego despejado as brilhantes papoulas. A terra sedenta bebia a última gota de vida derramada dos cristãos. O dia se obscureceu pelo pó e o suor dos que tinham brigado com valentia e caído com resignação.

Nobres, prelados, tropas municipais e cavaleiros das ordens militares de Hospital, de Têmpera, de Santiago e de Calatrava tinham unido forças para frear a ofensiva muçulmana que lutava decidida para ganhar terreno castelhano. O rei Alfonso tinha desdobrado seu exército em posição defensiva em torno da Praça de Alarcos à espera do início da batalha, dando a ordem a suas tropas para se disporem em formação de combate na ladeira sul da colina, mas os almohades não começaram o ataque como o rei castelhano tinha previsto. Fatigada as tropas cristãs, feridas pelo feroz sol do verão que caía sobre os campos dourados, suportaram em estóico silêncio o peso de suas armaduras e amparos sem mais ânimo que o de seus corações orgulhosos.

Quando ao fim compreenderam que não haveria combate, retiraram-se doentes.

Abu Já'qub Yusuf se mostrou muito ardiloso e paciente. Ao primeiro raio do amanhecer, o exército almohade começou seu avanço para Alarcos de forma implacável, iniciando a sangrenta batalha.

Em vanguarda partiram os voluntários da fé. Andaluzes, cenetes, mazmudes que levavam com soberba o estandarte do califa. Os intrépidos guerreiros cristãos, ao contemplar a insígnia provocadora, lançaram-se cheios de ira contra a precavida frente ignorando que só era um ardil do hábil Abu

Já'qub Yusuf, que se encontrava afastado com sua guarda pessoal e outras unidades de elite de seu exército, disposto a entrar em combate no momento decisivo. O fronte almohade cedeu de forma violenta ante o ímpeto cristão em um encontro violento, e se desdobraram para perdição dos combatentes cristãos, que se entregaram à luta com mais ferocidade que confiança. Milhares de flechas, tiradas dos alforjes dos arcos, voaram pelo ar obscurecendo o dia durante um momento, e conseguiram ferir multidão de soldados que ficaram estendidos na terra amada que defendiam. Os uivos de raiva e os alaridos de dor unidos ao entrecocar das espadas faziam impossível ouvir as ordens de reagrupamento dados pelos diversos capitães castelhanos. As tropas de voluntários árabes, algazaces e os ballesteros continuaram suportando com admirável firmeza os embates dos crentes e terminaram por rodeá-los por todos os lados até alcançar a colina onde lutava o rei Alfonso junto com seus cavaleiros. Uma vez ali, romperam e desfizeram suas múltiplas tropas. Os mulçumanos matavam sem indício de hesitação a toda pessoa que se encontravam diante, fosse jovem ou ancião, perito na luta ou não, brandindo suas espadas e cravando suas lanças nas carnes trêmulas com a embriagadora satisfação de saber que a vitória estava cada vez mais perto. Abu Já'qub Yusuf fez então uso de sua cavalaria leve, em marcado contraste com a cavalaria pesada do rei Alfonso; as montarias castelhanas não tinham flexibilidade para responder aos velozes corcéis sarracenos, que adiantaram às tropas cristãs pelos extremos e as atacaram pela retaguarda empregando manobras de distração as pegando de surpresa. O cerco os fechou de tudo e os cavaleiros cristãos se encontraram travados em combate com as tropas de Abu Já'qub Yusuf e sua elite intacta, muito melhor equipada e decidida que eles. O triunfo chegou da forma esperada e o rei Alfonso perdeu a fronteira mais avançada da Castilla.

O califa coçou a barba negra, pulcramente recortada, enquanto seguia observando o horizonte, surpreso pela fácil vitória obtida sobre os cristãos. Que a muralha defensiva do castelo estivesse incompleta tinha sido um fator determinante, os cristãos sobreviventes tinham terminado fugindo para as proximidades de Tulaytulah².

A fumaça seguia mesclando-se no céu e o aroma de queimado enchia suas fossas nasais com uma intensidade que resultou desagradável. Do alto da muralha sul, contemplou a devastação das terras semeadas e o macabro espetáculo que oferecia o campo de batalha.

² Toledo en árabe.

—Temos um total de vinte mil cativos, meu senhor.

Abu voltou seus olhos negros para Amuminin. Acompanhava-o o filho de sua tia mais velha, Yibrail Ibn Ali. Apelidado pelos cristãos «o Anjo Negro», sua ferocidade nas batalhas produzia pavor.

—A torre sofreu dano irreparável?

Amuminin negou com a cabeça.

—Encontramos armas e cavalos, mas não provisões para abastecer nosso exército antes de voltar para Isbiliya³.

Abu inclinou a cabeça pensativo, esperava as palavras de Yibrail. Os cristãos não eram tão previsíveis como tinha acreditado.

—Me dê à ordem e executarei a todos.

Abu franziu suas sobrancelhas negras ao ouvir essas palavras.

O Anjo Negro era o melhor e mais desumano oficial de seu exército, e não respondia ante ninguém. Nada podia fazê-lo dobrar o joelho ou quebrar sua força; mantinha-se completamente afastado de todos por própria vontade. Essa circunstância tinha forjado um feroz guerreiro carente de compaixão.

—Não é necessário alimentar sua espada com mais sangue cristão. — Abu o olhou com dureza.

Yibrail encarou seu primo com um olhar agressivo, e apertou tanto os dentes que Abu acreditou que ia partir-se em dois.

—Sim! —grunhiu com um profundo desgosto que não quis controlar— Sempre!

Abu fez como se essa afirmação não tivesse saído de sua boca. Olhou seu primo, apenas dois anos menor que ele. Essa sede de sangue cristão lhe produzia uma repulsão que não conseguia ocultar de tudo em sua presença.

Yibrail interpretou perfeitamente a expressão de Abu e o recriminou com acidez, ofendido por seu gesto.

—Mostra debilidade com sua empatia!

Abu Já'qub levantou os olhos com a surpresa expressa neles. Yibrail mostrava sempre seu desacordo sem morder a língua; a franqueza era algo habitual nele, mas mesmo assim, Abu não pôde ocultar um brilho de desaprovação em seu olhar por suas palavras impulsivas, entretanto, era incapaz de esquecer que lhe devia a vida.

Sua profunda amizade se forjou quando um traidor oculto na noite tinha ameaçado sua garganta com o fio de uma espada. Yibrail tinha impedido o assassinato e desprezado a riqueza que Abu lhe ofereceu em

³ Sevilla en árabe.

compensação. Desde aquela noite, a amizade entre ambos os primos se consolidou.

—E o que sugere? —Yibrail formulou a pergunta em um tom grave de acordo com seu temível aspecto.

—É melhor liberá-los. —Amuminin mostrou seu desacordo atravessando na conversa e oferecendo essa sugestão inesperada.

Yibrail voltou seu rosto irado para ele.

—Isso não desagradará aos almohades e aos outros muçulmes?

O califa permaneceu em silêncio meditando a pergunta que acabava de formular seu primo. Não desejava um enfrentamento com os muçulmanos que tinham lutado com tanto ardor e entusiasmo, mas tampouco desejava mais mortes desnecessárias; perderam-se já muitas vidas, tinham Alarcos, Tulaytulah estava cada vez mais perto.

—Temos preso dom Diego López de Haro.

Abu abriu os olhos com suma complacência. Era a melhor notícia que tinha recebido desde a vitória.

Capítulo 2

Castelo de Portas Negras, Toledo⁴.

Roland Roux de Béarn seguia sentado na cômoda poltrona ornamental frente à enorme lareira apagada. Olhou com curiosidade o amplo salão enquanto seguia bebendo a cerveja da taça finamente esculpida, com incrustações de gemas. Apurou-a de um gole. O refrescante líquido desceu por sua garganta ressentida pelo pó do caminho. O trajeto do reino de Navarra tinha resultado exaustivo e extremamente perigoso.

Seus olhos espectadores passearam pelas luxuosas paredes onde tinha penduradas formosas tapeçarias com desenhos campestres. Cada mesa e cadeira da estadia estavam revestidas com tecidos esquisitamente bordados em prata. Roland observou as figuras de ouro alinhadas sobre o rebordo da lareira do salão. Os objetos mostravam a riqueza e opulência do conde. Duvidou entre caminhar ou seguir sentado, esperava a dom Claudio Galiana de Ortuño, conde de Portas Negras. Seu pai, Arno Roux de Béarn, professava-lhe uma profunda amizade e uma admiração sincera.

Como vassalo do rei de Navarra, tinha combatido nas cruzadas com dom Claudio e ambos tinham alimentado uma amizade que não apagava a distância nem o silêncio. A porta se abriu, e Garcés, o capitão da guarda do conde, passou a soleira com passo enérgico, seguido de perto por seu senhor, com rosto cítrico e passos vacilantes. Roland, ao ver seu aspecto doentio, entrecerrou os olhos com seriedade, pois não tinha esperado encontrá-lo tão debilitado.

—Querido moço, me estranha sua surpresa. Ainda não sou um espectro.

⁴ Atualmente Castelo de San Servando.

Roland se levantou e fez uma inclinação de cabeça com supremo respeito.

—Desculpe-me, conde, ignorava que estivesse doente, meu pai não o mencionou.

Claudio assentiu com ar cansado.

—Por favor, sente-se.

Roland correspondeu ao amável convite.

Garcés ajudou seu senhor. Ambos os homens tomaram assento quase ao unísono.

—Lamento minha tardança. Encontrava-me em Aquitania quando recebi a mensagem de meu pai me avisando da sua.

Claudio assentiu ao mesmo tempo em que soltava um suspiro queixoso.

—Necessito de sua ajuda em um assunto de suma importância. —Se o guerreiro se surpreendeu da solicitude não o demonstrou— Sabe que meu filho Juan lutou com o rei Alfonso, e que foram derrotados em Alarcos pelas tropas armadas almohades de Abu Já'qub Yusuf. —Roland assentiu, o esmagante fracasso sofrido pelo rei castelhano era conhecido em todos os reinos cristãos— Dom Alfonso retornou a Toledo, mas muitos de seus cavaleiros ficaram prisioneiros nas masmorras da fortaleza, em espera de serem executados.

—Está preso seu filho?

Claudio assentiu com uma expressão de dor.

—Abu retornou a Sevilha, mas deixou em Alarcos Amuminin, seu braço direito e executor de suas ordens. —Roland seguiu em silêncio— Necessito que vá a minha casa em Orgaz. Dali será mais fácil chegar até Alarcos. —Roland não mostrou nem um ápice de surpresa ante o pedido.

—O território não é seguro.

—Sou plenamente consciente desse detalhe, moço. Por esse motivo requiro seus serviços.

O outro se recostou na cadeira de alto respaldo enquanto meditava o pedido do conde. De todos era conhecido que ganhava a vida como mercenário, oferecendo sua espada e suas habilidades ao melhor posto. Sua destreza no campo de batalha o tinha rendido muitos admiradores, e não menos inimigos.

—Têm alguma certeza que indique que seu filho segue vivo?

—Não a tenho jovem, embora pague o preço que o califa de Sevilha me reclama. Você será o encarregado de fazê-lo efetivo. —Roland assentiu com solenidade— Também o chamei por outro assunto não menos

importante. —Claudio fez uma pausa ao tempo que tomava fôlego— Deve procurar minha neta Rosália. —Esse comentário sim pegou por surpresa Roland, que o olhou com um brilho estranho nos olhos— Deixe que explique por que requeiro sua colaboração nesta busca. —E o outro esperou paciente— Ainda sigo me recuperando da grave enfermidade que me aflige. —Claudio inspirou com dificuldade— Minha neta, Rosália, acreditou que realmente me encontrava às portas da morte. Ante sua angústia e impotência por meu sofrimento, decidiu avisar seu pai de minha iminente morte. Aproveitou-se de minha debilidade causada pela enfermidade para apropriar-se de minha armadura e partir com o rei Alfonso fazendo-se passar por um cavaleiro enviado por mim. —À medida que Roland ia escutando ao conde, seu rosto mostrava a perplexidade que o embargava.

—Ninguém se deu conta da usurpação? Uma mulher ignora o comportamento de um soldado.

Claudio sabia o que devia estar pensando Roland nesse momento.

—Minha neta foi criada com total liberdade, preparamo-la para dirigir um condado tão extenso como Portas Negras — disse. Esse comentário não esclareceu nada ao guerreiro, ao contrário, desconcertou-o ainda mais— Como única descendente de meu filho — prosseguiu o conde— foi educada com liberdade de decisão. —A recriminação nos olhos do mercenário o fez encolher-se de ombros— Agora já é tarde para lamentações.

—É difícil que possa encobrir sua natureza feminina no campo de batalha.

—Minha neta só pretendia chegar até minha casa em Orgaz e ficar em contato com seu pai se o rei Alfonso conseguisse a vitória em Alarcos.

—Encontrá-la-ei então em Orgaz?

Claudio assentiu com a cabeça.

—Minha neta sabe até onde pode chegar com sua impulsividade.

Roland meditou as palavras do conde antes de responder.

—Já que o rei foi derrotado, as defesas cristãs se retiraram até além da linha de Talho. —O conde assentiu— Todas as cidades ao sul do rio terão caído sob domínio muçulmano. —Claudio passou a mão pela testa, que tinha empapada de suor. Roland seguiu com suas perguntas inquisidoras— É possível que esteja presa?

O conde não respondeu, elevou os ombros com a dúvida refletida no rosto.

—Não posso responder com honestidade, pois desconheço a resposta.

—Seria muito mais fácil que o estivesse.

Claudio entreceitou os olhos até reduzi-los a uma linha.

—Pagarei o preço convencionado. —Roland voltou a ficar calado—
Pode levar alguns de meus cavaleiros —propôs o conde.

O outro negou com a cabeça com firmeza.

—Estarei em território conquistado, se levasse comigo castelhanos
delataria com mais facilidade que se for sozinho.

Claudio se mostrou de acordo:

—É uma missão perigosa.

Roland sorriu pela primeira vez, e todo seu semblante mudou de forma
espetacular, convertendo o curtido guerreiro em um homem de aspecto
menos feroz.

—Sou um mercenário muito caro.

—Sua fama o precede — respondeu Claudio— Serão suficientes dez
mil maravedís?

As grossas sobrancelhas do guerreiro se elevaram em amostra de
aceitação.

—É um homem generoso.

—Não tenho mais família que meu filho e minha neta, se os perder...

—Claudio não terminou a frase.

—Se estiverem vivos os encontrarei, dou minha palavra, conde.

—Estou seguro disso. Se alguém pode encontrá-los, sem dúvida esse é
você.

O conde esquadrinhou o homem que tinha diante com respeito e
admiração; a seus trinta anos, Roland tinha se convertido em um guerreiro
perito, feroz. As finas linhas das comissuras de seus olhos delatavam uma vida
dura, carente de comodidades. Seu pai, Arno Roux, senhor de um dos
territórios ultrapirenaicos⁵, tinha jurado vassalagem ao rei Navarro, Sancho,
igual a outros senhores do norte. Roland tinha posto sua espada e valor à
ordem do rei, mas o que o conde pedia era um favor.

—Tome meu selo para que o califa possa compará-lo com o de meu
herdeiro. —Claudio tirou um anel do dedo indicador e o deu ao guerreiro,
que tomou em sua mão com firmeza— Segue o rei castelhano zangado com
seu pai?

Roland não esperava essa pergunta.

—O rei Alfonso segue zangado com o rei Sancho e todos seus
cavaleiros, mas nenhum deles tem a culpa da queda de Alarcos. O rei
castelhano se precipitou em seu julgamento.

⁵ Além dos Pirineus

Claudio o olhou sério.

—Espero que esse enfrentamento não prejudique meu pedido.

Roland negou com a cabeça em um claro gesto de confirmação e fez ameaça de levantar-se, mas o conde o impediu.

—Uma coisa mais.

O outro o olhou com estranheza, mas se manteve sentado.

—Se está perdida, mate-a!

Uma veia pulsou levemente na têmpora de Roland ante o pedido do nobre, que tinha soado estranho, mas extremamente doloroso.

—Está completamente seguro?

O ancião voltou a secar o suor da testa antes de responder. Sabia a sorte que corriam as cristãs capturadas pelos infiéis. Só de pensar no que podia ter ocorrido a sua neta encolhia seu coração, e um calafrio percorreu sua espinha dorsal.

Preferia-a morta antes que desonrada por um infiel.

—Absolutamente — confirmou sem hesitação.

Capítulo 3

O medo tomou conta de seu coração!

Mesmo assim, elevou uma prece para encontrar a coragem suficiente para cruzar a muralha sem que falhassem as pernas. Derramou-se já muito sangue, muitos prisioneiros tinham sido já executados sem que nada se pudesse fazer por eles. O atalho mal transitado no que se encontrava acessava diretamente ao muro norte do castelo. O grosso do exército almohade se retirou da praça, os que ficavam seguiam nos campos, atendendo aos prisioneiros. Na fortaleza havia uma pequena guarnição muçulmana para defesa, mas Rosália tinha a certeza de que, em território conquistado, ninguém repararia nela se se mostrava cuidadosa.

Inspirou fundo e exalou lentamente, tentando normalizar seu pulso, pegou as costas à parede tanto como pôde e explorou com sua mão os ásperos tijolos do muro procurando a provas a greta que abria a porta camuflada. As sentinelas da muralha seguiam seu percurso com passo firme, se chegassem a vê-la tudo estaria perdido, mas mesmo assim, o temor não a deteve.

Seus dedos indicadores se introduziram na pedra solta, empurrou com suavidade e a madeira cedeu. As dobradiças não a tinham delatado, porque tinham sido engordurados recentemente; em silêncio, deu graças a seu rei, sua fuga da fortaleza tinha permitido sua entrada. O rei Alfonso estava disposto a morrer lutando em meio da batalha, mas ante a inevitável derrota, seus conselheiros tinham conseguido convencê-lo de que se retirasse. Com uma vintena de cavalheiros, tinha fugido para Toledo; entretanto, o pai da garota não tinha tido a mesma sorte e tinha caído detento, mas ela pretendia liberá-lo.

O passadiço escuro conduzia a um poço seco que levava ao pequeno jardim da capela. Intuíra mais que sabia que os infiéis não se dignariam entrar nela, suas crenças não o permitiam e, portanto, Rosália tinha uma oportunidade de penetrar na fortaleza fazendo-se passar por um mercenário andaluz. Ignorar-na-iam ou a matariam, isso ficava em mãos de Deus, mas

tinha que localizar seu pai e liberá-lo. Ignorava como ou quando, mas tinha conseguido entrar, e nesse preciso momento isso era o mais importante.

A capela estava escura e silenciosa. Dirigiu com sigilo seus passos para o altar maior, para ali trocar a vestimenta militar por outra muçulmana. Não resultou difícil abrir a trouxa que levava ao redor da cintura, desenrolou-o e tirou dele uma chilaba⁶ larga, que colocou com mãos trementes e coração agitado; recolheu o cabelo em uma trança que escondeu com um lenço, cobriu-se com o capuz da chilaba, que ocultava seu rosto por completo, calçou as sapatilhas e escondeu os objetos que havia tirado atrás do altar; nenhum infiel ousaria tocar a mesa consagrada dos cristãos. A ampla túnica de lã era muito larga, de mangas grandes e largas, e chegava até os pés, tampando-a por completo. Colocou as mãos nos bolsos laterais e se dispôs a sair da pequena capela pela zona leste do castelo. Confiava em que ninguém reparasse nela, pois, embora seus conhecimentos do árabe fossem amplos, ver-se-ia em um grande apuro se a descobriam.

As masmorras estavam situadas sob o pátio de armas, junto às quadras e o poço, e chegar a elas ia resultar muito difícil, mas não impossível; sabia uma forma de acessar das cozinhas, embora devesse esperar o momento da última oração. Era conhecido por todos os cristãos que os muçulmanos oravam ajoelhados em direção a Balance cinco vezes ao dia, e que a última tinha lugar já em noite fechada, ao menos uma hora e meia depois do pôr-do-sol; ficava muito pouco então para seu começo. Toda a atividade do castelo ficaria suspensa até terminar as orações, e esse seria o momento ideal para introduzir-se nas masmorras. De seu esconderijo, esperou paciente a chamada que iniciaria o rito da prece.

Yibraíl seguia contemplando o horizonte pensativo, as vitórias sempre lhe produziam ansiedade. Precisava acalmar seu alvoroçado coração ante as dúvidas que o corroíam, e agora que pisava em chão cristão, ainda mais. Amaldiçoou o destino cruel que o tinha feito merecedor do desprezo de sua gente. Seu sangue poluído o impedia de integrar-se completamente em sua família, que se sentia rasgada ante a mancha de seu nascimento. Renegou com fúria incontável o infiel que era seu progenitor e tratou de encontrar consolo em quão vistas tinha eliminado com sua espada faminta de vingança, mas o vazio da ausência de sua mãe morta o consumia como sempre.

⁶ Em árabe marroquino جلاب, *jelabas* - é uma túnica árabe tradicional com capuz solto.

O suicídio da princesa Alma o tinha marcado com um estigma difícil de aguentar.

—Sabia que o encontraria aqui.

Yibrail não esperava a aparição de Raysen. O braço direito de Yibrail se plantou a apenas um passo dele, evitando o protocolo real.

—Eu gosto da solidão, necessito-a depois de ver tanto sangue alimentando a terra.

A seca resposta não desalentou ao outro, que o olhou de forma direta e franca. Yibrail afogou um juramento, nunca ninguém o tinha avaliado de forma tão insolente sem sofrer as consequências de sua ira.

—Luta por vingança, e isso o faz ser cada vez mais desumano.

Yibrail tratou de lhe dar as costas, mas Raysen não o permitiu.

—Precisa acalmar seu coração — prosseguiu— e aceitar que pertence a dois mundos.

Um profundo desgosto apareceu nos olhos de Yibrail.

—Difícil aceitação quando vejo o rechaço nos olhos de minha família cada instante de minha vida.

Raysen compreendeu que se sentisse ferido. A maioria das pessoas o olhavam com desprezo e ódio nos olhos pelo estigma de seu nascimento. Yibrail desconhecia o que era a ternura; nunca tinha sido abraçado por uma mãe amorosa, ninguém tinha acalmado seus pesadelos de menino.

—Para seu avô, resultou muito difícil aceitar a decisão da princesa.

—E onde nos deixou essa decisão? —Yibrail lhe deu as costas com rapidez— Uma princesa muçulmana desdenhada por um infiel. —Seu rosto se contraiu de repulsão ante a dolorosa lembrança das circunstâncias que tinham rodeado sua concepção.

—Lamentei profundamente sua perda — disse Raysen.

Yibrail não respondeu, cruzou os braços sobre o peito tentando que seu coração voltasse a pulsar com normalidade.

—Algum dia poderá decidir em que terra deseja ser enterrado — acrescentou o outro.

Essas palavras avivaram de novo sua cólera. Maldição! Odiava tudo o que tinha a ver com os cristãos.

—Preciso estar sozinho!

Raysen se dispôs a agradar Yibrail. Fez uma ligeira inclinação com a cabeça e desapareceu tão rápido como tinha chegado.

Uma vez sozinho Yibrail passou horas entre as ameias, tentando persuadir seu coração para que abandonasse a luta que sustentava com sua mente desde que a razão tinha acendido e maturado em seu interior com o

passar do tempo. Matava cristãos, mas seguia sem encontrar o caminho para a paz de sua alma atormentada; por mais que o tentava, não podia aplacar a sensação de abandono e fúria que o consumia. Voltou seu rosto para o pátio, e ao momento dirigiu a mão ao punho de sua espada, embora não a desencapou nem deu a voz de alarme.

Seus olhos brilharam especulativos, não tinham perdido detalhe da silhueta que caminhava de forma insegura e sigilosa pega ao muro leste do interior do pátio. De sua privilegiada altura entre as ameias, Yibrail dominava com absoluta clareza o acesso às quadras e a entrada às masmorras. A pessoa que tinha chamado sua atenção dava passos vacilantes e curtos. A tinha visto sair da capela e o surpreendeu o traje, a chilaba não era apropriada para um soldado, e sabia que não havia nenhum mercenário dentro dos muros do castelo; supôs que podia tratar-se de um espião que se introduziu pelo mesmo lugar por onde fugiu o covarde rei cristão.

Dispôs-se a interceptá-lo imediatamente.

Rosália ouviu o murmúrio das últimas rezas do dia. Soltou um suspiro de alívio e se dispôs a cruzar o pátio em direção às masmorras. A escada estava situada junto às quadras, a tinha muito perto; felizmente, estava frente à porta, com o qual os infiéis teriam que lhe dar as costas para orar. Enquanto estavam ajoelhados rezando, ela poderia deslizar-se com facilidade até os calabouços. Como sairia depois dali, não tinha modo de saber, certamente teria que esperar oculta nas escuras e úmidas estadias até as orações do dia seguinte.

Elevou uma prece para que as dobradiças da porta não chiassem e chamassem a atenção dos devotos. Ao fim a tinha alcançado, o pesado ferrolho cedeu com facilidade ao movimento de sua mão, a porta estava perfeitamente engordurada, sinal inequívoco de que não deviam ter deixado de abri-la para meter nos calabouços a muitos cristãos, que agora deviam estar angustiados, esperando sua iminente morte às mãos sarracenas.

Baixou os duros degraus um a um, pegando as costas à parede quão máximo pôde para fazer que sua silhueta fosse o mais invisível que permitiam seus objetos. Já tinha alcançado o primeiro patamar quando de repente uma sombra surgiu de um nada, tampou-lhe a boca e a aprisionou contra o muro. O pânico se apropriou dela e a deixou sem respiração por um momento. Todo seu corpo começou a convulsionar de medo. Tinham-na descoberto Deus bendito! Não tinha ouvido passos; quem fosse, devia estar esperando-a no patamar, porque duvidava que se deslizesse detrás dela.

Já não poderia chegar até seu pai, e Rosália não sabia o que lamentar mais, se a desperdiçada oportunidade de poder liberá-lo ou saber que agora ela também estava condenada à decapitação. Tudo estava completamente escuro e silencioso, não se ouvia nem o som dos lobos na quietude da noite, e um calafrio a percorreu por inteiro. Sentia em seu pescoço o fôlego de seu captor, e apesar de sua determinação de mostrar-se valente, era incapaz de parar seus tremores. Ignorava se a pessoa que seguia aprisionando-a contra o muro era um soldado infiel ou não, e por que bendita causa não estava orando com outros? Rosália tentava compreender as palavras em árabe que o homem sussurrava, mas o medo o impedia.

—O que temos aqui? —O infiel seguia tampando sua boca com uma mão áspera e quente, enquanto com a outra mão apalpava seu corpo procurando algum tipo de arma.

Rosália lamentou profundamente não ter sido mais prevenida e armar-se até os dentes com tudo o que tivesse fio.

A mão insolente se deslizou pelo interior de suas coxas procurando, e agora subia por sua cintura até seu busto, que capturou com descaramento. Ela acreditou que ia desmaiar ante o temor de que descobrissem que era mulher, cristã e que tentava liberar um cativo.

—Equivoquei-me por completo, as cozinhas estão no outro extremo da fortaleza.

Rosália começou a pensar a toda velocidade. Se ele acreditava que era uma mulher em busca da cozinha, possivelmente tivesse uma oportunidade de escapar.

—Cheira a cristã!

O medo a paralisou por completo, embora fosse capaz de sentir seu nariz farejá-la como se fosse um cão e não pôde reprimir um calafrio de repulsão. O infiel estava tão absorto em seu pescoço que não se deu conta de que ela deslizou uma mão até a adaga que ele levava no cinto, e que suplicava por que a liberassem.

O homem seguiu tocando-a com avidez e ela não desperdiçou a ocasião; com uma rapidez que inclusive a surpreendeu, tirou a afiada folha da vagem e a elevou, o círculo que descreveu até que encontrou a carne não foi amplo. Ainda sem saber se o tinha alcançado, o golpe que recebeu a sumiu na inconsciência.

Capítulo 4

Yibrail abriu a porta do quarto e se dirigiu para a cama de aspecto espartano que havia justo em frente à única janela da sóbria habitação; a colcha estava revolta, mas não o importou. Com suavidade, depositou o vulto que levava nos braços em cima do colchão de plumas, que cedeu sob o peso. Com movimentos cuidadosos, tirou a sobreveste e a cota de malha e as deixou na pequena arca que havia aos pés do leito. Inspeccionou os danos que sua própria adaga lhe tinha ocasionado em mãos da castelhana. Sem fazer caso da intensa queimação, rasgou as mangas de sua camisa enquanto se encaminhava para o lavatório. Jogou água limpa no recipiente e lavou o sangue de seu braço, que seguia gotejando até suas calças. Justo quando pegava o pano para secar-se, ouviu uma voz que o chamava do corredor, atrás da porta fechada. Yibrail abriu a pesada folha e ficou olhando fixamente a Raysen.

—O que faz aqui?

Raysen o olhou com certa brincadeira em seus olhos negros, e disse:

—Vim para atender sua ferida.

Aproximou-se com ataduras, agulha e fio e conduziu Yibrail até a janela como se tratasse de um menino. Este se deixou guiar sem afastar os olhos da forma inerte que seguia na cama. Habilmente Raysen desinfetou a ferida, costurou-a e enfaixou com cuidadoso esmero.

—O que pensa fazer com ela? —perguntou a seguir.

Yibrail o olhou com surpresa e contemplou o braço perfeitamente enfaixado antes de responder:

—É uma prisioneira, executá-la.

Raysen resmungou pelo baixo com certa brincadeira:

—Agora é um assassino de mulheres desmaiadas?

O outro elevou as sobrancelhas com certo chateio; a aquela cristã não podia considerá-la precisamente indefesa. Se não fosse por seu braço, nesse momento teria sua própria adaga cravada nas costelas.

—Como sabia que estava aqui?

Raysen sorriu com suficiência.

—Vi-o quando cruzava o pátio com a carga. Ao descobrir o sangue que escorria por seu braço não podia imaginar o motivo de sua ferida, mas somei um mais um.

Yibrail pigarreou algo incômodo.

—Não deve se preocupar — prosseguiu Raysen— se deseja mantê-la presa nesta habitação para seu deleite, o segredo está a salvo comigo, embora tenha de admitir que me sinto extremamente intrigado. —E dito isto, recolheu os utensílios que tinha usado para curar seu braço e saiu pela porta em silêncio.

Yibrail ficou meditando as palavras de Raysen durante uns largos minutos, depois dos quais se voltou a dirigir-se para a cama com uma alarmante curiosidade.

Seu olhar percorreu a quieta figura com minuciosidade. Quando se posou no peito que subia e descia de forma compassada oculto atrás do vasto tecido, sentiu uma terrível sacudida em todo seu ser; seu corpo estremeceu da cabeça aos pés e seu sexo se esticou de forma súbita, com uma necessidade tão profunda e tão abrasadora que ficou estupefato. O que lhe ocorria? Não era nenhum moçoilo sem experiência para endurecer-se dessa forma ante a visão de uma donzela, e menos ainda, cristã, mas só a lembrança de sua mão subindo pela pele aveludada de sua perna fez que seu controle desaparecesse como por milagre. Ainda sentia a turgidez do seio dela em sua mão quando acreditou um espião. Seguiu olhando-a completamente encantado, sem ser consciente do brilho ambicioso que apareceu em suas pupilas negras.

A mulher se removeu inquieta. Sem abrir as pálpebras, começou a gemer tentando reincorporar-se. Yibrail não abandonou a postura de guarda aos seus pés, esperando ver sua reação ao saber que não o tinha matado.

Doía-lhe terrivelmente a cabeça, as náuseas subiram por sua garganta em uma arcada que não pôde conter, mas nada saiu de seu corpo. Tocou instintivamente o inchaço doloroso que já ia formando no lado direito da nuca. Quão último recordava era um infiel cheirando-a e logo o esquecimento. Não se atrevia a abrir os olhos nem tinha ideia de onde podia estar deitada, mas o colchão era brando e os lençóis cheiravam a alfazema.

—Está a salvo. —O som estrangeiro voltou a encher seus ouvidos com um batimento de coração palpitante. A voz grave e profunda gotejava segurança.

Rosália abriu os olhos de forma precavida e ao momento sentiu uma espetada aguda na têmpora pelo gesto, mas a curiosidade superou a cautela.

Tentou incorporar-se sem conseguiu-lo, centenas de alfinetes arranhavam seu cérebro causando uma dor surda que resultou insuportável.

—Tive que golpeá-la ante seu ataque com minha adaga. Quase me provocou um dano irreparável.

Ela ao fim pôde enfocar a vista. O infiel estava parado aos pés do leito, com os braços cruzados sobre seu duro torso. Rosália viu com verdadeira decepção o braço nu e a atadura perfeitamente segura, e por um momento desejou que a ferida tivesse sido em um lugar mais vital, como seu coração. Tentou arrastar-se para trás, mortalmente assustada, ao tempo que ele abandonava seu lugar aos pés do leito, e se colocava justo ao lado dela. Rosália elevou seu olhar para o rosto que seguia inclinado sobre ela, e o esquadrinhou prudente. Seus instintos disseram que estava ante o mensageiro da morte. Percorreu seu rosto com a vista, desde seu queixo até sua íris. O que viu a surpreendeu por completo: eram os olhos de um anjo, e a olhavam do verde mais intenso que tinha contemplado em toda sua vida, ardentes de paixão e fogo. Levava o cabelo negro ligeiramente comprido; as ondulações da franja caíam pela testa lhe dando uma aparência estranha, subtraíam-lhe certa dureza a aquele semblante carente de barba e recém raspado, estranho para um muçulmano. Cheirava a sabão, e a algo mais intenso que Rosália não conseguiu decifrar, mas que não resultou desagradável. As duras linhas que sulcavam seu rosto anguloso mostravam que era um homem moldado pelo fogo intenso de um passado turbulento. Sua tez morena contrastava com o brilho de seus olhos, e ela não soube calibrar o grau de perigo que escondiam. Parecia um guerreiro curtido em batalhas que não tinha perdido, disso estava completamente segura.

Quando ele baixou sua mão para segurar seu braço, Rosália deu um pulo alarmada; aquele homem representava os pesadelos dos meninos feitos realidade. Os olhos de fogo se entreabriram e a contemplavam com um interesse excessivo que a preocupou enormemente.

—Não tema, não é minha intenção lhe fazer dano.

Seu olhar manifestou claramente que não acreditava absolutamente e que não ia se mostrar confiada. Se pretendesse, tê-lo-ia feito já, mas mantinha em troca um silêncio espectador.

—Surpreendeu-me seu valor.

O dedo dele afastou uma mecha de cabelo da testa, o roce pareceu uma carícia e Rosália notou que um espasmo a sacudia por completo. Não se sentia com suficiente capacidade para analisar por que o infiel se mostrava paciente e educado com ela quando tinha pretendido ceifar sua vida com a adaga que tinha encontrado em seu cinto, a menos que... Ao momento as

pupilas se dilataram pelo horror, pois compreendeu a perfeição por que não a tinha matado ainda. Sabia como terminavam quão cristãs capturavam os muçulmanos.

Um destino pior que a morte!

—Mate-me! Rápido!

Yibrail elevou uma de suas sobrancelhas negras em uma muda interrogação sem abandonar a expressão ameaçadora.

—Já hei dito que não é minha intenção causar-lhe dano algum.

Rosália encolheu as pernas justo no momento em que ele se sentava na borda da cama, tão perto que a pôs extremamente nervosa, apenas se sentia capaz de falar. Pigarreou com vacilação antes de perguntar:

—Não me dará uma morte digna? —Não queria rogar, mas o faria. Por sua alma cristã que pensava esfolar sua garganta pedindo sua morte.

O homem cruzou os braços sobre o peito ao mesmo tempo em que apertava os lábios em uma linha de aborrecimento.

—Mostra escassa prudência ao duvidar de minha palavra, senhora.

Rosália se debatia entre uma retirada covarde, manter-se calada ou seguir inquirindo sobre seu destino. A cautela ficou entupida na parte racional de seu cérebro.

—Minha honra é o mais importante que possuo, e o único que Deus me reclamará no dia de minha morte.

Yibrail esboçou um meio sorriso inesperado. Tinha passado tão rápido do aborrecimento à diversão que conseguiu confundi-la.

—O que pensa fazer comigo? —inquiriu ela.

O silêncio que seguiu a sua pergunta a sumiu na incerteza.

—Pode se considerar minha convidada.

Rosália pensou para si que essas palavras podiam esconder uma ameaça. Não podia considerar sequer tal afirmação. A derrota de Alarcos era a firme prova disso.

—Diz que sua honra é quão único o Deus cristão lhe exige?

Rosália não entendia por que fazia semelhante pergunta, ou aonde pretendia chegar.

—Não... Não compreendo...

Yibrail deixou a cama e se dirigiu para a janela, onde tinha colocada uma pequena mesa com um serviço de chá. Pegou uma das xícaras e a encheu, a levou até os lábios e bebeu um sorvo, completamente ensimesmado.

—Não tenho valor algum como refém. Juro isso!

Ele se deu a volta e a olhou com franca surpresa em seus olhos verdes. Admirou-a dos pés a cabeça sem compreender sua afirmação absurda. A cristã era um prodígio de beleza. Fixou seus penetrantes olhos nos dela, rodeados por um sombrio cerco de pestanas negras, e tão longas que apenas se distinguia a íris. Suas pupilas brilhavam com um ponto de luz no mais profundo como se uma estrela aparecesse na noite escura; subjugavam-no. Yibrail se fixou em seus lábios vermelhos, como a cor dos morangos quando eram mordidos; parecia que tinham sido cinzelados com habilidade pelas invisíveis mãos de um anjo apaixonado...

—O que procura em Alarcos?

Rosália não pensava responder a essa pergunta, ou a vida de seu pai não valeria um maravedí, mas como podia justificar então sua presença na fortificação? Sua mente pensava a toda velocidade.

—Sirvo nas cozinhas desde menina.

Yibrail deixou a xícara com supremo cuidado na mesa. Surpreendeu-o a descarada mentira.

—Não têm porte de criada, além disso, a vi entrar pela porta falsa do muro norte.

Os olhos de Rosália se abriram ante sua sagacidade. Sentia a sombra da morte cada vez mais perto. Essa certeza lhe deu valor para responder de forma acusadora.

—Um muçulmano que não recita suas orações no final do dia... — deixou a frase sem concluir ao mesmo tempo em que entrecerrava os olhos por sua ousadia. Por que bendita razão não podia frear sua língua ante seu inimigo?

Yibrail compreendeu com essas únicas palavras todo o fogo que escondia o coração da mulher cristã. Seu caráter não estava marcado pela submissão e a contenção. Seu espírito não tinha sido quebrado pela ignorância nem a preguiça. Seu interesse por ela crescia por momentos.

—Uma cristã que esquece o oitavo mandamento...

As bochechas de Rosália se tingiram de carmesim pela vergonha. Ela não tinha esquecido o oitavo mandamento, simplesmente o tinha evitado a sua conveniência.

—Presumo que conhece nossas Sagradas Escrituras, algo insólito em um infiel.

Yibrail não se zangou por suas palavras, justamente o contrário, encontrou-as estimulantes vindo de uma mulher cristã.

—Afirmo que sua língua possui mais fio que minha adaga.

Ela voltou a encolher-se ante seu tom seco e seu olhar duro.

—Não sou um refém valioso, dou minha palavra.

Yibrail sorriu, para surpresa dela.

—A palavra de uma cristã que esquece seus mandamentos. —Olhou-a um instante mais e começou a dar a volta.

—Por favor! Revele-me meu destino!

As palavras dela detiveram seus passos, mas não se voltou.

—Ás-salaam-alaykum⁷.

Rosália respondeu sem pensar:

—Wa'alaykum-salaam⁸.

As pupilas negras de Yibrail se dilataram ante a resposta, a sua saudação. A cristã estava resultando ser toda uma surpresa para sua alma enfastiada. Fez uma inclinação de cabeça e desapareceu pela porta, que ficou fechada atrás dele com o estalo de um ferrolho oxidado.

⁷ «A paz esteja convosco», em árabe.

⁸ « Que as bênçãos de Deus esteja com você », em árabe.

Capítulo 5

Na fortaleza reinava um silêncio profundo, somente interrompido a intervalos pelas longínquas vozes de quão soldados faziam sua ronda ao redor da fortificação com passo firme. Os gemidos do vento faziam girar com um uivo as veletas das torres, e produziam ecos entre as torcidas revoltas das ruas arrasadas. A noite caía em melodia silenciosa enquanto Yibrail seguia especulando sobre sua vida após essas horas de vigília imposta. Precisava sossegar seu espírito agitado pelas mais profundas contradições. Sentia-se sujo, manchado com uma ofensa que não podia esquecer. Seus sentimentos encontrados fluíam como azeite fervendo procurando uma saída para a ira, ao desejo de vingança que bulia em seu interior sem que ele soubesse como represá-los.

Precisava entender a força imperiosa que tinha arrastado sua mãe até os braços do infiel. Ansiava desesperadamente compreender por que necessitou seus beijos, suas carícias de amante desleal. Yibrail não conseguia alcançar a sabedoria que o ajudasse a aceitar o sinal equivocado de sua concepção. Que loucura extrema se apropriou de sua mãe para renunciar a tudo aquilo no que acreditava para voltar às costas a tudo o que tinha amado desde sua infância. Odiava-a com uma intensidade cegadora, com uma necessidade nascida da impotência e da frustração extrema. Exigia respostas a suas perguntas amargas, a suas interrogações que o marcavam com o fogo de uma cólera ressabiada, mas se sentia incapaz de consegui-las.

Passou a mão pelo queixo em uma tentativa de apaziguar seu ânimo e de recuperar o controle de seus pensamentos.

De novo apertou os lábios airadamente.

A desconfiança. O temor a não sentir-se proprietária do afeto do infiel deve ter marcado o início da transcendental decisão que tomou sua mãe com respeito a ele e sua desgraçada infância após, escondido entre as paredes do palácio e marcado pela fatalidade de um amor obsessivo, impossível...

A chegada de Abu, seu primo, agitou ainda mais seus pensamentos. Era incomum que o califa abandonasse sua tenda habilitada no acampamento e entrasse em uma fortaleza cristã, embora esta estivesse vencida.

—Não pode me ocultar nada.

O olhar de Yibrail se acendeu com um relampejo.

—Sempre fui consciente disso — respondeu.

Abu entrecerrou os olhos até convertê-los em uma fresta negra.

—Quem é? E por que a têm retida?

Seu primo cruzou as mãos sobre o peito e se ergueu com certa tensão nos ombros.

—É meu desejo não responder a essa pergunta.

Abu o olhou com um brilho ameaçador em suas pupilas negras. Yibrail tinha resultado ser um soldado sagaz, um temido campeador, feroz em suas ações e sobressalente nas lutas, e ele o amava a sua maneira. A cor de seus olhos o incomodava, mas mesmo assim fez um esforço para falar sem que notasse na voz que sua presença conseguia perturbá-lo.

Yibrail olhou a sua vez seu primo e califa com comedido respeito. Abu Já'qub Yusuf era um homem de ação e de letras que dirigia com soberba maestria seus homens para a vitória apesar de ter só dois anos mais que ele. Fixou-se na chilaba branca que estavam acostumados a levar os xeiques beduínos e na bandagem que rodeava e ajustava sua cintura; levava o sabre curto e curvado que utilizavam os príncipes de Balance. Fixou-se em seus olhos escuros, que pareciam conter veladas ameaças. Sua aparência de segurança e inteligência produzia calafrios a todo aquele que o contemplasse.

Era um homem dado a poucas explicações, mas ardiloso em suas decisões.

—É meu desejo falar com a cristã.

Yibrail negou com a cabeça repetidas vezes.

—E eu devo me negar com ardor a essa solicitude.

Abu cruzou a estadia e se deteve a um só passo de seu primo.

—Acaso sabe quem é e pretende me ocultar isso.

Yibrail assentiu com a cabeça.

—É parente de dom Diego López de Haro?

Desta vez negou com um gesto quase imperceptível.

—Sigo esperando uma resposta — insistiu o califa.

O outro retrocedeu até a janela, e, antes de responder, inspirou profundamente.

—A cristã é a resposta às minhas dúvidas.

Abu não entendeu a enigmática frase.

—Explique-se, Yibrail!

A impaciência na voz de seu primo o fez escolher as palavras com atenção.

—Penso levá-la ao palácio de Garyana.

Se o califa se surpreendeu não demonstrou, seguiu em silenciosa meditação durante uns segundos.

—As cristãs não são boas concubinas — disse finalmente.

Seu primo pigarreou, mas não disse nada. Abu seguiu inquirindo com um sotaque de impaciência na voz:

—Trato de compreender os motivos que o induzem a atuar de forma tão estranha. —Ante o silêncio de Yibrail, continuou— Se a cristã é valiosa, deveria deixar em minhas mãos seu destino.

O outro negou com a cabeça com decisão.

—Não é valiosa no sentido político, primo, é valiosa para mim, porque graças a ela compreenderei os motivos que induziram minha mãe a renegar tudo o que tinha amado antes de conhecer ao infiel.

Abu se sentou na ornamentada cadeira que havia junto à janela, frente a uma mesa cheia de viandas. Pegou uma taça de água e tomou um gole. Yibrail se separou da janela e se voltou para ele com sombria expressão.

—Sua obsessão pode ser uma espada de duplo fio — disse Abu.

Yibrail tirou o pesado turbante e o lançou à cama com certa pontaria.

—Preciso compreender para esquecer.

O califa deixou a taça de prata e, pensativo, descansou a mão com o selo sobre seu joelho.

—O que pretende demonstrar com isso?

—Que a devoção a nossa fé e o amor a nossa família é mais poderoso que o desejo carnal. Pode-se escolher, sempre se pode escolher. A atuação de minha mãe já não terá desculpas.

Abu coçou a barba em silenciosa meditação.

—Vos falta a objetividade necessária para uma estratégia de tal magnitude.

Yibrail, que sabia ao que se referia, fez uma careta.

—Vou possuir a cristã em todos os sentidos, e vou deixá-la no instante em que sinta que trata de utilizar seu afeto para dominar meus sentimentos, para apoderar-se de meus desejos me nublando o julgamento e a razão. Só então poderei esquecer o ódio que enche meu coração pela decisão que tomou a princesa Alma.

—Não deveria julgar aos mortos.

Yibrail negou com a cabeça, e sentiu a dor ressurgir em seu peito, mas Abu continuou sua defesa fraternal sem considerar o profundo dano que o infligia com suas palavras.

—Apenas me lembro de sua mãe, pois eu contava muito pouca idade naquele tempo, mas sei que foi uma mulher íntegra e leal, amante de sua família e de sua fé.

Yibrail pigarreou com certo desconforto, pois sua morte tinha sumido a todos em uma tristeza desnecessária.

Inchou o peito e cortou seu primo com palavras feras:

—Antepor sua paixão por um infiel ao amor de sua família, de sua carne. Não posso viver com este ressentimento no coração, não me peça que trate de fazê-lo porque não o farei.

Abu inclinou a cabeça, meditando. Depois de uma longa pausa, perguntou-lhe de forma direta:

—Quando tiver obtido seu propósito, o que fará com a cristã?

Yibrail inspirou profundamente antes de oferecer uma resposta.

—Conseguir-lhe-ei um matrimônio que resulte vantajoso para mim com um mercador de Córdoba.

O califa assentiu com certo pesar após escutá-lo.

—Então voltará para Isbiliya?

—Sim — respondeu Yibrail — Mas primeiro passarei umas semanas em minha residência de Córdoba — Ao ver o gesto sério de primo, acrescentou — Ficarei se me necessitar.

Abu seguiu pensativo durante um instante, e logo negou com um movimento apenas perceptível de sua morena cabeça.

—Deixarei Amuminin em Alarcos, cumprindo minhas ordens; as fortalezas de Malagón, Benavente, Caracuel e Guadalferza já caíram, e estamos a cinquenta quilômetros de Tulaytulah, a fronteira castelhana se encontra a oitenta quilômetros para o norte.

Seu jovem primo Yibrail afirmou com a cabeça. O reverso sofrido pelo rei cristão lhes outorgava uma vantagem que Abu não ia desperdiçar, não depois das vitórias obtidas com tanta facilidade.

O califa se levantou com rapidez da cadeira, como se se elevasse sobre a garupa de sua montaria diante de seu exército. Olhou de novo a Yibrail antes de voltar-se para a porta do austero quarto.

—Use à cristã até obter as respostas que necessita e a paz que procura, mas uma advertência e só uma: se chegado o momento descobriu que não pode ou não quer desfazer-se dela, ordenarei sua execução. Minhas palavras são uma promessa. —Abu não esperou uma resposta, girou sobre seus calcanhares com marcada elegância e saiu pela porta em silêncio da mesma forma que tinha chegado.

Yibrail olhou a taça vazia e fechou os olhos com cansaço.

Odiar o esgotava, derramar sangue cristão não devolvía a paz a seu espírito, justamente o contrário, voltava-o mais sanguinário e destrutivo, e agora sentia a urgente necessidade de comprovar por si mesmo o poder do desejo que tinha provocado a cristã com sua presença.

Nenhuma mulher tinha suscitado essa paixão visceral em seu interior com apenas olhá-la. O pêlo se arrepiava de desejo quando evocava o tato de sua pele na gema de seus dedos.

«Deveria permitir que partisse.»

Essas palavras seguiam martelando seu cérebro, mas as separou de si com obstinada determinação. Por um instante de debilidade essa tinha sido sua intenção, quando, para seu assombro, tinha descoberto que era uma mulher assustada que tinha penetrado na fortaleza de forma furtiva. Só a curiosidade que tinha sentido por ela tinha impedido que o fizesse. Yibrail sentiu uma pequena pontada de remorso quando meditou a forma em que ia utilizá-la e deixá-la depois. A mulher tinha coragem e ele pensava usar essa circunstância em seu proveito. Suspirou ao mesmo tempo em que tocava o queixo com os nódulos. Cada vez que evocava o rosto da cristã sentia um desesperado desejo de saborear seus lábios, de sentir que ela correspondia a sua necessidade de afeto.

O pensamento o deixou paralisado por um momento.

Não, ele nunca iria permitir-se o mesmo engano de sua mãe. A necessidade de sentir-se amado não iria ser a cadeia que o manteria preso à incerteza. Yibrail voltou a encerrar seus desejos no mais profundo de sua alma, sossegou de tudo seus remorsos antes que influíssem em sua decisão. Sentou-se no leito de seu quarto, completamente fatigado.

Tinha que desdobrar ante si a melhor estratégia de combate para a vitória total e absoluta que pretendia, mas antes devia fazer umas perguntas à cristã, precisava conhecer seus pensamentos antes de lhe oferecer a ceva para que mordesse. Depois se concederia o descanso que sua alma estava pedindo fazia vinte e oito anos.

Capítulo 6

Rosália seguia olhando pela pequena e estreita janela onde a luz mal podia abrir passo para a escura estadia, iluminada unicamente por um par de candelabros de latão. As sombras dançavam a seu redor sumindo-a em uma melancolia infinita. Tinha falhado em sua tentativa de liberar seu pai, e ela também estava trancada entre quatro paredes nuas. A dúvida a corroía sem dar uma pausa. Apertou os lábios com insegurança e seguiu olhando pela janela, tentando averiguar aonde a conduziria sua estupidez. Iria pagar muito caro por sua obstinação, mas a gravidade do estado de seu avô não lhe tinha deixado mais remédio que tratar de chegar até seu pai sem importar os perigos do caminho e sua condição feminina. O fracasso de sua missão lhe produzia um calafrio de alerta e angústia; seguia ignorando por completo por que a mantinha fechada naquela cela cheia de comodidades. Rosália passeou a vista pelo enorme leito coberto com objetos luxuosos. A condição militar da fortaleza contrastava enormemente com a calidez que se respirava dentro daqueles muros castigados. Olhou a enorme lareira apagada e vazia, as altas cadeiras encostadas a uma das paredes, com brancos tecidos e almofadas de veludo; tudo isso resultava tão incongruente que a desconfiança enchia os limites de seu raciocínio.

Começou a rezar ferventemente pela vida de seu pai e pelas daqueles cristãos que tinham devotado suas vidas com honrosa valentia por sua fé e tinham caído na mais dolorosa humilhação.

O estalo das dobradiças da porta a fez esticar-se com uma dúvida ante seu futuro. O infiel cruzou a soleira com um olhar frio, mas desprovido de ódio. Trazia nas mãos uma fonte com frutas frescas, e Rosália retrocedeu um passo para a janela.

Fixou-se em seu traje, que seguia sem indicar a fila que ocupava no exército do califa Abu Já'qub Yusuf, o mais odiado inimigo da Castilla. Vestia um sarawil⁹ folgado e escuro sob uma durra'a¹⁰ aberta até a cintura, de um

⁹ Uma espécie de calça muito larga.

¹⁰ Túnica com abertura frontal.

tom carmesim, não levava turbante na cabeça, o que lhe permitiu apreciar o brilho de seu cabelo engomado e limpo. Suas maneiras pacientes e sua voz penetrante conseguiam tranquilizá-la sem que ela entendesse o motivo. A seu lado não sentia temor, seus olhos a convidavam a confiar nele. Rosália suspirou agitada, confiar no que?

—Trago-lhe um pouco de fruta.

Ela não respondeu, mas com uma mão estendida, ele a convidou a sentar-se a seu lado, ante a pequena e baixa mesa aos pés do leito. Rosália não se moveu, mas com a vista seguia os movimentos decididos do homem. Uma vez que este deixou o prato na mesa, cavou vários almofadões do chão e, de novo, estendeu-lhe a mão com galanteria.

—Por que me trata de forma diferente ao resto dos prisioneiros?

Yibrail elevou uma sobrancelha ante sua inesperada pergunta.

—Porque é uma convidada.

Ela esticou as costas de forma involuntária.

—De Abu Já'qub Yusuf?

—De Yibrail Ibn Ali.

As pupilas da jovem se dilataram de terror. Conhecia esse nome, era famoso em toda Castilla; o Anjo Negro representava a destruição e a morte. Cantavam-se baladas de advertência a respeito dele, e agora ela estava ali em sua presença.

Yibrail interpretou corretamente sua expressão assustada.

—Presumo que me conhece.

Rosália não mediu suas palavras:

—A fama de seu sadismo o precede. Até o próprio diabo faz o sinal da cruz ao ouvir seu nome.

Ele entrecerrou os olhos, surpreso por sua resposta sincera.

—Segue sendo uma convidada.

—Os infiéis não costumam convidar cristãos a compartilhar sua mesa.

Yibrail se aproximou o suficiente para que ela já não pudesse retroceder mais.

—Conhece acaso a muitos infiéis?

Rosália elevou o queixo antes de responder:

—Os suficientes para saber que são irreverentes e teimosos.

Yibrail pegou sua mão e prendeu seus dedos frios entre os seus. Rosália estava tão assustada que se deixou guiar para a mesa sem uma réplica.

—Demonstrar-lhe-ei o errado de seu julgamento.

Pela primeira vez, ela o olhou sem sentimentos preconcebidos de rechaço, embora sim com enorme cautela. A descarga que sentiu Yibrail ao

contemplar seus olhos transparentes fez saltar em seu peito um gozo que o deixou atônito pelo inesperado. Soltou sua mão com delicadeza e esperou que tomasse assento junto a ele.

Rosália observou os grãos de uva negra e arrancou um pequeno cacho, que deixou descansar em sua palma fechada. Yibrail a serviu vinho temperado em uma taça de prata com incrustações de pedras preciosas, e ela não a rechaçou.

—Não serei sua concubina!

Ele assentiu com um leve sorriso. A conclusão que ela tinha chegado era necessária e provocada.

—Vinha informá-la de que não se encontra na fortaleza...

Rosália abriu muito os olhos ante suas palavras. Não podia estar referindo-se a seu pai... Ou sim?

—Desculpe...?—perguntou nervosa.

—Fiz algumas averiguações, e sei com toda segurança que está no campo de prisioneiros, no prado norte, em espera de sua execução.

Rosália não pôde reprimir o grito de horror que escapou de sua garganta.

Yibrail sabia perfeitamente o efeito que essa informação ia ter nela.

Encontrar entre os prisioneiros o herdeiro de Portas Negras tinha resultado mais difícil do que tinha imaginado. Nesse momento, dom Juan Galiana estava em uma tenda, afastado do resto dos cavalheiros e sob a custódia dos homens de confiança de Yibrail. Mantê-lo escondido de Abu estava resultando laborioso e complexo.

—Como...? Como o averiguaste?

Ele olhou o selo que ela tratou de esconder no instante que se precaveu da direção de seu olhar. Yibrail pegou sua mão com suavidade e esquadrinhou o anel que Rosália levava com os olhos entrecerrados.

—Delatou-lhe.

—Minha casa não é tão conhecida.

O homem se recostou nas almofadas com naturalidade.

—Engana-se se pensa tal coisa de sua linhagem.

Ela baixou as pálpebras com uma tristeza profunda ao ser consciente do que significavam suas palavras.

—Meu avô, o conde de Portas Negras, dar-lhe-á o resgate que solicitar.

Yibrail tinha tido uma intuição ao ver o selo com o antigo desenho esculpido e a gema engastada. Saber que seu avô era o conde de Portas Negras fazia seus planos mais efetivos. Olhou-a um longo instante; ela não se negaria se suspeitava que seu pai corresse perigo.

—Não procuro resgate algum.

Rosália não o compreendeu.

—Se não quer ouro... O que? —formulou a pergunta com um fio de voz.

—Meu desejo é conhecer ao deus cristão.

A moça abriu a boca e a voltou a fechar completamente estupefata.

—Que desejo...? —Rosália foi incapaz de continuar com a pergunta.

Ele assentiu com a cabeça, e dessa vez sim esboçou um amplo sorriso.

—Lamento que meu interesse a ofenda.

Rosália compreendeu que se referia às contínuas alusões dela ao concubinato. O rubor a cobriu por completo ao dar-se conta pela primeira vez que o infiel não tinha interesse físico nela. Não soube calibrar se isso a aliviava ou a preocupava.

—Um sacerdote o instruiria melhor.

Ele negou com a cabeça várias vezes.

—Um sacerdote trataria de converter toda minha casa ao cristianismo, e eu só pretendo conhecer sua deidade sem chegar a um compromisso com ele.

—Mas eu não estou qualificada para ensiná-lo o que pretende; você mesmo me acusou de...

Yibrail sabia que se referia a seu esquecimento dos mandamentos, esquecimento que ele se encarregou de assinalar com um propósito.

—Quatro semanas de instrução espiritual pela vida de seu pai. Uma troca mais que generosa.

Ela gemeu com desconsolo ao compreender que não podia negar-se.

—Cumprirá sua palavra? —perguntou à jovem.

Os olhos dele relampejaram com o brilho incandescente da ira, que ocultou antes que ela se precavesse.

—Ao contrário de você, eu não esqueço meus princípios.

As bochechas de Rosália se acenderam ainda mais rápido que uma pilha de lenha ressecada pelo sol.

—Minha família me dará por morta, e isso lhes causará uma dor terrível.

Yibrail negou com a cabeça enquanto metia um grão de uva na boca.

—Permitirei que escreva uma carta com a explicação que considerar mais conveniente, e me encarregarei de que a recebam com prontidão.

No olhar dela brilhava a desconfiança. Poderia confiar nele? O que poderia dizer a seu avô para tranquilizá-lo? Mais mentiras? Rosália sabia que dom Claudio não iria perdoá-la tão facilmente por ter ido com o exército do

rei sem seu conhecimento para tratar de chegar até seu pai... Deus do céu! E se seu avô estivesse morto? Tinha-o deixado doente e a ponto de morrer. Possivelmente o infiel oferecia uma forma de rendição ante o impulso que sentiu de abandonar tudo e chegar até seu pai, deixando seu avô só no momento de empreender esta sua viagem espiritual.

—Voltarei para minha casa com minha família uma vez que tenha satisfeito sua curiosidade?

—Não lhe dei motivos para que pense o contrário.

Rosália ficou francamente desconcertada. Ela duvidava de sua palavra.

—Pretende que o ensine minha fé na fortaleza de Alarcos?

Yibrail se sentou com as costas erguidas e meditou sua resposta durante um instante longo antes de dá-la:

—Abu Já'qub Yusuf chegará a Toledo breve, ficar aqui não será necessário.

Rosália fechou os olhos porque o medo a tinha golpeado com severidade. O verdugo caminhava para Toledo em busca de mais sangue cristão.

—Se aceitar sua demanda protegerá minha família da ira do infiel?

Yibrail entreceitou seus olhos verdes o suficiente para indicar que seu pedido estava além do poder dele.

Por outra parte, não gostava da forma depreciativa em que se referiu a seu primo, embora ela ignorasse esse parentesco.

—Posso prometer que seu pai não será executado aqui, o que ocorra em Toledo, só Alá sabe. —Yibrail não mentia. Dom Juan Galiana não era prisioneiro de Abu, a não ser dele, mas ela não tinha modo de saber.

—Deveria deixar suas inquietações espirituais nas mãos do Criador.

Ele voltou a encher a taça de vinho e tomou um gole longo, logo se recostou nos almofadões e replicou com tom de voz moderada:

—A vida de seu pai também?

Rosália apertou os lábios com dor pela facilidade com que a recordava sua vulnerabilidade.

—Pensá-lo-á ao menos? —insistiu ele.

Ela assentiu de forma categórica com a cabeça.

—O que acontecerá se não aceitar sua demanda?

Yibrail meditou sua resposta durante um longo instante. A via debater-se, tentando adivinhar as verdadeiras intenções de sua estranha proposta, e soube que a cristã não ia negar-se, apesar de ignorar os planos que tinha para ela.

—Terá condenado a dom Juan Galiana por sua dúvida sobre minhas nobres intenções.

Essas palavras penetraram na mente de Rosália como se as tivessem gravado a fogo. Sentia o coração galopar dentro de seu peito de forma descontrolada ante a mera possibilidade.

—Não teme converter-se ao cristianismo e renegar sua fé uma vez que conheça a minha?

O olhar do homem a atravessou por completo, antes de ficar suspenso no ar, que tinha se tornado denso e quente.

—Se acontecesse tal coisa, seria porque Alá o teria disposto assim.

Rosália não esperava essa resposta. Ela estava disposta a defender sua fé com sua vida, e as estranhas palavras dele a afligiram por quão diferentes eram de tudo o que tinha ouvido até esse momento.

—Por que eu?

Yibrail fixou suas pupilas negras em seu rosto.

—Só sou uma mulher cristã sem mais valor que minhas mãos trementes. —Rosália inclinou a cabeça, esquadrinhando aquele rosto moreno que a desconcertava.

—É uma mulher que desafiou o perigo para liberar seu pai. Colocaste-se na boca do lobo sem saber se sairia dela com vida. Merece meu respeito e preciso saciar minha curiosidade com respeito a sua fé.

Ela absorvia suas palavras, as meditando sem encontrar a dupla intenção que procurava. Os olhos dele não mostravam o interesse físico que ela tinha suspeitado.

—Necessito sua promessa, senhor.

Yibrail sabia que tinha colocado as peças do tabuleiro a seu favor com ardilosa premeditação; tinha à rainha branca em xeque, e isso era quão único importava de momento.

—Escreva a carta, amanhã partiremos para Córdoba.

Capítulo 7

Havia algo tão desolador como os campos arrasados pela guerra? Rosália era consciente dos riscos que corriam os valentes soldados cristãos ao partir para a batalha, mas o califa almohade Abu Já'qub Yusuf tinha resultado demolidor com as hostes cristãs, que tinham sido derrotadas sem piedade. Olhou a direita e esquerda, contemplando a devastada paisagem semeada de terror até onde a vista se perdia no horizonte. Os corpos dos vencidos jaziam como espectros, sem o consolo de receber cristã sepultura. Os corvos revoavam ao redor deles, alimentando-se de seu sangue.

Sair de Alarcos rumo a Córdoba tinha resultado uma prova difícil e tremendamente dolorosa.

Até que cruzaram o vale do rio Ojailén, o espetáculo tinha sido só de morte e derrota, de poder e submissão. Ninguém deveria enterrar os corpos queridos e esperados por seus familiares, ficariam esquecidos na sedenta terra que os tinha visto cair, sem mais companhia que seus prantos de aflição antes de exalar o último fôlego. Rosália fechou os olhos durante um momento para conter um soluço compassivo, ela mesma poderia haver-se encontrado entre essa massa de seres anônimos, mas em troca ia rumo a um destino ignoto, e rezava diariamente para fortalecer sua fé ante o desconhecido.

—A guerra é assim. —As palavras de Yibrail não conseguiram animá-la o mínimo. Elevou seus olhos castanhos e o olhou com remorsos pelo espetáculo macabro que se abria ante seus pés. Seguir viva quando tudo parecia morto lhe produzia desgosto. —Olhe...

Rosália dirigiu a vista para onde ele indicava com um braço estendido. Ali a terra parecia ainda mais vermelha pelo sangue dos caídos.

—Também há muçulmanos entre os mortos.

A réplica subiu por sua garganta como a espuma e foi incapaz de detê-la.

—Muito menos que cristãos!

Ele assentiu com a cabeça.

—Seu rei se equivocou ao levá-los de forma precipitada para a batalha. Dom Alfonso é um rei valente, mas a maior parte das vezes peca pela impulsividade.

Rosália não entendeu suas palavras. Yibrail tratou de dar uma breve explicação.

—Os castelhanos provocaram a ira de nosso califa quando saquearam o vale de Guadalquivir sob o mando do arcebispo de Toledo. Os cavaleiros da Ordem de Calatrava sabiam o que ia passar quando se plantaram ante os muros de Sevilha em clara provocação.

—Defendemos nossa fé — foi a direta resposta dela.

—Nós também.

Rosália apertou os lábios com zanga ante essa blasfêmia.

—Pisam em terra Santa que não lhes pertence.

Yibrail não respondeu à provocação. Sabia que ela se debatia em uma dúvida constante e não pretendia avivar sua irritação contra ele.

—Se o califa almohade pretende a rendição de Toledo, não necessitará de você em suas filas?

Ele negou com a cabeça. Seu primo era perfeitamente capaz de tomar uma cidade sem sua ajuda, mas tinha deixado o grosso de seus homens a seu mando. O califa estava acostumado a fazer bom uso de suas habilidades.

—A superioridade de seu exército é mais que suficiente para tomar a cidade castelhana; minha presença ali não será necessária.

—É um soldado?

Yibrail não o negou, mas tampouco respondeu afirmativamente à pergunta.

—Considere-me um emissário que trata de compreender uma fé para poder negociar futuras rendições.

Rosália inspirou profundamente ante essas palavras ditas com convicção e carentes de qualquer sinal de arrogância.

—Que convencido está de que vencerão! Saiba que nosso Deus nos ampara e protege com a devoção de um pai amoroso.

Yibrail resmungou um juramento ante a provocação constante das palavras dela.

—Senhora, a derrota de Alarcos demonstra justamente o contrário. Não vi ali sinais de seu Deus, nem de seu amparo, reclamada em sua agonia por crentes feridos e abandonados na calorosa terra castelhana.

A jovem sufocou um gemido por suas palavras duras e certeiras. Ela mesma não podia responder às perguntas que se fazia com respeito a sua fé, e ainda a afligia o abandono de seu Deus ante a vitória dos infiéis.

—Os intuitos do Senhor são inescrutáveis.

Ele a observou atentamente antes de responder:

—Essa é a desculpa que hasteiam os cristãos para justificar a derrota ou o abandono de seu Deus?

Atônita, Rosália parou sua montaria e, ferida por suas palavras, admitiu em latim, acreditando que ele não ia compreendê-la.

—*Errar humanum est*¹¹.

—*Cujusvis hominis error; nullius, aisi insipientis, in error perseverare*¹²

— respondeu Yibrail em um perfeito latim.

—É um homem erudito.

Ele sorriu com paciência.

—Considere-me um bom vizinho.

Rosália esporeou sua montaria para afastar-se do olhar inquisitivo dele. Tinha aprendido uma lição muito valiosa: com aquele homem, nunca devia tratar de ter a última palavra se não queria resultar ainda mais humilhada.

Adiantou com um ligeiro trote ao resto dos cavalos que compunham o séquito que os acompanhava; dois guardas fornidos e com uma aparência tão temível como seu senhor, um tabelião e dois mordomos formavam a caravana que avançava lentamente para seu destino.

Rosália nunca tinha viajado fora das fronteiras de Castilla, e contemplar a cidade de Córdoba da borda do Guadalquivir, protegida por Serra Morena ao fundo, deixou-a momentaneamente sem fôlego, agora compreendia por que tinha sido a capital do califado antes que Abu Já'qub Yusuf transferisse a capital de novo a Sevilha.

—Está ante a maior cidade, mais culta e opulenta conhecida até o dia de hoje. —As palavras de Yibrail a surpreenderam ainda mais.

—Nunca a tinha imaginado assim.

Ele observou o interesse nos olhos dela e se sentiu agrado. Embora amasse Sevilha, sua casa em Córdoba era a mais apreciada de suas posses. Passeou sua vista pela cidade deste o oeste, seguindo o curso do rio que formava vários meandros em sua caminhada.

—É belamente grande e intimidadora — acrescentou à jovem.

¹¹ Errar é humano

¹² Qualquer homem pode errar, mas somente os néscios perseveram no erro

Yibrail seguiu segurando sua montaria, parada junto à dela. Rosália contemplou a ponte romana que dava acesso à cidade; à esquerda havia diversos moinhos, na outra ribeira se sobressaía à abundante vegetação e, sobre ela, elevavam-se as muralhas que rodeavam a cidade. Yibrail se deu conta do interesse com que a moça estava contemplando a borda do rio.

—Está vendo o moinho de Albolafia, seus gemidos seguem me surpreendendo cada vez que visito Córdoba.

Rosália esboçou um tímido sorriso ao ouvir o peculiar ruído; os chiados que produziam suas corredeiras devia impedir o sono à cidade inteira. Certamente se pareciam com um constante lamento.

A comitiva seguiu seu percurso cruzando a ponte e bordeando as ruas empedradas e alegres. Os sentidos de Rosália se encheram por completo, transbordando-a.

A suas fossas nasais chegou o aroma intenso que desprendiam os pátios interiores, abertos à ensolarada tarde; os floridos balcões davam a bem-vinda ao bairro de judeus, onde os comerciantes exibiam em seus portais os ricos tecidos sedosos e brilhantes, os aromáticos sabões de rosa e malmequeres, assim como os doces de pistaches e mel. Um rico convite para que o viajante fizesse uma parada no caminho e degustasse tão saborosas oferendas. As estreitas ruelas, com suas curvas e ângulos, mostravam-se orgulhosas. Montes grandes de gerânios destacavam no branco dos muros que as adornavam com suas aveludadas cores vivas.

—Que beleza! —A exclamação saiu voluntária por sua boca.

—O melhor momento para percorrer as ruas está acostumado a ser nas horas tranquilas do dia, embora eu prefira desfrutá-las ao entardecer, quando o aroma de jasmim e a flor das laranjeiras impregnam os sentidos por completo. —Cada palavra de Yibrail penetrava em seu interior produzindo um desejo difícil de compreender.

—Nunca teria podido imaginar semelhante estalo de cor.

Ele assentiu com a cabeça sorrindo a ela.

—A forma em que está construída a cidade nos ajuda a combater o calor do verão no vale de Guadalquivir; é como estar escondidos em um labirinto de ruas e ruelas. —Quando viu que ela abria os olhos com surpresa, rematou— Diz a tradição, que em Córdoba há mil e um pátios.

As pupilas de Rosália se dilataram de assombro.

—Tantos?

Ele assentiu levemente.

A chegada ao palácio de Garyana produziu na jovem uma imediata fascinação. Estava localizado em uma zona afastada e tranquila, em um monte situado aos pés da serra de Córdoba, frente a uma horta de laranjeiras e limoeiros, e aproveitava o desnível do terreno para organizar-se em vários terraços. Yibrail se sentiu agradado pelo agrado que contemplou nos olhos dela. Rosália fixou a vista nas formosas fontes de água, escutando o som sibilante e contínuo dos jorros, que se elevavam para o céu para cair pouco depois com um alvoroçado descuido.

—Utilizamos tubos de chumbo para levar a água à residência e aos banhos; também a fazemos chegar aos numerosos reservatórios e fontes que irrigam os diversos jardins do palácio.

Ela escutava tudo completamente entusiasmada; ante seus olhos se estendia uma obra de arte. O recinto contava com um grande reservatório em cujo lado ocidental se levantava o orgulhoso palácio. Uma grande galeria coberta o rodeava pelos quatro cantos. Os ângulos estavam reforçados com pequenos torreões que deviam servir de mirantes ou pontos de vigilância do imóvel. As arquerías dos pórticos, incluída a que se abria sobre o reservatório e que se refletia nela, estavam apoiadas em pilares.

Rosália tinha ficado sem fala. Jamais tinha visto uma construção tão suntuosa.

—A torre da sentinela.

Ela dirigiu a vista à torre defensiva de planta retangular e uma altura de três andares.

—Acessa-se ao seu interior através de uma pequena porta alta a que só se chega com uma escada transportável — explicou ele.

Rosália entendeu que sua função era militar, para proteger o palácio.

A comitiva parou no pátio central, e Yibrail ajudou a jovem a desmontar do cavalo por sua parte esquerda. Mas Rosália não era consciente da delicadeza com que ele a segurava, pois seguia olhando-o com inusitada curiosidade.

—No extremo norte estão os salões principais e as dependências de dia. Mostrar-lhe-ei isso depois de que se refresque.

Rosália assentiu.

O grosso dos serventes foi à chamada de Yibrail uma vez que tiveram entrado no grande salão. Ela o ouviu repartir ordens com voz concisa e grave. Um dos criados lhe fez um sinal com a cabeça para que o seguisse. Rosália não duvidou nem um instante; os dias de viagem a tinham esgotado por completo, de modo que acompanhou ao servente sem uma réplica, e com uma docilidade alheia nela.

Cruzaram o roseiral, um espaço aberto e ajardinado que unificava parte do palácio, a ela davam os pórticos norte e sul, assim como as estadias e dependências situadas ao este e ao oeste do pátio central; os lados do reservatório estavam cobertos com piso de madeira em algumas zonas, e havia ladrilhos de mármore nos corredores que rodeavam ao jardim, cheio de árvores frutíferas.

As dependências que lhe tinham sido destinadas estavam situadas à direita do reservatório, e a formosa persiana do pátio a fez franzir os lábios com certa apreensão; nem por um momento tinha esquecido que ia ser uma integrante do harém do infiel, embora ela não fosse formar parte dele no sentido físico. Sua reputação já estava perdida, sua dignidade seria difícil de recompor, mas a vida de seu pai ia ser perdoada; parecia-lhe um justo preço, seu bom nome por uma vida, uma que significava tanto para ela. Rosália fixou seus olhos na grade de pequenas fitas de seda de madeira do oco da parede. Não cabia a menor dúvida de que estava sendo observada através dele por olhos curiosos e infiéis.

Quando cruzou a arcada, levou uma grande surpresa, pois a persiana dava a outro pátio, quadrado, com uma fonte grande e profunda justo no meio. A água transparente e cristalina era um convite para sentar-se em sua borda para desfrutar dela. O criado seguiu guiando-a por um estreito corredor coberto.

Seu quarto compreendia duas salas grandes belamente mobiliadas; o delicioso mobiliário tinha sido escolhido com esmero. Quando seus olhos posaram na enorme cama baixa cheia de almofadões de cor marfim, deteve-se em seco e tragou saliva com dificuldade. Por um breve instante, o temor se apoderou dela ao pensar que seria uma cama compartilhada, mas seu raciocínio não tinha sentido, pois na outra sala havia outra cama igual ou maior; suspirou com um alívio inusitado. O criado se despediu dela com uma inclinação de cabeça, e Rosália, já completamente sozinha, dirigiu seus passos vacilantes para o leito e se deixou cair nele ao tempo que fechava os olhos.

Capítulo 8

Uma mão em seu ombro a despertou com firmeza, mas sem brutalidade. Tentou focar a vista enquanto se incorporava no leito. Tinha esquecido por completo que não estava em Portas Negras, a não ser no palácio de Garyana. Quando foi consciente da mão escura que seguia sacudindo seu ombro esquerdo, abriu os olhos com receio. A visão de um homem enorme e desconhecido a fez encolher-se assustada, e ela se retraiu para o centro da cama tentando escapar de sua mão, que seguia movendo-se por seu braço em uma tentativa de chamar sua atenção.

—Não têm que ter medo de mim, lamento se a assustei, mas é necessário que se levante.

Rosália tentou acostumar-se à visão daquele homem tão estranho; a cor de sua pele era escura e brilhante, levava a cabeça completamente rapada, e um pendente de aro perfurava sua orelha direita. Ele esboçou um sorriso cálido, carente de curiosidade e a jovem seguiu olhando as mudanças que se efetuaram no quarto, completamente estupefata, pois não tinha ouvido o menor ruído, e nada tinha perturbado seu descanso.

As paredes tinham sido estofas com metros de seda brilhante, tapetes de pele suave cobriam a maior parte do chão e justo ao lado do enorme leito havia uma arca com a tampa aberta, cheia de sabões e azeites perfumados, assim como de objetos de vistosas cores, além de joias.

—Quem é?

O homem alto e forte mostrou uma réstia de dentes brancos quando sorriu.

—Seu guardião chamam-me Amed e sou nativo da Síria.

Rosália seguiu olhando intensamente a figura do homem, mas para sua surpresa, não desconfiou dele.

—Por que é meu guardião e quem o encarregou tal mister?

—Meu senhor assim o dispôs. Meu senhor Yibrail Ibn Ali espera que o acompanhe no jantar.

Rosália simplesmente assentiu tão cheia de curiosidade como de apreensão.

—Permanecerei no harém com as demais?

O guardião marcou as sobrancelhas com uma interrogação ante a inesperada pergunta.

—O palácio de Garyana não tem harém.

Dessa vez foi ela quem elevou suas sobrancelhas com estupefação; acreditava que todos os muçulmanos tinham numerosas esposas, e ainda mais concubinas.

—Só um muçulmano rico pode permitir-se ter mais de uma esposa — acrescentou o homem.

Rosália mordeu o lábio inferior com receio, tinha-lhe lido o pensamento.

—Quantas possui seu amo?

—Pode me chamar Amed.

Ante a ausência de resposta, Rosália compreendeu que o guardião tentava evitar as perguntas sobre seu senhor. Levantou-se da cama com preguiça e dirigiu seus passos para a arca onde estavam os sabões. O suave colorido era uma reclamação que não podia ignorar.

—Poderia me indicar onde posso me assear?

Amed estendeu a mão e a guiou para o pátio exterior, que tinha a fonte no centro. A assinalou com a cabeça com um gesto claramente significativo.

—Onde...? —insistiu ela.

—Este banho é exclusivo para você.

Rosália tropeçou pela surpresa. Jamais tinha se banhado em um tanque tão grande e profundo, embora estivesse destinado ao banho de pessoas e não de peixes.

—Não posso me banhar aí! —E negou com a cabeça de forma enérgica— Me afogarei se tento.

Amed demonstrou uma infinita paciência.

—Eu a ajudarei.

A sugestão fez que as bochechas da jovem ardessem de forma instantânea.

—Não posso me banhar com você! Como têm a ousadia de sugerir tal coisa?

Amed contemplou seu rosto instigado e tentou tranquilizá-la com voz tranquila.

—Minha condição de eunuco é um amparo, mas não tema, minha senhora, eu me mantereí atrás do muro para que não se ressinta seu recato.

Se esperava que essa resposta esclarecesse algo a ela, equivocou-se. Amed se precaveu que a moça não tinha entendido a palavra «eunuco».

—Um eunuco é um homem que foi castrado.

As pupilas dela se dilataram, mas mesmo assim, sua expressão demonstrava que seguia sem compreender.

—São os homens que cuidam das mulheres nos haréns — tentou explicar de forma paciente.

—Há dito que o palácio não dispõe de harém.

—E não dispõe, mas a mulher que deve servi-la durante o tempo que esteja aqui se encontra ainda de viagem...

Rosália não o deixou terminar:

—E o que me diz das criadas do palácio?

Amed voltou a explicar com calma:

—Não há criadas em Garyana, mas se houvesse nenhuma saberia lhe arrumar e lhe servir como eu; estou perfeitamente preparado para essa tarefa, servi a muitas princesas, e será uma honra realizar esse trabalho.

—Mas... Mas é indecente!

—Acostumar-se-á a mim.

Rosália sabia que não tinha escolha e, embora a tentação de não banhar-se era muito forte, seu orgulho feminino se impôs a sua teima. Era uma dama, e não podia cheirar como uma mula.

—Promete não olhar enquanto me banho?

Amed assentiu com sua cabeça escura e, embora Rosália se sentisse cheia de vergonha, decidiu ter seu insólito banho em presença de um homem, fosse este eunuco ou não. Nunca tinha se banhado em água que lhe chegasse acima dos seios.

—Logo se acostumará a minha assistência, e desfrutará de seu banho privado assim que perca seu pudor.

Ela sabia que isso seria impossível, mas não discutiu, mas sim seguiu esfregando-se com força para tirar de cima a pestilência das horas tórridas e o pó do caminho. O sabão perfumado e o lenço de seda pareceram de uma vaidade pecaminosa. Amed tinha deixado uma parte de tecido amplo e suave para que o utilizasse como tecido para secar-se, e Rosália se envolveu nele uma vez que teve concluído seu asseio.

Já de novo em seu quarto, sentou-se na banqueta aos pés da cama. Amed começou a secar seu cabelo com suavidade.

—Acredito que não me acostumarei a ser atendida por um homem, não é natural.

O guardião não se incomodou pelas palavras dela, e seguiu tocando seu corpo como se fosse uma extensão do seu próprio, com cuidado e reverência. O eunuco era um enigma para a jovem, que nunca tinha

conhecido alguém tão estranho e eficiente. As mãos de Amed eram suaves apesar de seu tamanho, e sabiam em que ponto devia exercer pressão para distender seus nervos duros. Estava deixando seus músculos relaxados e aliviando suas costas. Ao acabar, deixou-a um momento a sós, mas antes que se precavesse, havia retornado com os braços cheios de roupa.

Rosália olhou o que Amed depositava junto à banqueta. Eram objetos que ela nunca tinha visto em seus vinte anos de vida; umas calças de seda bordadas com fios de prata que os faziam brilhar ao mínimo movimento fizeram-na inclinar a cabeça e observá-los com atenção, não se fechavam no tornozelo, mas sim se estreitavam para ele de forma muito sugestiva. Havia também uma camisa quase transparente a jogo, a jaquetinha curta engastada em prata e rubis lhe fez enrugar os lábios em uma careta. Amed depositou deste modo um véu que ficaria seguro a uma tiara de pérolas e rubis, e umas sapatilhas bordadas em fio de ouro para completar o traje.

—Não posso me vestir assim!

Sua expressão de horror podia resultar cômica.

—As cores realçarão sua formosura. Escolhi-os pessoalmente para você.

Rosália seguiu olhando Amed completamente aturdida.

—Não sou uma pagã!

Estava a ponto de engasgar-se de cólera. Aquele insulto a queimava como se a tivessem untado com terebintina¹³ fervendo.

—É uma convidada a que se deve tratar com honras.

Ela endireitou as costas ao tempo que Amed prendia seu cabelo com uma fita dourada.

—Não posso, e mais, não desejo me vestir como uma infiel.

O guardião soltou um suspiro lento. A moça se mostrava muito suspicaz e desconfiada, mas ele tentaria acalmar seus temores.

—Com gosto prepararei um de seus vestidos cristãos, só me diga onde depositaram suas arcas.

Um intenso rubor a cobriu dos pés a cabeça. Não tinha mais posse que uma chilaba suja e rasgada, a que tinha utilizado para entrar na fortaleza de Alarcos.

—Bem sabe que não disponho de vestuário...

¹³ É o líquido obtido da destilação a vapor da resina é extraída por oleosa resinagem de várias espécies de coníferas e várias espécies de árvores terebintáceas. Quase líquido incolor com um odor característico. Atualmente, é obtido em grandes quantidades como subproduto da celulose (matéria-prima para a fabricação de papel) em indústrias que utilizam matéria-prima coníferas. É usado como solvente para tintas, matérias-primas para a fabricação de compostos aromáticos sintéticos e desinfetantes.

Amed esboçou um sorriso indulgente.

—Até que possa vestir-se como a dama que é me permita que vos vista com estas roupas de princesa.

Ela esteve a ponto de golpeá-lo, cheia de frustração.

—Não...! É impossível! —Olhou a chilaba clara que Amed levava posta e não o duvidou— Busque-me uma túnica como a sua!

O eunuco a observou um momento antes de assentir com a cabeça e atravessar o arco com passo sigiloso. Só então Rosália se precaveu de que os ocos não tinham porta. Passava-se de uma estadia a outra mediante arcos livres. Como era possível que não se desse conta antes? Esse detalhe fez que se sentisse completamente vulnerável e cheia de angústia. Quando Amed retornou, ela levantou o queixo com soberba.

—Confio que este qamis lhe ficará bem.

Rosália duvidava seriamente. O objeto que Amed havia trazido consistia em uma camisa larga de linho dourado e mangas longas.

—Só me trouxeste isto?

Por toda resposta, sorriu.

—É o menor que encontrei, é uma dama miúda.

O tom dourado da túnica era realmente magnífico, mas Rosália seguia tendo suas reservas. O sorriso de Amed se fez muito mais amplo. Ela viu que o tecido era ainda mais leve que o das calças que se negou a colocar, pois, se houvesse feito, seus quadris e coxas se veriam perfeitamente delineados; ao menos a túnica era bastante ampla. Aceitou a contra gosto o qamis dourado, pois seu estômago tinha começado a rugir com força. Amed lhe deu as costas para que colocasse a túnica. Ao dar a volta, comprovou que seus seios turgentes eram claramente visíveis debaixo da translúcida malha, mas só seria visível segundo a tonalidade da luz e para olhos que não fossem os dela. O eunuco já o tinha suspeitado, e agora ficou secretamente convencido: a cristã possuía um corpo digno de ser admirado, e que não fosse consciente de sua beleza a fazia ainda mais formosa.

—Me permita que lhe coloque o véu.

Quando teve acesso a tiara, Rosália se dispôs a sair pelo oco da parede onde devia estar à porta, mas o pigarro de Amed a deteve.

—O jantar será servido na sala adjacente — disse.

Capítulo 9

—Me acompanhe.

Após de uma ligeira hesitação, Rosália começou a segui-lo com passo carente de paquera. Agora só importava a fome que a devorava, depois pensaria nos inconvenientes do trabalho que teria que realizar. Yibrail a esperava com as mãos enlaçadas às costas e o cenho franzido de impaciência. Amed segurou o braço dela e, com um movimento, fê-la inclinar-se no chão. Rosália afogou uma exclamação violenta e tentou elevar-se, totalmente indignada.

—Meu senhor... Não o tenha em conta, falta-lhe a instrução necessária.

Yibrail esboçou um sorriso agradado e se despediu do guardião com um movimento de cabeça. Amed saiu tão silencioso que Rosália mal se precaveu.

Yibrail permaneceu em silêncio durante um longo minuto, inseguro de sua voz. Parecia-lhe que fazia uma eternidade que estava esperando vê-la; em realidade só tinham sido umas poucas horas, mas tinham sido horas de padecimento. A cristã estava ainda mais adorável do que a recordava, seus seios se agitavam maleáveis devido ao aborrecimento, a suavidade do tecido os realçava ainda mais, e ele podia ver com total claridade a aréola de seus mamilos e o escuro triângulo de seu pêlo no vértice que unia suas pernas. Yibrail sabia que ia custar muito fazer-se dono de seu afeto e, embora não estava de tudo convencido de que pudesse obtê-lo, durante quatro semanas seria sua e só sua.

—Pode me olhar.

Rosália, que tinha mantido os olhos baixos devido à humilhação, elevou-os cheios de fúria.

—Como ousa me tratar como uma escrava?... Só me inclino ante meu Deus e meu rei, e você dista muito de ser um ou outro.

Yibrail já contava com seu aborrecimento, mas se queria dobrá-la, tinha que minar seu caráter e isso só o poderia obter se tinha o poder de controlar sua fúria. A garota ignorava que o protocolo ditava que ante um príncipe muçulmano devia fazer uma profunda reverência, e esse

desconhecimento por parte dela o seduziu ainda mais, porque instruí-la ia resultar-lhe muito prazeroso.

—Não pretendia ofendê-la. Amed toma muito a sério suas responsabilidades.

A respiração de Rosália seguia sendo ofegante devido ao aborrecimento que ainda não podia controlar.

—Disse que não seria tratada como uma escrava!

Yibrail massageou as têmporas em uma tentativa de manter a serenidade, a beleza da cristã seguia comovendo-o até o mais profundo de seu ser. Olhou-a de cima a baixo com comedimento e um brilho na profundidade de seus olhos que ela não foi capaz de decifrar.

—Não leva roupa de escrava.

Ao momento, Rosália pensou no outro traje que tinha descartado e se enfureceu ainda mais.

—Crê que a esta túnica a pode chamar roupa?

Contemplar como se agitava seu seio com cada palavra que dizia estava sendo para ele uma dura prova.

—É a túnica de uma de minhas primas, não quer viajar de Sevilha carregada de bagagem, gosta da liberdade que lhe outorga galopar ao vento sem nada em suas mãos mais que as bridas de sua montaria.

Tinha que havê-lo suposto, pensou Rosália, o objeto era muito luxuoso para pertencer a uma escrava.

—O jantar nos espera.

Ela aceitou a mão dele com certa rigidez. Seu tom cometido, amável, seguia insistindo-a a confiar, mas ela não estava segura de que passos devia dar a seguir para não deslizar pelo precipício.

—Prepararam-nos manjares deliciosos.

Aquela voz rouca e de timbre grave se gravou em seu cérebro com total exatidão; seria capaz de reconhecê-la entre milhares e teve que admitir à contra gosto que gostava. Tudo nele a atraía com uma força poderosa, suas maneiras suaves, seu sorriso cálido e seu trato justo. Rosália se sentia como se levasse uma corda atada ao pescoço e desconhecesse a longitude da mesma.

—Um jantar formal com dois comensais somente?

Yibrail torceu a boca em um sorriso que ela não viu posto que lhe desse as costas. Quando se voltou, tinha recuperado a seriedade, mas não a prudência ante a visão da cristã.

—Não é minha intenção a cansar mais do que já está.

Rosália não protestou, realmente estava esgotada apesar de ter gozado de uma pequena sesta.

Uma vez que começaram a comer, o jantar se desenvolveu em silêncio. A jovem estava mais pendente da comida que ele depositava em seu prato que dos olhares possessivos que lançava.

—Essas tortinhas que olha com tanta curiosidade se chamam khubz e se elaboram de forma muito especial.

Rosália o escutava com inusitada atenção.

—O que estou pondo sobre elas —prosseguiu ele — é pasta feita a base de purê de grãos-de-bico, suco de limão, tahina¹⁴ e azeite de oliva.

Quando ela deu o primeiro bocado, sua boca se encheu de um sabor peculiar, mas não desagradável.

—Agora lhe servirei um pouco de mansaf, a base de cordeiro e arroz, enfeitado com jameed¹⁵.

Estava delicioso. Rosália comia com o prazer refletido no rosto, devorava tudo que servia Yibrail em questão de segundos. Quando se sentiu satisfeita, lhe deu uma bandeja de prata que continha diversos pasteizinhos de folhado.

—Estes doces se chamam baklavas¹⁶, e hoje os prepararam com nozes trituradas, nata de pistaches, sementes de sésamo e grãos de papoula. Sabia que contêm água de mel?

Ela já tinha a boca cheia de pastel cheio de massa de nozes. Fechou os olhos ante o sabor doce e exótico.

Entre as bebidas havia vinho temperado, leite de amêndoas e suco de limão com mel e canela. Rosália observou que Yibrail escolhia o suco de limão, ela se decantou pelo leite de amêndoas.

—Dá gosto contemplar seu apetite.

Ela esboçou um tímido sorriso; era uma forma educada de dizer que tinha comido como uma selvagem. Yibrail a olhava reclinado sobre vários almofadões, apoiado em um cotovelo e sustentando o copo de limonada com a mão direita.

—Por que os muçulmanos comem virtualmente recostados no chão? —Rosália fez a pergunta com tom belicoso.

¹⁴ *Tahina* o *tahine* é pasta de gergelim, em árabe.

¹⁵ O *mansaf* é um prato tradicional da comida jordaniana elaborado com cordeiro e arroz. O *jameed* é um iogurte seco de leite de cabra.

¹⁶ Os *baklavas* são pastéis feitos com pasta filo, recheados de frutas e mel em árabe

Yibrail respondeu com outra pergunta:

—Por que os cristãos comem sentados de forma rígida ante um muro horizontal chamado mesa?

Ela nunca parou para pensar quando se instituiu a norma de tomar viandas sentados em cadeiras e ante mesas altas.

—Imagino que por comodidade e por costume.

Ele mostrou seus dentes brancos e perfeitos quando sorriu.

—Trata de me dizer que não está cômoda?

Rosália entrecerrou os olhos ante a pergunta cheia de graça. Tinha tanta fome que não parou para pensar na altura da mesa e na ausência de cadeiras. Ambos estavam recostados em brandos e confortáveis almofadões.

—Que vós tenhais costumes diferentes, não quer dizer que os usos de outras culturas sejam incorretos.

Acabava de dar sua primeira lição.

—A que cheiram as cristãs? —perguntou então Rosália.

Yibrail sabia que ela recordava vividamente as palavras que disse quando a encontrou descendo para as masmorras, dentro da fortaleza de Alarcos.

—A que cheira agora?

Ela entrecerrou os olhos com cautela. Sua forma de evitar as respostas fazendo outra pergunta a seguir começava a crispá-la.

—Não sei. —farejou a si mesma sem perceber nenhum aroma particular.

Pareceu-lhe adorável essa falta de artifício nela.

—Me permita que seja eu que vos ilustre. —Yibrail fez uma inspiração profunda fechando os olhos; abriu-os ao tempo que sorria— Cheira a jasmim balançado de noite por uma brisa brincalhona.

Rosália aproximou as mãos ao nariz e enrugou o cenho. Yibrail sabia o que ela estava pensando.

—Agora, além de jasmim, cheira a especiarias graças à opípara janta que ingeriste.

A jovem sorriu com sinceridade pela primeira vez desde que o tinha conhecido.

—Sou incapaz de distinguir o aroma.

—Seu olfato não está educado para fazê-lo, mas aprenderá mais facilmente do que imagina.

Ela ficou pensativa durante um momento, e ele continuou:

—Há quem diz que o aroma do jasmim é quente e especial. Eu o encontro realmente irresistível quando acaricio a pele de uma mulher.

Rosália entreteceu os olhos reduzindo-os a uma linha.

—Mas não se zangue comigo — acrescentou Yibrail — pois foi Amed quem lhe proporcionou isso. Ele é quem compra os sabões perfumados que usaste hoje.

—Começamos sua instrução espiritual?

Yibrail não a culpou, estava tentando levá-la a um terreno mais íntimo e pessoal. A menção dela do aroma feminino tinha dado início à lenta sedução que estava tecendo sobre a cristã. Permitiu-se lhe dar uma pausa, de momento.

—O que é o mais importante para o Deus cristão?

Rosália meditou um momento sobre a pergunta que Yibrail tinha formulado tentando encontrar uma resposta coerente.

—O cumprimento respeitoso e cabal de todos seus mandamentos.

Ele elevou uma sobrancelha interrogante, e ela provou dar uma resposta mais adequada:

—Poder-se-ia resumir assim: amar a Deus acima e sobre todas as coisas, e ao próximo como a gente mesmo. —Com um sorriso triunfal concluiu sua resposta.

Yibrail não falou, se não que manteve um deliberado silêncio.

—Logo, eu sou considerado seu próximo.

Rosália negou com a cabeça.

—Os infiéis estão excluídos desse termo.

Yibrail pigarreou divertido pela explicação austera dela.

—Então, quem é seu próximo?

Ela escolheu as palavras com cuidado:

—Qualquer pessoa.

—Está se contradizendo.

Ela voltou a negar com a cabeça.

—Aqueles que não servem ao Deus verdadeiro não podem ser considerados próximos, a não ser pessoas que não professam a fé verdadeira, e que, portanto são infiéis. —Rosália estava tão concentrada em procurar as palavras adequadas que não foi consciente do dedo dele sobre a pele de sua mão.

—O que diz seu Deus sobre o amor?

Ela ao princípio não entendeu a pergunta, mas de repente, e com um sobressalto, o pleno uso de seus sentidos e faculdades a golpeou com força. Foi plenamente consciente do olhar de desejo dele e da forma sensual de tocá-la. Retirou o braço com gesto irado e apertou os lábios com um aborrecimento que era incapaz de ocultar.

—Tudo foi um pretexto para que o acompanhasse voluntariamente, não é certo?

Yibrail lamentou seu impulso; tinha-lhe parecido tão natural acariciá-la enquanto a escutava... Era evidente que a razão tinha deserdado de sua mente justo ao início do jantar.

Rosália se levantou colérica enquanto seguia olhando-o cheia de fúria.

—Minha proposta segue sendo a mesma — confirmou ele.

Ah! Já não ia mostrar-se tão confiante. Tinha que ir dali imediatamente.

—Tenta me seduzir! —espetou-lhe ofendida.

Ele alargou o sorriso de seu rosto com um gesto que não se via sincero.

—Fascina-me sua forma de olhar, a suavidade de sua pele e essa paixão que não quebrou o Deus cristão.

As pupilas da jovem se dilataram, sentia-se completamente afrontada.

—Como... Como ousa me falar assim?

Yibrail tocou o cabelo, tentando recuperar o controle de suas emoções, tinha estado tão absorto e extasiado que tinha terminado por dar um passo em falso. Ela seguia ali de pé, com uma fúria assassina no olhar. Estava magnífica!...

—Não vou negar que me sinto profundamente atraído por sua forma de sentir e de se expressar.

Rosália deu um passo atrás sem deixar de olhá-lo com o rosto cheio de apreensão.

—Enganou-me!

Ele negou com sua morena cabeça enquanto o verde de seus olhos brilhava com promessas que, agora, ela sim entendeu.

—Deseja amancebar-se comigo? Com uma cristã? Onde estão seus princípios? —As perguntas saíam de sua boca a fervuras.

—Admito minha culpabilidade por desejar conhecer o tato de seu cabelo; sentia-me ansioso por conhecer se é tão suave como parece. Se seus lábios podem oferecer o suco que desliza por eles quando lhes alimentam.

Rosália inspirou tão fundo que quase sofreu uma vertigem.

—Pertence-me.

Resultava-lhe impossível assimilar a reafirmação de suas intenções com essa singela frase «Me pertence»...

—Que eu...? Deus do céu! —sentia-se incapaz de articular palavra.

Yibrail aproveitou sua confusão para pegá-la pela mão e atraí-la para si. Rosália estava tão estupefata que teria deixado que a conduzisse ao cadafalso sem uma réplica. Seguia perdida em seus pensamentos, em sua irritação, e

quando foi consciente de que Yibrail a estava recostando junto a ele nos almofadões tentou soltar-se de seu abraço sem conseguir. Estava a um passo de começar a chiar como uma histérica.

—Morrerei se não provar seu sabor.

Ela não esperava essa invasão de sua boca e seus sentidos. Antes que pudesse voltar a respirar, Yibrail voltou a beijá-la de forma ardorosa, sem diminuir a pressão, pois tinha deslizado uma mão sob seus cabelos para agarrá-la pela nuca e assim manter sua cabeça imóvel enquanto aprofundava com sua língua. Com o outro braço a rodeou pelas costas, esmagando seu torso contra seu peito. Ela ficou rígida, e ele mudou de estratégia. Bebeu seu fôlego e acariciou sua língua; beijou a curva do lábio superior para dedicar imediatamente depois a mesma atenção ao inferior. Com a mão seguia sustentando sua cabeça. Rosália queria fechar os lábios com força e empurrar com sua língua a dele para expulsá-la de sua boca mas não pôde fazê-lo. Yibrail despertava nela uma curiosidade que se manteve oculta dentro de seu ser durante anos, e que agora se avivava com aquele beijo.

Seguiu perdendo-se entre as prazerosas sensações com um remorso que tentou ignorar.

—Ninguém a tinha beijado ainda, não é certo?

Ela era incapaz de responder, sentia-se completamente avassalada por sentimentos contraditórios.

—Esqueça tudo o que a ensinaram até agora — prosseguiu ele — Os beijos não são maus, minha rosa, deixe que mostre quão doce pode ser. — A boca de Yibrail capturou a sua de novo. Rosália obedecia sem pensar, guiada por um arrebatamento inverificado. Não soube quanto tempo durou o beijo, tão somente era consciente do torvelinho de sensações que a sacudiam. A mão dele subiu até um lugar proibido, e então a prudência retornou a ela com brutalidade.

—Solte-me!... Por favor.

Yibrail escutou seu rogo e a soltou reticente. De forma lenta e premeditada foi deslizando suas mãos pelos braços dela de tal forma que seus mamilos se ergueram com ferocidade ante a carícia inesperada.

—Não desejo amancebar-me.

Yibrail enrugou o cenho ante a palavra depreciativa que usava para referir-se ao ato puro e sublime da união perfeita entre um homem e uma mulher.

—Só pretendia roubar-lhe um beijo.

Rosália esticou os ombros e o olhou com franco desprezo. Aquela intromissão da língua dele em sua boca não podia chamar-se beijo.

—Aproveitaste de minha ignorância.

Ele ardia em desejo de introduzir-se em seu corpo com lentidão e marcá-la com sua essência para sempre, mas compreendeu que devia ir mais devagar à próxima vez que ela tivesse a guarda baixa, como a tinha tido há um momento.

—Minha rosa nunca farei algo que não deseje tanto como eu.

Essas palavras a fizeram meditar durante um longo momento. Rosália já não se acreditava a salvo da sedução que ele estava tecendo a seu redor, mas a promessa da liberação de seu pai oscilava sobre sua cabeça como uma espada afiada. Tinha permitido que um infiel a beijasse, que marcasse sua boca virgem com o selo da pecaminosidade. Podia ser mais desventurada e ímpia?

—Peço-lhe perdão de coração, juro-lhe que não voltará a se repetir.

Ela seguia olhando-o com a dúvida escrita no rosto, mas sabia que um juramento se considerava sagrado, tanto entre muçulmanos como entre cristãos.

Se tivesse suspeitado por um momento que essa leve retirada de Yibrail era mais perigosa ainda que seu ataque, não o teria tratado de forma tão confiada e aceito seu juramento sem mais.

Capítulo 10

Roland tinha rastreado a cidade de Orgaz sem encontrar à herdeira, sabia que os prisioneiros cativos tinham sido transferidos a Sevilha, embora muitos deles tinham sido liberados dias depois da derrota de Alarcos. Sua longa peregrinação para as terras em poder muçulmano tinha resultado exaustiva e infrutífera. A neta de dom Claudio Galiana estava desaparecida, e seu filho Dom Juan seguia prisioneiro. Roland tinha ido aos subúrbios de Orgaz para fazer indagações que resultaram nulas, enquanto o exército de Abu seguia reorganizando-se para tomar Toledo.

Mover-se entre os campos era a melhor forma de passar despercebido, pois as guarnições de mazmudes vigiavam ciumentos as posses ganhas por Abu com a vitória obtida em Alarcos. Roland sabia que o califa almohade tinha voltado para Sevilha, embora sua volta a Toledo para seguir liderando seu exército estava previsto para breve.

Cruzou a largas passadas a praça, escondendo-se, fixando sua atenção nos diferentes botequins que abundavam no centro da vila, o melhor lugar para obter a informação que andava procurando.

Tirou umas moedas do pequeno saco que tinha escondido na bota para pagar uma cerveja e um pão ázimo. Embora sua espada estivesse acostumada a ser muito persuassiva para os diferentes bandidos que pululavam em terras de ninguém, não gostava de atrair atenção sobre sua pessoa além da conta, mas Roland se enganava acreditando que não o fazia, pois sua aparência, sombria e impenetrável, estava acostumada a ser mais eficaz que uma briga a espada.

Atravessou a porta de madeira grossa e se fixou nas janelas com um cercado de pedra e os bancos largos com tamboretas. Sentou-se no rincão mais afastado do botequim, justo contra a parede do fundo, onde havia uma porta que dava a uma pracinha localizada fora, uma espécie de pátio privado que oferecia suficiente intimidade para um encontro entre espões.

O taberneiro, magro e enxuto, colocou uma jarra de cerveja amarga, um prato de gaspacho¹⁷ de caçador e uma fogaça de pão negro em cima da

¹⁷ É uma sopa fria à base de vegetais, com destaque para o tomate, o pepino e o pimentão, muito popular no sul da Espanha (nomeadamente, na Andaluzia, na Extremadura, em Múrcia em Castela-La Mancha e na Comunidade Valenciana), no sul de Portugal (Alentejo e Algarve), bem como no México e outros países centro-americanos. É geralmente produzido e consumido no verão. As receitas espanholas, geralmente, são preparadas através da trituração integral de todos os ingredientes, ficando o preparado final com aspecto de um purê cremoso rosado.

mesa sem perguntá-lo. Roland sabia que na maioria dos botequins os hóspedes não pediam, mas sim se limitavam a aceitar o que os taberneiros punham ao alcance de sua mão. Soltou uma moeda que o homem pegou antes que tocasse a mesa, depois da qual, sem dizer nada, o taberneiro voltou para seus afazeres, pois havia muitos comensais que atender.

Roland devorou a comida em segundos e bebeu a cerveja de um gole; a seguir afastou o prato junto com a colher de madeira e começou a dar beliscões ao pão enquanto observava ao resto das pessoas ali presentes.

Seus olhos se fixaram em um em particular que nem comia nem bebia, mas sim jogava com a capa de uma adaga sem lhe tirar a vista de cima. Roland o conhecia e sustentou seu olhar com ferocidade sem que seus ombros abandonassem a rigidez. O homem tinha o rosto oculto por uma barba espessa e um cabelo longo recolhido com uma fita negra na nuca. O estranho de suas roupas demonstrava que não era de confiar, mas mesmo assim Roland abandonou seu assento e dirigiu seus passos para o outro extremo da sala. Ao vê-lo aproximar-se, o mercenário tirou a adaga da capa em clara advertência e Roland posou sua mão direita no punho de sua espada.

Ambos entenderam a velada ameaça. Roland aproximou com o pé um dos tamboretes e, sem afastar a vista, sentou-se frente a ele.

—Lambs — saudou Roland com um deixo frio na voz.

—De Béarn — devolveu a saudação com o mesmo tom.

Roland sabia que William Lambs era um espião sob as ordens da Inglaterra, embora estranhasse vê-lo em terras castelhanas.

—Procuro informação.

Lambs sorriu pela primeira vez, mas com um sorriso cínico que deixou descoberto seus dentes amarelos.

—Todos procuraram informação; que estejamos dispostos a oferecê-la depende de muitas coisas.

Roland não permitiu que seu tom seco o intimidasse.

—Que informação procura o rei da Inglaterra em Castilla?

Parecia que Lambs não fosse responder, mas depois de um longo instante falou ao fim:

—Ao Ricardo preocupa a derrota de seu cunhado Alfonso contra os infiéis.

Roland assentiu com a cabeça.

—Acaso teme que Abu Já'qub Yusuf chegue até as fronteiras da Inglaterra?

Lambs não mordeu a isca, conhecia a reputação de Roland e tinha provado o fio de sua espada em lutas passadas.

—O que faz um galo em terras de Toledo?

Roland respirou fundo e relaxou seus ombros antes de responder. Não estaria de mais averiguar o que sabia Lambs sobre a derrota de Alarcos e o destino dos prisioneiros.

—Procuro uma herdeira.

O cenho de William fez que ambas as sobrancelhas se juntassem na ponte de seu nariz.

—Uma prometida horrorizada que foge de seu encanto?

Roland estalou a língua com graça.

—Uma herdeira que me suporá uma boa recompensa e a retirada a minhas terras para poder me dedicar a elas de uma vez.

William tomou um gole da cerveja que já estava quente com um sorvo ruidoso para, posteriormente, limpar a boca com a manga da camisa.

—Uma comitiva saiu da fortaleza rumo a Córdoba faz quatro dias, ignoro se entre eles ia uma herdeira cristã.

Roland meditou a informação que acabava de subministrar William.

—Ricardo deseja saber o que acontece com o rei de Navarra — disse então Lambs.

Roland manteve um prolongado silêncio.

De todos era sabido que Alfonso de Castilla se desgostou com o rei Sancho por sua demora em ir com seus reforços.

—A aliança que procurou o rei de Leão com Sancho de Navarra desgostou ainda mais a dom Alfonso — declarou Roland.

—Mas o rei de Castilla necessita da união de Aragão, Leão e Navarra para fazer frente à ofensiva muçulmana. — A conclusão do inglês era certa.

—Conseguí-lo-á? —perguntou Lambs com interesse.

—Dom Alfonso está acostumado a ser muito diplomático quando as circunstâncias o requerem, e esta é uma delas.

—E se não conseguir aplacar os ânimos? —perguntou Lambs.

—Então deverá enfrentar também aos Navarro e aos leoneses. Não me cabe a menor dúvida. Os Navarro descerão pelo noroeste, por Soria e Almazán; os leoneses pelo noroeste, e pelo sul os almohades. O rei Alfonso pode o ter muito difícil.

William absorvia a informação e a armazenava em sua mente. A Inglaterra tinha motivos para preocupar-se.

—Mas acima de tudo está a sagacidade e temeridade de dom Alfonso. Eu apostaria por uma aliança entre Aragão, Portugal e Castilla.

William sorriu secretamente agradado com essa possibilidade. Se fosse certa, seriam boas notícias para Ricardo Plantagenet.

—Seria uma forma de equilibrar a balança — comentou.

Roland assentiu.

William terminou o resto de sua cerveja e perguntou:

—Segue preso dom Diego López de Haro?

—Sim — respondeu Roland. —Retornará logo a Inglaterra?

Williams negou com a cabeça.

—Sou os olhos e os ouvidos de Ricardo em Castilla; meu dever é observar os acontecimentos que acontecem aqui e mantê-lo informado com prontidão.

Roland já não perguntou nada mais, levantou-se do pequeno tamborete de madeira, despediu-se dele e saiu do botequim com melhor ânimo que tinha entrado. Ao menos tinha uma pista que seguir, e pensava ficar a caminho para Córdoba assim que liberasse dom Juan Galiana. Um resgate muito difícil e delicado. Devia ficar em contato com alguns de seus homens para poder levá-lo a cabo, e a chegada destes podia atrasar umas duas semanas, tempo que dedicaria a elaborar uma estratégia de fuga.

Capítulo 11

Rosália admirou as diversas flores que se abriam orgulhosas, presas em seus caules verdes, e que balançavam coquetes sob a carícia da brisa matutina. Ouvir o repico constante da água da fonte a sumia em uma paz sublime e inalcançável para a maioria dos mortais. Embora esses dias distavam muito de ser como os tinha imaginado, sentia-se feliz. Acreditava em seu pai a salvo da vingança almohade e ela estava realizando uma boa obra instruindo ao infiel sobre a fé verdadeira.

A única.

Mas que longe ficava a guerra entre aqueles jardins maravilhosos, feitos para o deleite e a meditação das almas sensíveis. Pelo solo feito de contemplar as diversas roseiras quando as sombras das flores adotavam figuras abstratas no chão do jardim, quando a escuridão cobria a maior parte do pátio, alguém se sentia ufano e seguro.

Yibrail não havia tornado a beijá-la e Rosália não sabia como ordenar seus sentimentos ante essa nova particularidade que a desorientava. Cada vez que estavam juntos, sentia-se assaltada pela aguda consciência de sua proximidade, de sua fortaleza e virilidade, circunstância que conseguia fazê-la sentir acalorada a maioria das ocasiões sem que ele se precavesse; sentia-se agradecida por esta última circunstância. Por que tinha que ser tão varonil e atrativo? Rosália encontrava tremendamente sedutor o sutil aroma de sua pele. Seu olhar conseguia que todo seu corpo ardesse com uma vibração cheia de desejo que a deixava atônita, com uma frouxidão nas pernas que não podia explicar. Não era uma donzela ignorante do que ocorria entre um homem e uma mulher, a guerra tirava o pior dos humanos, e ela tinha sido testemunha ocular desse fato. Mais de uma noite, tinha ouvido agitada, como se amavam seu pai e sua jovem amante na intimidade do leito de sua casa, em Portas Negras.

Quando a morte espreitava, o pudor ficava esquecido entre os lençóis revoltos e mornos.

Suas próprias donzelas tinham contado com todo luxo de detalhes os sentimentos encontrados que as faziam entregar-se sem nenhuma vergonha

a seus apaixonados a véspera do início das batalhas. A guerra trazia consigo profundo desespero e decisões precipitadas.

Ela mesma tinha tomado uma. Deveria arrepender-se?

—Se ousassem pintá-la, o quadro deveria chamar-se a rosa perfeita.

Rosália elevou seus olhos para Raysen, que esboçava um sincero sorriso. Correspondeu-lhe.

—Senhor. —Inclinou levemente a cabeça a modo de saudação e o homem tomou sua pequena mão entre as suas e depositou um beijo nela sem deixar de olhá-la aos olhos.

—Senhora vejo que se sente cômoda entre estas quatro paredes.

Rosália assentiu agradada. Embora não tinha mantido grandes conversas com os próximos de Yibrail, Raysen tinha se mostrado desde o começo como um amigo. Rosália suspirou. Podiam os cristãos considerar os infiéis como amigos?

—Este lugar é maravilhoso, sinto-me agradecida pelo enorme privilégio que me outorgaram que é poder desfrutar dele.

Raysen tomou assento junto a ela no banco. Rosália se fixou em suas roupas elegantes, pelo corte do tecido deduzia que devia ser alguém de importância.

—A que casa pertence?

Raysen meditou a pergunta durante um momento antes de responder:

—A diferença de Yibrail não pertença à casa alguma embora nenhum dos dois respondemos ante ninguém salvo ante nosso califa Abu.

Essas simples palavras disseram a Rosália mais que todas as conversas mantidas com Yibrail.

—Mas todos respondemos ante Deus ou, em seu caso, ante Alá.

Raysen torceu a boca ante sua resposta.

—Alguns homens não acreditam nem em um nem no outro.

Ela assentiu levemente com a cabeça; o mundo estava cheio de hereges e ateus.

—Considera-se amigo dele?

Raysen sopesou sua resposta antes de oferecê-la.

—Imagino que pode me considerar assim.

Rosália compreendeu a direta explicação.

—Yibrail não o considera seu amigo?

O outro pigarreou com certo ânimo brincalhão.

—Yibrail duvida da amizade. É consciente de que aqueles que revistam aproximar-se o fazem para obter de algum modo o favor de Abu.

Rosália abria os olhos cada vez mais perplexa. Tanta influência tinha Yibrail sobre o califa?

—Mas, em certa forma, todos necessitamos pessoas às que chamar amigos — concluiu Raysen.

—Inclui-se entre eles?

Ele soltou uma gargalhada.

—Não, minha senhora, mas sou o único que se atreve a aproximar o suficiente ao lobo para lhe curar às feridas, até a risco de que me remoa a mão.

Essas palavras a incomodaram enormemente.

Raysen a olhou com fixidez e supremo interesse. Tinha passado horas tentando convencer Yibrail de que desistisse de sua descabelada ideia, mas ele se mantinha firme em sua decisão de possuir à cristã por completo. Yibrail não era o tipo de homem que tolerava os conselhos gratuitos; ninguém contradizia suas decisões embora estas fossem encaminhadas ao desastre.

—Essas palavras demonstram o pouco que o conhece. —A expressão que Rosália viu no rosto de Raysen disse que sua reação o tinha deixado atônito.

—Ama-o!

A exclamação a golpeou com brutalidade, deixando-a paralisada.

—Como a qualquer filho de Deus — respondeu ela tão convincentemente que Raysen se tornou para trás para vê-la melhor.

—Por um momento me assustaste. —O homem a olhou sem pestanejar durante um momento tão longo que a fez se sentir turvada.

—Você a mim também.

Tanta sinceridade em uma mulher resultava alarmante.

Rosália caminhava ante um precipício. Por um momento, a afirmação de Raysen a tinha deixado totalmente aniquilada e incapaz de pensar com clareza. Seu coração tinha começado um galope temerário e perigoso, mas se admoestou duramente, tinha que tirar da cabeça qualquer sonho que albergasse a respeito de Yibrail. Ela era cristã; ele, um infiel muçulmano: era de tudo impossível, então por que sentia essa opressão dolorosa no peito? Em que momento daqueles dias aprazíveis tinha substituído os sentimentos de repulsa e rechaço por um interesse profundo e certo com respeito a ele? Tanto se gostasse como se não, devia submeter seus sentimentos a sua vontade, mas acaso não podia ser o instrumento divino para ganhá-lo para sua causa? Devia ser decisão de Deus que ela cruzou em seu caminho para o ensinar a fé verdadeira.

Agitou a cabeça com força; o orgulho era um pecado capital...

—Não se aflija tanto, senhora, a fé move montanhas.

Rosália deixou escapar o suspiro que tinha estado contendo enquanto navegava pelas turbulentas águas do desejo.

—Só estou aqui com um propósito, quando o tiver completo partirei.

—Rosália viu nas profundidades dos olhos de Raysen um indício de piedade. Ergueu as costas ante a possibilidade de que a compadecesse, apertou de forma inconsciente as mãos sobre seu colo e elevou o queixo com orgulho.

—Todas as feridas podem curar-se salvo as do coração, minha senhora

—disse ele.

Rosália tentava entendê-lo, mas desde que se sentou junto a ela Raysen só falava com enigmas que não conseguia decifrar.

—O que trata de me dizer?

Raysen fez uma ameaça de sorriso, mas não pôde responder por que nesse momento chegou seu amigo.

Yibrail entrecerrou os olhos com aborrecimento quando viu a familiaridade que Raysen mostrava com a cristã, sua cristã. Ao momento, ficou perplexo pela intensidade de seu instinto de posse. Já a considerava dele, mesmo que não tivesse provado o néctar de seu corpo, a ambrósia de seu sabor. As duas semanas de conversa espiritual se converteram em uma lenta agonia que o consumia, mais a cada momento que passava.

—Desculpe se a deixo, mas tenho obrigações que me reclamam.

Rosália observou a partida de Raysen com a testa franzida. Yibrail se sentou junto a ela após dizer algo a Raysen em árabe.

Capítulo 12

Rosália o olhou por cima do ombro, e ele percebeu seu aroma a jasmim. O aroma do corpo dela o encheu de uma furiosa excitação que não podia conter. Se inclinasse só um pouco, teria acesso a seus lábios, que se mantinham entreabertos, como esperando uma doce invasão. Pensar em encher sua boca com sua língua inflamou todo seu corpo com uma intensa quebra de onda de fogo.

Que Alá o protegesse, desejava aquela mulher com uma veemência desconhecida e alarmante.

—Deveria me sentir incomodo com você.

Rosália o olhou de forma direta.

—Seu capitão só se mostrava amável com uma estrangeira.

Yibrail elevou o braço e sem pensar colocou uma mecha de cabelo atrás de sua orelha, mas o lamentou imediatamente; com apenas roçá-la, seus sentidos se disparavam criando um motim emocional que era incapaz de controlar.

—Descuidaste-me por desfrutar do pátio.

Rosália se balançava entre a felicidade e a confusão, as palavras de Yibrail davam asas a seu coração, mas ela o segurou à força de vontade. Era certo que passava muito tempo admirando os diversos jardins do palácio, mas jamais tinha afastado seu pensamento dele, nunca naquelas duas semanas.

—Já expliquei tudo o referente à minha fé e minhas crenças.

Yibrail pegou a mão dela entre as suas ao mesmo tempo em que tentava aproximá-la mais a ele.

—Subjugaste-me com sua voz, obtiveste que compreenda por que os cristãos estão dispostos a morrer por defender suas ideias. Onde encontra o valor e a força necessária para seguir adiante sem temer a adversidade e nem sequer a morte.

Ela seguia olhando-o com certo entusiasmo que não tentou dissimular.

—Agora me sinto em dívida — prosseguiu ele — peça-me o que queira.

«Ame-me», foi o primeiro pensamento que foi à mente de Rosália após escutar sua oferta. Felizmente, seus lábios se mantiveram selados, pois, do contrário, teria caído fulminada pela vergonha.

—Ensine-me a nadar.

Ele a olhou com certa estranheza ante seu insólito pedido. Teria desejado ouvir outras palavras de seus lábios, mas se contentou.

—Amed diz que é um nadador extraordinário e que preparaste suas primas para que se divirtam na água sem temor a sofrer um afogamento.

Só pensar em contemplá-la sob o resplendor da lua e com a túnica pega a sua figura fez com que seu corpo se endurecesse até quase provocar dor física.

—Venha então para que pague minha dívida.

Rosália se deixou guiar pelo atalho do jardim para o tanque. O timbre de sua voz era como uma droga que a seduzia. Quando estiveram à borda do tanque, Yibrail beijou sua mão com delicadeza.

—Terá que tirar a roupa.

Ela deu um passo atrás involuntário ao mesmo tempo em que abria os olhos horrorizada.

—Não, não será necessário. —Tentou soltar-se de sua mão sem conseguir; Yibrail seguia segurando-a com firmeza e com um brilho de desejo nas pupilas.

—Este tanque está desenhado para poder introduzir-se nele de forma progressiva; construíram-se vários degraus para facilitar o acesso.

A vista de Rosália seguiu a de Yibrail.

—Só é profundo na parte norte, mas se deseja aprender a mover-se na água sem impedimentos, deve tirar a roupa.

Para ela dava igual à explicação dele, não pensava colocar um pé na água nua.

—Não! —exclamou com certa acritude.

Yibrail compreendeu sua negativa e não insistiu mais.

—Banhar-se à luz da lua é um prazer que deveriam provar todos os mortais, mas não é necessário que tire toda a roupa, só o que pode entorpecer seus movimentos.

Ela seguia puxando para trás com insistência, mas Yibrail não soltava suas mãos. As tinha seguras com as palmas para cima.

—Não a acreditava covarde.

A jovem esticou os ombros pelo insulto, olhou suas pupilas divertidas e sopesou se ele estaria falando em brincadeira.

—Acredite em mim, minha rosa, nadar é um prazer único e uma vantagem ao alcance só de alguns privilegiados. A sensação de liberdade e domínio é uma droga, uma vez que se prove não se pode prescindir dela.

Com suas palavras tinha despertado sua curiosidade. Os olhos de Rosália voltaram para as águas quietas e cristalinas do lago, a dúvida seguia açulando. Sabia que meter-se na água sem parte da roupa era uma clara contravenção a todas suas crenças, mas...

—Eu a esperarei onde se toca no fundo sem problema, têm minha palavra.

Ela terminou por assentir enquanto olhava como Yibrail se desprendia de suas roupas uma a uma, até deixar somente as calças negras. Quando os olhos castanhos dela se posaram em seu torso nu, Yibrail sentiu uma sacudida no estômago. Com um esforço sobre-humano, deu-lhe as costas e começou a meter-se na água tentando esfriar seu ardor.

Rosália contemplou as costas do homem, marcada com várias cicatrizes, e se perguntou quantos desses sinais que bordavam seu corpo haveriam sido infligidos enquanto combatia com cristãos. Quantos cavalheiros castelhanos teriam caído sob sua espada para obter essas medalhas que se mantinham ocultas e sem glória. Seguiu olhando seu corpo duro e bem formado enquanto ele se introduzia com decisão na água. Rosália suspirou profundamente; pela primeira vez em sua vida se sentia atraída por um homem e esse homem estava proibido para ela. Sacudiu a cabeça para apagar o pensamento traidor. Era filha e neta de cristãos que lutavam fervorosamente por sua fé, mas que longe ficava o dever naquele paraíso terrestre.

Yibrail a convidou brandamente com a mão estendida, a água chegava a sua cintura.

—Venha, minha rosa. Hoje é o começo de sua liberação.

Essas palavras produziram uma letargia nos sentidos de Rosália e não pensou mais. Tirou o véu que cobria seus cabelos recolhidos, assim como a jaqueta bordada e a saia de seda, deixando-se somente a túnica chapeada que se amoldava a seu corpo a cada passo, uma vez que o tecido tinha ficado sem segurança. Descalçou-se com suavidade e deu o primeiro passo para o degrau. Não afastou o olhar dele enquanto baixava; surpreendentemente, a água estava quente.

Yibrail a recebeu em seus braços com delicadeza. Rosália aceitou as mãos dele sem medo e sem interrogações. Pela primeira vez não havia receios, eram somente um homem e uma mulher em um lugar íntimo e romântico.

—Deve aprender a sustentar seu corpo na superfície da água.

Ela assentiu. Yibrail pôs uma mão nas costas dela e a outra em seu estômago, e foi inclinando para trás com suavidade.

—Feche os olhos e deixe-se levar.

Rosália fez o que lhe dizia.

Sentia como seu corpo se mantinha em suspensão, ajudada pelas mãos de Yibrail, mas as instruções dadas em forma de sussurros junto a seu ouvido estavam fazendo estragos nela, criando um caos mental absoluto. A mão quente e forte seguia sustentando-a pelas costas, mas os dedos que tinham massageado brandamente seu estômago para tranquilizá-la tinham se deslocado para seu pescoço. Rosália soube instintivamente que ele a acariciava ao mesmo tempo em que mantinha seu rosto fora da água; segurava seu queixo com um gesto carinhoso que produzia uma suave e agradável sensação de prazer.

—Estenda os braços em arco para equilibrar seu peso.

A penetrante e sensual voz fez que seus mamilos se erguessem com desejo; rezava mentalmente para que ele não se desse conta dessa parte de seu corpo que não controlava. Quando a mão se retirou de suas costas em uma lenta passada que lhe fez sentir um estremecimento, Rosália começou a afundar-se como um chumbo. Yibrail voltou a segurá-la com delicadeza.

—Deve confiar em mim.

Ela assentiu de novo e fechou os olhos antes que ele o pedisse, tentando ignorar o calor que fluía por seu corpo a seu contato; a lembrança lacerante do primeiro beijo que tinham compartilhado a acalorou, seus sentidos floresceram por completo. A mão de Yibrail conhecia o tato de seu seio, tinha-o acariciado enquanto a beijava, e sentir sua mão em suas costas avivava a lembrança ainda mais.

Ele sentiu seu leve estremecimento e se perguntou qual seria a causa. Seu olhar desceu de seu formoso rosto até seus seios. Viu as opulentas curvas dos seios de Rosália que o provocavam com sua turgidez; o tecido se aderiu a aqueles montículos perfeitos como se fosse uma segunda pele. Tocá-la sem poder aliviar seu desejo era o mais difícil que jamais tinha feito, mais difícil ainda que jogar a vida em batalhas sangrentas. Podia recordar com vivida intensidade a pele acetinada dela sob a palma de sua mão, o aroma de jasmim de seu corpo tentador; desejava-a com uma fome insatisfeita, uma necessidade entristecedora acrescentada por anos de carência e orgulho.

Trocou ligeiramente de postura para aliviar a pressão de sua palma sobre o estômago dela, que voltou a afundar-se ao mesmo tempo em que gesticulava com as mãos no ar após perder a concentração.

Rosália ficou de pé, com a água cobrindo a metade de seus seios e as mãos apoiadas nos ombros de Yibrail. Nenhum dos dois podia afastar o olhar do outro, ambos ofegando de maneira apenas perceptível. O tempo se deteve e os envolveu como uma aura protetora da que só eram conscientes eles dois. A jovem apalpou com deleite os planos duros e bem formados do peito dele. Baixou a palma em um silencioso percurso até posar-se no mamilo escuro e chamativo; o único torso que havia visto nu até então tinha sido o de seu pai, mas Yibrail era todo firmeza e virilidade. Rosália sentiu que apanhava os batimentos do coração dele e os entesourava em sua mão para sempre, notava-os, com força, mais rápido. Yibrail inclinou a cabeça e capturou os lábios dela, que tinham se aberto para ele como uma flor ao orvalho da manhã.

Beijou-a com ardor, procurando sua mesma essência, saboreou o delicado calor de sua boca movendo os lábios de forma sutil. Rosália se rendeu e começou a gemer devolvendo o beijo como se quisesse devorá-lo. Yibrail notou os dedos dela na nuca e, apesar da simplicidade da carícia, sentiu um prazer quase agônico. Sedento de mais, beijou-a no pescoço, começando um lento percurso pela orelha até chegar ao ombro. Rosália se arqueou contra ele em busca de mais...

—Dayeah espera no grande salão.

A jovem se voltou para Raysen imediatamente, e Yibrail fechou os olhos pela oportunidade que tinha escapado.

—Dayeah? —conseguiu perguntar Rosália com um timbre de dúvida na voz.

—É um familiar que acode a minha chamada.

Rosália mordeu o lábio inferior enquanto refletia sobre essa resposta. Yibrail subiu os degraus com funda resignação; a chegada de sua madrinha resultava de tudo inoportuna.

Capítulo 13

Pela primeira vez desde sua chegada ao palácio de Garyana, Rosália jantava no grande salão com o resto dos comensais; tinha reunido um total de dez. Ela ignorava por completo que na cultura muçulmana as mulheres não estavam acostumadas a acompanhar os homens nas diferentes comidas que estes tomavam com o passar do dia. O jantar dessa noite era uma exceção em deferência a Dayeah, que não era muçulmana.

Admirou com olho crítico a opulência e o bom gosto na decoração da estadia: as belas tapeçarias bordadas em seda que cobriam três das quatro paredes da habitação, a mesa, posta de forma deliciosa e ordenada, um branco tecido cobria tanto o largo como o comprido da tábua de madeira polida. Os talheres de prata brunida e a fina porcelana mostravam às claras que seu dono era um homem muito rico e de um gosto delicioso.

Desde que tinha se instalado no palácio, tinha jantado sempre a sós com Yibrail, e encontrar-se rodeada de gente estranha a fazia sentir um tanto melancólica. Nas diferentes conversas mantidas com ele tinham dissertado sobre temas díspares, não só sobre crenças e fé, seus diálogos ricos, profundos, estavam cheios de pensamentos amadurecidos e de uma profunda solidão que não tinha escapado ao escrutínio dela. Rosália suspirou profundamente; Yibrail tinha a aparência de um feroz leão, mas ela tinha sido capaz de captar seu olhar de cordeiro abandonado.

Podia perceber com total clareza a imensa tristeza que o homem escondia sob sua aparência de força, seu constante empenho para que ninguém se precavesse de sua dor. Era consciente de que devia ter sofrido muito, e essa circunstância a uniu ainda mais a ele com um laço invisível de solidariedade e afeto.

Sentiu cravados sobre sua pessoa os escuros olhos de Dayeah; elevou os seus até encontrar-se com os da mulher, que a escrutinavam com insistência e ousada curiosidade que entretanto não conseguiu preocupá-la, pois não a considerava uma ameaça.

Rosália sustentou seu olhar com valor, mas também com profundo respeito, apesar da atitude divertida da outra ao olhar seu traje. Finalmente, tinha aceitado vestir-se com os objetos muçulmanos que lhe tinha facilitado

Amed, embora prescindisse do véu por deferência a Yibrail. Sabia que estava formosa embelezada como uma princesa almohade, assim não pôde decifrar o olhar que lhe dedicava Dayeah.

A conversa, que se desenvolvia em árabe, escapava a seu entendimento. Seus conhecimentos da língua eram muito básicos, mas agradecia seriamente o tempo que isso a outorgava para meditar sobre sua nova situação, uma situação que não tinha procurado, mas que não podia rechaçar. Apaixonou-se total e absolutamente por um homem inacessível, e a encruzilhada que se abria ante ela a consumia com uma dúvida mordaz. Sabia que não lhe resultava indiferente, mas os separava um abismo tão grande como grande era o firmamento sobre suas cabeças. No tanque lhe tinha devotado sem reservas, sem medos, totalmente convencida de que entregar-se a ele era o que mais ansiava no mundo, por cima de suas crenças, de sua família, de sua honra.

Tudo se voltava mais e mais complicado.

Com a chegada da madrinha dele, o medo tinha feito presa nela que, por um instante louco, tinha acreditado que Yibrail tinha pensado despedi-la assim sem mais, mas a promessa de seus olhos verdes antes de sair do tanque não induzia a engano algum: tinham-lhe prometido um banquete do maná glorioso, e Rosália, que já tinha mordido a fruta proibida sem um remorso, ansiava o momento de saciar sua fome física. Não queria abandonar Córdoba ainda, pensava esgotar até o último minuto em companhia de Yibrail.

Como se tal coisa fosse possível...

—Devo me ausentar durante uns dias.

Surpreendidas, ambas as mulheres o olharam de uma vez. Dayeah estranhava porque a deixava a cargo de uma moça que mal conhecia, e Rosália consternada pelos sentimentos encontrados aos que tinha que fazer frente.

—Surgiu um problema que requer minha imediata partida.

O resto dos comensais salvo Raysen não prestaram atenção ao anúncio; seguiram comendo com total naturalidade. Rosália, em troca, acabava de perder o apetite por completo.

—Acompanhe-me, pequena, esta noite sou eu a que requer de sua companhia e ajuda.

Ela cravou os olhos em Dayeah não muito segura de havê-la entendido bem, mas a mão estendida para ela em sinal de amizade não admitia dúvidas. Rosália a seguiu com passo trêmulo e sem afastar a vista de Yibrail.

O resto dos comensais foi abandonando a mesa e retirando-se em silêncio a seus respectivos alojamentos. Uma vez sozinhos Yibrail e Raysen ficaram observando-se mutuamente sem pronunciar palavra.

—Acompanhar-lhe-ei — se ofereceu Raysen, mas Yibrail negou com a cabeça.

—Necessito que fique em Garyana.

Ambos se entenderam sem acrescentar nada mais.

—Demorará muito em voltar?

Yibrail ficou pensativo durante um momento. O pequeno assunto que tinha que resolver em Calatrava a instâncias de seu primo não ia subtrair muito tempo, mas esse não era o motivo principal de sua marcha.

—Acreditava que seria fácil e agora comprova a futilidade de sua presunção.

O longo suspiro de Yibrail ficou suspenso no ar após as palavras de Raysen.

—Tenho entendimentos que fazer com meu amigo Ornar, oferecer-lhe-ei um bom preço para que compre a dona Galiana.

O capitão entrecerrou os olhos com certa cautela enquanto seguia analisando as palavras de Yibrail. Agora compreendia sua oportuna marcha para Calatrava passando por Dancem.

—Eu comprarei à cristã.

Yibrail ergueu a cabeça com rapidez após as inesperadas palavras de Raysen, que sustentava seu olhar com determinação em seus olhos escuros.

—A cristã não terá valor uma vez que tenha terminado com ela.

A Raysen incomodou as palavras carregadas de arrogância de Yibrail, mas não o contradisse.

—É uma herdeira castelhana.

—Será uma escrava usada sem mais valor que o de suas mãos para trabalhar.

O capitão não compreendia Yibrail, nem aquela atitude pretensiosa.

—Com Ornar terminará seus dias em um harém turco, e sabe.

Yibrail apertou os lábios ante a insolência do chefe de sua guarda. Conhecia-o há muito tempo, haviam-se coberto mutuamente as costas tantas vezes que Yibrail tinha perdido a conta.

—O que dela seja depois já não me importará.

Raysen não o deixou terminar a frase.

—Então, me permita que a compre para liberá-la de um castigo pior que a morte para uma dama castelhana.

Yibrail começou a jogar com a taça de vinho que não tinha tomado durante o jantar.

—E a converteria em sua amante?

A pergunta incomodou ao outro enormemente.

—Convertê-la-ia em minha esposa.

Yibrail o olhou com desdém após essa resposta inesperada.

—O valor de seu coração não deveria ser cerceado com a escravidão — concluiu Raysen.

—Então a prefiro em um harém turco. —Yibrail não esperou a resposta de seu capitão, deslizou sua cadeira para trás e se levantou com gesto irado. Depois da saudação de cortesia, abandonou o salão com passo enérgico.

Raysen ficou olhando em direção aonde partiu absolutamente perplexo. O estalo de fúria o tinha pegado por surpresa, e sua negativa que se desposasse com a cristã o confundia.

De repente, uma ideia foi formando-se em sua cabeça ante a atitude contrariada que mostrava Yibrail, e soube que com suas palavras havia dito mais do que pretendia. Não suportaria vê-la com outro, assim que a preferia longe.

Rosália cruzou com passos decididos a distância que separava suas dependências do formoso jardim. Depois do interrogatório ao que a tinha submetido Dayeah, sentia a urgente necessidade de respirar um pouco de ar fresco nessa noite cálida e cheia de aromas sutis. Procurou um dos bancos mais agasalhados pelas sombras da incipiente noite e se sentou junto às roseiras que se balançavam dormidas. Elevou os olhos para o céu aveludado, fixou-se na lua, que tinha sido invisível para ela até esse preciso momento, e a viu aparecer pouco a pouco à medida que morria à tarde, para brilhar com todo seu esplendor sobre o jardim tenuemente iluminado por tochas que ardiam suspensas nos altos muros. A lua derramou seu beijo de prata sobre os pátios e reservatórios enquanto o crepúsculo ia se apoderando da cor alegre da terra para sumi-la em uma escuridão complacente. Rosália inspirou o aroma das rosas e os jasmims que a rodeava, o aroma parecia elevá-la a uma atmosfera mais pura, mais espiritual. A serenidade de seu coração e a ligeireza de espírito a fez sumir em uma melancolia inexplicável, mas real.

Levou as mãos às bochechas, fechou os olhos e suspirou com força, nunca havia se sentido tão torturada em suas convicções. Seu corpo fervia de desejo, mas seu coração sofria consciente da traição para sua família que supunham seus sentimentos e de sua exangue força de vontade ao tratar de resistir a eles. Quando Yibrail a tinha beijado no lago, ela tinha sucumbido de

uma forma total, vergonhosa, mas não tinha podido pensar em nada mais salvo no sabor de sua boca, a firmeza de seus lábios e a carícia de suas mãos sobre seu corpo na água. Desejava amá-lo, entregar-se a ele por completo, até sabendo que isso desembocaria na destruição de sua própria alma, mas o que pouco lhe importava! Encaminhou-se de novo para seu quarto para dormir, embora tivesse a mente cheia de interrogações e de preocupações.

Capítulo 14

Rosália despertou com uma sensação estranha no estômago. Quando abriu os olhos a brilhante manhã, o primeiro que viu foi um ramo de jasmim e uma nota cuidadosamente dobrada sobre seu travesseiro. Sentou-se impaciente sobre o brando leito enquanto alargava a mão e pegava o papel com certa cautela enquanto começava a ler as palavras com o coração encolhido.

“ Lamento profundamente ter que me ausentar de seu lado, mas logo poderei rodeá-la com meus braços, cobri-la-ei com minha ternura, seus ouvidos poderão escutar meu coração, sentirão a melodia do amor com palavras que não ouvirão em meus lábios, mas que entenderão por completo com meu olhar. Sei que lhe amo contra os ditados e os limites da razão, contra toda lógica e força espiritual. Não a mereço, mas voltarei para você em três dias.

Formosa minha, espere-me.”

Seu coração ameaçou iniciar um galope em seu peito, aproximou a missiva ao torso e fechou os olhos com uma profunda lassidão. Yibrail a amava, contra toda lógica e prudência. Sentia-se feliz, alegre e apaixonada. Só três dias a separavam do amor de sua vida e de sua entrega total e absoluta. Abriu os olhos ao novo dia e fechou o coração às recriminações; aquelas palavras tinham selado seu destino, não importava nada salvo o prazer de saber que seu afeto era correspondido.

Saltou da cama com energias renovadas. Dayeah tinha se devotado a acompanhá-la ao mercado da cidade e ela estava desejando explorar os rincões escondidos de Córdoba, deleitar-se em suas numerosas praças e postos de feira. Sentia-se tão feliz como uma menina pequena ante um presente inesperado.

À distância até o mercado não resultou longa, as buliçosas ruas convertiam o trajeto em extremamente divertido. De vez em quando paravam para admirar alguma parede revestida de flores, ou os doces que os padeiros ofereciam de seus portais.

As distintas artes e ofícios se agrupavam em ruas controladas por um zabazoque¹⁸, quem se encarregava da ordem e do bom funcionamento do mercado, vigiando com especial atenção os pesos, medidas e balanças e a fixação de preços.

Os mais de trinta postos alinhados enchiam o ar da manhã com uma gritaria insuspeita. Havia mercados vindos de fora e aldeãos que levavam seus excedentes para vender ou as trocar por outros produtos dos que careciam habitualmente. Rosália se interessou em especial por um posto de olaria, olhou as jaras, ânforas e bandejas que exibia o mestre oleiro com marcado orgulho. Prosseguiram seu passeio com calma, contemplando a arte da falcoaria; as formosas aves empreendiam o voo e retornavam pouco depois com a presa para deleite de seus donos, que competiam entre eles por quem possuía o animal mais formoso e ousado. Rosália deteve seus passos diante do ferreiro que ajudava aos mais jovens a confeccionar uma ferradura; viu um fole enorme, uma bigorna e martelos de diversos tamanhos. Um dos moços avivava o carvão da forja para que alcançasse a temperatura exata. Dayeah a arrastou com um sorriso até o posto de ervas, onde adquiriu várias mesclas de chá, que depositou posteriormente na cesta que Rosália levava. Compraram sabões elaborados com perfumes exóticos, pão de figo, tâmaras, pães-doces com sésamo, cebola e pipas de girassol. Dayeah partiu um dos pães-doces e ofereceu a metade a Rosália, que deu uma dentada absolutamente avermelhada. Também compraram metros de tecidos de seda bordadas com fio de ouro e ponteiros de encaixe sevilhano.

A jovem abriu a boca com surpresa quando divisou um posto especializado na talha e têmpera do vidro. Tinham taças translúcidas expostas, pratos esmaltados e um tabuleiro de xadrez que despertou sua curiosidade. Dayeah explicou com infinita paciência para que servia e como se moviam as diferentes peças. Quando tocou o suave tato do cristal esculpido em forma de rainha, Rosália soube imediatamente que queria entender a estratégia do jogo, e que ia aprender o quanto antes. Procurou em seus

¹⁸ É uma palavra árabe - espanhol a ser designado entre os séculos IX e XI, o oficial que regem os mercados locais, nos reinos de Castela, Leão e Aragão.

Dentre as atividades comerciais limitadas do tempo, os pequenos mercados locais, especialmente nas cidades e cidades de bispos, que tinha mais força, embora, em aristocrático e real, foram colocados sob a proteção do rei, como forma de evitar abusos e para a ordem da justiça de maneira uniforme. Esta proteção é feita através do zabazoque. Dele dependiam os demais diretores, como almotacén (assim chamado os fiscais dos mercados e lojas da Andaluzia funcionários públicos cujo emprego como maior responsabilidade e autonomia desde o tempo do emirado até sua figura desaparece no século XIX).

A origem destas figuras é encontrado no souks de al-Andalus, onde foram importados para os reinos cristãos.

bolsos o ouro necessário para adquirir o magnífico xadrez, mas se deu conta com infinita tristeza de que não possuía moeda alguma. Em sua alegria se esqueceu por completo que não lhe pertenciam nem as roupas que levava postas. Dayeah se deu conta do gesto e de seu pesar.

—Morro de sede — disse a mulher.

Rosália secundou a ideia de tomar juntas um chá na tenda habilitada para a ocasião na zona norte da praça.

O interior resultou uma surpresa para Rosália. A tenda tinha forma obliqua e estava dividida em duas por cortinas de pêlo de cabra; como era verão, os lados da loja estavam levantados e serviam então para dar sombra.

A ampla sala estava decorada profusamente, e havia rincões para o chá com mesas baixas rodeadas por grandes almofadões, que arrancou de Rosália um sorriso porque pareciam muito cômodos. O chão estava coberto com tapetes de lã, mas não resultava abafadiço a pesar do calor da manhã. Ao redor dos postes havia sacos de especiarias, com o qual o aroma que se respirava dentro da loja era adocicado e picante, coisa que não a desagradou absolutamente. Desses mesmos postes penduravam os odres de pele para a água e demais líquidos.

Rosália e Dayeah tomaram assento na parte traseira, junto com as demais mulheres, afastadas da entrada principal. A jovem se dispôs a desfrutar de seu chá temperado.

—Esta tenda está especialmente habilitada para as mulheres — disse Dayeah.

Rosália assentiu com a cabeça. Embora não compreendesse de tudo as diferenças que havia entre homens muçulmanos e mulheres, aceitava com humildade as regras, como convidada que era.

Roland tinha seguido com muita atenção o passeio de ambas as mulheres desde que tinham alcançado a praça. A pesar do véu e da roupa, distinguiu à castelhana com total claridade. Sua forma de olhá-lo toda entusiasmada e com sincera despreocupação o fez arquear as sobrancelhas, intrigado. Ela ignorava que seu comportamento não era absolutamente o de uma muçulmana, por isso tinha resultado fácil localizá-la entre a multidão da praça. Esperou no lado oposto da tenda, justo em frente do tecido levantado; dali tinha uma visão completa das duas mulheres que seguiam com suas confidências sem dar-se conta da atenção que despertavam nele. Esperaria sua oportunidade, que ia chegar muito em breve; enquanto isso, Roland seguiu bebendo sua cerveja.

As bochechas rosadas e o brilho dos olhos da jovem mostravam claramente que não se sentia como uma cativa, mas sim como uma convidada satisfeita. O mercenário soube imediatamente a razão: o afeto da cristã tinha sido ganho pelo infiel, que tinha marcado com sua heresia a tenra carne piedosa. Se confirmar-se seu receio, teria que matá-la, tinha dado sua palavra mais solene, mas certo desconforto se instalou em seu peito sem que sua mente compreendesse de todo a razão. Roland olhou sua mão direita pensando em quão vistas tinha cegado por honra ou por dinheiro, mas nunca tinha matado a mulheres; seus princípios mais arraigados o tinham impedido. Estas eram seres indefesos aos que proteger e nenhum guerreiro devia manchar sua reputação acabando com vidas de meninos, anciões ou mulheres. Suspirou aflito pela dúvida, enquanto em seu peito ia gerando uma ideia que se negava a descartar sem havê-la considerado de tudo.

A cristã era uma herdeira muito rica, e ele um homem extremamente ambicioso. Se dirigisse bem os acontecimentos, a mulher poderia chegar a ser sua esposa e lhe proporcionar a riqueza que tinha açoitado durante toda sua vida; e isso sem derramar sangue, salvo o dela, em caso de ser necessário. Ao contemplar essa possibilidade, a esperança arraigou em seu coração com uma ânsia indescritível. Portas Negras era um condado muito apetitoso. Se o pai da garota desaparecesse, o futuro filho dela seria o próximo conde, mas antes Roland tinha que conhecer os planos do infiel em relação à castelhana, e depois tecer com astúcia os fios que a uniriam a sua causa.

Rosália, dentro da tenda, seguia rindo com absoluta despreocupação, ignorante daqueles planos que podiam selar seu destino.

Capítulo 15

Yibrail seguia passeando inquieto entre as belas flores do jardim de flor-de-laranjeira, o aroma almiscarado dos jasmims trouxe a sua memória a imagem de Rosália e o particular aroma de sua pele, sua forma única de olhá-lo cheia de alegria e precária confiança. Estava a um passo de conseguir seu propósito. Sabia que a cristã não ia negar se o tinha conseguido fazer um racho no mais profundo de suas convicções, mas o pesar voltou a persegui-lo de novo. Estava comprometido emocionalmente, tal como o tinha planejado a princípio, mas agora a dúvida o corroia.

Rosália tinha se metido em seu sangue, sua inocência e ingenuidade sumiam sua alma sedenta em afeto extremo e loucura incipiente. Tinha que corromper essa inocência da forma mais miserável, mas necessária. Prometeu-se compreender para poder esquecer, e tinha que fazer o possível para cumprir sua promessa. Yibrail deteve seus passos frente às junqueiras para voltar à cabeça para a casa, esperando distinguir sua presença. Os três dias que tinha estado ausente o tinham sumido em uma nostalgia desconhecida nele, tinha sentido saudades tanto que ainda se perguntava como não havia retornado antes. Morria de vontade de beijá-la de novo, incitá-la a que correspondesse em sua necessidade de aproximação mútua, mas não era Rosália quem ia a seu encontro pelo atalho de lajes do jardim, a não ser Raysen.

—Um cavalheiro Navarro solicita uma audiência.

Yibrail enrugou o cenho contrariado. Sancho García, o rei de Navarra, tinha combinado com os almohades só porque temia as represálias de Alfonso de Castilla. Abu era consciente desse detalhe, mas não pensava desperdiçar a ocasião de ter um aliado no norte para cercar ao rei castelhano em todas suas fronteiras.

—Mencionou o motivo de sua visita?

Raysen assentiu.

—Deseja pagar um resgate.

Em um princípio, Yibrail abriu os olhos, confuso, mas foi entrecerrando-os logo, ao tempo que compreendia: o conde de Portas Negras desejava a liberação de sua neta, mas como tinha sabido o conde onde encontrá-la?

—Recebê-lo-ei na sala de audiências.

Seu capitão assentiu e deu a volta ao momento para retornar dentro do palácio.

Yibrail acariciou o queixo meditando as possíveis respostas que podia dar ao Navarro sem despertar a suspeita ou a dúvida sobre o paradeiro de Rosália; ainda não podia deixá-la partir.

—Raysen!

Este se deteve imediatamente e se deu a volta para olhar Yibrail com franca curiosidade.

—Assegure-se de que dona Galiana não cruze os salões da parte norte até que tenha concluído os assuntos com o emissário do conde. Uma vez que o tenha despachado, a envie a meus aposentos.

O outro o olhou fixamente com seus olhos escuros durante um segundo antes de assentir de novo e voltar-se com certa brutalidade. Uma vez que ficou sozinho, Yibrail fechou os punhos aos flancos. A liberação da cristã era algo impensável. Estava a ponto de conseguir o resultado de seu plano e a inoportuna visita não era mais que um obstáculo. Apertou os lábios com um gesto de desdém e encaminhou seus passos para o interior do palácio com a resolução escrita em seus olhos verdes.

Roland agarrava o punho de sua espada sem soltá-la e se mantinha atento ante quão inesperado pudesse surgir. Sabia que sua condição de vassalo do rei de Navarra protegia seus passos em território infiel; sorriu de forma cínica ante o sarcasmo da situação. Seu pescoço corria mais perigo em terras castelhanas que muçulmanas graças ao pacto de seu rei com os almohades. Contemplou com certo receio a opulência da sala, só equiparável a de Portas Negras, em Toledo. Os infiéis se rodeavam de tantos aprimoramentos que um guerreiro como ele não se sentia capaz de entender ou de apreciar tanta magnificência. Os castelos tinham que ser moradas de amparo, não de prazer, deviam ser fortalezas fortes e inexpugnáveis, e acreditou, erroneamente, que o palácio que contemplava era suscetível de conquista, mas Roland estava muito equivocado a respeito. O fornido mercenário represou de novo seus pensamentos para o motivo de sua visita em terras que considerava inimigas. Confiava em que o infiel não se mostrasse muito inteligente ou ambicioso em seu proclama.

O suave vaio da porta ao abrir-se o fez erguer-se em toda sua estatura.

—O príncipe Yibrail Ibn Ali lhe outorga o privilégio de sua presença. Por favor, siga-me.

Roland fez um assentimento com a cabeça enquanto caminhava atrás dos passos do homem que se dirigiu a ele com absoluta correção, mas com inesperada secura. Sabia que sua presença era considerada *non grata*, mas

não se intimidou; seguiu-o pelos diferentes corredores em silêncio e espectador. A sala de audiências pareceu tão régia como os assuntos que se tratavam entre suas quatro paredes revestidas de tapeçarias com motivos campestres. A sala contava só com os móveis necessários, mas resultava de uma calidez inesperada. Roland aceitou a saudação do emir e fez uma régia reverência, como era preceptivo ante um príncipe, fosse este cristão ou não. Quando levantou seus olhos cinza, a dureza que viu nos verdes o surpreendeu, porque não a esperava. Havia uma clara ameaça neles que compreendia muito bem; a desconfiança entre crentes e infiéis se nutria de séculos de antagonismo e guerras. Suspeitou que o receio do muçulmano pudesse dever-se não só a sua presença, mas reprimiu o sorriso sem permitir que aparecesse em seus lábios. Que surpresa irá levar se o infiel se por um momento tinha acreditado que o motivo de sua visita era dona Galiana e não seu pai. Roland não pensava revelar seus planos com respeito à dama no momento. Esperaria que o vento soprasse a seu favor; enquanto, o muçulmano devia ignorar suas intenções e seus propósitos com respeito a ela.

Yibrail tinha os ombros tensos e a mandíbula apertada, fez um gesto ao cristão com a mão para que dissesse o que tivesse que dizer, e dessa forma acabar o quanto antes com o assunto. Tinha postos seus olhos e sua atenção no indivíduo que tinha diante, mas seus pensamentos estavam com Rosália e o encontro que iriam ter esse entardecer.

Como mandava o protocolo, Roland voltou a fazer uma profunda reverência antes de romper o silêncio que se instalou na sala de audiências.

—Minha visita tem o único fim de pagar um resgate.

Yibrail arqueou as sobrancelhas em uma interrogação sem decidir a dizer nada.

—Dom Claudio Galiana de Ortuño, conde de Portas Negras, me envia a terras cordovêsas com uma solicitação fervente.

Roland não tinha elevado ainda o rosto, por isso Yibrail não pôde ver o brilho de seus olhos após dizer essas palavras.

Yibrail modulou o timbre profundo de sua voz antes de dar uma resposta.

—Não se reclamou resgate algum.

Agora sim que Roland elevou os olhos ao mesmo tempo em que os entrecerrava.

—Don Juan Galiana foi preso em Alarcos, e seu pai me envia como emissário com um pedido de indulgência por sua vida e uma mensagem de gratidão para Abu Yusuf por sua consideração.

Yibrail não pestanejou ao ouvir a insolente solicitação.

—Dom Juan Galiana não está em domínios de Córdoba a não ser em Alarcos, sob custódia de meus homens de confiança.

Roland negou com a cabeça de forma eloquente sem abandonar sua postura firme.

—O herdeiro de Portas Negras não se encontra na fortaleza de Alarcos —foi seu direto comentário.

Yibrail converteu seus olhos em uma linha para ocultar sua surpresa. Ele desconhecia esse detalhe, quem teria ousado desobedecer a suas ordens? Ao momento apertou os lábios com força ante a suspeita. Voltou seu rosto para Raysen com uma interrogação no olhar que o outro entendeu à perfeição. Assentiu de forma apenas perceptível, e Yibrail confirmou que o capitão de sua guarda conhecia os movimentos de Abu, e seu silêncio resultava mais que suspeito. Falaria mais tarde com Raysen.

—O derrotado dom Juan Galiana se encontra sob a custódia de Abu em Isbiliya — disse Yibrail ao cristão.

Resultava de todo impossível ocultar nada a seu primo e califa. Afogou uma exclamação violenta para que o visitante não se desse conta de que ele tinha ignorado o paradeiro de dom Juan Galiana até esse preciso momento.

—O conde deseja saber qual é o preço da liberação de seu único filho.

Yibrail acariciou o queixo durante uns segundos meditando a resposta.

—O herdeiro de Portas Negras é prisioneiro de Abu Já'qub Yusuf, só ele pode responder a essa pergunta.

Roland agarrou ainda mais forte o punho de sua espada ao mesmo tempo em que endurecia o semblante.

—Serei recebido em Sevilha?

Yibrail não respondeu.

Sabia que Abu tinha um propósito que ele ignorava, mas se os Navarro tinham combinado a vida do emissário não correria perigo.

—Redigir-lhe-ei uma recomendação de audiência.

Roland assentiu com a cabeça sem afastar a vista do príncipe, que se dirigiu para sua mesa finamente esculpida, pegou a pluma e escreveu umas linhas; as que assegurariam o pescoço do cristão em terras de Sevilha.

—Posso presumir que o califa almohade Abu Já'qub Yusuf aceitará e aprovará que eu seja o intermediário de fazer efetivo o resgate?

Os lábios de Yibrail se apertaram em uma careta que Roland não atinou compreender. Conhecendo seu primo, supunha que Abu tinha seus motivos para manter o herdeiro nas masmorras de seu palácio.

—Por que um conde castelhano recorreria a um vassalo Navarro para atuar como emissário de seu pedido?

Yibrail já conhecia a resposta, mas mesmo assim o provocou para que a oferecesse.

—Minha vassalagem está comprometida com o rei Sancho desde meu nascimento, mas o conde de Portas Negras é amigo de meu pai.

A resposta não era a esperada. Yibrail tinha se precavido em todo momento da atitude defensiva e alerta que mantinha o Navarro em sua presença. Seu aspecto mostrava às claras que sua força a vendia ao melhor licitador e soube de forma instintiva que o emissário não era tudo quão franco deveria. Ocultava algo, mas Yibrail não suspeitava o que.

—Posso lhe oferecer a hospitalidade... —Roland negou com a cabeça de forma instantânea, o que provocou certo alívio em Yibrail que pretendia manter oculta a presença de Rosália a todo custo.

—Por que não foi liberado dom Juan Galiana ao mesmo tempo em que dom Diego López de Haro e o grosso de seus homens?

Yibrail sustentou seu olhar com certo receio. O Navarro demonstrava uma insolência em seu porte e suas palavras que o incitavam a ser brusco, mas se conteve, estudou ao homem e admirou sua fortaleza e têmpera, embora não seu descaramento e atrevimento.

—Ignoro os pensamentos de Abu Já'qub Yusuf a respeito, mas sempre há um motivo para toda decisão.

Essas simples palavras continham mais informação do que parecia a simples vista e Roland as entendeu cabalmente. Yibrail estendeu a recomendação de audiência e o despediu com a mão sem uma palavra mais. Roland pegou o pergaminho de forma pressurosa e o guardou na bolsa de pele que tinha encostada ao seu cinturão e segura com uma fita para assegurá-la.

—Ás-salaam-alaykum — se despediu Roland.

—Wa'alaykum-salaam — respondeu Yibrail.

Capítulo 16

Quando o Navarro abandonou por fim a sala de audiências, Yibrail olhou Raysen com uma pergunta colérica nos olhos. Cruzou os braços sobre o peito em atitude desafiadora e esperou uma explicação por sua parte que não demorou a chegar.

—O próprio dom Juan Galiana foi quem revelou sua identidade ante uma pergunta feita por Abu quando visitou os prisioneiros no campo norte da fortaleza de Alarcos.

Yibrail seguia com o olhar os passos que dava Raysen pela estadia.

—O herdeiro de Portas Negras se encontrava junto com o resto dos prisioneiros?

O capitão separou as pernas ligeiramente, um tanto sobressaltado.

—Acreditei conveniente mantê-lo junto aos outros detentos para não despertar as suspeitas nem a ira do califa se chegasse a descobrir seu paradeiro.

Yibrail fechou os olhos um momento ante essas palavras.

—Lamento meu engano — acrescentou o outro.

—Quando pensava me notificar isso.

O silêncio de Raysen foi tudo o que obteve por resposta.

—Conhece o motivo para levá-lo a Isbiliya?

Um pigarro incômodo se ouviu na sala durante uns segundos. Yibrail começava a entender o porquê da atuação de seu primo, além disso, do silêncio de seu capitão.

—Dom Juan Galiana é sua peça dissuasiva. Suas palavras foram que você entenderia o motivo de seu raciocínio e a desconfiança para sua atuação.

Yibrail entendia muito mais que isso, mesmo assim, resmungou de forma violenta pelo giro que tinham tomado os acontecimentos. Tinha prometido à castelhana liberar seu pai para mantê-la junto a ele enquanto a seduzia; agora Abu tinha a última palavra sobre o assunto, e desse detalhe não gostava absolutamente.

—Quanto tempo me subtrai?

Raysen moveu uma perna nervoso pela pergunta esperada e que não o fazia graça responder.

—Duas semanas a partir de hoje.

Yibrail suspirou com certo alívio, ainda tinha tempo para levar a cabo seu plano.

—Deu meu recado a dona Galiana?

O outro fez um leve assentimento de cabeça.

—Retire-se e deixe que trague a sós este sorvo de traição.

Raysen o agradeceu no ato, mas antes de alcançar a porta, voltou-se pela metade para dizer:

—Abu não perdoará a vida de dom Juan Galiana.

Yibrail já sabia, mas não queria pensar nisso de momento, não quando tinha tão perto o triunfo.

—Dona Galiana saberá que mentiu para ela e que burlou de seus princípios mais sagrados — acrescentou.

—E crê que me importará o que pense depois uma escrava cristã?

Raysen o olhou durante um instante tão longo e tão profundamente que, por um segundo, Yibrail sentiu a necessidade de desculpar seu áspero tom de voz, mas se conteve. Finalmente, Raysen partiu deixando-o completamente sozinho.

Rosália tirou a cabeça da água com um sorriso espontâneo. Nadar no lago produzia quietude, um controle inexplicável como não havia sentido nunca. Podia mover-se na água sem afundar-se e chegar até o outro extremo sem problemas. Yibrail só tinha ensinado em uma única lição a manter-se a flutuação, mas graças à infinita paciência e ajuda de Amed, tinha aprendido a mover-se dentro da água a vontade. Agitou os braços com força e centenas de gotas se pulverizaram sobre sua cabeça e caíram como uma carícia sobre sua pele, que havia se tornado receptiva às sensações. Tampou o nariz para manter-se de barriga para baixo movendo os pés sem ritmo nem controle, mas voltou a endireitar-se quando seus pulmões ameaçaram estalar pela falta de ar. Quando recuperou a respiração e os batimentos do coração, deitou-se de barriga para cima com os braços em cruz e fechou os olhos para liberar suas emoções. A água, agitada por seus dramalhões anteriores, movia seu corpo lasso em um constante movimento que a adormecia e arrancava um sorriso trêmulo a seus lábios relaxados. Quando retornasse a Toledo ia fazer construir um lago para seu banho exclusivo dentro das dependências da asa sul do castelo de Portas Negras. Era um prazer ao que não ia renunciar agora que o tinha descoberto. Moveu os braços de forma suave e compassada para que a água seguisse balançando em sua agitação. Tão concentrada estava em seus pensamentos que não notou a presença que parou junto a ela no lago até que sentiu o roce da mão suave sobre seu abdômen; afundou-se sem

remédio ao tempo que entrava água pelo nariz por causa da surpresa. Quando pôde enfocar a vista e cessaram os estertores da tosse, contemplou consternada que Yibrail a olhava com um desejo feroz em suas pupilas negras.

—Não pretendia assustá-la, não me ouviste quando a chamei.

Ela tentava afastar a água do rosto e do cabelo antes de poder responder.

—Estive esperando que chegasse faz um bom momento — acrescentou ele.

Rosália esboçou um sorriso tenro.

—A caminhada do povoado até o palácio levou mais tempo do que acreditava e desejava me refrescar um pouco antes de ir a seu chamado.

A mão de Yibrail colocou uma mecha de cabelo castanho atrás da orelha dela em uma íntima carícia.

—Seguimos com sua aula?

Rosália reprimiu um sorriso para ocultar a sensação prazerosa que tinha produzido sua oferta. Por nada do mundo ia confessar-lhe que Ameda tinha ensinado a nadar; desejava tanto sentir sobre seu corpo o tato de seus braços firmes que não duvidou nem um segundo. Yibrail a estava obsequiando com esse gozo supremo, e ela, que se sentia sedenta, aceitou imediatamente. Pôs as mãos sobre os ombros dele, nus sob suas palmas, embora levasse postos as calças negras de seda.

—Onde ficamos a última vez?

Essas palavras, ditas em um murmúrio deram asas a seu coração, que voltou a encolher-se ante a dúvida, mas o amor dentro de seu peito crescia a tal velocidade que Rosália decidiu lançar-se pelo precipício do desejo sem medir as consequências da queda. Subiu seus dedos até alcançar a nuca dele e agarrar seus cachos, que segurou entre seus punhos como se não quisesse soltá-los nunca. Yibrail não teve mais remédio que inclinar a cabeça ao encontro de seus lábios, que se abriu para ele com toda a candura e a imprudência da juventude.

—Aqui...

Os lábios dela se uniram aos dele em um contato leve, mas preciso. As mãos dele subiram até sua cintura para segurá-la ao tempo que cobria sua boca com uma posse total. Uma vez que começou o beijo já não pôde parar. Os lábios de Rosália se abriam a feroz exigência dele, que afundava sua língua na cavidade úmida e suave para desfrutar de seu sabor delicioso. Rosália se apoiou contra seu torso, flexionando os joelhos para não cair ante a avalanche de emoções que produzia a língua dele. Yibrail foi plenamente

consciente de seus seios turgentes pegos a sua carne; a necessidade de tocá-lo era tão forte que não sabia como podia conter seu ímpeto. Começou a acariciar o interior da boca de Rosália com sua língua, jogando o eterno jogo de dominação masculina; queria subjugar-lá, necessitava-o, sentia como ela se prendia de sua força até o ponto de roubar seu sentido. Ele era o professor, mas a inocente ingenuidade de sua resposta ao seu beijo exigente subtraía prudência a sua mente. Ofegou de forma involuntária quando as mãos de Rosália abandonaram sua cabeça para descer por seus ombros até as deixar descansando nos músculos de sua cintura. Yibrail sentiu como se endurecia por momentos, mas não poderia deixar de beber dos lábios dela embora sua vida dependesse disso. Foi atraindo-a para os degraus do reservatório até alcançar o primeiro, onde se sentou e a recostou sobre ele sem que ela se precavesse. A água oscilava de forma rítmica pelos movimentos dos dois, realizando suaves passadas por seus corpos sem chegar a incomodá-los.

Então, Yibrail trocou de estratégia; os beijos se voltaram mais sensuais e eróticos, com sua língua foi desenhando os lábios dela ao mesmo tempo em que os mordiscava com os dentes, passava de beijos curtos e quentes a outros lentos e apaixonados que conseguiam desconcertá-la, porque Rosália não sabia o que viria a seguir. Afastou-a levemente para sentá-la sobre seu colo e extasiar-se com seus seios generosos molhados sob a túnica branca. Inclinou a cabeça para lambe o mamilo erguido sob o sedoso tecido, que ele reclamou com uma paciência infinita, mas insaciável em extremo. Rosália se arqueou para trás por instinto quando sentiu como suas mãos subiam por suas coxas nuas. Yibrail as deixou descansar em seus arredondados quadris onde as manteve durante um momento antes de continuar ansiosas a atrevida ascensão. De novo a ávida boca capturou a sua em um beijo profundo e longo que a fez gemer com um desejo palpitante que ia se instalando em seu ventre, enchendo-o de faiscantes sensações. A túnica de seda tinha começado a descer por seus ombros deixando ao descoberto seus alvos seios. Yibrail deslizou seus lábios ardentes pelo pescoço de Rosália deixando um rastro úmido com sua língua até alcançar o rosado mamilo, que cobriu por completo até a deliciosa aréola. Sentia-se com um apetite voraz, jamais poderia saciar-se de seu sabor e sua ingenuidade, estava louco por ela, e esse desejo fez que a aprisionasse ainda mais forte entre seus braços.

—Amo-a até um ponto insólito em mim.

O sussurro em seu ouvido a confundiu ainda mais. Custava-lhe respirar pelos beijos e pelas carícias sobre seus seios, que conseguiam enjoá-la de prazer.

—Eu... Também o amo... Meu senhor. —As palavras saíam entre ofegos de seus lábios, que seguiam um caminho anárquico pelos ombros dele sem ser apenas consciente de seu atrevimento.

—Venha então para que possa demonstrar isso. Minha rosa — sussurrou Yibrail enquanto ficava em pé e a tomava em seus braços.

Rosália se aferrou a seu pescoço enquanto a elevava contra seu peito para levá-la para o quarto. A roupa de ambos ia deixando um caminho de água após os passos dele, mas eles não eram conscientes nada mais que de olhar um ao outro com adoração.

Quando os pés de Rosália tocaram o chão, contemplou como Yibrail se desfazia de suas calças, que ficaram jogadas aos pés do leito; a túnica molhada dela correu a mesma sorte. O desejo em ambos tinha alcançado um nível extremo. Yibrail salvou de uma pernada a distância que os separava do lado da cama, e com suas mãos fortes a levantou pela cintura nua e a depositou sobre o confortável leito. Uma vez que a teve estendida ante seus olhos e vestida somente com seu cabelo úmido, começou a percorrer sua pele de alabastro centímetro a centímetro. Durante um segundo, Rosália sentiu o impulso de tampar-se com a colcha fresca, mas um movimento da cabeça de Yibrail impediu que o fizesse. Tentou superar a vergonha que produzia o escrutínio dele, pois nunca ninguém a tinha olhado de forma tão penetrante.

—Não há nada mais formoso no mundo que a perfeição de seu corpo nu... —Não terminou a frase— Preciso tocá-la ou me voltarei louco de desejo.

Voltou a apoderar-se da boca dela com um beijo ardente e cheio de promessas. Yibrail foi deixando um rastro de beijos por seu pescoço, seu seio e ventre até o nascimento de seu púbis, onde deixou descansar a bochecha. Sua boca ficou muito perto de seu centro feminino. Rosália podia sentir seu quente fôlego sobre seus cachos escuros.

—Ainda não está pronta para me receber.

Nada a tinha preparado para a descarga que sentiu quando a boca dele começou a beijá-la de forma íntima, seus dedos acariciaram suas dobras aveludadas de tal forma que produziu uma sacudida inesperada. Estava absolutamente desconcertada e muito ocupada em canalizar as diversas sensações para elaborar um protesto coerente capaz de detê-lo. Intuíu que o que Yibrail fazia era perverso e pecaminoso, inclusive para duas pessoas que se amavam como eles, mas a língua dele, que uns momentos antes tinha sitiado sua boca, seguiam pinçando dentro dela, procurando a pérola escondida. Arqueou-se com frenesi e enterrou os precpnceitos e os remorsos no mais profundo de sua alma para que não saíssem jamais e agarrou com

força a colcha da cama para afogar os ofegos que ameaçavam explodir com um grito.

Mas não podia suportá-lo; estava tão excitada e sentia tal formigamento em seu interior, que pensou que ia incendiar o colchão de um momento a outro. Quando a língua dele a penetrou ainda mais profundamente acreditou que já não importava se gritava ou não.

Yibrail bebeu seu clímax por completo. Sem permitir que cessasse a última onda de prazer, recostou-se em cima dela com supremo cuidado para não esmagá-la com seu corpo grande e começou a penetrá-la com lentidão, centímetro a centímetro enquanto Rosália seguia relaxada após a experiência maravilhosa que a tinha sacudido uns instantes antes. A essência acetinada dela o voltou completamente louco, já não podia deter-se, desejava possuí-la por inteiro, e embora a sentisse esticar-se quando chegou à barreira de seu hímen, empurrou com força até rompê-la. Manteve-se quieto para que ela se acostumassem à invasão de seu membro, que seguia duro e palpitante em seu quente interior.

—Rodeie-me com suas pernas, minha rosa.

Ela tinha recuperado a respiração e, embora o ter dentro resultava mais molesto que grato, não desobedeceu. O leve movimento não produzia o dano severo do início de sua invasão. Yibrail ao ver que voltava a relaxar-se começou um ataque enérgico, mas sem brutalidade. Estava duro como o mármore, palpitante e a ponto de explodir. A tinha desejado durante tanto tempo que agora que se encontrava em seu interior se sentia incapaz de prolongar seu desfrute até que começasse de novo o dela. Empurrou mais e mais forte, movendo-se sobre a pele dela em uma fricção escorregadia devido à capa de suor que começava a brilhar em seus corpos nus. Para assombro de Yibrail, Rosália começou a converter-se em fogo líquido sob seus embates; contemplou como se obscureciam suas pupilas pelo prazer que voltava a prender nela. As investidas dele se tornaram mais profundas e mais rápidas, e seu desejo cresceu até o ponto de estalar, mas se conteve; seguiu movendo-se em seu interior até que os dois alcançaram o fio do precipício; ambos saltaram ao mesmo tempo.

Capítulo 17

Não havia nada mais formoso que despertar nos braços quentes e abrigada pelos beijos de Yibrail. Rosália ignorava em que momento da noite passada se agasalharam, mas não se importou. Sentia-se radiante, feliz e apaixonada.

—Bom dia, amor!

Rosália não pôde responder a sua saudação matutina porque Yibrail voltou a tomar posse de sua boca com um beijo tenro, muito diferente dos que tinha dado durante sua magnífica entrega amorosa.

—Amo-a, minha rosa...

Ela agarrou seu pescoço para que não afastasse a boca de seus lábios, que seguiam abrindo-se como uma flor à manhã, esperando mais demonstrações físicas de afeto genuíno.

—É hora de sacudir a preguiça e tomar um bom banho.

A dentada brincalhona em seu ombro tinha o propósito de despertá-la por completo e o conseguiu.

—Sinto-me imensamente feliz, meu senhor.

Yibrail entrecerrou seus olhos verdes sem perder detalhe de seu rosto, ainda com rastros do sono não vencido.

—Mas fica uma conversa pendente antes que se esfrie a razão...

Não lhe permitiu continuar, selou seus lábios com um dedo.

—As palavras em ocasiões obscurecem momentos maravilhosos...

Rosália entendeu que ele postergava a conversa sobre a união pecaminosa de seus corpos e, embora a dúvida beliscasse seu coração durante um instante, permitiu que a felicidade se impusesse à lógica.

—Só pretendia informa-lhe de que o libero de qualquer obrigação com respeito a mim, pois minha entrega foi voluntária.

Ele esboçou um tenro sorriso que ela entesourou muito dentro de sua alma, como se fosse o único que fosse obter dele.

—Não penso me arrepender do passo que dei meu senhor — acrescentou.

Yibrail cravou suas pupilas nas dela com um silêncio mortal.

—Só queria mencioná-lo para que não houvesse dúvidas a respeito.

—Sempre fala tão justo ao despertar?

Rosália se esticou pela brincadeira inesperada, mas os olhos dele mostravam um carinho que conseguiu acalmar a ansiedade de seu estômago.

—Têm minha palavra. Falaremos no momento oportuno, mas até então me permita que siga desfrutando do prazer de contemplá-la e me extasiar com seu aroma.

Rosália aceitou com prazer a singela declaração dele e soltou um suspiro profundo ao acreditar que o amor que se professavam triunfaria por cima das crenças e os ideais.

Yibrail voltou a beijá-la para apagar a incerteza de seu rosto enquanto, sem sabê-lo nenhum dos dois, o desastre se abatia sobre ela de forma implacável. Não podia dar as costas a toda uma vida de crenças sem sofrer o resultado.

Em sua mente já não cabia o arrependimento pelas horas compartilhadas com ele, o valor para analisar sua ousadia tinha ficado sepultado junto com seus preconceitos e pudores no mais profundo de seu coração feminino. Sentia-se atrevida e terrivelmente apaixonada, não importava o futuro nem o passado, só o presente, porque podia tocá-lo com as mãos. Exalaria o último fôlego de dúvida quando Yibrail tomasse sua decisão com respeito a sua fé, mas não antes, como ele tinha mencionado nas horas passadas. Embora Rosália não se enganasse; assim como sentia a enormidade de seu amor, era plenamente consciente de que seu concubinato iria finalizar cedo ou tarde. Sabia, mas a esperança resultava tão formosa que seguia alimentando-a como se fosse um cachorrinho recém-nascido. Sentia vontade de dançar de forma pecaminosa, sentia-se tão livre como as roupas que levava postas e seus olhos as percorreram com um sorriso nos lábios. Todas e cada uma tinham sido um presente de Yibrail para seu desfrute. Gostava de vê-la embelezada como uma princesa muçulmana. Aquela indumentária de infiel era uma ninharia comparada com os sentimentos que a inspiravam de atrevimento e vontade. A iminente alegria se converteu de repente em desolada resignação, tornou-se completamente louca. Ao evocar sua entrega a Yibrail sentiu vergonha, durante um breve instante o frio de sua atuação começou a angustia-la com força. Era uma pecadora impenitente e contumaz, mas como podia o amor ser algo imoral quando estava cheio de sentimentos tão profundos? Por que não sentia remorsos por sua atuação tão pouco cristã? Já não podia pensar em nada mais que nas mãos de Yibrail acariciando seu corpo, em seus lábios reclamando os seus, que se mostravam submissos e desejosos de mais contato físico.

Tinha fome dele!

Amava-o tão profundamente que se sentia incapaz de recordar que propósito tinha sua vida até que ele chegou. Sentia-se nova e plena, ávida de

seguir experimentando os prazeres profundos das relações entre um homem e uma mulher, embora os tivesse descoberto tão recentemente naquele mundo exótico, livre e cheio de magia. Não podia negar que seu desejo mais profundo residia em sua obsessão de que Yibrail se convertesse ao cristianismo, e não saber que passos devia dar para persuadi-lo, além de entregar seu amor, produzia-lhe um verdadeiro quebra cabeça. Tinha que seduzi-lo com suas palavras, atraí-lo com sua paciência e bondade até convertê-lo em um converso à fé verdadeira. Rosália seguiu hesitante e desencorajada, sabia que a apostasia¹⁹ no islã não era uma simples palavra, continha a possibilidade de uma condenação a morte, mas se Yibrail morava em terras castelhanas e lutava pela fé verdadeira, estaria protegido por Deus e por seus irmãos na fé.

Essa nova perspectiva fez florescer de novo sua confiança.

Riu de forma ufana e inverificada, seu corpo não podia conter tanta felicidade sem lhe dar uma saída, porque ia se voltar louca. Sentiu o impulso de baixar a Córdoba e gastar em presentes para Yibrail os maravedíes que lhe tinha dado para seu uso pessoal enquanto gozasse da hospitalidade de sua casa. Sabia qual seria o presente perfeito para ele: o jogo de xadrez de fino cristal que tinha contemplado cheia de admiração no mercado da cidade dias atrás, mas devia evitar que a acompanhasse Dayeah... E se pedia a Amed que a escoltasse? Yibrail não poria objeções se não saísse sozinha do palácio. Sua impulsividade se antepôs a sua razão e já pôs a capa de seda verde antes de permitir que a dúvida menosprezasse sua determinação de comprar um presente a Yibrail, o único amor de sua vida.

Percorreu com pressa silenciosa os corredores de suas dependências procurando seu guardião sem encontrá-lo; cruzou a sala de música sem deter-se para observar como em ocasiões anteriores os diversos instrumentos que adornavam uma das zonas mais confortáveis do palácio. Parou um instante no jardim das rosas, mas tampouco ali o divisou, embora sim fechasse os olhos para aspirar às sugestivas fragrâncias das flores abertas à morna manhã. Cruzou o arco das sete estrelas que dividia os quartos dos banhos e o encontrou sentado em uma banquetta, polindo a prata de seus alfinetes e braceletes. Devia ter ofegado sufocada porque Amed elevou seus

¹⁹ Em grego antigo ἀπόστασις [apóstasis], "estar longe de" não se refere a um mero desvio ou um afastamento em relação à sua fé e à prática religiosa. Tem o sentido de um afastamento definitivo e deliberado de alguma coisa, uma renúncia de sua anterior fé ou doutrinação. Pode manifestar-se abertamente ou de modo oculto.

Dependendo de cada religião, um apóstata, afastado do grupo religioso no qual era membro, pode ser vítima de preconceito, intolerância, difamação e calúnia por parte dos demais membros ativos. Um caso extremo, é aplicação da pena de morte para apóstatas na religião islâmica em países muçulmanos, como por exemplo, na Arábia Saudita e Irã.

olhos negros para olhá-la com franca curiosidade, e ao ver seu gesto contrariado esboçou um sorriso cheio de afeto.

—Minha senhora assustei-lhe?

Ela negou com a cabeça ao mesmo tempo em que abria a capa para tirá-la.

—Pensava ir a algum lugar? —E ao dizê-lo fez uma piscada pícara.

—Quero que me acompanhe a Córdoba para comprar um presente.

O rosto de Amed se contraiu em uma careta incrédula bastante graciosa.

—Assim que acabar o trabalho que me subtrai minha senhora.

Ela já esperava essas palavras e não desanimou.

—Vou ajudá-lo com as tarefas que o mantêm longe de meus requerimentos. —Calou um momento enquanto se sentava junto a ele em uma das banquetas vazias— Reconheço que nunca limpei a prata, mas sempre há uma primeira vez, não é certo?

Amed se levantou com uma agilidade incrível por ser um homem bastante corpulento.

—Isso é de tudo impensável, não pode fazer trabalhos de escrava. Dayeah estará desejosa de acompanhá-la, minha senhora...

Rosália não pensava lhe deixar nenhuma via de escape.

—Tenho que comprar um presente para ela e, como compreenderá, não poderei fazê-lo se me acompanha.

—Meu senhor outorgou sua permissão?

Ela duvidou um instante, mas terminou assentindo com a cabeça com total descaramento. Comprar o presente bem valeria a reprimenda depois, embora, se estava à metade do que ela lhe tinha reservado, não deixaria oportunidade de abrir a boca salvo para beijá-la.

—Permita-me que vos coloque o véu que faz jogo com essa capa que se empenha em maltratar.

Rosália tinha se esquecido do véu por completo, não estava acostumada a utilizá-lo no palácio, mas sabia que uma mulher nunca devia sair ao encontro do mundo com o rosto descoberto. Posou seus olhos na capa que apertava sem razão entre suas mãos convertendo-a em uma massa enrugada.

—Sinto-me tão nervosa que não tinha me dado conta.

Tentou inutilmente alisá-la com suas mãos, mas Amed a arrebatou para colocá-la sobre seus ombros com um sorriso.

—O passeio até a cidade a alisará, minha senhora, não deve se preocupar.

Capítulo 18

Corduba pareceu ainda mais fascinante que a primeira vez que posou seus olhos nela, suas ruelas eram como um labirinto caprichoso para que brincassem os amantes em buscar-se entre suas paredes cálidas.

—Cheira maravilhosamente! —A exclamação de deleite arrancou um sorriso a Amed, que a contemplava cheio de curiosidade— Por que caminha detrás de mim? Acaso teme me alcançar? —Ela seguia rindo de forma cantante ao mesmo tempo em que oferecia a mão ao eunuco para que a pegasse.

—Não posso caminhar ao mesmo tempo em que você, minha senhora...

Rosália se deteve no ato após escutar suas palavras, fazendo que a ligeira capa verde formasse redemoinhos entre seus pés que se detiveram.

—Sou um escravo — recordou Amed.

Os olhos dela se encheram de uma tristeza sincera por essa plaina afirmação dita sem rancor algum. Havia tantas coisas naquele mundo islâmico que não compreendia... Rememorou a loucura que a havia possuído essa mesma manhã ao tratar de convencer-se de que ganharia Yibrail para sua fé... Uma fé que não a tinha protegido contra a imoralidade de seus pensamentos e sua atuação pouco judiciosa.

Inspirou para dar-se ânimos.

—Juro que um dia o farei um homem livre!

O sorriso de Amed a deslocou de tudo porque não o esperava; o rosto do guardião se transformou por completo.

—Só meu senhor pode decidir algo assim.

Rosália abriu os olhos com assombro; tinha passado por cima que Amed respondia unicamente ante Yibrail, só a atendia em seu breve passo pela vida dele. Resmungou ante o pensamento traidor que tinha subtraído brilho a seu olhar. Suas pupilas se obscureceram pelo pesar durante um momento, afogando o gozo pelo instante de felicidade que já tinha saboreado.

—Têm minha mais firme palavra, Amed. Será um homem livre. —E o olhou de forma intensa e convencida antes de reiniciar o caminho para o centro da cidade com o rosto sombrio e os lábios firmemente apertados, mas dois passos por diante dele, como marcavam as normas.

Não havia mercado! Como era possível! Uns dias atrás tinha desfrutado junto com Dayeah de seu passeio entre os diversos postos. Queixou-se para si mesma, já não poderia comprar seu presente para Yibrail.

—Tinha a ilusão de encontrar um jogo de peças de cristal que vi o outro dia aqui mesmo, neste preciso lugar. —Rosália baixou a cabeça para assinalar a Amed onde tinha estado o posto de mercado.

Ao contemplar sua desilusão, ele decidiu ajudá-la.

—Minha senhora conheço um artesão do vidro que tem sua loja perto da praça, antigamente tinha formosos jogos de xadrez de diversas cores.

Ela assentiu com entusiasmo ante a sugestão; alegrava-se enormemente de ter levado consigo Amed, pois, do contrário, agora estaria ruminando sua impotência.

—Mas deverá esperar fora da loja durante um momento enquanto consulto se pode recebê-la.

Rosália pensou que isso não seria obstáculo, essas distinções entre homens e mulheres a incomodariam em terras castelhanas, mas não pisando em terras cordovêsas.

Percorreram o meio-fio entre as risadas de Rosália e as advertências de Amed de que contivesse sua emoção ante os transeuntes, sem que ela se preparasse a obedecê-lo; transbordava felicidade por cada poro de seu corpo. Em um dos momentos em que se voltava para dizer que caminhasse mais de pressa, sua costa se chocou contra um muro, ou isso pareceu a ela. O aviso de Amed chegou muito tarde, e não caiu ao chão sobre suas nádegas porque foi segura por uns braços fortes e mantida instável sobre o meio-fio de terra.

—Desculpe minha estupidez, senhora! Caminhava distraído.

As pupilas de Rosália se contraíram ao ouvir o acento castelhano do norte.

—Dona Galiana...?

Rosália jogou os ombros para trás tentando ver a cara de seu salvador, mas como mal roçava o chão com os pés porque ele seguia sustentando-a de forma firme, quão único acertava ver era um pescoço duro e um queixo bem definido. Amed foi a sua ajuda imediatamente, obrigando com seu olhar que o estranho a soltasse. O homem o fez meio relutante, e esse detalhe não escapou ao escrutínio do eunuco, que enrugou o cenho em sinal de advertência, mas se manteve em silêncio, como correspondia a um escravo.

—Conhece-me, meu senhor...? —Deixou a pergunta inacabada porque desconhecia o nome do homem que agora tinha dado um passo para trás e se inclinava com supremo respeito.

—Minhas mais sinceras desculpas, senhora, meu nome é Roland Roux de Béarn, aos seus pés.

Rosália afogou uma exclamação. O estranho compreendeu o olhar confuso dela ao ouvi-lo falar em perfeito latim apesar de ter um nome estrangeiro.

—Sou vassalo do rei Sancho de Navarra, minha senhora.

—Mas seu nome é galo, meu senhor.

Ele assentiu com a cabeça enquanto a percorria com o olhar com um brilho calculador em seus olhos azuis.

—Meu pai veio das terras de Béarn para apoiar ao rei Sancho o Sábio pelo tratado de Tudilén. O rei precisava contar com os recursos e o respaldo suficiente para enfrentar às consequências que dito tratado lhe impunha. Após dos acordos, meu pai decidiu estabelecer-se aqui graças à generosidade do rei, que entregou um pedaço de terra sem tributos no sudeste de Navarra. Eu nasci nessas terras, minha senhora.

Assim ficava explicado seu perfeito acento.

—Mas faço uso de meu nome de estrangeiro para me mover sem que minha condição de Navarro seja um problema.

—Como sabia quem sou? Presumo que não me conhece.

Roland a olhou com um sorriso franco.

—Seu avô, dom Claudio Galiana de Ortuño, conheceu meu pai em uma de suas viagens a Navarra; ambos compartilham negócios navais e, em cada visita ao meu lar, onde estava acostumado a hospedar com frequência, mostrava com orgulho o retrato pintado de seu filho e de sua neta. A última vez que o contemplei contava quatorze anos, mas não mudaste muito neste tempo transcorrido.

Rosália recordava o pequeno relicário que seu avô levava sempre consigo.

—Apesar dos conflitos atuais, meu pai e ele mantêm sua amizade, que perdura até o dia de hoje.

A mente de Rosália era um ferredouro de especulações. Debatia-se em uma dúvida constante, queria perguntar que notícias trazia de Castilla, mas devia conter seu ímpeto para não levantar suspeitas sobre sua presença em solo muçulmano estando ambos os reinos em guerra.

—Surpreso me acho de ver uma dama cristã em terras de Córdoba, minha senhora.

Ela se sentia incapaz de avaliar as palavras do Navarro, as havendo pronunciado este com um tom suscetível de interpretação.

—Eu poderia dizer o mesmo de você, meu senhor.

Roland fez uma piscada com um olho que ela ignorou por sua ousadia.

—Minha visita a Córdoba tem um propósito definido. Levo especiarias, que comprei aqui, a minhas terras em Navarra.

Ela se repreendeu interiormente pela ligeireza de suas deduções.

—Seria uma honra para mim poder oferecer-lhe minhas saudações como manda a cortesia castelhana —concluiu ele.

Rosália não sabia como sair da confusão em que estava colocada. Se reconhecesse que se encontrava sozinha, sem a presença de seu avô, o Navarro poderia tratar de averiguar que fazia ali e por que se encontrava tão longe de sua casa; mas para seu alívio, Amed foi ao seu resgate, e ela pôde soltar um suspiro de tranquilidade embora fosse momentâneo.

—Minha senhora tem pressa, senhor, não pode entreter-se mais.

—Aceitará minhas saudações e respeitos, dona Galiana, em outro momento mais propício e afortunado?

Rosália disse que sim e, sem estender a mão, começou a dar a volta.

—Hospedo-me no botequim de Sefarad — acrescentou o homem — se por acaso me necessitar...

Ela desconhecia esse lugar, mas assentiu com um gesto delicado para que não se sentisse afrontado por sua pressa. Amed não se mostrou tão ligeiro como ela.

—E por que razão a senhora iria necessitar sua ajuda?

A pergunta azeda de Amed não acovardou Roland, justamente o contrário; este esticou os ombros com uma advertência que o guardião entendeu perfeitamente.

—Logo terão minhas notícias — disse o Navarro por toda resposta.

Tanto a jovem como o eunuco contemplou sua marcha em silêncio.

—Deve se mostrar mais precavida, minha senhora —aconselhou Amed.

Rosália acelerou a marcha porque sua mente seguia especulando e decidindo. O encontro com Navarro tinha suposto conscientizar-se consigo mesma de sua forma de atuar e descer da nuvem em que subiu no momento em que se entregou a Yibrail. Falar com Roland, vê-lo, tinha avivado os rescaldos do arrependimento que ela se empenhava em manter apagados, mas sem consegui-lo.

—É aqui, minha senhora, vos rogo que espere um momento enquanto saúdo e falo com o artesão.

Rosália assentiu com a cabeça, mas sem separar os lábios; tinha o queixo erguido e o olhar brilhante. No momento em que Amed desapareceu pela porta de madeira, ela olhou a rua vazia ao mesmo tempo em que unia as

mãos em seu colo. Sentia-se inquieta, anormalmente receosa e seguia sem querer analisar a agitação que sentia no peito. Rezou em silêncio para que Amed não demorasse muito, pois não gostava de estar parada na estreita e vazia rua.

Quase esperava o pigarro que ouviu a suas costas, mesmo assim não queria dar a volta.

—Dom Juan Galiana não se encontra em Alarcos.

Agora sim que se voltou com o rosto cheio de incredulidade.

—Desculpe-me... Diz?

O Navarro estava plantado diante dela, com um olhar doente nos olhos. Certamente os tinha seguido rua abaixo esperando a oportunidade de abordá-la de novo.

—Envia-me seu avô, dom Claudio Galiana.

Rosália retrocedeu um passo.

—Levo em minha bolsa o resgate de seu pai, mas não o encontrei na fortaleza de Alarcos. Em um princípio acreditei que tinha sido liberado junto com dom Diego López de Haro.

A jovem tinha começado a respirar de forma trabalhosa.

—Por que o menciona agora? —disse.

Roland enrugou o cenho um pouco contrariado.

—Suspeitei que pudesse estar vigiada por esse guardião que não lhe tirou a vista de cima nem um só momento. Vim para libertá-la, dona Galiana.

Ela não queria ser liberada. Ou sim?

—Estou aqui por própria vontade — respondeu.

Por um momento, os olhos de Roland se esfriaram até parecer de gelo, e ela sentiu um ligeiro estremecimento.

—As últimas notícias que tenho de seu pai o localizam em Sevilha, detento do califa; temo que o tenham executado.

Rosália inspirou profundamente ante a surpreendente e demolidora revelação.

—Meu pai não corre perigo.

Roland sabia que terminava o tempo para tentar convencê-la de que fugisse com ele imediatamente. Quando a havia visto sozinha, tinha acreditado que era a ocasião perfeita de resgatá-la das mãos do infiel, mas tinha se equivocado.

—Seria muito mais fácil libertá-la se cooperar.

Ela assentiu apenas com um gesto.

—Necessito sua ajuda, senhora, pois ambos pisamos em terras muçulmanas.

Rosália não tinha modo de saber se ele mentia ou não.

—Como posso saber que não mente com respeito a meu pai?

—Seu avô a espera em Portas Negras; escoltá-la-ei até terras castelhanas e depois irei a Sevilha para oferecer ao califa um resgate por dom Juan, se é que segue vivo ainda.

Rosália negou com a cabeça várias vezes tentando convencer-se. Seu pai não podia estar morto.

—Tenho algo que demonstrará que sou sincero.

Roland extraiu de sua bolsa de pele a recomendação selada por Yibrail Ibn Ali dias antes. Rosália a leu com o coração palpitante e uma espessa amargura na boca.

—Como vê, seu pai está detento em Sevilha — disse o Navarro — Se lhe houverem dito o contrário, eles mentiram cruelmente.

Ela não se atrevia a dar crédito à prova que sustentava em suas mãos. Se fosse certo, Yibrail tinha mentido de forma descarada e premeditada, mas o que esperava conseguir com isso? Ao momento, um intenso rubor a cobriu dos pés a cabeça; sentiu-se enjoada ante a suspeita tremendamente dolorosa. Amed fez sua aparição nesse preciso momento e ficou a modo de escudo entre Rosália e Roland, olhando com fúria ao cristão por sua insolência ao abordá-la quando se encontrava a sós.

—Perdeu algo, Navarro? —O tom gélido de Amed fez Rosália sentir um estremecimento por todo o corpo.

—É à dama a que perdeu uma relíquia — respondeu o outro, e tirando um anel de sua bolsa, o estendeu. As grandes costas de Amed quase ocultavam a jovem por completo à visão, mas antes de posar seus olhos na joia, já sabia do que se tratava. Um selo familiar exatamente igual ao seu descansava inerte na palma da mão de Roland. Quando Rosália estendeu a sua para pegá-lo, seu coração deixou de pulsar durante um instante.

—É o selo de meu pai.

Amed olhava a um e a outro sem compreender do todo por que sua senhora se mostrava abatida e temerosa. Fazia só uns momentos estava sonhadora e alegre. Sabia que a culpa a tinha o Navarro, mas não podia fazer nada sem saber o que levava entre mãos.

—Um herdeiro só se separa de seu selo...

Ela o interrompeu:

—Quando morreu na guerra ou pela enfermidade. —Rosália fechou os olhos ante a dor surda e aguda que a paralisou ao contemplar a possibilidade de que seu pai efetivamente estivesse morto. O selo familiar só se enviava à família no caso de que se produziu a morte. Por que lhe tinha oculto Yibrail

semelhante informação? Como tinha ido parar aquele selo às mãos do Navarro?

—O anel deve ser devolvido a sua casa.

Ela assentiu levemente e fechou o punho em torno da joia, que levou até seu peito antes de baixar os olhos com um suspiro azedo.

—Minha senhora. —Roland se despediu e fez uma profunda reverência, ao tempo que dava um passo atrás para partir.

Rosália tentava tragar o nó que estava formando em sua garganta e que ia crescendo à medida que a razão ia penetrando em seu cérebro.

Tinha sido tão fácil esquecer-se de quem era e de onde vinha... Agora que sua consciência tinha despertado, sentia as chicotadas do arrependimento golpeá-la sem piedade.

Seguia parada na estreita ruela, sem poder dar um passo em um sentido ou em outro. A suave brisa começou a banhar entre suas pernas, que seguiam completamente imóveis no quente meio-fio. O aroma de pão recém assado impregnou suas fossas nasais, que se dilataram de forma instintiva sem que ela fosse consciente. Debatia-se entre o amor recém descoberto e a honra firmemente inculcada, que seguia acesa em seu peito com raízes profundas.

—Incomodou-a o Navarro, minha senhora?

Rosália não podia responder à pergunta formulada por Amed, seguia com o rosto cinzento e o olhar atormentado. Seu pai não podia estar morto, se fosse assim não poderia perdoar-se se consumiria na tristeza mais absoluta e no escárnio mais merecido.

—Voltemos para Garyana, Amed, estou um pouco enjoada. —Não era mentira. Da revelação de Roland, a adaga que tinha cravada no coração ia se afundando mais e mais na tenra carne produzindo uma agonia profunda.

—Acreditei que desejava o jogo de xadrez.

Agora não podia perder o tempo em banalidades — pensou ela— sentia a urgente necessidade de perguntar a Yibrail a veracidade das afirmações daquele homem. Que dissesse olhando-a aos olhos que a tinha enganado com respeito a seu pai com deliberada perfídia.

—Outro dia voltaremos para a cidade, mas esperamos que haja mercado.

Amed não se deixou enganar, sabia que a cristã a devorava uma dúvida, mas não sabia qual. Se o Navarro não tivesse aparecido, ela não teria perdido a alegria que a caracterizava. Teria que falar com seu amo a respeito desse encontro.

—Como gostar, minha senhora...

Capítulo 19

Tudo se complicava por momentos. Yibrail observou seu primo, seu modo natural e elegante de tirar as luvas de montar de pele e a capa negra que cobria sua delicada roupa, que deixou repousando em uma cadeira de respaldo alto. Continuando, Abu caminhou diretamente para ele com o rosto sério e o olhar seco. A paz que Yibrail havia sentido esses dias burlava agora dele com traição. Contemplou com certa apreensão como o califa enchia uma taça de cristal fino com água e a levava aos lábios com um gesto distinto e inato nele.

—Honra minha casa com sua presença, primo.

Abu apurou a água e secou a comissura dos lábios com um guardanapo de linho fino.

—Necessito-lhe no Qal'at Rabah²⁰.

Yibrail lavou as mãos em uma bacia cheia de água e as secou com um pano suave sem deixar de olhar seu primo antes de tomar assento e servir um chá temperado junto com baklavas cheios de tâmaras.

—Acreditava que a fortaleza estava assegurada.

Abu assentiu enquanto aceitava a xícara com gesto de agradecimento.

—Está virtualmente arruinada pelo assédio, necessitamos sua imediata reparação; sua localização é importante para conservar livre o passo de Guadiana e as comunicações entre Córdoba e Qal'at Rabah antes de sitiar Tulaytulah.

Yibrail fez um gesto de assentimento; a fortaleza de Qal'at Rabah tinha sido uma fortificação militar e civil importante que tinham perdido quatro décadas atrás às mãos do rei Alfonso VII.

Seus antepassados árabes a tinham situado sobre uma alta e redonda colina de terra, rodeada por um largo e profundo fosso cheio com água do Guadiana. A fortaleza, de sólidos torreões e de larga e espaçosa praça de

²⁰ Calatrava durante a Alta Idade Média foi à única cidade importante no rio Guadiana vale. Assim, guardadas as estradas para Córdoba e Toledo.

Seu nome é derivado do árabe *Qal'at Rabah* o arap aicnêrefer amu ("habaR ed azelatrof") لمعة رباح mouro nobre que realizada nesta área no século oitavo, embora, como uma fortaleza pode datar ainda mais cedo - para Ibérica vezes.

armas, continha uma numerosa guarnição e era difícil que fosse surpreendida devido a suas robustas muralhas e à larga planície que se estendia a seus pés.

—Quando se espera minha partida?

As palavras tinham soado um pouco secas, mas Abu não deu maior importância.

—Em uma semana a mais demorar.

Yibrail olhou seu primo durante um breve segundo antes de perguntar:

—Amuminin segue em Alarcos?

O califa negou com a cabeça enquanto bebia o último sorvo de chá.

—Está preparando ao exército. Breve partiremos para Tulaytulah.

Yibrail assimilou a informação.

—Está vivo o herdeiro de Portas Negras?

Abu não respondeu imediatamente, mas sim tomou o tempo que acreditou necessário antes de responder a insolente pergunta.

—Fiz uma promessa de sangue.

Yibrail assentiu, recordando suas palavras.

—Deverá escolher entre a vida do herdeiro ou a vida da cristã — prosseguiu o califa.

Escutar a sentença foi como um raio que o deixou aturdido.

— Quando? —atreveu-se a perguntar.

—Cinco dias a partir de hoje.

Quer dizer, que tinha esgotado o tempo.

—Liberarei à castelhana em quatro.

Abu assentiu com a cabeça dando o tema por concluído. Yibrail se esticou ante a certeza da morte de dom Juan Galiana e sua incapacidade de cumprir sua palavra de mantê-lo vivo.

—Espero-o em Isbiliya dentro de três dias junto com a cristã.

Yibrail negou com a cabeça várias vezes. Seu primo acabava de reduzir o tempo de cinco a três dias.

—Devo liberá-la antes — respondeu.

Abu entrecerrou os olhos, surpreso.

—Deve compreender o sacrifício que faz e estar presente quando executarem seu pai.

Yibrail estava a ponto de soltar uma maldição. Se Rosália chegava, a saber, que ele tinha escolhido a vida dela pela de seu progenitor, não iria perdoá-lo nunca. Como esperava Abu que, além disso, matasse seu pai estando ela presente?

—Deu-me sua palavra, Yibrail — recordou-lhe o califa.

—Minha palavra de que a liberaria quando estivesse cativo de meus sentimentos e ela tentasse manipulá-los em seu favor.

Abu negou com um gesto.

—Dona Galiana é a chave que nos abrirá o castelo de Portas Negras para tomar Tulaytulah.

Yibrail tentou conter o impropério ante o engenho e inteligência de seu primo. A localização do castelo resultava estratégica para sitiar a cidade fortemente murada sem necessidade do sacrifício de homens. Poderiam estar abastecidos durante meses graças à comunicação entre o Qal'at Rabah e Portas Negras.

—Se sacrificarmos ao herdeiro, pode ser que o conde não ceda a nossa coação.

Abu sorriu de forma espontânea ante a afirmação de seu primo.

—Então deverá sacrificar à cristã. Uma mulher tem menos valor que um herdeiro.

Yibrail se debatia entre a razão e a paixão em igual medida. Sem dúvidas, o conde de Portas Negras escolheria a vida de seu filho acima da de sua neta, mas ele não se sentia com capacidade suficiente para fazer uma escolha de tal magnitude.

—O trato foi que eu liberaria dona Galiana quando tivesse completo meu propósito...

O califa o interrompeu com um olhar seco.

—Mas esse trato se fez antes de saber que escondia ao herdeiro de minha presença. Seus atos me decepcionaram muito. Antepôs suas necessidades ao sentido comum.

Seu primo se debatia entre o que ditava sua mente e o que sentia seu coração.

—Não o fiz para ofendê-lo, acreditei que com tantos derrotados não o necessitaria. Dom Diego López de Haro tem mais valor como prisioneiro que dom Juan Galiana.

—O senhor de Vizcaya foi liberado graças à negociação de dom Pedro Fernández de Castro, que pagou o resgate solicitado.

—Confio em que a quantia fosse generosa, as perdas sofridas foram inumeráveis.

Abu assentiu.

—Muitas e desnecessárias, mas graças a Portas Negras e sua localização estratégica, a tomada de Tulaytulah será muito mais fácil. Não devia ter me ocultado o prisioneiro Galiana.

—Não o fiz de má fé.

O califa entrecerrou os olhos com gesto sério.

—Obtiveste o que pretendia? Têm as respostas?

Yibrail fez um gesto significativo com a cabeça, mas se manteve em silêncio.

—Você estava consciente que dirigia uma espada de duplo fio.

—Aceitei que minha mãe escolheu seu destino, mas ainda me sinto incapaz de valorar sua decisão.

—A mente feminina é um enigma indecifrável e misterioso. Nunca poderá entender os motivos de sua mãe porque seus raciocínios eram muito diferentes aos seus, e significativamente mais profundos.

Yibrail esteve a ponto de lhe contradizer, mas se conteve.

—Quando sacrificar à cristã, entenderá minhas palavras — concluiu Abu.

—Posso me negar?

O outro esboçou um amplo sorriso que Yibrail não se atreveu a questionar. Seu primo era um homem que sempre cumpria suas promessas.

—Pode, mas não irá gostar do resultado absolutamente, acredite-me.

Assim se comportava o califa almohade, não ameaçava, mas sua atitude e determinação conseguiam vencer o protesto mais enaltecido.

—Não me sinto intimidado por suas palavras.

—Nem é essa minha intenção — respondeu Abu com seriedade— mas o conde de Portas Negras não terá mais opção que render seu castelo, e para isso deverá sacrificar a vida do pai ou da filha.

Yibrail sentiu um ligeiro enjoo ante o que se morava, mas se manteve decidido.

—Podemos conseguir sua capitulação sem necessidade de executar nenhum dos dois castelhanos.

Abu se levantou enquanto negava com a cabeça.

—Mas assim não cumpriria a promessa de sangue que fiz em Alarcos. Sempre fui consciente de sua temeridade.

Não necessitavam mais palavras. Ambos os primos ficaram olhando-se de forma penetrante e em silêncio durante um momento longo e tenso. Justo antes de Abu voltar-se para a porta com intenção de partir, Rosália cruzou pela soleira feita um molho de nervos. O califa esticou as costas ao contemplar o traje dela e a forma ávida de olhar a Yibrail ignorando a presença dele. O guardião a seguia de perto, mas sem tratar de detê-la. Quando os olhos escuros do eunuco se precaveram de quem era o que estava na sala junto a Yibrail, deteve-se em seco e se ajoelhou no suave tapete para oferecer a reverência protocolar.

—Yibrail! Preciso falar com você imediatamente — exclamou Rosália.

Dois foram os detalhes que ficaram perfeitamente claros para o califa, que seguia contemplando o avanço da castelhana com rosto sério: o Anjo Negro estava a um passo de atar a corda ao pescoço de forma definitiva, e a cristã possuía uma aura de beleza espiritual que podia resultar demolidora. Rosália só tinha olhos para Yibrail, que lhe estava lançando um olhar de advertência, mas era tanta a urgência da jovem para que lhe respondesse que esqueceu todo o resto.

—O que tenha que me dizer deverá esperar um momento mais propício.

Quando Rosália escutou essas palavras azedas e olhou seus olhos frios, foi consciente de que havia outra pessoa perto de Yibrail, olhando-a com rosto inescrutável.

—O que tenho a dizer é muito importante para relegá-lo a outro momento que você considere mais favorável.

Yibrail seguiu mostrando um olhar seco e de advertência, e de repente, sem saber como, Rosália se viu tocando o tapete com a testa e segura pelo pescoço por umas mãos fortes.

Amed a tinha obrigado a inclinar-se ante o homem que estava parado junto a Yibrail.

—Meu senhor, não o tenha em conta, falta-lhe a modéstia necessária e uma admoestação severa que receberá imediatamente, prometo-lhe. —disse o eunuco.

Rosália ofegou completamente consternada e ao momento foi elevada do chão e posta de cara aos dois homens que seguiam esquadrinhando-a com insolência. Sentia-se tão humilhada que mau que podia respirar.

Voltou seus olhos para Amed cheios de fogo.

—Como ousa me inclinar sem minha permissão?

O guardião não respondeu e ela voltou de novo à vista para o rosto de olhos negros e barba cuidadosamente recortada. Cravou o olhar no solto penhoar de suave seda cor carmesim intenso que descansava sobre uns ombros largos, baixou logo os olhos para o sabre curto e curvado com fio só por um lado e duplo fio na ponta que o homem levava seguro ao cinto e deu inconscientemente um passo atrás. Ignorava quem era e o que fazia nos salões de Saryana, mas sua atitude mostrava sem dúvidas que era alguém muito importante e perigoso.

—Abu Já'qub Yusuf.

O nome odiado foi pronunciado em um tom calmo, mas Rosália não respondeu à ligeira inclinação de cabeça a modo de saudação. Suas pupilas se

dilataram pela surpresa, e sentiu um horror ao encontrar-se em presença do verdugo de Castilla. Manteve a pose erguida e o queixo altivo.

—Em ocasiões, esqueço as maneiras rudes dos cristãos, por hoje não terei isso em conta.

Ela se sentiu insultada pelas palavras e o tom condescendente.

—Eu só me inclino ante meu Deus e ante meu rei, me diga, é um ou outro?

O suspiro de Amed rompeu o incômodo silêncio e o açoite a pegou por surpresa. O tapa pôs seu rosto tão vermelho como uma romã. Voltou-se com olhos como brasas para o guardião prometendo vingança, mas Amed fez um gesto com a cabeça para que correspondesse à saudação. Ela entendeu a mensagem de seus olhos que, mais que ordenar, suplicava. Voltou-se com postura belicosa para Abu, que não tirava a vista de cima com olhos frios e calculadores.

—Rosália Galiana — respondeu ela sem afastar a vista do califa.

Yibrail se mantinha tenso, esperando. O insulto da cristã para seu primo resultava imperdoável e temia seriamente por ela; seu descaramento e rabugice não conheciam limites.

—Desculpe-se ante o califa por sua arrogância.

Rosália abriu a boca estupefata pela ordem dada autoritariamente por Yibrail. Voltou seus olhos ardentes para a pessoa de Abu.

—Vos rogo que me desculpe, mas não por minha arrogância, mas sim por minha ignorância prévia. Se soubesse quem estava na sala teria me armado até os dentes.

Yibrail não podia acreditar, sufocou um ofego consternado ante sua imprudência e temeridade. A cristã estava oferecendo seu pescoço a seu primo e ele não ia poder fazer nada para salvá-la da decapitação.

Para surpresa dos três, Abu não se mostrou ofendido, mas sim manteve o rosto impassível, mas com um ligeiro brilho de interesse em suas pupilas que os outros não perceberam.

—Não se preocupe, cristã, dar-lhes-ei a oportunidade de se armar até os dentes em nosso próximo encontro.

Essas palavras deslocaram Rosália por completo, pois foram inesperadas. Abu abandonou a sala e saiu pela porta com o sigilo que o caracterizava.

O silêncio na sala foi percussor do estado de ânimo de Yibrail.

Capítulo 20

- Deixe-nos sozinhos!

A forte exclamação conseguiu sobressaltá-la; o tom não admitia protesto. Amed olhou a seu senhor e amo com a dúvida nos olhos. Sabia que a imprudência e ousadia da cristã ia ser castigada de forma contundente, mas ele temia por ela, pois lhe tinha tomado um profundo afeto.

—Meu senhor, ela ignorava...

O rosto de Yibrail seguia cheio de fúria contida.

—A ignorância não tem desculpa. Havia um convidado em minha casa ao que não mostrou o respeito devido.

Rosália era consciente de sua falta de controle, mas haver-se visto na mesma estadia que o verdugo de seus irmãos na fé a tinha feito atuar de forma soberba e irresponsável; entretanto, seria uma hipócrita se dissesse que se arrependia.

—Aceitarei o castigo que segundo você mereço, mas antes ides escutar minha demanda de uma explicação por sua mentira.

Yibrail a olhou tão intensamente que Rosália sentiu um formigamento no estômago, e não precisamente de desejo. Amed terminou por partir de forma relutante e com um brilho de súplica em seus olhos negros que Yibrail não aceitou.

—Uma mulher sabe quando deve mostrar obediência.

Ela assentiu levemente.

—E jamais, em nenhum momento, deve irromper em uma sala com o rosto descoberto.

Nem sequer tinha se dado conta de que não levava o véu. Em seu aborrecimento, tinha esquecido que pisava em terras muçulmanas.

—Lamento-o sinceramente, esqueci que não o tinha posto quando entrei no palácio.

Yibrail entrecerrou os olhos de maneira ameaçadora.

—Saíste com o rosto descoberto?

Rosália negou reiteradamente com a cabeça.

—Quando estava perto do mercado, recebi notícias alarmantes de meu pai que fizeram que esquecesse por um momento se o tinha posto, afligia-me a angústia e o desespero.

Yibrail esticou os ombros sem deixar de olhá-la.

—Deram-me a nova de que meu pai está detento em Sevilha, possivelmente já executado. O que sabe a respeito?

O silêncio dele produziu um calafrio que penetrou até os ossos. A sala seguia em silêncio, não se ouvia nenhum ruído procedente do exterior, nada salvo o leve ofego das respirações de ambos, que se encontravam a escassa distância um do outro.

—Prometeu manter meu pai a salvo.

Yibrail devolveu mais silêncio.

—Por quê? —A pergunta foi formulada em um sussurro apenas perceptível.

—Dom Juan Galiana é prisioneiro de Abu Yusuf.

Ante a admissão da mentira, Rosália soltou o ar que tinha estado contendo.

—Segue vivo?

Quando Yibrail assentiu, ela deixou cair os ombros com alívio. Tinha temido tanto...

—Lamento minha falta de moderação ante seu califa, mas em minha defesa alegarei que não tinha me precavido de sua presença nem de sua importância.

—Isso não desculpa sua atuação impertinente.

Rosália assentiu.

—Sua desobediência deve ser castigada.

Rosália endireitou as costas ao tempo que apertava os dentes.

—Quem ousará me dar o castigo?

Yibrail entreteceu os olhos ao escutá-la.

—Eu. Serei magnânimo com sua falta de disciplina.

Mas Yibrail não tinha calculado bem o caráter castelhano, porque não conseguiu intimidá-la absolutamente.

—Permita-me que escolha meu verdugo.

Ele negou com a cabeça de forma repetida.

—Se me golpear, não poderei permiti-lo que me ame de novo.

A ameaça não fez racho. Yibrail fixou suas pupilas negras no rosto de Rosália, que se via instigado.

—Eu não gosto de ter que golpeá-la, mas o castigo é necessário para reparar a ofensa infligida.

Rosália esteve a ponto de soltar uma gargalhada incrédula; sua única falta tinha sido não precaver-se da presença do verdugo na sala e agora devia receber uns açoites por isso.

—A um inimigo não se ofende por ignorá-lo, principalmente quando essa omissão foi involuntária.

Yibrail se aproximou um passo mais a ela, que retrocedeu com os olhos acesos de ira e os lábios trêmulos de impaciência.

—Golpeá-la não me resultará agradável.

Rosália balbuciou ofuscada por suas palavras; nos olhos dele não havia vingança a não ser correção, mas ela seguia ofendida por ter que receber uma sanção por culpa do martirizador de cristãos.

A jovem não podia fazer ideia da batalha que estava liberando Yibrail em seu interior. Abu esperaria o castigo, e até seus ouvidos chegaria à ausência do mesmo. Ele não queria piorar mais as coisas com seu primo pois ainda tinha que convencê-lo da necessidade de deixar Rosália livre sem necessidade de executar ao pai.

Lamentou profundamente a brecha que ia se abrir entre ambos.

—Não permitirei que me açoite!

Yibrail assentiu com a cabeça ao mesmo tempo em que entrecerrava os olhos.

—Não têm escapatória.

Os olhos dela se empanaram quando contemplou o cinto que Yibrail tirou da cintura.

—Não o perdoarei isso!

—Os nobres cristãos não corrigem suas mulheres quando estas se mostram teimosas e obcecadas?

Rosália assentiu com ardor.

—Então, não faça este gole mais amargo.

De repente, ela já não retrocedeu mais. Elevou o queixo com desdém e estendeu sua mão direita para Yibrail com determinação. Poderiam acusá-la de muitas coisas, mas não de covarde; se ele queria castigá-la, que assim fosse.

—Não é aí onde irá receber o castigo.

A jovem abriu os olhos com horror ao compreender sua insinuação descarada.

—Permita que seja Amed quem o leve a cabo... Por favor... Suplico-lhe isso.

Yibrail foi consciente do orgulho que poderia quebrar se persistia em seu empenho de dar a correção ele mesmo. Valorou que ela já a tinha aceito, mas que custava assimilar que fosse ele quem aplicasse.

—Amed dará sua correção em seus aposentos.

Rosália soltou o ar que tinha estado contendo. Sentia-se agradecida, Yibrail tinha escutado seu rogo de não castigá-la pessoalmente; podia suportar todos os açoites que fossem necessários sempre que não os repartisse a mão dele, essa mão que logo queria acariciá-la. Ela não queria que nada manchasse ou turvasse o sentimento profundo e sincero que sentia. Saber que Yibrail tinha aceitado a encheu de uma imensa gratidão.

—Obrigado...

Ele não respondeu a suas palavras, mas seguiu quieto no meio da sala, com seus olhos transbordantes de amor e o cinto seguro por sua mão, que mantinha pega ao seu quadril.

—Amanhã, a primeira hora, partiremos para Sevilha. Confio em que esteja preparada para então.

Rosália não pôde responder, porque Yibrail deu meia volta e a deixou sozinha. Ao momento, deixou-se cair no suave tapete tentando conter os tremores que a sacudiam. Em questão de minutos tinha passado da incerteza mais fria à esperança mais ardente. Yibrail a levava a Sevilha para reuni-la com seu pai. Não tinha quebrado sua promessa, e uma imensa paz começou a envolvê-la de forma suave e protetora. Tinha duvidado dele da forma mais miserável. Yibrail jamais faria mal a seu pai, não após havê-lo prometido. Sentia-se estúpida e ingrata, mas tinha sido tanta sua angústia que não sabia como não tinha estalado em lágrimas.

Seu pai vivia e ela iria a seu encontro.

Yibrail terminou de redigir a missiva e jogou sobre ela a areia secante. Soprou para retirá-la e a meteu em um sobre, que lacrou com o selo de seu dedo indicador.

—Sabe onde encontrar ao Navarro?

Raysen assentiu com a cabeça. O cristão se alojava há várias semanas na hospedaria de Sefarad. Desde sua visita ao palácio de Garyana, todos seus movimentos eram seguidos por um de seus homens de confiança.

—Quando partimos? —perguntou de forma direta.

—Amanhã à alvorada, que esteja tudo preparado.

Raysen pegou a missiva e desapareceu pela porta de forma silenciosa, como sempre.

Yibrail ia desobedecer à ordem dada por Abu: pensava liberar o pai de Rosália com a ajuda do Navarro. Sabia que as consequências iriam ser demolidoras, mas ele não estava disposto a executar o cristão diante da filha. Amed tinha recebido ordens para mantê-la vigiada constantemente uma vez

que estivessem em Isbiliya. Yibrail confiava no silêncio do Navarro e de Raysen para executar seu plano.

Quando dom Juan Galiana tiver sido liberado, falaria com Rosália a respeito e aceitaria o castigo que o califa estimasse oportuno.

Fazia duas semanas que residiam na cidade de Sevilha, mas ela seguia confinada em seus aposentos. Rosália não compreendia por que a retinha como se fosse uma prisioneira, principalmente quando sentia a imperiosa necessidade de ter notícias sobre seu pai. Fazia tantos meses que não o tinha visto que se sentia incapaz de moderar sua impaciência ou de controlar sua ansiedade. Continuou dando passos para um lado e outro da estadia esperando a presença de Yibrail, que se mantinha ausente. Amed a acompanhava nesses dias monótonos e aborrecidos, quando só podia entreter-se contando as bolinhas de pó que se acumulavam na lareira apagada. Voltou-se para a única janela do Palácio dos Silêncios, em pleno coração da cidade. Em ocasiões, sentia o impulso de jogar a mobília pela janela para dar saída a sua frustração e chamar a atenção sobre o esquecimento de que era objeto por parte de Yibrail.

Não haviam tornado a compartilhar intimidade depois do castigo ao que a tinha submetido por mão de Amed. Não lhe guardava rancor, justamente o contrário, agradecia enormemente seu esforço e compreensão ao permitir que fosse seu guardião quem ocupasse seu lugar, mas não saber por que a mantinha encerrada superava os limites de sua lógica.

Voltou-se para Amed com o cenho franzido.

—Pode-me a impaciência, esta cidade formosa, com seus palácios, banhos e mesquitas me parece à sala de espera da infelicidade. Sigo aqui encerrada sem que minha mente entenda o motivo ou a causa.

—Meu senhor está atendendo assuntos urgentes que requerem sua completa atenção.

Rosália já imaginava, mas não suportava seu silêncio nem sua prolongada ausência.

—Amanhã solicitarei com ardor que nos permita dar um passeio pelos subúrbios da cidade, junto ao rio, na Pradaria da Prata.

—Pradaria da Prata?

As palavras de Amed conseguiram despertar sua curiosidade.

O guardião era consciente de que devia entretê-la para que esquecesse seu fechamento silencioso.

—Narram os mais apaixonados e emotivos escritores que a ela se dirigia frequentemente o rei Ao-Mutamid disfarçado, e que ali, segundo a lenda, encontrou sua esposa Rumaykiyya.

Os olhos da jovem brilhavam ante a possibilidade de que Amed narrasse algumas dessas lendas.

—Um de seus reis se casou com uma das filhas do-Mutamid, Zaida — prosseguiu o eunuco.

Rosália assentiu com a cabeça enquanto se sentava aos pés do enorme leito.

—Foi o rei cristão Alfonso VI.

Amed se aproximou devagar de onde Rosália estava sentada e se prostrou a seus pés sem abandonar sua atitude calma e seu sorriso.

—Não deve se impacientar pelo silêncio de meu senhor. Quando considerar oportuno, contar-lhe-á os motivos que o retêm e as dificuldades que deverá enfrentar.

—Mas eu preciso ver meu pai! Faz meses que não sei nada dele.

Amed assentiu com a cabeça.

—E este fechamento está me voltando louca. —Rosália se levantou e começou a passear inquieta pela estadia enquanto retorcia o cabelo, tentando dar uma ocupação a suas mãos nervosas.

—Fazia muito tempo que meu senhor não visitava a cidade.

A jovem entreceitou os olhos.

—O que pretende me dizer com isso?

Amed suspirou de forma entrecortada.

—Em sua prolongada ausência, desatendeu interesses comerciais que requerem sua imediata atenção.

Rosália meneou a cabeça tentando entender a injustiça de seu isolamento.

—Não posso Amed, sinto-me incapaz de controlar a angústia que me invade, pois penso que, se me mantiverem na ignorância com respeito a meu pai, é porque não está vivo.

O guardião a compreendia, e, com ternura no olhar, convidou-a a que se sentasse junto a ele. Com a mão estendida para ela esboçou um sorriso de compreensão.

—Deixe-me que conte uma história sobre esta maravilhosa cidade...

Capítulo 21

A cela escura e úmida cheirava a vômito e diarreias; a pestilência resultou insuportável e provocou uma arcada que conteve com esforço. Inspirar o ar rarefeito da cela resultava desagradável e fazia quase impossível manter a compostura. A cama de armar velha e fedorenta atraiu sua atenção imediatamente pelo vulto imóvel que viu sobre ele.

—É muito grave?

A pergunta de Yibrail fez que Ibn Rushd²¹ voltasse à cabeça para ele. O homem da medicina se encontrava inclinado junto ao colchão, analisando com cuidadosa atenção as pústulas sangrentas. Seus olhos se fecharam assentindo. Yibrail ia dar um passo para frente quando a mão estendida o deteve.

—É a peste, meu amigo.

Essa só palavra fez que Yibrail apertasse os lábios em um gesto de pesar, mas não deteve seu avanço. Esse detalhe mudava a situação por completo; a liberação de dom Juan Galiana ia ser muito mais complicada, e o Navarro seguia esperando ordens.

—O que pode fazer-se?

Ibn Rushd negou com a cabeça várias vezes antes de falar. Sua condição de cadí de Sevilha lhe outorgava o direito a expressar sua opinião sem temor às represálias; além disso, sua profunda amizade com a família real o colocava em uma posição privilegiada. Todas e cada uma de suas opiniões eram tidas muito em conta.

—Os furúnculos estão muito inflamados, os vultos na pele começaram a sangrar e a enfermidade está estendendo-se por todo o corpo. A hemorragia tem feito que muitas partes de seu ventre e peito se voltem avermelhadas e negras —prosseguiu— Não fica muito tempo de vida.

As palavras de Ibn Rushd fizeram que Yibrail lançasse uma maldição. Teria que mudar os planos de fuga.

—Desde quando?

Ibn Rushd meditou um instante antes de responder.

²¹ Ibn Rushd é o nome pelo que se conhece na tradição árabe Averroes. Foi um filósofo e médico andaluz, mestre de filosofia e leis islâmicas, matemáticas e medicina

—Tem várias mordidas nos tornozelos, imagino que algum roedor deve ter saciado seu apetite com ele e o contagiado com a enfermidade lá de onde provém.

Yibrail ia dar um passo mais para ele, mas Ibn Rushd o voltou a deter com sua voz pausada.

—É muito contagioso, e meu dever é protegê-lo.

Apesar da advertência, não se deteve, chegou até o leito puído e olhou à pessoa que jazia nele meio inconsciente.

—Deveríamos terminar com sua agonia — comentou o médico.

Yibrail assentiu lentamente enquanto meditava. Só havia uma solução.

—Meu primo tem alguma suspeita?

Ibn Rushd respondeu negativamente à pergunta feita em um sussurro, e olhou Yibrail com os olhos entrecerrados. A luz na cela era escassa: havia só uma tocha acesa; conhecia o príncipe desde que este era um menino, mas não entendia sua preocupação pelo prisioneiro.

—É meu desejo que não mencione nada — disse Yibrail.

Ibn Rushd seguia sem entender a concisa ordem.

—Não posso negar a verdade se me perguntar.

Yibrail fez uma careta.

—Não precisará. Chamei-o porquê é o único em quem confio para que guarde em segredo esta visita. Precisava saber sua opinião a respeito, valorizo muito seus comentários.

Ibn Rushd assentiu com a cabeça e disse:

—O prisioneiro não viverá um dia mais.

Yibrail quadrou os ombros e esticou as costas. Segundo essas palavras não poderia liberar o cativo, como tinha previsto. Apertou os lábios com desgosto ao ter que variar seus planos.

—Sua agonia acabará esta noite.

Ibn Rushd entendeu que o prisioneiro seria executado ao crepúsculo. Olhou ao forte guerreiro com os olhos entrecerrados. Ibn Rushd, ou Averroes, como o conhecia nos reinos cristãos, meditou seriamente as palavras de Yibrail. Deduziu que o prisioneiro devia ser alguém importante para ele, pois com seu comportamento estava desafiando seu primo e superior.

Tinha-lhe uma profunda avaliação.

—Onde será executado?

Yibrail tomou seu tempo antes de responder; seguia olhando ao prisioneiro com um brilho de pesar em suas pupilas.

—Na Sala da Equidade.

A Sala da Equidade se usava para resolver os conflitos de traição e deslealdade, assim como as execuções mais importantes ordenadas pelo califa e às que só assistiam membros do conselho.

—Darei ordem de que o banhem com vinagre, cravo e cinamomo, e tentarei que beba um suco feito a base de hipérico, arândano e urtiga verde que ajudará a espessar seu sangue.

Yibrail compreendeu que a enfermidade do prisioneiro era altamente contagiosa, e tinham que tomar todas as precauções possíveis.

—Vocês deverão beber suco de aloe...

Yibrail voltou a assentir.

—Farei que Abu beba comigo pouco antes da execução, e ordenarei que coloquem ao prisioneiro a uma distância prudente e segura para nosso califa. —Yibrail voltou seus olhos para a cama de armar— Está o suficientemente lúcido para manter uma conversa comigo?

Ibn Rushd negou com a cabeça.

—Necessito que o esteja — disse o príncipe.

—Então, está-lo-á...

O sol da tarde entrava pela estreita janela sem cortinas. Os olhos de Yibrail passaram pela estadia e percorreram com olhar sagaz o elegante mobiliário do quarto, antes que sua vista se pousasse sobre as macias colchas da cama. Rosália atravessou o oco que dava acesso à pequena estadia onde realizava seu asseio diário. Ao precaver-se de sua presença, ficou parada com a mão elevada segurando o tecido e o sabão, e sustentando na outra um vestido cristão.

—Yibrail! —O momento de surpresa tinha dado passo à ira, e o formoso rosto se contraiu de aborrecimento— Meu pai!

A dolorosa exclamação fez que o pesar se refletisse nos olhos dele por um milésimo de segundo, mas conseguiu ocultá-lo a tempo antes que ela se precavesse.

—Vê-lo-á esta noite, têm minha palavra.

Ela sentiu um alívio imediato após escutar essas palavras que tinham divulgado a promessa; a sensação de vazio tinha cedido ao fim.

Yibrail deixou o turbante e a capa na cadeira de respaldo alto que havia junto à porta de entrada. Rosália observou seus rígidos movimentos; o via pesaroso e distante. Baixou as mãos e cessou em sua postura belicosa.

—Encontra-se bem? —Deu um passo para ele ficando muito perto.

—Estou um pouco cansado. —Yibrail estendeu a mão para tocar seu rosto, com o temor de que ela a afastasse, mas Rosália não o fez.

Tinha tanto que lamentar...

Yibrail sabia que devia afastar-se dela, mas a deliciosa sensação de sua pele em sua mão o mantinha completamente imóvel. Estava cansado de dúvidas cruéis, e pela primeira vez não se sentia sozinho. Antes que pudesse dar-se conta do que estava fazendo, baixou a cabeça e capturou os lábios de Rosália com os seus.

Gemeu com certa dor ao sentir o sabor de sua boca e a doçura de seu fôlego. Ela o rodeou com os braços sem ter soltado ainda o tecido nem o sabão e se rendeu com plenitude às reclamações dele.

Yibrail sentiu que ia perder o controle. Desejava-a como nunca tinha desejado nada na vida. Sentia um desejo profundo e urgente de mantê-la protegida e encerrada em seus braços, mas sabia que isso era uma insensatez. Jamais poderia dar o que ela ansiava. Rosália era uma castelhana, e ele tinha derramado muito sangue cristão. A língua de Rosália respondeu com uma urgência que fez que se formasse um nó na garganta, quando um súbito estremecimento fez cambalear sua prudência. Necessitava tanto seu amor que se perguntou se não seria tarde para ele. Aprofundou no beijo como se fosse à última inspiração de ar de sua vida. Yibrail fechou os olhos, incapaz de entender todos os sentimentos que Rosália despertava, e que buliam em seu interior de forma constante e perpétua. A jovem se pegou ainda mais a ele. Seus seios roçaram seu braço, fazendo que seu membro viril se erguesse em resposta a sua incitação. Yibrail a separou uns centímetros de seu corpo para extasiar-se com sua beleza serena. Seu beijo tinha tingido suas bochechas com um tênue rubor carmesim, mas Rosália não estava disposta a que ele parasse de beijá-la. Deixou cair o tecido e o sabão ao chão para ter as mãos livres e poder acariciar o rosto dele. Delineou com dedos suaves a cicatriz que sulcava sua face, mas sem rechaço nem repulsão. Quando se elevou nas pontas dos pés para depositar um beijo na cicatriz, a sensação prazerosa produziu nele um espasmo doloroso. O beijo dela, cheio do mais sincero afeto, apagava a dor que Yibrail sentia desde a infância. Nesse momento, foi consciente de sua solidão como nunca antes; de repente, sentiu frio, e o vazio que aninhava em seu interior ressurgiu com uma aspereza desoladora.

Tinha que deixar que ela partisse...

Antes morreria.

Rosália voltou a abrir os lábios com um convite e, sem pensá-lo duas vezes, Yibrail capturou a boca dela por completo. A jovem se abandonou entre seus fortes braços.

—Vos desejo.

Ela já sabia, mas ouvi-lo produziu um êxtase inimaginável. Embora Deus a castigasse por isso, não podia ignorar as palavras que Yibrail tinha pronunciado e que ia entesourar dentro de si de por toda a vida. Queria senti-lo em seu interior, entregar-se a ele de forma única e eterna, ajudá-lo a encontrar o alívio e o consolo que via como uma necessidade de sua alma.

—Necessito que me perdoe.

Rosália fixou suas pupilas brilhantes nos olhos dele, que mostravam uma paixão transbordante.

—Por me amar?

Yibrail negou com a cabeça.

—Porque sou um homem que não merece o afeto que me professa...

Ela o atraiu ainda mais para si e uniu seus lábios aos seus, que sentia doces e mornos.

Yibrail foi deixando um rego de beijos da base de seu pescoço até o nascimento de suas orelhas. A jovem gemeu quando sentiu o fôlego dele sobre seu lóbulo antes de beijá-lo. Rosália passou seus delicados nódulos por sua bochecha raspada; o contato fez que Yibrail se sentisse afligido. Nunca permitiria que houvesse em sua vida outra mulher que significasse tanto para ele como Rosália. Elevou-a entre seus braços e a levou até o leito, ambos sabiam o que ia acontecer entre os frescos lençóis.

—Eu adoro seu aroma. —Yibrail não pôde reprimir o sorriso que apareceu em seus lábios ao dizer isso.

—E a mim o modo em que me sustenta.

Rosália estava preparada para a doce invasão de seu corpo despertado à paixão. Yibrail não esperou despi-la, elevou-lhe a túnica e se deslizou dentro dela sentindo seu interior quente e aveludado. A jovem gemeu ao senti-lo profundamente enterrando em seu corpo; notava sua força enquanto o via mover-se em um compassado vaivém. Yibrail recapturou sua boca com uma necessidade nascida do mais profundo de seu coração; ela devolveu o beijo de forma apaixonada seguindo seu instinto de mulher apaixonada. Acariciou os duros planos do peito dele, que não se despojou da roupa, seguindo o ritmo dos movimentos em cada investida. Rodeou-lhe com as pernas a cintura e o atraiu para si para que se enterrasse ainda mais dentro dela. Com os olhos acesos de paixão, Yibrail se deixou cair e reatou o ritmo que tinha detido para observá-la. Fez-lhe amor com uma furiosa entrega, e quando foi consciente de que Rosália gemia de prazer, acelerou o ritmo; aquele som sensual e excitante em seus ouvidos o impulsionou a tratar de lhe arrancar uma resposta ainda mais apaixonada. Rosália tinha fechado os olhos ao mesmo tempo em que mordida o lábio inferior, enquanto, Yibrail a observava

de forma conscienciosa, sem perder detalhe de cada gesto que se desenhava em seu rosto ante o prazer que experimentava. Quando esteve seguro de que ela estava a ponto de alcançar o orgasmo, aprisionou sua boca para realizar com sua língua o mesmo movimento de seu membro em seu interior. Rosália gritou e Yibrail a estreitou ainda mais entre seus braços enquanto sentia as pulsações dela, que se somaram às dele.

O satisfeito e inocente olhar da jovem fizeram que seu coração esquecesse a última gota de arrependimento.

Capítulo 22

Estava afligida. Yibrail não se despediu. Depois da entrega furiosa e apaixonada de ambos, Rosália tinha ficado dormida no brando leito. Amed a tinha despertado de forma sigilosa pouco antes do crepúsculo e tinha insistido que se apressasse. Esperavam-na no grande salão. Ela ignorava que aquele palácio pertencia ao califa Abu e não entendia por que de repente se requeria sua presença.

Amed a ajudou a vestir roupas cristãs. Rosália olhou a pesada malha de veludo e teve saudades, pela primeira vez, dos suaves e ligeiros tecidos dos vestidos muçulmanos. Quando esteve preparada, Amed a conduziu pelos vistosos corredores e jardins do palácio até deter-se ante as grandes portas de madeira que davam à sala. Os palácios muçulmanos eram muito diferentes das fortalezas cristãs, e Rosália apreciava e valorava a arquitetura árabe pelo formosa e confortável que era. As portas se abriram para ela e Amed começou a caminhar com passo decidido e marcial; suas enormes costas ocultava a olhos dela tudo o que havia na habitação, mas Rosália sabia que devia mostrar respeito e manter sua postura total atrás de seu guardião até que a indicasse o contrário.

Sua mente estava ainda em outro lugar. Ficou dormida entre os tecidos da cama onde tinha sido amada por Yibrail e o sorriso que aflorou a seus lábios transformou seu rosto em um de completa felicidade. Quando fixou a vista aos lados do caminho percorrido, precaveu-se das pessoas que a olhavam com o cenho franzido com cautela e os lábios apertados com rechaço, mas não a importava; era uma convidada de Yibrail, e o que pensassem aqueles infieis não a preocupava o suficiente para tê-lo em conta.

Amed se deu a volta e a segurou pelos ombros ao mesmo tempo em que a colocava em um canto da enorme estadia, insistindo-a com os olhos que guardasse silêncio e compostura. Rosália assim o tinha prometido antes de abandonar suas dependências.

Fixou a vista à frente e conteve um ofego.

O califa estava cerimoniosamente sentado em uma cadeira ricamente esculpida e colocada contra a parede do fundo, a sua esquerda e a sua direita, dois assentos permaneciam vazios. O califa contemplava com um ligeiro interesse às pessoas ali reunidas. Rosália calculou que deviam rondar a quinquena. Quando seus olhos viram as costas de Yibrail, entrecerrou os olhos ainda mais; de onde se encontrava mal podia distingui-lo, salvo pela largura

de seus ombros, que destacavam entre a gente ali congregada. Abu fez um gesto afirmativo e Amed a agarrou pelo braço para levá-la em presença do califa almohade. Ia negar-se, mas então Yibrail se voltou para ela. Quando seus quentes olhos verdes posaram nos seu com um profundo arrependimento, duas sensações se uniram para produzir um vazio inexplicável em seu estômago: o medo pelo que expressava seu olhar e a vergonha pelo que tinham compartilhado. Rosália começou a seguir Amed com passos relutantes; via os rostos das pessoas sem entender o que transmitiam seus olhos ao posar-se nela. Compaixão? Desdém? Por quê?... Quando chegou à cabeceira da sala, seu coração deu um salto perigoso dentro de seu peito.

Yibrail sustentava uma espada à altura do pescoço de um prisioneiro que se mantinha ajoelhado de forma cambaleante e com a cabeça inclinada para o chão. O homem mal podia sustentar seu corpo magro, e seu cabelo emaranhado e a barba longa e descuidada mostravam claramente as penúrias da prisão, Rosália voltou seu olhar confuso para o califa, que seguia sentado de forma indolente na cadeira como se estivesse sentado em um trono. Que fazia ela em um tribunal de justiça muçulmano? O que pretendia Abu Já'qub Yusuf ao fazê-la presenciar um castigo? O prisioneiro gemeu e Rosália devolveu sua atenção para ele de forma imediata. Aquele som... Quando o homem elevou seus olhos para olhá-la, Rosália acreditou que ia desmaiar. A cimitarra de Yibrail ameaçava o pescoço de seu pai! Deu um passo à frente para correr para ele, mas Amed a segurou pelos braços com força e a manteve pega a seu corpo; mal podia mover-se.

Deus todo-poderoso! Não compreendia nada!

—Concedo-lhe a mercê de uma oração, pode ser de agradecimento ou de arrependimento. Você escolhe. —As palavras de Abu ressonaram na sala produzindo um calafrio que a percorreu do ventre até a boca. Os olhos de Rosália refulgiam de horror e confusão, ansiava correr para seu pai prostrado, mas os braços de Amed o impediam; lutou como uma fera, mas não podia soltar-se da sujeição daqueles braços de ferro. Estava a ponto de começar a gritar, quando dirigiu a vista para Yibrail, que se mantinha com o olhar fixo em um ponto indeterminável, vazio de toda expressão.

Os olhos de Juan Galiana se entrecerraram durante um momento. Rosália acreditou que seu pai iria desvanecer-se, pois teve que apoiar-se com uma de suas mãos feridas no chão para não cair desabado, mas voltou a elevar-se em seu orgulho castelhano e cravou a vista em Rosália, que seguia debatendo-se entre os braços de Amed sem conseguir que a soltasse. O brilho de amor paternal apareceu em seu olhar e Rosália o absorveu sedenta,

mas ao momento se converteu em uma amarga tristeza que a sumiu na mais profunda impotência.

Seu pai sofria, e ela não podia fazer nada por evitá-lo.

—Amo-te, minha filha, com toda minha alma, já sabe.

Rosália assentiu com a cabeça, apenas em um gesto imperceptível.

—Por favor, não creia em tudo o que vê...

Rosália estava a um passo de sofrer um colapso nervoso, pois essas palavras tinham divulgado como uma aceitação de sua sorte.

—Pai! —Precisava correr para ele, sustentá-lo com suas mãos e beijá-lo. Dar-lhe os cuidados e o carinho que necessitava, mas seguia presa por mãos fortes e leais a Yibrail— Soltem-me de uma maldita vez!

Todos os presentes fizeram ouvidos surdos, pois o guardião seguiu segurando-a com firmeza. Rosália foi plenamente consciente do assentimento de cabeça de seu pai e do verdugo muçulmano. Era uma aceitação silenciosa que a encheu de terror absoluto. Yibrail se colocou diante do prisioneiro com o rosto completamente impávido. Quando elevou sua espada e Rosália soube que de verdade iria executá-lo, um grito de dor nasceu em suas vísceras e explodiu em sua garganta, ao não ser capaz de assimilar semelhante traição.

—Não... não! —Seus alaridos histéricos foram em vão— Detenha-o, pelo amor de Deus! Yibrail... É meu pai! —As lágrimas começaram a fluir e foi incapaz de detê-las. Toda sua vida transcorreu ante seus olhos em segundos agônicos nos que viu como a espada de Yibrail descrevia um meio arco para trás e se cravava no peito de seu pai causando uma ferida mortal e uma morte instantânea. O sangue, escuro e espesso, começou a brotar antes que o corpo caísse inerte aos pés de Abu e de Yibrail.

Rosália sentiu que seu coração tinha deixado de pulsar e caiu ao chão desmaiada.

Não queria abrir os olhos. A dor resultava insuportável. Ver seu pai executado por mão de Yibrail tinha superado a maior infâmia possível. Queria morrer, afundar ainda mais em seu peito o cravo envenenado pelo engano mais retorcido. Não ia esquecer jamais a repugnância que lhe produzia o fato certo de ter sido a prostituta de um assassino, *do assassino de seu pai*.

Ela, que o tinha amado com cada fibra de seu ser, sentia como os remorsos a devoravam com ferocidade. A inquietação e o desespero seguiam acoissando-a como um inimigo cruel e vingativo. Seus atos luxuriosos eram de tudo censuráveis e nenhuma compaixão divina podia acalmar o profundo desespero que a embargava. Afogou um soluço, que ficou aderido ao paladar

com um sabor fel. Nenhum poder terrestre ou celestial podia apagar sua traição à fidelidade e a lealdade que devia à família, a sua fé, e que tinha evitado de forma tão indecente.

Tinha copulado com um infiel e um assassino, seu delito merecia a tortura eterna.

—Minha senhora, tome isto temperará seu espírito.

Rosália abriu os olhos com aversão e olhou Amed transbordante de ira. Ainda recordava com vivida claridade que seus braços a tinham aprisionado tão fortemente e de tal forma que não pôde aproximar-se de seu pai caído.

—Não volte a se mostrar em minha presença O...! —Gesticulou o copo que estendia Amed. Ao ver o líquido derramado e o cristal quebrado no chão, o guardião baixou as pálpebras convencido de que a ameaça ia a sério.

A cristã estava sedenta de sangue, e ele sofria por ela.

Rosália soluçou e, com esse som entrecortado, sentiu que o mundo lhe derrubava em cima. Os soluços começaram em suas vísceras e foram subindo como a espuma até sair a fervuras por sua boca. As inspirações bruscas, irregulares, começaram a sacudi-la de forma violenta. Amed a segurou pelos ombros tentando consolá-la e Rosália o permitiu. Era tanta sua desolação que não teria se importado que o próprio diabo a consolasse. Não podia conter as lágrimas e os gemidos, sentia-se extremamente desgraçada, impotente e cheia de um ódio negro por si mesma.

Chorou durante horas, com uma tristeza absoluta, com uma angústia dilaceradora e descontrolada, até que perdeu o sentido e a noção da realidade.

Yibrail seguia montando guarda aos pés do leito, olhava a figura de Rosália que adoecera de tristeza e dor. Ouvia-a murmurar entre pesadelos um nome que não terminava de sair de seus lábios ressecados e machucados após havê-los mordido sem compaixão. Tinha deixado de alimentar-se, chamava à morte para que desse seu beijo de apaixonada, e ele estava ali, impotente, vendo como se consumia pouco a pouco.

—Quantos dias leva assim?

Amed inclinou a cabeça, mas não deixou seu posto à cabeceira. Rosália seguia removendo-se enlouquecida, como se estivesse deitada sobre brasas ardentes e não tivesse modo de aliviar sua queimação. Imperiosas obrigações e o sentimento de culpa tinham mantido Yibrail afastado dela com plena consciência; agora se arrependia. Tinha que explicar-se, lhe fazer entender os motivos que o tinham levado a fazer-se de verdugo.

—Três, meu senhor.

Yibrail mordeu o lábio inferior completamente aflito. Uma pessoa não podia subsistir sem alimento nem água.

—Chame o Ibn Rushd imediatamente, preciso recuperá-la.

Amed guardou sua opinião do que pensava a respeito, esquadrinhou-o com olhos expressivos e finalmente não pôde calar uma crítica:

—Será impossível que ela aceite. Temo que não o perdoe meu senhor, sua dor é muito grande.

Yibrail baixou os ombros ante o comentário não solicitado.

—Não é minha intenção me fazer perdoar, só pretendo que compreenda por que me fiz de verdugo.

Por um milésimo de segundo Amed esteve a ponto de replicar de novo, mas conteve sua língua e seu ímpeto. Não tinha modo de saber por que estranha razão seu amo tinha executado um cristão diante de sua própria filha. Havia atos que não podiam explicar-se e a seu julgamento esse era um deles.

—Procurarei imediatamente ao Ibn Rushd, meu senhor...

Amed abandonou seu posto e saiu pela porta tão rápido que ao Yibrail não deu tempo nem a pestanejar. Voltou seus olhos verdes para a figura trememente que se seguia convulsionando entre os frios lençóis. Apenas uns dias atrás se amaram com uma intensidade que ainda o surpreendia, mas o abismo que os separava era uma ferida em seu coração que ia se converter em perpétua. Por muito tempo que vivesse, por muitos momentos formosos que compartilhasse junto a ela, Rosália jamais poderia aceitar a titânica decisão que ele tinha tido que tomar. As dúvidas constantes que tinha vencido e o pulso que ainda sustentava com o califa Abu.

Voltou a inspirar profundamente e se deu a volta para umedecer o pano que Amed tinha estado usando para enxugar a transpiração dela. Seu sofrimento o sumia em um poço de interrogações e vacilações. Fez algo terrível e execrável, mas tinha a absurda confiança de que ela o entenderia.

Suas obras eram o resultado do enorme afeto que lhe professava. Tinha acabado com a agonia de seu pai, Rosália tinha que entendê-lo. No momento em que confessasse por que o tinha feito, aceitá-lo-ia.

Tinha atuado segundo seus sentimentos; ela o veria com a clareza necessária para entender e perdoar.

Capítulo 23

Rosália seguia sentada no jardim, com as mãos atadas. Durante dias tinha mantido uma luta profunda com a vida para poder dormir com dignidade na morte, mas o traidor não permitia que escolhesse livremente seu destino. Tinham-na obrigado a comer. A beber. Tinham-na banhado e vestido apesar de seus protestos, chutes, dentadas e arranhões. Eram mais fortes que ela e sua vontade; sentia o coração gelado e duro, mas a vida não abandonava seu frágil corpo por mais empenho que ela pusesse.

Yibrail era um covarde. O mais traidor infiel de quantos tivesse conhecido. Depois de justicar seu pai não se deixou ver, e ela desejava o ter diante para poder cravar uma adaga em seu coração e logo arrancar-lhe e contemplar como a vida abandonava seu corpo impuro pouco a pouco, irreversivelmente. Rosália se alimentava do sentimento de aversão e rechaço de forma intensa e incontrolável, nutria-se constantemente de seu remorso para manter viva sua fúria, cega a tudo o que a rodeava. Tinha os olhos vazios de afeto, opacos de infelicidade, mas o ódio seguia impulsionando seu coração para que continuasse pulsando à espera do dia de sua vingança.

Inspirou profundamente e exalou o ar pouco a pouco.

Rosália desviou a vista das arcadas do pátio até o arbusto que crescia à sombra das árvores, perto de uma das fontes de pedra que adornavam o belo jardim. A beladona tinha uma altura de pouco mais de um metro. Rosália se fixou em suas flores cor púrpura escura, os bagos do tamanho de uma cereja estavam já amadurecidos, prontos para ser compilados e usados com um objetivo: a vingança.

Fechou os olhos absolutamente vencidos, elevando uma oração que sabia que não seria escutada; era uma pecadora impenitente, uma filha infame e uma mulher perdida. Nada podia consolá-la, brindá-la com a mínima esperança de redenção, mas jurou por enésima vez que levaria com ela ao inferno, preso na estaca da vingança, o coração do infiel.

A alma de Yibrail.

Elevou a vista do nó que aprisionava suas mãos e viu que Amed cruzava o pátio dos olivais trazendo consigo um frescor que ela desprezou com raiva. Ao mesmo tempo em que alimentavam seu corpo destruíam seu espírito. Rosália não queria nada que viesse deles, mas os muito néscios não pareciam precaver-se desse detalhe. Amed tomou assento junto ao banco de

madeira com um suspiro de resignação, Ela girou o rosto tentando que não alcançasse sua boca com o alimento nem seus ouvidos com as palavras.

—Deve comer minha senhora.

Rosália não se dignou responder, não falava há dias; nenhum som saía de sua garganta fechada pela infâmia da que tinha sido objeto.

—Não me resulta grato ter que obrigá-la, mas não me deixa mais opção.

Ela voltou o rosto para ele e o olhou com o veneno latente em seus olhos castanhos. Tinha que fazer algo imediatamente ou seu pai não poderia descansar em paz.

Permitiu-se abandonar o silêncio.

—Onde está o carcereiro?

Amed não compreendeu suas palavras.

—Que me tem presa sem que eu entenda a que espera para me justificar.

—Nosso califa retornou a Alarcos.

Rosália entrecerrou os olhos.

—Não é a esse carcereiro ao que me refiro, e sabe bem.

—Meu amo Yibrail espera que o julgamento alcance seu coração para oferecê-la as palavras que aliviarão sua carga.

Rosália abriu a boca completamente estupefata. Amed era o mais estúpido de todos os estúpidos. Ela tinha perdido o julgamento ao ser testemunha do assassinato de seu pai. Se o infiel pretendia compreensão por parte dela estava absolutamente equivocado, mas necessitava com uma urgência demolidora sua presença para mostrar o veneno que a enchia e levar a cabo sua represália de forma implacável e certa.

—Desejo uma audiência com o carcereiro.

Amed abriu os olhos negros com perplexidade: não esperava uma atitude dela tão submissa.

—Só ponho uma condição: que me desate e me permita comer por mim mesma a partir deste momento, sem mais ajuda que a de minhas mãos.

E o eunuco a olhou receoso ante uma mudança de atitude tão repentina. Escrutinou-a intensamente tentando descobrir seus motivos ocultos, mas não os encontrou.

—Meu senhor está desejoso de poder explicar os motivos de sua implicação neste assunto.

O brilho do ódio voltou com violência aos olhos de Rosália, mas se conteve de mostrar-lo a Amed.

—Dá-me sua palavra de que se alimentará de forma voluntária sem minha intervenção? —perguntou ele.

Rosália fechou as pálpebras um segundo antes de assentir:

—Dou-lhe minha palavra de castelhana.

Essa promessa soou a Amed a advertência, mas não soube calibrar em que sentido o havia dito. Posou a bandeja no banco para soltar o nó que segurava as cordas que rodeavam os pulsos da jovem. Quando Rosália se viu livre das ligaduras, esfregou a pele castigada com uma suave fricção para acalmar o picor do eczema que tinha produzido o roce das cordas.

Amed colocou a bandeja de prata em seu colo e esperou que levasse a boca a primeira parte de alimento.

Depois de inspirar de forma profunda, Rosália partiu um pedaço de pão ázimo que levou aos lábios extremamente contrariada. Necessitava as mãos livres e já as tinha, o custo parecia insignificante; só tinha que engolir, como se de um veneno se tratasse, os bocados de alimento infiel.

Amed esboçou um sorriso radiante ao observar os esforços que ela fazia por ingerir os pequenos pedacinhos que introduzia na boca com gestos lentos e concisos.

A cristã tinha despertado de sua letargia. Sentia-se furiosa e disposta a sobreviver.

Yibrail contemplou a atitude submissa que tinha adotado Rosália, sentada no fofo colchão, sem separar os olhos da estreita janela. Tiraram do quarto todos os elementos suscetíveis de ser usados como armas, e de novo se perguntou se as decisões com respeito a ela não estariam mal encaminhadas. Deu dois passos mais um tanto vacilantes para aproximar-se do leito, mas a jovem não afastou a vista do ponto indeterminável onde a tinha fixado com suma indiferença. Yibrail baixou seus olhos verdes até o colo dela, onde mantinha as mãos entrelaçadas e quietas.

Se se atrevesse a pegá-las.

—Vinha oferecer uma desculpa e um rogo de indulgência.

Rosália não se moveu, só pestanejou de forma apenas perceptível e seguiu em sua postura rígida e ausente.

—Juro-lhe que não tive mais opção, minha rosa.

O apelido carinhoso a fez esticar as costas e apertar os lábios em uma careta de ira.

Yibrail contemplou com um sentimento de pesar como os nódulos dela ficavam ainda mais brancos de tanto apertá-los contra seu colo, sinal inequívoco de que estava tentando conter sua fúria.

—É meu desejo abandonar Sevilha imediatamente e levar o corpo de meu pai a terras cristãs.

Yibrail alcançou os pés do leito e apoiou seu ombro direito em um dos postes de madeira esculpida. Debatia-se na constante dúvida de não saber como enfrentar à dor dela.

—Sua casa em Toledo já não é segura.

«Como se me importasse esse pequeno detalhe», pensou Rosália. Portas Negras era seu destino, a única luz no túnel de sua angústia para elaborar sua estratégia de vingança ao carcereiro.

—Prefiro estar morta em Toledo que viva entre estes muros. Matem-me ou me liberem, concedo-lhe o privilégio da escolha, mas não ficarei aqui sob seu jugo nem um momento mais.

O som seco e depreciativo de suas palavras golpeou Yibrail, que sentiu uma sacudida no estômago ante a aspereza de seu olhar.

—Dou-lhe minha palavra...

Rosália elevou o queixo em um gesto de desdém que cortou em seco as palavras de Yibrail e seus olhos se reduziram a uma linha. A sua memória tinha acudido uma lembrança demolidora: a promessa que fez pouco antes de sua chegada a Córdoba, antes de fazê-la sua e tomar com mentiras ímpias sua carne débil, que seu pai gozaria do amparo dele durante as quatro semanas que durasse sua instrução espiritual.

Acaso pensava que ia acreditar nele de novo? Jamais!

Yibrail era consciente de cada uma das emoções que ela tentava conter. Seus formosos olhos mostravam o ódio que a embargava, sua boca se franzia em uma careta amarga de despeito e suas mãos retinham o impulso de arrancar seu coração, mas ele tinha tomado uma decisão quando escolheu uma vida por outra, a jovem devia conhecer os motivos que o tinham impulsionado a isso. Separou-se do poste da cama e deu os dois passos que o separavam dela, ficou de costas a fechada janela e a olhou com ânsia, com uma necessidade de compreensão impossível de explicar. Quando estendeu a mão direita tentando roçar sua bochecha pálida em busca de seu contato aveludado, Rosália voltou o rosto absolutamente instigada; o rancor em suas pupilas negras era de todo previsível..

—Não se atreva!... Não posso suportar seu contato!

Yibrail deixou a mão suspensa no ar, suportando em silêncio a dor que as palavras produziam.

—Seu pai estava gravemente doente. Com minha ação aliviei sua agonia...

Rosália não o deixou terminar:

—Acaso é Deus para decidir algo assim?

Yibrail sustentou seu olhar com um desejo nos olhos que ela não valorizou; ao contrário, a fez afirmar-se mais em seu afã de vingança.

—Necessito que tempere seu ânimo para que seja capaz de entender os motivos que me impulsionaram a atuar da forma em que o fiz.

Rosália esteve a ponto de soltar uma gargalhada histérica, mas fechou os olhos tentando equilibrar sua postura, insensível às palavras dele.

—Já não me importa suas desculpas, desejo partir e assim o farei.

—Portas Negras não poderá proporcioná-la nenhuma segurança.

Desta vez, Rosália o olhou cheia de uma indignação ainda mais desconfiada. Passeou seus olhos castanhos pela figura de Yibrail, que se mantinha espectador, alerta, e ela voltou a se perguntar com um sentimento de angústia como podia amar tanto a uma pessoa e odiá-la ao mesmo tempo.

Podia-se ser mais infame?

—A finalidade de meus atos foi sempre protegê-la.

—O inferno é mais seguro para mim que seu amparo, e para ele me dirigirei se não me outorgar à liberdade que solicito e a mercê que reclamo a respeito ao corpo de meu pai.

Yibrail sabia que as negociações com ela iriam ser duras e longas, mas não podia, sob nenhum conceito, deixar que partisse a Toledo. Abu ia ser implacável com os castelhanos... Com ela.

—Tenho algo para você... —Yibrail tirou um pequeno pergaminho que tinha guardado no cinto e o estendeu com a mão esquerda, mas Rosália não se dignou tomá-lo; seguia com sua atitude beligerante e fria— São as últimas palavras de...

A jovem pegou o pequeno cilindro com cuidado, tentando não roçar a mão de Yibrail, que observava todos seus movimentos com suma atenção. Rosália se encolheu de ombros e começou a amassar o papiro até convertê-lo em uma bola imprestável, logo o deixou cair sobre as lajes cinza do quarto. Yibrail não podia acreditar no que via, nem sequer o tinha lido.

—Nada neste mundo nem no outro me fará abandonar a ideia de vingar a morte de meu pai. Não importa as tentativas que faça para me fazer mudar de opinião porque não o farei jamais.

Então o entendeu; ela precisava alimentar seu ódio por ele e não desejava nenhuma trava a respeito, embora essa trava fosse umas linhas de seu pai falecido... Executado.

—Não abandonará Sevilha, agora é minha protegida.

Rosália não sabia se chorava de impotência ou ria de incredulidade após escutar essas palavras imperativas. Seguiu sentada no leito, como se estivesse ante um tribunal.

—Bem, pronunciaste-se a respeito; agora me deixe sozinha.

Yibrail sabia que ela necessitava tempo; após uma última inspiração, abandonou a habitação completamente em silêncio. Quando a porta se fechou atrás dele, Rosália abraçou a si mesma com uma angústia extrema, tentando conter os soluços que começavam a sacudi-la sem remédio. Tinha que ir, voltar com sua gente, a seu lar. Precisava expiar sua culpa em solidão, mas para isso era necessário que retornasse a Toledo e o carcereiro não o permitia.

Seguia presa de seus sentimentos, mas se Yibrail acreditava por um momento que a tinha vencido, não sabia quão equivocado estava!

Capítulo 24

Yibrail se debatia em uma dúvida devastadora, seus esforços para tentar fazer Rosália raciocinar resultavam vãos, suas palavras melosas não surtiam o efeito desejado. Embora já não rechaçava o alimento e o ingeria por si mesma sem necessidade de coagi-la, mantinha-se em um mutismo constante, mas ele sabia que necessitava tempo.

«Teria que permitir que partisse...» Impossível! Estava muito envolvido emocionalmente para afastá-la de sua vida de forma voluntária. Yibrail seguia alimentando a esperança de que ela voltasse a confiar nele, necessitava-o, mas a vacilação seguia corroendo suas ilusões, tinha que havê-la preparado com respeito à execução de seu pai, uma morte necessária, mas Abu não o teria permitido, e agora, não sabia como fazer para chegar a ela e explicar os motivos que o tinham obrigado a exercer o papel de verdugo.

Necessitava-a! Levava-a em seu sangue, e embora soubesse que mantê-la encerrada não ajudaria sua causa de ganhá-la de novo, o medo de perdê-la quando Toledo fosse sitiada era superior a suas forças. A entrada de Raysen, o capitão de sua guarda pessoal, fez-lhe elevar o olhar do chão com um brilho de otimismo que não ocultou. Fazia dias que o esperava.

—O Navarro aceitou?

O assentimento de Raysen proporcionou um enorme alívio.

—Não se queixou pela mudança de planos, mas, se o califa descobrir suas artimanhas, as represálias podem ser muito severas.

Yibrail já sabia, mas esse aspecto não o intimidava. Tinha que tentar emendar seu engano.

—O que pensa fazer com dona Galiana?

Yibrail esteve a ponto de não responder à pergunta, as paredes do palácio podiam ouvir e revelar seus planos, mas o devia a seu amigo e confidente.

—Mantê-la protegida em Sevilha até a tomada de Toledo.

Raysen meditou um instante a resposta. Depois de tomar uma decisão, Yibrail se dirigiu para a porta com passo rápido e gesto ansioso.

—Imagino que você gostará de contemplar sua alegria quando receber a nova —disse-lhe Raysen.

Yibrail se deteve um instante para saborear o momento, a carta do Navarro que tinha nas mãos ia fazer Rosália muito feliz e confiava em que fosse uma ajuda para ele e o afeto que não permitia lhe demonstrar.

—Soube dos momentos duros que passou após a execução do herdeiro de Portas Negras, seu pai.

Yibrail sabia que as palavras de seu capitão não encerravam nenhuma crítica para ele, portanto não se incomodou ao escutá-las.

—Não tive mais opção, Raysen.

Este assentiu com a cabeça.

—Quando dona Galiana compreender, quando for capaz de entender a difícil decisão que tive que tomar, será magnânima com minha pessoa.

—Contemplaste a possibilidade de que não possa perdoá-lo?

—Essa possibilidade não mudará meus sentimentos por ela.

Raysen elevou as sobrancelhas surpreso.

—Nada poderá mudá-los jamais — concluiu o príncipe.

—Então deveria pensar em liberá-la.

Yibrail negou com a cabeça repetidas vezes; tinha baralhado essa opção em muitas ocasiões, mas a tinha rechaçado sempre porque se Abu conseguia a vitória sobre Toledo, Rosália não estaria segura em Portas Negras.

—Comigo está a salvo. Tenho intenção de retornar com ela a Córdoba.

—Eu gostaria de acompanhá-lo agora para lhe mostrar meus respeitos.

Yibrail assentiu com um meio sorriso.

—Dona Galiana está acostumada a passar muito tempo no pátio dos olivais, ignoro qual é o motivo pelo qual se encontra tão cômoda ali. Sua resignação e a aceitação de seu confinamento foi um enorme alívio.

O capitão duvidou seriamente de que a jovem tivesse aceitado algo, mas não o contradisse.

—Acompanhe-me — disse este — alegrar-se-á de vê-lo.

Não tinha se dado a volta ainda quando a entrada abrupta de Amed o fez elevar uma sobrancelha com apreensão. O guardião tinha o rosto desencaixado e o olhar turvo.

—Meu senhor!... É necessária sua presença!

Essas palavras produziram um calafrio.

—Dona Rosália.

—O que aconteceu?

Ao mesmo tempo em que caminhava com passos decididos e enérgicos olhava Amed com uma interrogação em suas pupilas. Raysen os seguia de perto.

—É melhor que lhe conte isso Ibn Rushd. Tomei a liberdade de fazê-lo chamar antes de vir buscá-lo.

Yibrail estremeceu violentamente ante a suspeita que essas palavras provocaram. Tinha acreditado de forma errônea que Rosália tinha terminado por aceitar seu confinamento em terras muçulmanas.

Percorreu os largos corredores a toda velocidade e quando chegou frente à porta de madeira dos aposentos de Rosália inspirou profundamente antes de cruzá-la, sem saber o que ia encontrar atrás dela embora o suspeitasse.

O primeiro que viu quando seus olhos se acostumaram à penumbra do quarto foi que Ibn Rushd tentava recostar Rosália entre os tecidos da cama revolta. Ao contemplar seu corpo inerte acreditou que não poderia voltar a respirar. Sentiu um enjoo tão profundo e forte que Raysen o sustentou pelo braço ao ver que empalidecia por completo.

—O que aconteceu?

Ibn Rushd se voltou para ele ao tempo que colocava dois dedos profundamente na garganta de Rosália.

—Sofreu um envenenamento, comeu os frutos da beladona.

Yibrail não compreendeu imediatamente as palavras de Ibn Rushd, a seus ouvidos tinham divulgado como uma língua estrangeira incompreensível.

—Necessito sua ajuda para que a segurem.

Yibrail estava paralisado e demorou a reagir uns momentos, Raysen respondeu com muito mais prontidão que ele. Quando finalmente foi consciente dos esforços dos dois homens por fazer Rosália reagir, piscou várias vezes e se encaminhou com a alma em vela para a cama.

—Frutos de beladona? —conseguiu perguntar ao fim enquanto sustentava Rosália pelos ombros. Tinha-a recostado sobre seu colo enquanto Amed sustentava a bacia para recolher as regurgitações que lhe provocavam os dedos de Ibn Rushd na garganta.

Rosália seguia inerte e com os olhos fechados.

—Conseguir fazê-la vomitar no pátio, mas ignoro quantos bagos ingeriu, sua inconsciência me preocupa enormemente. —Ibn Rushd voltou os olhos para o guardião da cristã— Amed vá imediatamente às cozinhas e peça que esquentem um copo de vinho azedo, se conseguirmos que o beba, ajudará a que esvazie do todo o estômago; peça também que amassem folhas de chá com limão e mel.

Ao momento, Rosália começou a convulsionar-se de forma violenta. Yibrail a sustentou pelos ombros enquanto Raysen a segurava pelos pés. Ibn Rushd seguia manipulando o interior de sua boca tentando tirar os bagos meio mastigados de sua garganta.

—O envenenamento foi muito grave — disse este último— tem a língua muito torcida assim como a parte interna das bochechas e a garganta.

A cada palavra do médico, Yibrail ficava mais e mais furioso.

—Beladona? Em nossos jardins?

As perguntas secas de Yibrail fizeram que Ibn Rushd o olhasse com atenção.

—A beladona se utilizou desde tempos imemoriais; inclusive os cristãos a cultivam, apesar de que a considera a planta do diabo, usada por bruxas para preparar bebidas secretas.

Yibrail o desconhecia.

—Já na antiguidade —prosseguiu Ibn Rushd— se usou para envenenar as tropas de Marco Antonio durante a guerra de Esparta.

Yibrail não pôde escutar muito mais, pois Rosália voltou a convulsionar de novo.

A entrada de Amed com um copo de vinho azedo quente o fez soltar um suspiro de alívio.

Dar a Rosália a bebida foi toda uma odisséia, mas conseguiram que bebesse ao menos uma parte, que vomitou por completo uns segundos depois, após o qual ficou quieta; Ibn Rushd aproveitou o momento para colocar em sua boca as folhas de chá trituradas e mescladas com suco de limão e mel, e massageou sua garganta com fricções fortes para obrigá-la a engolir o preparado.

—Eu o farei! —ofereceu-se.

Ibn Rushd assentiu e cedeu seu lugar a Yibrail, que tomou a cabeça de Rosália com sua mão esquerda ao mesmo tempo em que massageava sua garganta com a direita com passadas suaves, mas precisas.

—Seu envenenamento não foi fortuito.

O jovem já o supunha, mas se negava a considerar essa questão em particular, porque fazê-lo significaria tomar decisões drásticas que de momento não podia considerar.

—Acreditava que a cristã tinha aceitado seu cativo...

O silêncio que seguiu às palavras de Ibn Rushd foi muito significativo.

Yibrail seguia tentando fazer Rosália engolir o preparado enquanto Amed limpava os restos dos bagos que tinham manchado o náveo leito. O príncipe o olhou.

—Esquente água e traga uma bacia — disse.

Amed assentiu sem pronunciar palavra.

—Terá que lhe dar folhas de chá maceradas durante toda a noite — explicou Ibn Rushd— a essência estimulante das folhas ajudará a rebater o

veneno que ainda fica em seu corpo e que não tenhamos podido eliminar de tudo com o vinho azedo quente. —O médico olhou o corpo de Rosália durante um longo instante— Se superar as próximas horas, terá possibilidades de salvar a vida.

Essa noite ia ser a mais longa na existência de Yibrail.

Ser consciente de que Rosália tinha tentado matar-se por sua causa o enchia de uma dor misturada com a mais destrutiva frustração. Um mesmo desenlace para as duas únicas mulheres que o tinham amado. Podia ser mais desgraçado?

Essa realidade o superava. Sua mãe escolheu a morte porque seu nascimento causou sua separação do homem que amava, um infiel cristão. Rosália tinha escolhido o mesmo caminho porque ele a tinha separado de seu pai. A nenhuma das duas parecia lhes importar o preço.

Yibrail se sentia absolutamente vencido.

Capítulo 25

Rosália sentia os membros doloridos, a garganta irritada e a cabeça como se a tivessem golpeado com um martelo de forja. Abriu os olhos apenas um milímetro acreditando que não suportaria a luz do sol, mas o quarto estava completamente em penumbra, a noite tinha caído de tudo. Suspirou de forma entrecortada e gemeu ante as dolorosas espetadas que a impediam de tragar saliva. Girou a cabeça apenas um centímetro, mas a chicotada foi instantânea e demolidora.

Ao momento recordou tudo.

Devia estar no inferno, porque o sofrimento era evidente em todo seu corpo, que se negava a responder com a prontidão que ela esperava. Elevou uma das mãos para tocar sua testa, mas só esse gesto voltou a produzir uma dor surda que a manteve quieta durante um longo momento sem atrever-se a respirar de novo. Fazê-lo significaria voltar a sofrer outro espasmo.

Os bagos! Tinha perdido a conta de quantos tinha ingerido na solidão do pátio, escondida entre os olivais. Quando os tinha descoberto poucos dias antes, soube que tinha ao alcance de sua mão a liberação de seu corpo, embora não de sua alma.

Mas que cara custava à liberdade.

—É necessário que tome isto...

A mente de Rosália se converteu em uma meada de linho emaranhada; tinha-lhe parecido ouvir a voz de Yibrail, mas ele não podia estar no inferno com ela... Ou sim? Levantaram-lhe a cabeça com supremo cuidado e notou como punham um copo em seus lábios. Bebeu sedenta o líquido quente e doce.

—Foi uma completa estupidez por sua parte jogar assim com a morte. A vida é um presente que nunca deveríamos desprezar.

Definitivamente seguia no inferno de Sevilha e custodiada por seu carcereiro, pensou Rosália desesperada.

Yibrail a segurou pelos ombros para que se incorporasse. Sua respiração seguia sendo ofegante e se sentia indefesa, mas o sentimento de aversão que sentia por ele deu o fôlego necessário para olhá-lo com uma fúria infinita.

Espetou-lhe com a amargura mais negra:

—Voltarei a tentar a cada dia que respire, a cada instante que o odeie.

—Deveria me escutar, minha rosa.

Ela fechou os olhos impotente, não tinha forças nem para desprezar suas palavras; tudo supunha um esforço sobrenatural.

—Juro-lhe que pactuarei com o diabo mesmo se com isso o arrasto ao inferno!

Yibrail agradecia seu ódio, porque era indicativo de que sua personalidade era suscetível de sair do abismo onde se encerrou por própria vontade. Até vencida pela debilidade, seus olhos tinham uma força assustadora.

—O único prêmio para o suicídio é a tortura eterna.

Ela sabia melhor que ninguém, mas pouco importava o preço se com isso conseguia sua liberdade corpórea.

—E o que crê que é estar perto de você? Tortura eterna.

—Tanto me odeia para se arriscar assim ao castigo divino?

—O que sinto neste momento não pode descrever-se com palavras.

—Dias atrás dizia que me amava que nada poderia mudar os sentimentos que a inspiro.

Esse aviso a golpeou com severidade.

—Isso demonstra quão estúpida pode chegar a ser uma mulher iludida com uma quimera.

—Amo-a, minha rosa, e nada do que faça ou diga poderá mudar meus sentimentos por você.

Rosália tinha que fugir da prisão ímpia que supunham suas palavras.

—Desgraçado é se forem certas suas palavras!

—O amor, em ocasiões, faz-nos tomar decisões impossíveis de analisar, mas a minha não está isenta de significado.

Rosália sentia uma ardência na garganta ao ouvir as palavras de Yibrail. Não podia olhá-lo, resultava-lhe impossível manter a compostura em sua presença. Tinha desafiado a Deus com sua tentativa de acabar com sua vida, estava condenada à tortura eterna e se sentia repudiada em sua fé, mas nada podia comparar-se com a amarga sensação e o sentimento de aflição que a torturavam ao saber que seu pai não tinha sido enterrado em terra cristã, que seus restos mortais jazeriam em chão infiel.

Voltou seus olhos para ele tão carregados de rancor que Yibrail sentiu uma sacudida inesperada. O fogo que apareceu no olhar de Rosália parecia alimentado pelo próprio inferno.

—Amaldiçoo-lhe, Yibrail Ibn Ali, com toda minha alma! Com todo o rancor de meu corpo pecador e a sujeira de meu espírito! Amaldiçoo-lhe por toda a vida até sua morte!

O silêncio no quarto se voltou inquietante. Apenas se ouviam as respirações ofegantes de ambos, que se mediam com sentimentos encontrados. Rosália não se retratou de suas palavras ofensivas nem Yibrail as recriminou, mas durante um instante desejou com todas suas forças que se cumprisse sua imprecação ao desejar-lhe o pior. Precisava purgar o sentimento de pesar que o consumia em cada fôlego que exalava do momento fatídico em que tomou a decisão mais transcendental de sua vida: amá-la a cima de tudo.

—Nasci maldito, minha rosa, marcado com um estigma impossível de apagar, e o amor que vos professo amaldiçoa minha alma ainda mais, mas não me importa o que possa me acontecer amanhã se posso protegê-la hoje.

—Parta, não posso suportar sua perfídia.

Ambos percebiam suas respirações agitadas. Yibrail sentia a tentação de tentar curá-la com um beijo, demonstrar que a amava com todas suas forças, mas se sentia tão contrariado pelas circunstâncias que não sabia muito bem que passos dar ou o que dizer.

O quarto permanecia em completo silêncio, ambos seguiam olhando-se com uma tensão evidente que carregava o ambiente de uma energia exaltada e perigosa. Yibrail a contemplava com um amor desmedido, Rosália com um ódio tormentoso.

Após um momento de espera, ela moveu os pés e estes responderam ao fim. Afogou um gemido e se sentou na cama a pesar do leve enjoo que sentiu. A vista se empanou momentaneamente ao tentar mantê-la fixa na pessoa de Yibrail, que seguia quieto, sem perder detalhe do que se refletia no rosto dela: fundo desprezo, profunda aversão e ingrata deslealdade, mas sem que isso o fizesse abandonar o leito onde Rosália estava sentada. Sentia-se incapaz de ir do quarto.

Duvidava entre abraçá-la para consolá-la ou sacudi-la para que compreendesse.

Rosália conseguiu ficar em pé, plantou-se ante ele de um só impulso e com a resolução nos olhos; levantou a mão direita e segurou o qamis de Yibrail para aproximá-lo mais a ela. O enorme esforço a fez ofegar de forma entrecortada, mas não deteve sua mão, que obedecia a uma ordem imperiosa, chegar ao lugar onde estava seu coração.

Ele ficou a um só centímetro de seu corpo, sem afastar a vista dos traços bem cinzelados dela e da boca apertada em uma careta de infelicidade.

—Serei sua amante uma vez mais se me liberar. —Rosália colocou sua mão no peito de Yibrail; acariciou com ousadia seu mamilo marcado sob o

fino tecido de linho, e ele ofegou consternado, porque não esperava um assalto dela tão direto, nem suas palavras provocadoras. Até com os olhos cheios de sombras e a cútis pálida pelo sofrimento era a mulher mais formosa do mundo.

—Não têm ideia do que me faz sentir.

—Diga-me um preço, carcereiro, e juro que o pagarei!

Yibrail decidiu bater-se em retirada. A proximidade de Rosália o perturbava muito mais do que podia tolerar, estava a um passo de aceitar sua proposta descabelada, mas a prudência retornou a ele tão rápido que fechou os olhos durante um momento tentando recuperar o movimento das pernas para fugir de sua presença sedutora.

Quando já tinha alcançado a porta, Yibrail se voltou com um olhar cheio de ansiedade em seus olhos que refulgiam como duas gemas acesas.

—Logo saberá o preço que reclamo por sua liberdade.

Voltou a golpear com seus punhos a porta fechada a sua chamada. A garganta de Rosália seguia em carne viva devido aos gritos e os insultos que tinha prodigalizado ao vazio sem que o eco de sua angústia fosse tido em conta. Não podia suportar um minuto mais dentro daquelas quatro paredes esquecidas, tinha que fugir para Toledo, mas a surdez de seu carcereiro enchia sua boca de peçonha sem obter uma resposta.

Não ficavam objetos na sóbria estadia que não parecessem pedacinhos no chão, as bandejas de comida tinham sido jogadas na porta e nas paredes. Todas e cada uma das vezes em que as tinham deixado para seu alimento, mas nada parecia importar aos habitantes do palácio, que seguiam ignorando-a com uma indiferença brutal apesar de seus chiados histéricos. Rosália percorreu a estadia tentando encontrar algo o suficientemente pesado para seguir golpeando a porta, mas já não havia nada na austera e caótica estadia que servisse a suas tentativas de fazer-se escutar em seus rogos.

Voltou a pegar a bacia vazia e a jogou com inusitada força contra a madeira, que já tinha alguns entalhes por ter sido golpeada sem compaixão; após do ensurdecedor estrépito, o ferrolho foi deslocado ao fim. Yibrail cruzou a soleira com o rosto turvo e o olhar ameaçador. As bochechas de Rosália estavam acesas devido ao esforço e inspirava de forma agitada, mas sem afastar os olhos do oco aberto.

—Deixe de se mostrar como uma menina e modere sua atitude, se não por você, sim pelo luto que leva.

A exclamação de Rosália não se fez esperar. Que a recriminasse algo assim quando só ele era o culpado do luto que a cobria!

—Permita que parta e darei minha palavra de que me mantere em silêncio até que tenha cruzado a fronteira de Castilla.

Yibrail negou novamente com a cabeça, como vinha fazendo dia após dia. Sempre o mesmo pedido e sempre a mesma negativa dada uma e outra vez. Rosália estava farta de que ignorasse seu desejo de partir a sua terra e que ninguém atendesse sua súplica de que devolvesse sua liberdade. Yibrail voltou a negar e Rosália deu uns passos até alcançar a bacia, mas ele, consciente do que ia fazer, seguiu-a e capturou sua mão a tempo. Agarrou-a pelo pulso com força até lhe arrancar um gemido de dor, mas os olhos dela resplandeciam de ódio negro.

—Embora fique rouca por toda a vida, embora a prudência abandone este corpo manchado, não pararei até que você, carcereiro, dê-me a chave que vos reclamo.

—Mostra-se desajuizada tentando desta forma a sua sorte.

Ela abriu os olhos com aborrecimento, mas não pôde soltar o pulso como pretendia.

—Está a um passo de que lhe separem a cabeça do pescoço.

—E crê que isso me intimida? Já joguei um pulso à morte, e a muito covarde se deixou vencer por uma mulher enfasiada da vida.

Yibrail soltou uma exclamação ante a blasfêmia.

—Não abandonará Sevilha.

Rosália deixou cair os ombros abatida, não sabia que argúcia tramar nem que insultos proferir para fazê-lo reagir a sua demanda.

—Que escândalo é este?

Tanto Rosália como Yibrail se voltaram para a voz potente e fria. Abu Já'qub Yusuf estava parado na porta, olhando estupefato a estadia desordenada e suja.

—Exijo uma explicação imediatamente. —A ordem não foi dada a Rosália a não ser a Yibrail.

Quando ela contemplou a galharda atitude do califa, sentiu renascer em seu interior o ódio e a ofensa em igual medida. Consumia-a o despeito. Reviveu com amarga claridade o momento em que o tinha visto sentado comodamente em sua cadeira enquanto executavam seu pai. A mão de Yibrail tinha liberado a sua, que seguia sustentando a bacia de grande diâmetro. Embora tivesse pouca profundidade, poderia resultar uma arma valiosa se conseguia atirar o golpe com todas suas forças. Nem o pensou. Empreendeu uma corrida louca para salvar o lance que a separava do

verdugo, elevou a mão com precisão e descreveu um arco com o braço antes de lançar a bacia. Abu afastou a cabeça justo no último segundo; a bacia se estrelou contra o muro e caiu com estrépito ao chão, onde ricocheteou várias vezes antes de ficar quieta. O juramento afogado de Yibrail foi um bálsamo para o coração de Rosália quando contemplou que não tinha dado no alvo por pouco, como pretendia. Califa e cristã ficaram olhando-se de forma fixa e intensa, sem pestanejar, com a emoção do momento saindo pelos poros de seus corpos em lenta procissão de recriminações que não se diziam.

—Será decapitada à alvorada.

Yibrail a afastou com violência para colocar-se diante dela com intenção de protegê-la. Abu, depois de fazer um gesto com a cabeça para que o seguisse, deu meia volta para sair do quarto completamente afrontado.

—Infiel!

O califa deteve seus passos e se voltou para ela com o rosto como o granito.

—Para que esperar à alvorada? Terminemos com isto de uma maldita vez.

O semblante de Abu se mantinha impassível, mas Rosália foi consciente da leve agitação das aletas de seu nariz enquanto contemplava sua ousadia sem dar crédito a sua estupidez.

—Nunca vi mulher mais néscia.

O insulto não fez racho algum.

—Nem eu um verdugo mais medroso.

Os olhos de Abu diminuíram até converter-se em uma fresta perigosa.

—«*Dar-lhe-ei a oportunidade de se armar até os dentes em nosso próximo encontro.*» Não foram essas suas palavras?

A provocação tinha sido lançada.

Capítulo 26

Os problemas aumentavam por momentos.

Yibrail cravou a vista em seu primo e califa com um olhar de advertência ante a frieza de sua atitude.

—Deve ser castigada.

Ele negou energicamente com a cabeça.

—Esquece que suas ações desmesuradas são o resultado da mortificação que a infligiu semanas atrás.

Abu olhou ferozmente a seu primo pela provocação contida em suas palavras.

—Por um centímetro sigo tendo a cabeça sobre os ombros.

Yibrail fechou os olhos tentando reprimir a risada que produzia a cara ofendida de Abu. Seu rosto estupefato quando viu a bacia voar para ele era algo que não ia esquecer em muito tempo.

—Assumirei o castigo por ela.

Abu coçou a barba pensativo.

—A você não posso decapitar.

Yibrail se encolheu de ombros.

—Aceitarei o dobro de chicotadas e o triplo de interesses em castigos.

—Acaso crê que me conformarei?

Yibrail voltou a ficar sério.

—Rosália se sente traída.

Abu cruzou os braços sobre o peito enquanto entrecerrava os olhos.

—Se alguém merece ser castigado, esse sou eu — insistiu Yibrail.

—A cristã — Abu remarcou as palavras com tom depreciativo — deve ser executada.

—Não!... E minha decisão é firme, primo.

Os sagazes olhos do califa o olharam de cima abaixo com insolência.

—Não devia aceitar sua promessa de sangue — acrescentou Yibrail.

—É consciente de suas palavras?

—Sim — respondeu Yibrail.

—Desobedeceria minha ordem por uma mulher e cristã?

—Seria capaz de chegar até o assassinato se alguém tentasse lhe fazer dano.

Abu coçou a barba recortada com certa estranheza no olhar. Tinha entendido perfeitamente a ameaça velada de seu primo.

—Posso presumir que já decidiste então?

Um instante, um longo instante de vacilação, antes que este assentisse com um simples gesto. A pergunta do califa ia além de seus sentimentos por Rosália; tinha haver com sua mãe e com os pesadelos que o apossavam desde sua infância.

—Tenho intenção de fazê-la minha esposa.

Abu começou a caminhar com passos enérgicos, mas sem abandonar o olhar pensativo.

—Com nossos esponsais não precisará que o conde renda Portas Negras, eu mesmo oferecerei o castelo.

Abu esquadrinhou com olhos suspicazes a Yibrail meditando suas palavras.

—Está completamente seguro?

—Ela não espera minha proposta, mas para obter sua liberdade fará o que lhe peça. Uma vez que se tenha celebrado as bodas, o conde não poderá me negar à entrada como futuro senhor de Portas Negras.

—É um jogo perigoso, Yibrail.

—Dona Galiana deverá permanecer na ignorância com respeito a meus planos ou não conseguirei sua capitulação de boa fé.

—Aceitar-lhe-á?

Yibrail não tinha modo de saber, mas devia arriscar-se se queria preservar a vida dela da espada de Abu.

—Anseia muito deixar Isbiliya. Será a condição que imporei para cumprir seu desejo.

—Como sabe que o conde lhe abrirá as portas?

—Irei respaldado por dom Miguel Salazar, conde de Aberín.

A incógnita estava completamente resolvida, mas a surpresa no rosto de Abu não deixava dúvidas do que pensava a respeito. Dom Miguel Salazar era o maior alferes de Navarra, o máximo representante do rei Sancho em ausência do mesmo.

—Terá que renunciar...

—Sei, mas renderei Portas Negras sem que se derrame o sangue de Rosália ou o de seu avô o conde. Tulaytulah estará a um passo de sua mão.

À medida que a ideia ia tomando corpo na cabeça de Abu, este ia sendo capaz de discernir o enorme sacrifício que Yibrail estava disposto a fazer pela cristã. Voltou seus olhos negros ao rosto de seu primo para sondar suas convicções.

—Adverti-lhe que não estava capacitado para uma empresa de tal magnitude.

Yibrail apertou a mandíbula ante o aviso ingrato que seu primo fazia de sua presunção.

—Está muito envolvido, e dirigiste uma arma de duplo fio sem estar preparado para as consequências.

Yibrail piscou com pesar. Todas e cada uma das palavras que dizia seu primo continham uma verdade absoluta: amava muito a Rosália para afastá-la de sua existência. Tentava dizer-se que a retinha para salvar sua vida, mas não podia enganar-se, a dependência afetiva que tinha dela o impedia de romper de forma definitiva o laço emocional que a unia a ele.

Era sua, para sempre.

—Não me trairá com os cristãos?

Yibrail entrecerrou os olhos e apertou os dentes ofendido.

—Essa pergunta não merece uma resposta.

Abu baixou a vista meditando as palavras de seu primo.

—Nunca dei motivos para que duvide de minha lealdade — acrescentou este.

—Sua mãe esqueceu a sua.

Uma tremenda dor o transpassou ao ouvir as palavras de Abu. Quando já se dava meia volta para partir, o outro o reteve com uma desculpa.

—Lamento minhas palavras apressadas e minha atitude defensiva. Custa-me imaginá-lo entre cristãos belicosos, afastado da terra que ama.

—Deseja Portas Negras e eu oferecerei isso sem derramamento de mais sangue, seja cristão ou muçulmano, mas não volte a questionar meus atos ou minhas palavras.

O califa fez uma ligeira inclinação com a cabeça a modo de aceitação e disse:

—Prepare tudo. Farei de testemunha.

Amed havia trazido uns objetos preciosos, de tecidos brilhantes, o vestido de veludo vermelho era deslumbrante, mas ela se sentia incapaz de apreciá-lo. Rosália tocou o suave tecido que, apesar da aparência, resultava leve. Amed permanecia de costas enquanto se banhava. Rosália estava sumida em silenciosa meditação, oferecendo súplicas e rogos à espera da hora de sua execução. Não pôs travas ao banho consciencioso nem às roupas caras com as que Amed a ajudava a vestir-se. Tinha que fazer um rogo ao Criador Todo-poderoso, que lhe permitisse um instante de valor para ir ao encontro de seu pai, despedir-se de sua vida terrestre e começar a purgar seus pecados.

—Minha senhora, não se mostre tão aflita.

Essa palavra não podia descrever quais eram seus sentimentos naquele momento da verdade.

—Sinto-me quebrada em meus princípios e torturada emocionalmente até o ponto da agonia extrema, mas sou consequente com minha decisão. Não mostrarei temor algum, dou-lhe minha palavra.

Amed sorriu de forma cândida, entendendo que ela aceitava o final de seu cativo.

—Esta noite deveria ser um momento alegre, digno de recordar em um futuro.

Os olhos de Rosália se abriram com surpresa. Ela desconhecia os rituais muçulmanos com respeito à morte, e resultava impossível entender as palavras de Amed. Quando mostrou a diadema com que seguraria o véu, Rosália negou com a cabeça.

—Esta noite me mostrarei como uma castelhana crente, não levarei véu.

O guardião ficou com a mão suspensa a meia altura sem dar crédito às palavras de sua senhora.

—Mas é impossível que apareça na Sala da Equidade sem a *lifafa*.

Rosália resmungou e decidiu em um segundo que importavam bem pouco todos os véus que tivesse que colocar na cabeça se com isso agradava a Amed. Era sua forma particular de mostrar sua gratidão pelos cuidados que tinha dispensado.

—Está bem, por uma última vez, o agradarei...

Depois da aceitação dela, Amed enrolou o véu ao redor de seu cabelo e o segurou com alfinetes. Ao momento colocou a *miqna'a*, a seguinte capa de véu que passou sobre a cabeça, ao redor do pescoço sob o queixo e de novo outra vez pela cabeça. Segurou logo o taj, uma espécie de diadema de placas metálicas combinadas com uma tira de tecido que unia seus extremos para formar um círculo, e por último o khimar, o suave pano de gaze que só cobria a parte inferior da face; mesmo assim, Rosália protestou.

—Mal posso respirar, será um milagre que chegue viva ante meu verdugo.

Amed estalou a língua para tirar importância a sua queixa, pois estava muito formoso.

—Seu Za'og²² se sentirá muito honrado com sua beleza.

²² Esposo, em árabe.

Amed a precedeu como a mesma noite da execução de seu pai. Consciente desse fato, Rosália apoiou uma de suas mãos na parede, tentando recuperar o fôlego. O eunuco se precaveu do mau momento que estava passando sua senhora e franziu o cenho com preocupação.

—Está bem?

Rosália necessitou um instante para serenar seu ânimo antes de assentir e retomar de novo sua peregrinação pelos corredores.

Uma dúvida a corroia.

—Amed — chamou Rosália.

O mencionado se voltou ligeiramente para olhá-la.

—Temo que haja excessiva multidão para contemplar minha queda e me acho cheia de dúvidas e de receios.

Levava esse temor em seu peito sem poder desprender-se dele. Ansiava morrer de forma digna, como um valente cristão no campo de batalha lutando por sua fé, mas tinha a suspeita de que, ante os olhos inquisidores dos infiéis, seu espírito se quebraria e sucumbiria ao medo.

—Somente aqueles que sejam imprescindíveis, minha senhora.

Essas palavras conseguiram animá-la o suficiente para retomar seus passos com mais decisão e valentia, mas ao momento voltou a deter-se. Se a iriam decapitar por que levava postos tantos véus? Iria resultar impossível que a espada encontrasse seu pescoço. Rosália estalou a língua de forma instada, como podia pensar em coisas tão insustentáveis quando ia ao encontro de seu Criador para seu julgamento eterno? Não se deu tempo a pensar nada mais, as portas da Sala da Equidade se abriram para ela, e Rosália olhou as enormes folhas de madeira como se as visse pela primeira vez.

Estavam profusamente decoradas com trabalhos de conjunto de laços e incrustações, a semelhança das ricas decorações de azulejos, yeserías²³ e artesanatos de madeira dos edifícios que enchiam Sevilha. Rosália voltou a suspirar, e quando cruzou a soleira da grande sala, a desconfiança voltou a plantar sua semente em seu interior com decidida tenacidade. Fixou seus olhos em Yibrail, que se mantinha erguido ao fundo da sala. Quando viu que sustentava sua espada na mão direita, a mesma com a que matou seu pai aquela noite fatídica, fez o sinal da cruz.

Deus do céu! Yibrail ia decapitá-la!



Capítulo 27

Seus pés ficaram cravados no chão com as puas da fatalidade detendo seus calcanhares. Não podia ser certo! De todos os infiéis, não podia ser Yibrail quem a justicasse. Suas mãos ficaram lassas ao seu flanco e seu coração cheio de sentimentos contraditórios. Rosália se sentia incapaz de dar um passo à frente. Não foi consciente em nenhum momento das pessoas que havia na sala. Quando Yibrail a viu, fez-lhe uma muito ligeira inclinação com a cabeça, voltou-se para Abu e, sustentando a espada com ambas as mãos, a ofereceu. O califa de Sevilha a aceitou com, a sua vez, uma inclinação de cabeça... O que significava esse gesto?

Tinha trocado o verdugo! Por um momento, Rosália não soube a qual dos dois preferia. Sopesou de forma irracional que Yibrail poderia mostrar-se menos ansioso de dar o golpe definitivo que separaria sua cabeça de seu corpo e que não causaria mais dor do que o necessário, mas o califa poderia tentar prolongar sua agonia com um golpe falho. Começou a suar de forma evidente e mal controlava sua respiração ofegante. Amed a pegou pela mão para obrigá-la a dar um passo mais para frente, mas seus pés seguiam fixos no chão, como se de repente formassem parte dele. Resultava-lhe impossível avançar, a apreensão se apropriou de seu corpo. Ao contemplar sua vacilação Yibrail disse umas palavras a seu primo e se dirigiu para ela com passo seguro.

Não estava preparada! Embora o tivesse meditado de forma conscienciosa durante horas e se encomendou em rezas a seu Criador, não estava preparada para ser justicada pelo verdugo de seus irmãos caídos em batalha.

—Deixem-nos um momento a sós.

Amed obedeceu em seguida. Depois de olhar um instante a aparência de sua senhora para certificar-se de que seguia adequadamente vestida, afastou-se com rapidez para a parte direita da sala. Yibrail ficou frente à Rosália separado dela somente por um passo.

—Ele... Não... O verdugo não...

Yibrail elevou uma sobrancelha interrogante, mas Rosália só murmurava de forma incoerente.

—É um mal necessário.

Ela elevou seus olhos completamente estupefatos para Yibrail.

—Peça a Amed. Mostrar-me-ei obediente e total se ele assumir a execução desta causa.

Yibrail era incapaz de entender suas palavras.

—Amed? Não compreendo.

Ela tampouco. Após a primeira chicotada de covardia, a razão tinha retornado a sua mente cobrindo-a de vergonha pela falta de valor e de integridade de ânimo que a tinha dominado durante um instante.

—É necessário que seja ele? —A cabeça de Rosália assinalou Abu, e os olhos de Yibrail olhavam para onde ela indicava. Por um instante perfeito, por um momento contente, seus olhos não tinham mostrado o ódio que professava; tinha toda a atenção posta em seu primo e falava com Yibrail como se não os separasse um abismo.

Seu coração se encheu de esperança e soube que sua decisão era a acertada.

—Fará de testemunha.

Rosália suspirou tão forte que temeu fazer o ridículo diante da gente que havia ali congregada.

—Obrigado.

Yibrail estava desconcertado. Rosália passava de um estado agônico a outro de aceitação com uma rapidez assombrosa. Estendeu sua mão para ela, que tomou sem hesitação. Conduziu-a ao centro do salão, justo ao lado da base habilitada para a ocasião. Ela seguia respirando entrecortadamente, a gaze de seu véu se elevava a cada inspiração e exalação de ar de forma brusca.

—Esta noite ficaremos unidos em matrimônio.

Rosália não prestou atenção às palavras porque seguia caminhando, mas quando o significado do que havia dito Yibrail penetrou em seu cérebro, deteve seus passos de repente para olhá-lo com o horror refletido nos olhos.

Iria casar-se com ela e depois a decapitá-la?

—Não será necessário.

—Acredite-me, sim é.

Rosália tinha toda sua atenção posta nele.

—Permita que diga umas palavras de consolo.

Ela voltou a apertar os lábios com desdém.

—Não penso emprestar-me a outros para que alivie sua culpa.

Yibrail inclinou a cabeça enquanto meditava as palavras que ia dizer a seguir. Voltou-a ligeiramente para ele e a olhou com olhos carregados de promessas não cumpridas e de desejos insatisfeitos.

—É o preço que reclamo por sua liberdade.

A frase de Yibrail cravou em seu peito como um golpe certo de adaga. Recordava perfeitamente em que momento tinha pronunciado essas mesmas palavras com antecedência.

—Explique-se! —exigiu ela.

Yibrail sabia que tinha chegado sua hora da verdade.

—Seu maior desejo é abandonar Sevilha.

Rosália assentiu com a cabeça.

—Então, deverá unir-se a mim em matrimônio.

Estava estupefata. Acaso pretendia dizer que não ia ser decapitada?

—Se converter-se em minha esposa, poderei protegê-la e a deixarei livre.

Precisava sentar-se porque as pernas ameaçavam deixar de sustentá-la.

—Impossível!

Yibrail não respondeu à exclamação, seguiu olhando-a em um silêncio que a pôs ainda mais nervosa.

—Não posso me desposar com um infiel.

—Nosso matrimônio será de furto ou juras.

Rosália arrancou o véu porque não podia respirar, o ar não passava através de sua garganta para encher seus pulmões, que tinham ficado vazios após a surpresa. Existia um tipo de matrimônio com as mesmas obrigações e direitos quanto aos aspectos patrimoniais e jurídicos, mas que se podia realizar ante testemunhas e só com o acordo dos contratantes. Rosália abriu os olhos ante o que significavam as palavras de Yibrail, quadrou os ombros e ergueu as costas; não sabia com certeza se sentia-se aliviada ou insultada.

—É muçulmano.

Ele assentiu com a cabeça com apenas um gesto perceptível.

—Eu cristã...

A Rosália tudo aquilo resultava inaudito. Fazia só um instante estava convencida de que a iriam decapitar. Agora Yibrail queria casar-se com ela... Onde tinham ficado o julgamento e a razão?

—Poderíamos nos unir mediante o rito da barraganía, mas carece da dignidade que concede a união de furto ou juras.

Rosália entreceitou os olhos com suspeita, a barraganía era dissolúvel, e estava apoiada só na vontade das duas partes. Se ela ia retornar a Toledo, era a melhor opção.

—Depois de um tempo — continuou ele — pode solicitar a anulação por minha ausência injustificada, partirá sozinha para Portas Negras, sua casa

em Toledo, e eu retornarei a Córdoba, pois devo atender ali assuntos que requerem minha imediata atenção.

Rosália se permitiu considerar a oferta com atenção. Tinha ao alcance da mão sua liberdade, mas o preço poderia ser muito elevado se Yibrail decidia reclamar seus direitos uma vez efetuada a união. Dirigiu seus olhos para o califa, que se mantinha impávido, sabia que não podia ouvir as palavras sussurradas por Yibrail.

—Pretende me dizer que devo me casar com você para obter minha liberdade?

Ele assentiu.

—E que poderei anular os esponsais uma vez que tenha retornado a Toledo com seu beneplácito?

Novamente voltou a assentir.

Rosália tentou penetrar na profundidade de seu olhar, mas não soube calibrar quanta verdade escondia sua promessa.

—O que pretende ganhar com isso?

Um brilho refulgiu nos olhos verdes de Yibrail, mas se apagou imediatamente. Rosália acreditou que o tinha imaginado.

—O perdão por minha participação na execução de seu pai.

Um gemido dilacerador escapou da garganta de Rosália ante a triste lembrança.

—Jamais!

As pupilas de Yibrail se contraíram com pesar ante a exclamação dela, que voltava a sumi-lo em um profundo abismo.

—Que assim seja...

Durante um muito breve instante, Rosália sentiu remorsos, mas se sobrepôs imediatamente, e manteve o queixo erguido e o olhar altivo.

—Decida-se — a apressou ele— o califa de Isbiliya, Abu Já'qub Yusuf espera...

A chegada a terras castelhanas produziu a Rosália uma felicidade profunda e incontável. Nada podia comparar-se ao alvoroço que sentiu quando cruzou a fronteira muçulmana rumo a Toledo. Posou seus olhos na lonjura e os fixou na cidade protegida pela Torre dos Diabos. Olhou, como se os visse pela primeira vez, a ponte fortificada de São Martín e o da Alcântara, que controlavam a entrada de peregrinos e comerciantes na cidade. Para acessar a cidade murada era necessário cruzar a ponte de Alcântara, construída ao leste de Toledo, situada sobre dois arcos do meio ponto e fortemente protegido com duas portas fortificadas.

A essa hora da tarde, o céu dotava à cidade de uma tonalidade cárdena e a banhava em um belo tom violáceo que roubou seu fôlego por um momento. Quanto tinha sentido saudades!

Portas Negras se encontrava separado da cidade murada pelo tio Talho, mas muito perto de uma vez. Olhou as águas tranquilas do rio, que ia girando uma e outra vez aos pés da vila como uma fita verde de esperança nos dias brumosos de ânimo e de espírito. Chegava serpenteando entre ribeirões, para abraçar de forma tenaz à cidade dormida. Rosália fechou os olhos um instante para saborear a imagem perfeita ao mesmo tempo em que um leve sorriso florescia em seus lábios.

O verdugo de Castilla o ia ter muito difícil se pretendia sitiar Toledo.

Dirigiu sua montaria pelo estreito caminho que conduzia ao vale, atravessando os que encontrava a seu passo, assim como as árvores de ramos torcidos, emaranhados e espinhosos que feriam as patas de seu cavalo, mas sem que isso importasse a Rosália o mínimo; tanta era sua ansiedade por chegar quanto antes a seu lar. Subiu uma pequena colina e se deteve no alto para observar o horizonte. Seus olhos percorreram com avidez os campos dourados que no entardecer parecia como se ardessem, e então o viu.

Portas Negras! Seu baluarte de amparo e defesa.

Percorreu com olhos amorosos as pedras de cor torrada. O castelo tinha torres cilíndricas e ocas em três de seus cantos, e outra intermédia na parte sul, que protegia uma pequena portinha. A porta principal, que olhava para a cidade, abria-se em uma espécie de torre vigília. Após ela se encontrava a da comemoração, de grandes dimensões e muito saliente do edifício, com sua parte exterior de planta curva. Levava três balesteiros, que se repetiam na torre sudeste, e estava coroada de ameias sem saliente, apurados sobre os muros e com adarve interior. As janelas dos batentes das torres eram de tijolo e de perfil lobulado, as dos muros tinham dintel ornamental. Nos muros de defesa havia brechas na parte alta e frestas na baixa.

Amava tanto esses muros... Amed, que a acompanhava na viagem, suspirou com surpresa: era melhor do que tinha esperado.

Rosália esporeou sua montaria, que empreendeu um ligeiro galope até alcançar a ponte que baixava o passo para o interior do castelo. Com um grito alegre chamou os guardas postados na porta para que abrissem o passo.

—Abram as portas! Sou Rosália Galiana!...

Não tinha detido ainda sua montaria quando seus olhos viram a braçadeira de luto negro que ondeava junto ao estandarte familiar. Seu coração deixou de galopar em sua alegria. Permitiu que os guardas a

ajudassem a desmontar e afiançou os pés firmemente no chão, mas por completo afligida pela dúvida.

—O que aconteceu? Onde está meu avô? Garcés! —O alarido ressoou no pátio de armas com uma claridade entristecedora.

—Estamos de luto, minha senhora.

Rosália voltou seus olhos empanados para um dos guardas que a olhava completamente aturdido.

—Amanhã fará um mês do falecimento do conde — continuou o homem.

Rosália se deixou cair no chão absolutamente vencida.

Sentia-se sozinha, desamparada. As duas únicas pessoas às que amava e que a importavam realmente se foram para sempre. A dor que sentia pela morte de seu pai se somou a de seu avô em uma tristeza extrema.

O soluço que rasgou sua alma se enredou com seu medo provocando um sentimento exaustivo, como um estado prévio à morte.

—Dona Galiana... —Garcés, o capitão de sua guarda, saía pela porta da grande sala com o rosto aflito, ao mesmo tempo em que Amed cruzava os portões do castelo sustentando com sua mão direita duas montarias que foram carregadas com as valises.

Rosália não podia elevar a cabeça, por isso não se deu conta do olhar duro e ferido que se dirigiram ambos os homens. Estava vazia de ânimo, de forças e de energia.

—Resfriar-se-á. —O robusto guerreiro tentou elevá-la em braços, mas o grito de Amed o deteve.

Garcés olhou com perplexidade ao enorme gigante que tinha saltado de sua montaria como quem baixa um degrau, e que chegou até Rosália muito antes do que permitia pensar sua constituição grande e pesada. Seus passos eram ágeis e seus movimentos leves. Amed elevou sua senhora em braços, e Garcés, com uma indicação de cabeça, indicou-lhe que o seguisse. Com grandes pernadas, Amed a introduziu na torre com os guardas pisando seus calcanhares. O capitão o conduziu até o salão de audiência e assinalou o lugar onde deixar à jovem.

Rosália não protestou nem uma vez. Estava intumescida.

—Como... Como aconteceu? —Mal podia pronunciar as palavras.

Amed a depositou na poltrona que presidia o grande salão, frente a lareira acesa, e cobriu seus pés com uma manta que tinha proporcionado o capitão da guarda. Rosália agarrou os braços belamente lavrados de seu assento até que os nódulos se puseram brancos tentando conter os tremores, mas sem consegui-lo.

—Recebeu a notícia da morte de seu pai uma noite e já não se levantou pela manhã.

Ela fechou os olhos com força. Ao seu redor tudo se obscurecia por momentos. Tinha tanto que lamentar, tantas perdas que chorar que não sabia como conseguia manter a prudência.

Se seu pai não tivesse sido executado, seu avô estaria vivo. Podia ser maior sua desgraça?

Agora podia somar um motivo a mais para odiar Yibrail e tudo o que este representava. Tinha jurado vingar-se, e o faria, pela memória de seu pai e de seu avô que não ia deixar aquela ofensa cheia de escárnio sem expiação.

—Foi enterrado junto a seu pai na capela familiar — disse Garcés.

Os olhos de Rosália fixaram ao capitão completamente incrédula.

—Meu pai...? —sentia-se incapaz de continuar.

—Roland Roux de Béarn trouxe seus restos mortais dias depois de sua execução; lhe tinha praticado a evisceração e se inundou o corpo em álcool. Foi entregue envolto em tecidos que tinham sido previamente encerados. Minha senhora, graças a essa cuidadosa preparação, pudemos officiar a cerimônia religiosa que requeria o herdeiro de Portas Negras.

Rosalía se debatia entre o alívio e a tristeza em um estado caótico. Yibrail tinha permitido que seu pai fosse enterrado em terra Santa...

Devia agradecer ao Navarro.

—Onde se hospeda Roland Roux de Béarn?

Garcés a olhou cauteloso tinha deixado de soluçar com convulsões para adotar um olhar frio e duro, que desmentia completamente sua aparência frágil.

—Na Torre do Milagre. Segue esperando sua volta.

Rosalía se calou durante um momento meditando a resposta que tinha devotado Garcés. A Torre do Milagre se encontrava em um ponto estratégico; a política militar do rei Alfonso VIII se centrou no controle dos passos ao sul da cidade para fechar os caminhos principais, o de Calatrava pelas Guadalerzas e o de Córdoba pelo porto de Alhover, onde tinham se levantado alguns torreões ou atalaias, uma delas, a Torre do Milagre.

—Guadalerzas está em poder muçulmano.

Garcés assentiu.

—Mas não cruzaram o porto de Alhover, ao menos ainda.

—Onde está nosso rei?

O capitão a olhou com a dúvida refletida no rosto.

—Em Burgos, junto a Manrique de Lara, o primeiro-ministro e amo do governo de Castilla. Dois de seus barões, Vivar, Gomaz e Nuño Pérez, seu

general, seguem planejando estratégias. Desde a derrota de Alarcos, o rei Alfonso não teve uma noite de descanso nem um dia de paz para sua alma.

Rosália era consciente de que Alfonso era um soldado da cabeça aos pés, e embora tivesse pagado caro sua impaciência, sua inata sagacidade ia obter a vitória sobre os almohades.

—Quem é?

Os olhos de Rosália seguiram os de Garcés, que olhavam com atenção a Amed.

—Meu guardião, ambos fomos liberados da escravidão em Sevilha.

—É um infiel, minha senhora.

Ela negou com a cabeça.

Amed voltou seu rosto para eles, como intuindo que falavam dele, mas sem mostrar em sua expressão nada mais que passividade. Rosália não pôde evitar lhe fazer um gesto de compreensão e de afeto que foi recompensado por um amplo sorriso. O eunuco tinha resultado um presente inesperado.

—Confiar-lhe-ia minha vida.

Garcés entreceitou os olhos ante a defesa que sua senhora fazia do muçulmano.

—Prometi que o liberaria e eu sempre cumprio minhas promessas.

Capítulo 28

Tudo tinha se convertido em um caos. Portas Negras nunca tinha sido preparado para um possível assédio. Os portões da porta principal que fechava o pátio de armas tinham sido assegurados de dentro com cuidadosa atenção, as torres cilíndricas tinham sido fortificadas e no muro interior do castelo se habilitaram lares onde se acenderiam os fogos para ferver o azeite e derreter o chumbo. Também tinham preparado montões de pedras amontoadas em cada um dos pequenos pilares de seção quadrangular que coroavam os muros, para poder as lançar sobre os atacantes.

—Minha senhora, é necessário que descanse, parece esgotada. — Garcés cravou seus penetrantes olhos escuros no rosto suarento de Rosália, que seguia verificando as brechas que tinham sido reduzidas de tamanho para permitir só o passo das flechas disparadas do interior do castelo.

—Sabe que a melhor forma de defesa ante um assédio é verificar as muralhas e canais para assim poder complementar o amparo que nos oferecem as ondulações do terreno com suas elevações e depressões.

Rosália lamentou que Portas Negras não tivesse fosso.

—É certo minha senhora, e embora Portas Negras não esteja muito elevado sobre o terreno, tem três custados protegidos, só nos deve preocupar um e precisamente é o que estamos reforçando.

Ela parecia não estar escutando; seguia olhando o trabalho com atenção, sopesando e calibrando sem descartar nada.

—Temos que contar com o maior abastecimento de água e comida possível para evitar nos render devido à fome e a sede.

—Nossos armazéns de grãos estão cheios até transbordar, minha senhora, e temos em frente o rio Talho.

Rosália torceu o lábio inferior com um gesto e coçou o cabelo com impaciência.

—Não necessito que lhe diga que durante o assédio, os inimigos tentarão impedir que nos cheguem fornecimentos de Toledo. Em modo algum penso comer os cavalos, nossos cães e muito menos o couro dos sapatos por não ter sido o suficientemente providente.

O rosto de Garcés ficou vermelho como uma romã.

—Estão preparados os baldes de cal?

O capitão assentiu de forma leve.

—Resultarão imprescindíveis no suposto de que nos lancem animais doentes.

—Senhora, os muçulmanos não utilizam os mesmos métodos que os cristãos para seus assédios.

Rosália o olhou como se tornasse estúpido de repente.

—Crê por um instante que penso a me arriscar a averiguá-lo?

—Acredito minha senhora, que tomamos todas as precauções e medidas havidas e por haver para defender Portas Negras dos infiéis da forma mais eficaz possível.

As palavras de Garcés a tranquilizaram em parte. Durante várias semanas, tinha dedicado todo seu esforço e atenção a preparar seu lar para uma possível invasão.

O rei Alfonso não tinha retornado a Toledo, mas sabia que seguia fazendo planos urgentes ante o possível avanço do exército almohade, e ela tinha tanto que lhe contar...

—Preciso ir à cidade para comprar resinas e gordura, também ervas curativa; nossa horta está esgotada.

Garcés a contemplou em silêncio. A via extremamente cansada, e mesmo assim não retrocedia em seu empenho de fortificar Portas Negras. Nem mesmo o conde teria feito um trabalho melhor.

—Amed me acompanhará — concluiu Rosália.

—Minha senhora reclamarei essa honra como minha. Um muçulmano não é digno de lhe guardar as costas.

Ela se voltou de forma abrupta ante as palavras de seu capitão. Não estava disposta a tolerar essa desconfiança.

—Amed dificilmente poderia repartir as ordens pertinentes e tomar as decisões acertadas em caso de uma invasão inesperada; não posso deixá-lo aqui a cargo enquanto você serve de companhia.

Garcés se incomodou pela correção.

—Trata de me dizer que sua ausência vai ser prolongada?

Ela assentiu com a cabeça.

—Penso visitar a Torre do Milagre. Tenho que agradecer a um amigo.

O capitão supôs que se referia ao senhor De Béarn.

—Com supremo prazer me ocuparei de adquirir tudo o que creia necessário e que estime oportuno. Também transmitirei suas saudações e convite a Roland Roux de Béarn. Portas Negras não deve ficar sem a presença do herdeiro, você, dona Galiana.

Rosália meditou a oferta do capitão de sua guarda, não gostava absolutamente de deixar por uns dias seu castelo, mas o tinha acreditado necessário ante a falta de fornecimentos.

—Agradeço-lhe a oferta profundamente. Prepararei imediatamente a lista de mantimentos e a carta de agradecimento pára De Béarn.

Tudo estava em calma, mas ela nunca havia sentido tanto medo.

Rosália dirigiu seus passos da torre da comemoração para a capela do castelo, que estava muito perto do portão de armas. Suas portas negras contrastavam com a cor areia da pedra que se utilizou para sua construção, e que tinha dado origem ao nome do castelo. A capela tinha somente uma fachada de arco pleno de dupla volta rodeado de colunas com capitéis decorados. Na parte abobadada e semicircular que se sobressaía da zona posterior estava o altar maior. Embora fosse de dimensões reduzidas, a capela era o suficientemente grande para albergar os sepulcros familiares. Rosália cruzou as portas negras e baixou seus olhos para o chão interior de pedra cinza. A escuridão que reinava dentro do recinto a fez sentir um ligeiro calafrio, mas seguiu avançando com passo firme.

Os sepulcros estavam situados sob uns arcos góticos rebaixados, no cruzeiro da capela, que formava uma espécie de plataforma para poder sustentar as nobres sepulturas, com um pavilhão que cobria a cada uma delas. Em cima da arca mortuária, de precioso mármore lavrado, estavam as estátuas belamente esculpidas que representavam a seu avô e a seu pai; a de sua mãe e sua avó estavam no outro extremo. A talha das estátuas tinha sido finamente elaborada e se incluiu o escudo familiar e o selo que ela também levava em seu dedo. Os anéis de seu pai e de seu avô os tinham pendurados ao pescoço com uma grossa corrente, ambos os selos descansavam junto a seu coração onde iriam permanecer para sempre. A suas fossas nasais chegou o aroma dos narcisos e os lírios que as damas tinham entremeado com folhas de hera criando um ramo multicolorido que descansava aos pés dos sepulcros. O aroma das flores a fez evocar a formosa primavera toledana, quando Portas Negras abria seu coração aos torneios, a semente e a alegria que enchia com sua presença a bela cidade do Talho. Rosália inspirou profundamente e deixou escapar o ar pouco depois devagar, tentando serenar seu espírito para começar a primeira de suas muitas orações.

O profundo pesar de seu coração resultava difícil de aguentar; tinha tantos pecados acumulados sobre sua cabeça que acreditava sinceramente que não era digna de pisar em chão consagrado. Elevou uma prece ao céu pela alma de seu pai, pela de seu avô e a daqueles cristãos que tinham

perecido corajosamente por sua fé. Rogava para conseguir o entendimento necessário para que suas ideias fossem sempre claras e razoáveis; não desejava sucumbir ante os infiéis nunca mais. Durante um momento, sentiu o impulso de pedir clemência pela alma de Yibrail, mas agitou a cabeça com energia ante o pensamento ímpio que se mesclou entre suas preces.

Em que diabo estava pensando!

Uma sensação estremecedora agitou seu peito de forma incontrolada. Quando ao fim tinha cruzado com sua montaria a fronteira da Castilla, Yibrail a tinha despedido do outro lado com um feroz olhar em seus olhos; parecia como se assegurasse que só ia ser uma despedida momentânea. A paixão que não ocultava, refletida na profundidade de sua íris verde mar, Rosália a tinha cravada na alma, e se sentia incapaz de entender os motivos de que sua expressão doída continuasse afetando-a até o ponto de não ser capaz de deixar de pensar nele a pesar do sofrimento emocional que isso produzia. Tinha que esquecê-lo. Impossível! Fazê-lo significaria esquecer a terrível afronta perpetrada contra sua família. Seu pai seguiria vivo se não fosse pela espada de Yibrail que enviou com brutal indiferença sua vida em terra infiel ignorando seus rogos e súplicas de clemência. Tinha que seguir alimentando seu ódio, suas ânsias de vingança para poder subsistir até o dia que Deus a reclamasse e pedisse contas por sua fraqueza como mulher, por seus pecados como cristã e por sua desobediência como filha...

Rosália se levantou com lentidão, com o rosto aflito. Passou sua mão pelo relevo da pedra enquanto tentava liberar sua tristeza sem conter os soluços que intimamente a aliviavam. Quando teve terminado a última de suas orações, deu-se a volta para sair da capela sem que seu ânimo tivesse melhorado o mínimo.

Olhava a carne do assado sem que o aroma que chegava até ela das fontes colocadas em meio da mesa a tentasse. Apesar da fluida conversa que mantinham o sacerdote e o falcoeiro sobre a falcoaria, ela seguia com o semblante sério e o olhar perdido! O soldado de mais fila, Esteban, servia-lhe os cortes mais apetitosos, que cortava com sua adaga, mas Rosália se sentia incapaz de apreciar o sabor ou a textura da comida, e continuava sumida em um torpor triste e melancólico. Recordou de forma vivida as festas e convites que se celebraram em Portas Negras quando ainda viviam seu pai e seu avô. Nas pausas entre um prato e outro, estava acostumado a entreter aos comensais com intermédios animados, como danças, representações humorísticas, bardos e poetas e inclusive espetáculos circenses.

Elevou seus olhos da taça de ouro que sustentava em sua mão direita para fixar o olhar em Teresa e Catalina, duas de suas damas de companhia que riam com as brincadeiras que gastavam alguns dos barões que essa noite tinham decidido acompanhar sua senhora. As mesas de cavalete tinham sido dispostas em filas paralelas para que todos os comensais pudessem desfrutar da mesma visão da sala, mas ela teria gostado mais jantar na solidão de seu quarto que entre aquela multidão alegre.

—Não desfruta do jantar, minha senhora?

A pergunta de Esteban conseguiu tirá-la de seus pensamentos. Rosália esteve a um passo de negar, mas era de sobra conhecido a mudança que tinha sofrido seu ânimo com respeito a tudo. A alegria tinha fugido de sua alma para cobrir um eterno pesar. Rosália se sentia devorada por violentos remorsos até um ponto perigoso para a prudência, mas optou por dizer ao soldado uma meia verdade para não preocupar a sua gente.

—Estou um pouco mais cansada que o habitual.

Esteban a observou com curiosidade, mas sem abandonar sua atitude respeitosa. Sua senhora tinha profundas olheiras azuis sob seus olhos castanhos, e tinha perdido um pouco de peso, embora soubesse que tudo isso era normal tendo em conta as enormes perdas que tinha sofrido.

—Segue-me preocupando a defesa do sul... —acrescentou Rosália.

—Minha senhora, Portas Negras está fortificado e a vigilância se incrementou nestas semanas. Estamos preparados.

—O rei Alfonso segue em Burgos.

O sacerdote voltou o rosto para ela e a olhou com a testa franzida. Suas palavras tinham divulgado mais a crítica que a queixa.

—Nosso rei é consciente do perigo que representa o sul, minha senhora. Logo retornará a Toledo.

Rosália confiava em que isso fosse certo, e que ocorresse imediatamente. Ter o rei Alfonso perto a tranquilizava, mas não pôde responder ao sacerdote pela entrada impetuosa de um dos criados, que cruzou a enorme sala até o lugar onde ela estava sentada.

—Minha senhora, dom Roland Roux de Béarn espera no pátio a cortesia de ser recebido.

Essas palavras obtiveram o que fazia semanas nada conseguia: pôr um pouco de emoção em seu rosto e certo brilho em seus olhos. Seu coração saltou com inusitada alegria; ao fim poderia agradecer em pessoa a enorme bondade que o Navarro tinha demonstrado para com sua casa.

—Será bem-vindo a compartilhar nossa mesa. Diga-lhe que irei a seu encontro em um momento.

Esteban se levantou antes que sua senhora e fez um sinal a um dos serventes para que pusesse uma cadeira entre a sua e a de Rosália.

Roland terminou de beber a água fresca que lhe tinha dado um dos serventes e agora estava ocupado atendendo seu cavalo. Passeou seus olhos azuis pelo pátio de armas e as torres. Havia guardas postados em cada esquina do castelo assim como nos muros; intuiu que Portas Negras tinha sido reforçado após a chegada da herdeira.

—De Béarn, é um prazer lhe dar a bem-vinda a Portas Negras.

Roland cessou em seu escrutínio do pátio para voltar seus olhos sobre Rosália. Ao vê-la, comprovou que estava ainda mais formosa do que recordava.

—Minha senhora.

Roland fez uma profunda e longa reverência.

—Agradeço-lhe imensamente que tenha vindo a minha casa para assim poder agradecer sua lealdade e risco ao trazer os restos de meu pai a sua terra.

O homem não pestanejou, e sustentou seu olhar franco.

Pela primeira vez, Rosália se precaveu dos agradáveis traços do Navarro apesar da escuridão do pátio.

—Fiz um trato com seu avô.

Ela assentiu com um gesto leve da cabeça.

—Vos pagarei o convencionado com ele.

Roland negou com a cabeça várias vezes.

—A amizade que unia meu pai com o conde de Portas Negras é um motivo mais que suficiente para lamentar sua morte e a de seu pai.

Rosália voltou a encolher-se com uma dor aguda ante a menção de sua perda. Tragou de forma agitada o nó que começava a formar em sua garganta e que a impedia de falar com normalidade.

—Venha e desfrute da hospitalidade castelhana!

O homem esboçou a ameaça de um sorriso ao tempo que se deixava guiar ao interior da torre. Rosália o conduziu por um corredor que desembocava em uma ampla sala que fazia às vezes de vestíbulo para logo cruzar uma porta grande que dava totalmente à sala principal da torre. O murmúrio geral se calou imediatamente com a entrada de Rosália e do Navarro.

—Senhores, apresento-lhes a dom Roland Roux de Béarn, um amigo de Portas Negras. —Rosália voltou seu rosto para Roland— Novamente... Seja bem-vindo!

Ele aceitou a mão de Rosália, que o conduziu até uma cadeira junto à dela. Esteban se situou à esquerda do Navarro e saudou o homem com uma inclinação de cabeça. Os comensais, após a primeira curiosidade, voltaram para seus bate-papos como se não tivessem sido interrompidos.

—Minha senhora não mereço semelhante honra.

Os olhos de Rosália se alagaram de lágrimas que conteve com muita dificuldade. Graças ao homem que estava sentado a sua esquerda, a alma de seu pai podia descansar em paz.

—Estou em dívida com você.

Roland já não replicou mais, limitou-se a lavar as mãos em um vasilhame de barro antes de começar a comer das viandas que tinha depositado na larga mesa de madeira com um sorriso nos lábios.

—Sempre lhe estarei agradecida.

A uma palmada de Rosália vários serventes começaram a trazer mais bandejas, que depositaram nas largas mesas.

A calma tinha retornado a Portas Negras, o terror que Rosália tinha sentido ao acreditar que os almohades avançavam sem piedade para Toledo, tinha resultado um tanto apressado e incerto. Ainda podia respirar a paz que trazia o ar nos dias ensolarados. Passeou o olhar pela cidade; não se cansava de contemplá-la elevando-se com galhardia sobre as ásperas penhas que o rio rodeava em um abraço de amante eterno. Gostava de cheirar as flores perfumadas e sentir a brisa morna sobre seu rosto, percorrer as muralhas douradas de Toledo. Seguiu caminhando com passo leve até alcançar a beira do rio; adorava sentar-se à borda sobre a erva, atrás dela ficava Portas Negras como um guardião ciumento e protetor. Esteban seguia na porta de acesso ao castelo, vigilante. O rumor do rio sobre o leito rochoso e o som dos sinos a fez lançar um suspiro que rasgou o ar da tarde. Cada vez que se encontrava perto do Talho parecia como se seus problemas e inquietações ficassem em suspense, elevados por cima de sua cabeça até serem arrastados pela névoa que pelas noites estava acostumadas cobrir a formosa cidade. Rosália reparou na tibieza da brisa que balançava os caules das papoulas em um constante vaivém e abraçou a si mesma tentando dar-se idêntico consolo.

—Castilla é uma terra maravilhosa.

Rosália voltou o rosto para Roland, que a tinha seguido da fortaleza como tantas outras tardes fazia duas semanas.

Ficou parado a um só passo dela, enquanto a olhava de forma penetrante e perturbadora.

—É terra de homens valentes e de mulheres formosas — acrescentou ele.

Rosália esboçou um sorriso cândido e franco. Roland tinha resultado ser um amigo valioso e útil. Seus conselhos sobre a forma mais eficaz de reforçar o castelo tinham sido tomados em conta por parte dela como se tratasse de uma ordem real. Tinham-lhe servido muito os longos passeios que tinham dado juntos, as fluídas conversas sobre costumes, táticas de guerra e frivolidades que Rosália temia voltar a ficar sozinha.

—Suas abruptas elevações, seus campos dourados e sua terra vermelha seguem me maravilhando a cada dia.

Roland escutou suas palavras ao tempo que observava suas bochechas, que tinham adquirido um tom rosado pela brisa daquela tarde calorosa. O rio lhes falava com um constante murmúrio que temperava o estado de ânimo em uma placidez necessária; ela estava tranquila, relaxada, e Roland soube que tinha chegado sua oportunidade.

—É tempo de oferecer uma proposta ou de empreender minha volta a Navarra.

Rosália desviou os olhos do rio para observá-lo com certa curiosidade em seus olhos. Acostumou-se à companhia do Navarro, a sua forma de ver e de valorar as coisas. A seus conselhos sábios e sua risada fácil, espontânea.

—Mas ficarei se me pedir — continuou ele.

Para Rosália essas palavras continham uma mensagem de esperança ou um comunicado de admoestação. A força do guerreiro, sua presença imponente conseguia que não se sentisse tão rasgada em seus sentimentos familiares, mas não obstante, deu um passo atrás como precaução. Ele sentia interesse por ela. Os olhos azuis dele brilhavam iludidos... Sabia o que pretendia oferecer.

—Imagino que o esperam assuntos urgentes em sua terra, não seria justo por minha parte o reter mais do que o necessário em Castilla.

Roland apoiou seu ombro esquerdo sobre o castanho velho mais frondoso que oferecia uma sombra generosa nos dias calorosos, esperava a reticência dela a sua proposta.

—Necessita do amparo de um homem que saiba apreciá-la, dona Galiana.

Ela assentiu com a cabeça em um leve gesto contrariado, mas convencido. Depois da perfídia de Yibrail ficou vazia de sentimentos, seca de aspirações. Quão único a levava a levantar-se a cada manhã era resistir o assédio que ia ser submetido Portas Negras breve.

—Correm tempos difíceis, mas me sinto afortunada. Tenho homens a minhas ordens que, chegando o momento, defenderão Portas Negras sem hesitação.

Roland duvidou um instante antes de dar um passo para ela em atitude conciliadora. Ela estava à defensiva.

—Ofereço-lhe matrimônio dona Galiana...

Rosália ia replicar, mas Roland não o permitiu:

—Terá que enterrar o passado junto com os mortos, olhar o presente com valor e o futuro com uma inspiração funda sem que nos trema o pulso.

Rosália entrecerrou seus olhos castanhos com a dúvida neles. A proposta de Roland podia ser para ela como água de maio, mas sentia seus sentimentos cerceados pelo ódio e a apatia. Entendia que Roland sabia perfeitamente o que tinha ocorrido durante sua estadia em Sevilha, e esse conhecimento a fez esquivar-se ainda mais.

—Agradeço-lhe o oferecimento, De Béarn, mas meu coração também está de luto.

Roland já esperava sua negativa, mas seguia tendo uma jogada a seu favor. Esse rechaço não se devia a ele como homem, a não ser às circunstâncias nas que ela se encontrava.

—Jurei a seu avô que a protegeria com minha vida, deixe que faça honra a minha promessa. Se me permitir isso, lutarei com todas minhas forças defendendo Portas Negras e às pessoas que a habitam dos infiéis que se encaminham para aqui convencidos de que triunfarão. Esperarei o tempo que estime necessário até que possa me olhar com afeto.

Rosália mordeu o lábio com pesar. Tinha chegado a considerar Roland um bom amigo, sua negativa suportava a perda de sua incipiente amizade, mas por que a tentava até o inexprimível sua proposta? Estaria disposta a aceitar se com isso conseguia não sentir-se tão desgraçada, mas seguia acreditando firmemente que a sinceridade podia fazer menos dano que uma resposta vacilante. Quando elevou seu rosto para responder, perdeu pé e se desequilibrou; Roland a sustentou sem esforço evitando que caísse ao chão ao enredar-se com suas saias. Sentir-se protegida pelos fortes braços do guerreiro foi como um bálsamo para sua alma esfolada. Inspirou sua fragrância a couro e aço. Elevou seus olhos castanhos até encontrar-se com os azuis dele, que a olhavam com rosto sério.

—Necessita-me.

Rosália negou com um suspiro entrecortado tentando achar o valor necessário para seguir mantendo sua negativa.

—Ambos me necessitam.

Ela sabia, mas não queria reconhecê-lo. Sentia-se em dívida com Deus por não ter aceitado seu sacrifício em Sevilha. A vida seguia abrindo caminho apesar das dificuldades, e Rosália não pensava lhe dar as costas. Quando descobriu que estava grávida, a alegria e a dor a balançaram ao mesmo tempo; fizeram-lhe compreender que seus atos do passado podiam ser perdoados. Ao Roland parecia não importar que estivesse grávida de um infiel, e ela via esse gesto como um sinal divino de redenção.

A viagem tinha resultado exaustiva, tanto física como mentalmente, mas confiava em que o resultado valesse a pena. Yibrail baixou a vista para a taça que ainda mantinha intacta em suas mãos enquanto esperava ser recebido pelo conde. O destino lhe tinha sorrido, dom Miguel Salazar, conde de Aberín, estava a ponto de partir para o reino de Aragón como mensageiro do rei de Navarra, mas, milagrosamente ele tinha chegado a tempo. Olhou com curiosidade a estadia austera e fria, a torre de Aberín era mais uma fortaleza militar que um castelo para viver. As paredes careciam de tapeçarias e os móveis se viam espartanos, mas todos esses detalhes não importaram; tinha um propósito determinado para sua visita a Navarra e tinha que cumpri-lo. Voltou sua atenção para a lareira acesa; as frias temperaturas do norte contrastavam enormemente com as cálidas do sul.

O ruído da porta fez esticar seu estômago até sentir quase uma dor física.

—Não pode ser certo...! Deus do céu...! Gabriel!

Ele estava de costas à voz, o qual lhe deu o tempo necessário para fechar os olhos durante um instante, endireitar as costas e manter a voz firme. Começou a dar a volta devagar, tomando seu tempo; quando terminou de fazê-lo contemplou ao homem que ficou em silêncio, com uma mão posta no peito, junto a seu coração e um olhar completamente estupefato.

—Pai...

Capítulo 29

—Minha senhora...

Rosália se voltou para a voz ofegante de Antón, um dos guardas que custodiavam o muro leste, e que tinha entrado correndo à capela.

—Vem um séquito pela ponte da Alcântara em direção a Portas Negras; levam o estandarte do reino de Navarra.

Ela não se levantou imediatamente, seus olhos percorreram a figura de Antón, que seguia recuperando o fôlego pela corrida.

—Navarra...? —Ao momento, as pupilas se dilataram de surpresa. Ficou de pé e guardou o rosário no bolso de seu vestido de linho verde— Retornou Garcés?

O soldado negou com a cabeça.

—Nosso capitão não retornou ainda de Toledo — o homem tomou fôlego— mas o séquito segue muito longe para poder distingui-los com clareza.

Rosália abandonou a capela em direção ao muro leste de Portas Negras. Percorreu o pátio de armas e subiu pela escada levantada até alcançar o corredor estreito que conduzia as ameias, justo em cima das portas que protegem o acesso ao castelo. Antón a seguia de perto. Rosália observou o horizonte, a cidade de Toledo ficava justo em frente de seus olhos, e então os divisou. Ao menos dez cavaleiros formavam o grupo. Rosália pôde distinguir as insígnias navarras.

Voltou seu rosto para o soldado.

—Rápido...! Que preparem os salões e preparem mais quartos para acolher os hóspedes. Ordenem que o cozinheiro duplique as rações de mantimentos para esta noite e levem água fresca ao pátio para os cavaleiros e os cavalos.

Antón assentiu e partiu para cumprir as ordens imediatamente.

—Manuel!

O soldado elevou o rosto para Rosália do pátio.

—Vá em busca de pai Fabián e do barão de Vinaroz, lhes informem da visita. Esteban!

O soldado de mais fila em ausência do capitão Garcés acabava de subir os degraus e ficou parado a um passo dela.

—Prepare ao guarda em fila para a bem-vinda.

O homem assentiu e retornou sobre seus passos. Rosália tinha apenas quinze minutos para tentar arrumar seu aspecto.

Somente lhe deu tempo para lavar o rosto, pentear a larga cabeleira, fazer um coque e colocar a touca; passou a palma das mãos úmidas pela saia do vestido em uma tentativa de alisar as possíveis rugas ao tempo que ia ao encontro de seus visitantes. Cruzou os amplos corredores até chegar à arcada do jardim interior, atravessou-o com passos rápidos e saiu ao pátio de armas. O séquito se encontrava parado com as montarias ofegantes, e a metade dos cavaleiros já tinham desmontado. Rosália viu o estandarte vermelho com as barras amarelas em cruz e em sinal de multiplicação. Também divisou o pendão de maior alferes do reino que ostentava uma cruz bordada no centro além da que rematava a haste.

Rosália ignorava a que se devia tão distinta visita.

Passeou seus olhos pelos rostos dos cavaleiros olhando-os com franca curiosidade, e contemplando-os com atenção; todos tinham o semblante descoberto, salvo um que seguia com o elmo com a cilada baixa, subtraindo-se assim a seu escrutínio. O penacho da armadura era negro, igual ao pano que cobria o lombo de seu corcel sob a sela; a negra capa e a brilhante armadura a fizeram perguntar-se por que mantinha o rosto coberto. Os relinchos dos cavalos que se viam suarentos pelo rodeio a fizeram abandonar seus pensamentos. Baixou os três degraus da torre até alcançar com seus pés ligeiros as pedras do chão do pátio de armas. Um dos cavaleiros, que levava o pendão, o cedeu a um de seus acompanhantes, que o ajustou ao estribo de sua montaria. O homem, de meia idade, voltou-se para ela com um sorriso nos lábios. Rosália deu um passo para trás por precaução. À medida que ele avançava a seu encontro pôde estudá-lo com atenção; seu porte régio e distinto mostrava às claras que era de alta linhagem. Não era excessivamente alto, mas sim o suficiente para que ela tivesse que olhá-lo com o rosto levantado. Quando seus olhos se detiveram nos seus, que a contemplavam com grande satisfação, Rosália experimentou uma chicotada inesperada de apreensão; era como se estivesse olhando duas partes de mar e da mesma tonalidade que...

—Desculpe que o conde de Portas Negras não lhe possa dar a bem-vinda que merece. Estamos de luto, meu senhor.

O homem seguia avançando para ela.

—Obrigado por seu amável recebimento, soube da enfermidade de seu avô e lhe dou meus mais sentidos pêsames. Seu valor transpassou as fronteiras da Castilla.

Rosália deixou que beijasse sua mão com certa reticência.

—Minhas mais sinceras condolências também pela morte de seu pai. Ela sentiu um estremecimento de aviso.

—Temos muito de que falar, pactos que fechar antes de minha partida para Aragón.

Rosália enrugou testa com desconfiança, as palavras do nobre pareciam ilógicas.

—Permita-me, primeiro que me apresente: Miguel Salazar, conde de Aberín.

Rosália afogou uma exclamação de surpresa, tinha frente a ela ao maior alferes de Navarra. Contemplou-o enquanto o homem a saudava com uma profunda reverência. Sua mente era um calderão de especulações. Certamente o séquito vinha com o propósito de manter uma entrevista com o rei Alfonso para preparar a aliança contra os almohades e, ante a ausência do monarca, o condado de Portas Negras era a segunda opção mais importante no percurso.

—Permita-me que lhe ofereça água para acalmar sua sede antes de tirar o sujo que lhe reanimará da longa viagem.

O resto dos cavaleiros já tinham desmontado e se apinharam em torno de seu senhor, o conde. Esteban se mantinha alerta frente a qualquer eventualidade, esperando ordens de sua senhora ante a visita inesperada.

—É uma honra para mim poder desfrutar da famosa hospitalidade castelhana.

Rosália esboçou um sorriso hesitante.

—Meu rei se alegrará de sua chegada, enviarei um mensageiro a Burgos imediatamente.

Dom Miguel a olhou meio confuso e Rosália, ao ver sua expressão, se desencorajou, tinha acreditado que o Navarro trazia alguma mensagem para o monarca. Embora o rei Alfonso se zangasse com o rei de Navarra por sua tardança em chegar a Alarcos, não tinha tomado represálias a respeito, e a presença, de Navarro em Castilla poderia significar acordos e tratados que ajudassem ao rei castelhano em sua luta.

—Minha visita a Portas Negras tem um propósito concreto e de modo algum tem a ver com seu monarca. Não venho como emissário político, mas bem por um assunto pessoal. Acompanha-me nesta viagem seu parente.

Rosália o olhou estupefata.

—Parente...? —disse apenas com um fio de voz. Rosália não entendia nada, não podia oferecer uma resposta coerente. Ela não tinha parentes em Navarra.

De repente a assaltou uma dúvida terrível: o homem que se mantinha oculto sob o elmo tinha a altivez e o porte de... Não podia ser... Impossível! Devia estar louca para considerar por um instante semelhante sandice, mas suas suspeitas se viram confirmadas quando, com uma lentidão pasmosa, observou como a mão do homem embainhada em um manopla elevava a viseira do elmo de penacho negro para descobrir seu rosto ao mesmo tempo que era apresentado.

—Gabriel Salazar, herdeiro de Aberín.

O coração de Rosália tinha deixado de pulsar, e ela conteve um ofego de espanto. Durante um instante longo e penoso sentiu que ficava sem fôlego, com os olhos totalmente abertos e uma sensação de enjoo que ameaçou envergonhá-la diante dos cavaleiros.

O mundo se deteve e todo o ódio voltou a ressurgir de seu interior com uma força implacável. Ele tinha desmontado e lhe dedicava um olhar calculador. Foi quase impossível conter sua dor diante da visita, mas conseguiu controlar-se com um esforço sobre-humano. A aparição repentina de Yibrail a mantinha cravada ao chão, contendo a respiração e as náuseas. Tinha frente a ela ao homem de seus pesadelos mais recorrentes e seus desejos mais escondidos. Yibrail, com o rosto impassível e o olhar ardente, deu outro passo para ela, que se ergueu completamente afrontada procurando com seus olhos uma arma para cravar-lhe no coração.

—Boa tarde, esposa.

A voz grave e profunda gotejava posse carnal. Os olhos de Rosália foram do conde a ele em um movimento confuso sem saber que furacão acabava de açoitá-la; sentia-se completamente perdida entre o ódio e o desespero.

O destino jogava com ela como um poderoso veneno e ela estava bebendo até saciar-se!

Justo quando ia abrir a boca para articular um protesto amargo, o sacerdote fez sua aparição como por arte de magia, e ela soube que aumentavam os problemas. Caminhava tão rápido como o permitia seu traje, mas Rosália deixou de olhar ao sacerdote quando viu cheia de espanto, que Yibrail se encaminhava diretamente para ela com o que pareciam escuras intenções.

Os sentidos de Rosália se desbocaram, mas nada a tinha preparado para a descarga que sentiu ao ver-se rodeada por uns braços odiados e beijada por uns lábios conhecidos. O beijo, curto, mas intenso, foi observado pela multidão que se agrupava no pátio.

Com esse gesto ele tinha marcado seu direito sobre ela com feroz claridade.

la voltar-se louca!

Sentia-se incapaz de enfrentar um jantar com o séquito Navarro estando ele entre os presentes. A que diabo tinha ido a Portas Negras? Que intenções tinha? Como podia ser tão estúpida de perguntar-se algo assim?

Estava aterrada, cheia de uma cólera azeda e espessa. Olhou as mãos que tinha rígidas pela crisão e sem saber como conter a ira que a consumia. Yibrail a tinha colocado em uma situação comprometedor... Rosália deteve seus passos anárquicos por seu quarto ao ter uma intuição.

Por que o conde de Aberín o tinha chamado herdeiro de Aberín? Deus do céu! A suspeita arraigou em seu coração com raízes profundas e foi germinando de forma implacável, poluindo ao seu passo qualquer raciocínio lógico. Rosália soltou uma enxurrada de juramentos ao sopesar suas possibilidades e compreender a enorme confusão no que estava colocada. Quando seu peito deixou de agitar-se com violência, tirou a touca com brutalidade e a jogou sobre a cama em uma tentativa de acalmar sua frustração.

Tinha que descobri-lo! Rosália tampou o rosto com as mãos ante a impotência que sentia. Tinha a obrigação moral de falar com o pai Fabián e explicar por que Yibrail havia dito essas palavras no momento de sua chegada e por que a tinha beijado; Mãe de Deus! Como ia explicá-lo. Era imperioso que o sacerdote soubesse que seu matrimônio por juras não era válido porque tinha sido realizado mediante coação, mas a quem ia importar esse detalhe? Ao rei Alfonso. Rosália suspirou com certo alívio. Seu rei poderia mediar por ela ante a Igreja, mas o rei não estava em Toledo, a não ser em Burgos com sua esposa. Rosália estalou a língua com desgosto...

—Não pode ser tão grave — disse uma voz masculina.

Abriu os olhos e fechou os lábios. Seu pesadelo estava de pé na soleira da porta, com um ombro se apoiava no marco escuro sem atrever-se a entrar de tudo, e tinha um olhar vacilante em seu rosto varonil.

—Fora!

Ele ignorou sua ordem cortante.

—Deveríamos conversar.

Agora sim o olhou com intensidade, com olhos que flamejavam com o fogo do despeito contido durante semanas.

—Jamais!

Yibrail começou a avançar para ela com passo decidido. O queixo tinha tremido levemente, e Rosália soube que tentava manter a dignidade de forma tenaz ante sua negativa.

—Tem que me escutar, minha rosa.

O estômago dela deu um salto perigoso ante essas palavras afetuosas. Debatia-se entre o sentimento de rechaço por seus atos e o de ânsia de seu afeto, mas sem saber qual dos dois ganharia aquela batalha de vontades.

Tinha sentido tantas saudades, odiava-o com tal intensidade...

—Como se atreveste? Com que direito...?

Ele não a deixou terminar.

—Direito que me concede o consentimento rápido de vontade para nos unir em matrimônio.

Rosália não deteve um juramento blasfemo ao ouvi-lo.

—E tem a ousadia de me esfregar minha baixeza? Aqui, em meu lar?

Yibrail se deteve a um escasso passo dela. Sentia um formigamento nas gemas dos dedos pela necessidade de tocar sua sedosa pele, estreitá-la entre seus braços para que se sentisse segura. Vê-la nesse estado caótico de sentimentos encontrados o impelia a tentar aproximar-se de seu coração até sabendo o perigo que corria seu pescoço. Sentia sobre sua pele a reação que produzia o olhar dela e a desejou ainda mais.

—Resulta uma surpresa contemplar seu desdém quando não sou merecedor dele.

O remorso, por ter esquecido seus princípios por ele no passado, afundou suas garras nela com feroz voracidade. Rosália seguiu em sua atitude belicosa sem deixar de desafiá-lo com seu olhar pétreo. Continha seu mau humor atrás de uma máscara de impassibilidade. Como se atrevia? Ela decidia se o merecia ou não.

Yibrail adotou seu rosto antes de dizer:

—Por você renunciei a minha fé.

Rosália estava a ponto de soltar um impropério, mas conseguiu controlá-lo suficiente para responder com serena acritude.

—Por você me converti nisso, em uma pecadora impenitente.

—Por você renunciei a minha família.

Um espasmo a sacudiu ao tempo que enchiam seus olhos de lágrimas amargas, quentes de decepção.

—Por você perdi a minha. Meu pai sob sua espada e meu avô por seus atos.

Yibrail duvidou entre seguir avançando ou manter-se quieto. Nesse momento, oferecia-lhe um olhar aflito e cheio de uma angústia que o enchia de remorsos, mas tinha que fazer-se ouvir.

—Ponho meu coração a seus pés e vos rogo que me perdoe.

Ela se debatia entre o que tinha que fazer e o que indicava seu coração. Quadrou os ombros com altivez e o olhou com expressão firme.

—Está perdoado. Agora, parte!

Yibrail elevou sua mão direita e pegou a de Rosália com uma súplica em seus olhos verdes, mas ela não o permitiu, gesticulou-a com um desprezo profundo e se separou dele completamente afrontada.

A surpresa se refletiu nos olhos de Yibrail. Esperava sua atitude rebelde, mas o ódio que transbordavam suas pupilas indicou que suas palavras deviam ser mais cautelosas.

Decidiu justificar-se em parte.

—Seu amor conseguiu me reconciliar com o passado, um passado que odiava porque me sentia incapaz de compreendê-lo até que a conheci.

Definitivamente, Rosália não entendia nada.

—Dom Miguel Salazar é meu pai, um pai ao que repudiei durante muitos anos apesar de suas tentativas de aproximar-se de mim. Agora, ao ver meu desespero, decidiu me acompanhar para mediar ante você por minha causa.

Rosália não o escutava, seguia pensando na forma de desfazer-se dele.

—Sua chegada é desnecessária.

Yibrail a olhou perplexo.

—Desnecessária não, possivelmente inoportuna, mas vim para começar uma nova vida junto a minha esposa.

Ela negou veementemente com a cabeça, tentando apagar a dor que produzia ver um carinho que não podia compartilhar.

—Aceitei pronunciar meus votos coagida por minha escravidão.

Yibrail apertou os lábios.

—Mas é um fato que está casada comigo e eu desejo manter essa união.

—Não penso dar validade a um juramento devotado no desespero do momento.

Ele deu um passo para ela com o rosto contraído.

—Te amo, minha rosa.

Rosália esteve tentada de tampar os ouvidos para não escutar sua declaração, mas fazê-lo a mostraria ainda mais covarde do que já se sentia.

—Mas eu não, e com minha negativa estou dando um motivo para que parta.

—Renunciei a tudo para me fazer merecedor de seu afeto.

—Acaso pedi semelhante sacrifício?

Os olhos dele jogavam fogo.

—Presumo que suas palavras não são certas. Sei que me ama.

Rosália mordeu os lábios até quase fazer-se sangue. Ignorava como podia controlar seu amor por ele e separar o ódio que provocavam suas ações.

—Crê de verdade que poderia amar ao assassino de meu pai?

Yibrail avançou um pouco mais para ela, e Rosália lamentou seu avanço, porque tinha as costas contra um dos postes de madeira do enorme leito, já não podia retroceder mais.

—Explicar-lhe-ei os motivos que me impulsionaram a aceitar a promessa de sangue do califa de Sevilha.

Ela se negava a escutar sua justificação.

—Suas desculpas são desnecessárias.

Yibrail terminou por encurralá-la entre a enorme cama e seu corpo, que se havia posto tenso ante sua proximidade. Seu aroma seguia atraindo-o para o abismo do desejo insatisfeito. Cravou suas pupilas no rosto pálido que sustentava seu olhar com uma determinação cheia de valor, mas com um ódio mal encaminhado.

—Deixe que mostre o muito que a necessito.

Nada a tinha preparado para a doce invasão que sofreu sua boca pelo beijo dele. Yibrail tinha apoiado uma mão atrás de suas costas enquanto com a outra elevava seu rosto até apoderar-se de sua boca com um ímpeto demolidor. Rosália tentou resistir, mas perdeu momentaneamente a batalha; seguia amando-o com uma intensidade entristecedora e que escapava a toda compreensão. Com ele tinha despertado de sua letargia sensual, tinha aprendido quão maravilhosa era à união entre um homem e uma mulher, com seu beijo lhe mostrava...

—Que demônios ocorre aqui!

Capítulo 30

A tocha do desastre oscilava em cima de sua cabeça.

Rosália sabia que, respirava, as paredes de Portas Negras se derrubariam sobre ela do mesmo modo que se derrubaram os muros de Jericó. Estava travada entre a culpabilidade e o desejo sem poder reagir ante nenhum dos dois. Inundada em uma perplexidade enlouquecedora. A voz de Roland a levou a tentar separar-se imediatamente dos braços de Yibrail, mas este não permitiu uma retirada digna. Seguiu sustentando-a contra seu peito enquanto olhava ao Navarro tentando decidir o que significavam suas palavras.

—Solte-a! —insistiu Roland.

Yibrail negou com a cabeça.

De Béarn deu dois passos para frente com decisão.

—Solte a minha esposa imediatamente!

Rosália notou com horror absoluto como o rosto de Yibrail se endurecia e seus braços se esticavam ao redor dela até quase lhe produzir um sufoco.

O suspiro frio que soltou a boca de Yibrail poderia congelar o inferno.

Permaneceu de pé, totalmente quieto. Procurou com seus olhos verdes uma resposta, mas ela se mantinha silenciosa. Rosália viu que ele esperava uma negativa de sua boca, mas não a ofereceu e, depois de um instante de incredulidade, os olhos dele mostraram um indício de emoção, uma profunda ira!

Rosália não tinha visto jamais neles essa tonalidade furiosa, refulgiam com uma advertência que ela desprezou. A mão de Yibrail apertou seu braço em uma tentativa de fazê-la reagir sem conseguiu-lo.

Roland começou a tirar sua espada da capa de couro em atitude ameaçadora. Graças ao aviso de Esteban, tinha retornado com prontidão de Toledo acreditando que o séquito Navarro era o de seu pai, mas, para sua surpresa, tinha descoberto que o compunha uma guarnição do conde de Aberín. Tinha cavalgado com galope temerário tentando chegar o quanto antes a Portas Negras. Depois de ser informado com todo detalhe do que tinha ocorrido entre Rosália e o muçulmano, a fúria o tinha dado asas.

Vê-lo abraçar Rosália o tinha enchido de uma raiva negra, porque tinha temido o pior. O lobo tinha retornado à toca.

A boca de Yibrail adotou um rictus irônico ao dizer:

—Meus ouvidos me enganam... Refere-se à dona Rosália Galiana? A mulher que se casou comigo em Isbiliya? —pronunciou as palavras com uma cadência fria. Perigosa.

Roland mostrou seu desconcerto ao ouvi-las. Rosália havia se casado com o infiel? Que mais tinha ocultado ela? Ambos os homens fixaram suas pupilas em quão jovem não sabia por que greta do muro poderia escapar para fugir da esmagante sensação de esgotamento.

O olhar de Roland mostrava uma dúvida que o corroia, a de Yibrail uma fúria controlada.

—Posso explicar os motivos que... —Lutou para afastar-se de Yibrail; as mãos dele a soltaram relutantes, e ela deu um passo até situar-se entre os dois homens, que a olhavam com supremo interesse aguardando sua explicação, em um incômodo silêncio.

Quando foi abrir a boca para continuar, fez sua aparição o único que faltava para que a catástrofe fosse completa: o sacerdote.

—Dona Galiana não posso acreditá-lo. É certo que...? —A voz do sacerdote, que acabava de cruzar a soleira do quarto, fez aos três voltar à cabeça. O pequeno homem de Deus olhou os rostos dos que estavam na estadia completamente desconcertado, esperava encontrar à senhora sozinha.

Rosália sabia que tinha que sair do atoleiro o quanto antes se queria evitar um desastre maior que o que estava se abatendo sobre sua cabeça. Mas com uma frieza nascida do desespero, sopesou as possibilidades que apresentavam na balança da irracionalidade. Yibrail, com sua inesperada aparição, pôs-se ao alcance de sua mão para poder executar a vingança que tanto tinha procurado em Sevilha sem consegui-la. Voltou seu rosto para ele, que devolvia seu olhar com os olhos entrecerrados, esperando, mas ela só podia pensar em suas palavras anteriores, tinha renunciado a tudo, podiam essas palavras conter tanta esperança para ela? Rosália pensou em seu pai e em seu avô, e a decisão do que ia fazer a seguir germinou em seu peito como uma planta semeada em terra fértil.

—Sim, é certo. —As palavras saíram de sua boca com uma determinação implacável— Me uni em matrimônio a Yibrail Ibn Ali em Sevilha para obter minha liberdade.

O ofego de Roland resultou audível.

—E me uni em matrimônio com Roland Roux de Béarn em Portas Negras porque assim obtinha seu amparo.

Agora o ofego foi emitido por Yibrail.

—Senhora, é consciente do que implicam suas palavras? —O sacerdote estava a um passo de sofrer um colapso pela incredulidade— Sua conduta está condenada pela lei divina e eclesiástica.

Rosália tinha cruzado essa linha fazia muito tempo.

—Um pecado mais, o que importa!

O caos se apoderou do salão de audiências; a poltrona de honra da grande sala tinha sido ocupada por Roland para atender ao séquito Navarro e deixar claro assim sua condição de atual senhor de Portas Negras. Rosália não elevava o rosto. Estava muito pensativa, mas convencida do que ia fazer.

—Exijo uma explicação ante a infâmia de que foi objeto meu filho. — Miguel Salazar a olhava com o horror refletido em seu rosto; a sala estava dividida em dois bandos claramente diferenciados. Por uma parte, os cavalheiros Navarro fiéis ao conde de Aberín; pela outra, os castelhanos leais a Rosália.

—Dona Galiana, compreende o que estas palavras significam para você?

Ela assentiu com a cabeça à pergunta do sacerdote que tinha oficiado suas bodas com Roland umas semanas atrás.

Estava a ponto de propiciar o início de uma guerra, e não precisamente contra infiéis.

—Está casada com meu filho!

Rosália olhou brevemente ao alferes e assentiu com a cabeça em um gesto apenas perceptível.

—Está casada comigo! —Roland tentava fazer-se ouvir entre a gritaria da sala.

—É uma bodas herege. Jamais será reconhecida pela Igreja. —A voz do sacerdote produzia a Rosália dor de cabeça.

Roland e Yibrail se olhavam com o desafio nos olhos, medindo-se.

—Dona Galiana pronunciou seus votos em Sevilha ante a presença de quinze testemunhas, o califa entre eles. —Amed tinha se pronunciado com lealdade para seu amo.

Rosália agora sim fechou os olhos.

—Esses esponsais não são válidos.

Com uma calma assustadora, Yibrail voltou seu rosto endurecido para o sacerdote, que seguia negando com sua pequena cabeça.

—Para que não houvesse nenhuma dúvida a respeito, nossa união se realizou mediante jura — declarou Yibrail.

O sacerdote lançou uma exclamação ante essa nova revelação. Se fosse certo, o matrimônio de Rosália com Yibrail se considerava válido sobre o segundo com Roland, posto que o primeiro não tinha sido oficiado por um religioso muçulmano não podia considerar-se herege.

As perspectivas pioravam.

—Não é cristão... —alegou o sacerdote.

O gesto afogado de dom Miguel fez com que o sacerdote desse um passo para trás precavido e lamentando sua impulsividade.

—Meu filho Gabriel foi batizado como cristão pouco depois de seu nascimento, como ousa desafiar à casa de Aberín com essa observação pejorativa?

Roland viu que o sacerdote tinha equivocado o caminho.

O padre abriu os olhos com surpresa após a declaração do nobre. Até esse momento não sabia que ele era o pai de Yibrail. Por sua parte, Rosália estava convencida de que seus progenitores eram muçulmanos: nada nos gestos ou atos dele a tinham induzido a acreditar o contrário, mas seguia sendo incapaz de sustentar seu olhar sem perder a compostura. Tinha tomado uma decisão e devia aceitar as consequências.

—A dama será quem dita sobre esta questão. —As palavras de Roland fizeram que Gabriel comesse a negar com sua cabeça.

Miguel Salazar foi consciente da animosidade que crescia na sala por momentos, e soube então por que seu filho lhe tinha pedido ajuda. Após anos tentando aproximar-se de Gabriel e sendo rechaçado por este apesar de seus contínuos rogos e reclamações, agora que tinha ido a ele, não podia lhe falhar. Necessitava-o tanto... Tinha amado com desespero a sua mãe e agora se apresentava a oportunidade de abraçá-lo, de poder chamá-lo ao fim filho.

—O rei Alfonso é quem deve pronunciar-se sobre a questão — disse dom Miguel Salazar.

Roland sabia o que tinha a perder. Se o rei castelhano tomava em conta que Gabriel era o herdeiro de Aberín e filho do alferes maior de Navarra, sua posição seria precária. O rei castelhano pretendia uma aliança com os Navarro para a guerra que estava preparando contra os almohades, e essa circunstância inclinaria a balança para o infiel com toda segurança.

—Os sponsais se realizaram mediante coação.

A voz de Roland seguia soando calma apesar da dúvida que o reconhecia, mas Gabriel voltou a negar com a cabeça ante as palavras do Navarro. Rosália se mantinha em um suspeito silêncio. Quão seguinte Gabriel disse foi dirigido a ela:

—Será sua palavra contra a minha, esposa?

Os olhos dela se abriram com horror ante a mentira descarada. Ele sabia perfeitamente que a tinha coagido para obter seu assentimento, mas que surpresas a esperavam. Ela calava porque seus motivos eram poderosos, no momento oportuno ia jogar-lhe o golpe definitivo para quebrá-lo.

—A palavra de minha senhora é suficiente para mim. —Roland tinha se levantado da cadeira com o rosto desencaixado.

Gabriel seguia alerta ante a ameaça que representava o Navarro. Os cavaleiros de seu pai que o acompanhavam jogaram mão a suas espadas aguardando sua ordem para começar com a luta. Tinham-no aceito sem indício de vacilação como futuro senhor de Aberín.

Rosália sabia que enfrentava a um líder em seu salão quando os restos de seu pai e de seu avô estavam ainda quentes em suas sepulturas. Os remorsos a golpearam com brutalidade porque era ela quem tinha propiciado esse caos. Sentia-se terrivelmente mal, as náuseas subiam em arcadas até o céu da boca e os olhos se nublavam com uma angústia que não podia conter.

—Guardem as espadas! Não desejo uma briga em meu lar estando nossos corações de luto. —Rosália olhou Gabriel com uma súplica em seus olhos empanados— Se me liberar de meu voto, juro ante Deus que esquecerei sua ofensa.

Gabriel sentiu que encolhia sua alma ante seu rogo, mas era de todo impossível ceder. A raiva seguia consumindo-o ao compreender a traição dela; não podia deixar sua traição sem castigo. Tinha manchado o sentimento mais formoso que tinha tido em sua vida, seu amor. Seus sentimentos eram puros, sem mácula, mas Rosália os tinha sujado unindo-se em matrimônio pouco depois de haver-se deixado amar com paixão por ele. Sentia-se cheio de uma ira cega, embora conseguisse controlá-lo suficiente para não lhe saltar em cima e beijá-la com desespero até fazê-la admitir que o necessitava, e o muito que se equivocou.

—Após nossos esponsais disse que me reclamavam assuntos urgentes, mas jamais imaginei a traição da que seria objeto em minha ausência de Portas Negras.

Rosália estava a um passo de lhe arrancar a espada e cravar-lhe no coração. Tinha que conter sua impaciência se pretendia obter sua vitória sobre ele, mas o vazio seguia abrindo-se debaixo dela, que ainda não entendia como se mantinha em pé.

—O rei decidirá então.

Rosália se voltou para Roland depois de que este pronunciasse a sentença provocadora e que em modo algum beneficiava seus planos.

—Não necessita que o rei dita. —Rosália deu um passo a frente dando as costas a Roland, que com esse gesto entendeu por quem se decidiu ela. Continuando, a jovem fixou seus olhos em Yibrail com uma frieza estremecedora; estava a ponto de uma vingança completa e absoluta— Dou-lhe a bem-vinda a Portas Negras, marido. —Seu olhar se empanou e os ombros tremeram.

Yibrail se deu conta de que ela estava a ponto de desabar sobre o chão. Assim que Rosália terminou de falar, caiu inerte para frente, mas ele estava preparado e a sustentou entre seus braços, embora sem saber o que fazer a seguir.

Capítulo 31

A anarquia reinava dentro dos muros de Portas Negras, mas Rosália seguia recostada no leito, absolutamente alheia a tudo o que não fosse sua terrível confusão. Sempre tinha suspeitado que Yibrail... Admoestou-se severamente por seu esquecimento, devia chamá-lo Gabriel... Voltaria para reclamá-la, tinha-o visto em seus olhos. Quando tinham deixado para trás os muros de Sevilha, ela tinha entendido que a despedida ia ser breve. A proposta de Roland tinha servido para urdir a humilhação da que ia fazer objeto a Gabriel; entretanto, agora sentia certo remorso. Nenhum homem levava bem que o utilizassem, e o Navarro menos.

A primeira parte de sua vingança tinha sido consumada.

—Está convencida, minha senhora? —Esteban tinha terminado de lacrar a carta com o selo condal que tinha facilitado. O homem pôs a seguir o selo em lugar seguro enquanto agitava a missiva para que se secasse o lacre.

Rosália assentiu levemente sem abandonar sua postura inclinada sobre o pequeno escritório frente à janela. Sabia que estava se aproveitando do desconcerto que tinha originado seu desvanecimento, mas necessitava uns momentos a sós com um de seus homens de maior confiança para redigir uma missiva que ia dirigir a Burgos com urgência.

—É necessário que entregue a carta em pessoa, e que saia de Portas Negras com sigilo durante a noite para que ninguém suspeite.

Esteban assentiu.

—Garcés já foi informado — prosseguiu ela— Ninguém se precaverá de sua ausência nem de minhas intenções.

Esteban a seguia olhando com o cenho franzido.

—Seguro que se encontra melhor, minha senhora?

Rosália só havia se sentido pior quando contemplou impotente a execução de seu pai, mas devia seguir com seus planos sem que tremesse o pulso até a culminação de sua vingança.

—Meu desmaio o provocou a incerteza e o esgotamento.

O soldado compreendeu, mas não respondeu nada.

—Onde está...? —Foi incapaz de acabar a pergunta.

Esteban pigarreou algo incômodo porque nunca tinha contemplado uma situação mais absurda e preocupante.

—Seus maridos seguem assassinando-se com os olhos no grande salão, e embora nenhum abandonou sua atitude belicosa, seguem mostrando certa

cautela. De Béarn optou por deixar livre a cadeira do senhor do castelo para não despertar mais animosidade da necessária, e o herdeiro de Aberín segue na mesma posição de alerta frente à lareira, esperando notícias sobre sua saúde.

Rosália poderia rir da situação se não fosse tão grave.

—Minha saúde é o último que deveria se preocupar neste momento.

—Armou-se uma embrulhada.

Nunca umas palavras tinham sido tão certas. Rosália mordeu o lábio inferior meditando sua situação instável.

—As situações extremas requerem medidas desesperadas.

Esteban se desculpou com os olhos e disse:

—Nunca pus em dúvida que tinha motivos para fazê-lo, minha senhora, embora esses motivos sejam questionáveis.

Rosália lamentava a confusão que enchia o coração de seus homens, mas não queria mostrar-lhes a grande ansiedade que produzia aquela sucessão de acontecimentos inesperados. Era imperativo que mantivesse a voz firme e as mãos quietas.

—Mas deve saber que responderemos com a contundência que creia necessária —concluiu Esteban.

Rosália assentiu com a cabeça, sabia que seus homens estavam em guarda, esperando suas ordens ante a menor eventualidade, tanto do senhor De Béarn como do senhor de Aberín.

—Não será necessário. Ambos sabem guardar a compostura em um lar que guarda luto.

Esteban inclinou a cabeça tentando assimilar as palavras de sua senhora.

—Está convencida disso?

Rosália assentiu.

—Conduza o médico até meus aposentos —pediu a seguir— e diga ao senhor De Béarn e ao senhor de Aberín que logo me reunirei com eles para o jantar.

O jantar foi o momento mais violento para Rosália. O rosto imperturbável de Gabriel a punha extremamente nervosa e contrastava enormemente com o ofendido de Roland, que seguia lhe dirigindo um olhar doído de seu lugar frente a ela. As mesas tinham sido colocadas paralelas entre si.

O sacerdote se manifestou decididamente a favor de Roland, mas esse detalhe a Rosália não a preocupava; sim a fazia em troca o olhar abrasador de

Gabriel sem afastar-se dela nem um instante, e sem perder um só de seus gestos, como se fosse um falcão que vigia sua presa.

Ao ter sido aceito como senhor de Portas Negras, seu assento estava situado à esquerda dela, e Rosália se perguntava como ia suportar manter a quietude tendo-o tão perto.

Odiando-o com tal intensidade e necessitando-o até o ponto da loucura...

—Armaste uma confusão. —Seu profundo timbre de voz a fez sentir uma sacudida em todo o corpo, mas não o deu a satisfação de olhá-lo.

—Acreditei que não voltaria a te ver — disse ela por resposta.

—É essa a desculpa para seu comportamento caprichoso e volúvel?

—Essa é minha desculpa ante sua inconstância de caráter e sua ligeireza de palavras.

Gabriel inspirou profundamente.

—Sabia que voltaria para reclamá-la. —Havia dito essas palavras em um tom tão baixo que Rosália acreditou que não as tinha ouvido bem— Me devia fidelidade.

Ela voltou os olhos a Garcés, que bebia vinho completamente concentrado na conversa que mantinham ela e Gabriel.

—O único que lhe deverei será uma oração de gratidão por seu óbito.

Gabriel não havia sentido nenhuma das viandas que se colocaram na longa madeira da mesa, e sustentava o copo de água sem decidir a beber dele.

—Pode beber tranquilo — disse Rosália— hoje não está envenenado.

Ele entendeu a ameaça à perfeição. Ela não o olhava, mas sabia perfeitamente onde tinha suas mãos e seus pensamentos.

—É um alívio saber que, por esta vez, não vomitarei minhas tripas diante dos homens de meu pai.

—Por esta vez — repetiu Rosália em um murmúrio apenas audível.

As fontes cheias de alimento seguiam passando perto deles sem que nenhum dos dois fizesse o menor caso. Estavam tão concentrados um no outro que o resto de comensais tinham deixado de existir para ambos.

—Tem que ir embora!

Rosália sabia perfeitamente a quem se referia Gabriel.

—É amigo da família, meu marido até sua chegada, devo-lhe uma explicação e uma desculpa. —Ela ouviu perfeitamente o chiar de seus dentes tentando controlar-se.

—Tenta me provocar.

—Isso é virtualmente impossível.

—Não me provoque mais do necessário, mulher, ou comprovará a força de minha mão e conhecerá meu temperamento.

—Suas ameaças não me intimidam, e já sofri na própria carne seu temperamento. —Agora sim o olhou de forma penetrante e dura.

Gabriel contraiu a mandíbula para conter seu mau humor diante de seu pai, que os observava aflito.

—Têm minha palavra de que minhas ameaças não são o único que lhe vai intimidar esta noite.

Rosália se manteve calada durante um momento. Sentia-se tão desenquadrada emocionalmente por ter que suportar sua presença que não sabia como controlar sua réplica amarga.

—Se crê por um momento que ides compartilhar meu leito, é que não me conhece o suficiente, senhor. —As palavras saíram de sua boca como um vaio mortal.

—Anunciaste a todos seus homens que sou o senhor de Portas Negras e único paladino com direito a gozo esta noite. —A frase saiu de sua garganta antes que pudesse detê-la.

Rosália voltou à vista para o rosto dele, que olhava um ponto indeterminável da sala, como se essas palavras não tivessem saído nunca de seus lábios.

—Atreva-se a sonhá-lo sequer...! —Por um momento, a Rosália pareceu que estava burlando-se dela. Seu sorriso sardônico e seus olhos brilhantes assim pareciam dizê-lo— Não o reconheço.

Dessa vez, Gabriel a olhou com uma intensidade abrasadora, com um ciúme cego e um despeito irracional.

—Fá-lo-á após esta noite, querida. Prometo-lhe que irá reconhecer cada centímetro de meu corpo.

Nada pôde deter o juramento obsceno que saiu da boca de Rosália como um grito de impotência. Ficou em pé de repente, como se lhe tivessem jogado um fogão de brasas ardentes no colo, e se deu conta muito tarde de que seus homens de armas se levantaram também, com os rostos instigados, esperando uma ordem por parte dela.

Um só passo em falso podia dar ao traste com a vingança que tinha prevista para ele. Depois de meditar um momento sua situação, optou por tragar o orgulho machucado e voltou a sentar-se no banco de madeira enquanto fechava os olhos procurando um pouco de serenidade.

—Uma sábia decisão, esposa minha.

Capítulo 32

Roland a aguardava no corredor do segundo andar, junto ao quarto principal. Rosália não esperava sua repentina aparição, e teve que conter um grito de angústia. Tinha os nervos tão crispados que se sobressaltava inclusive de sua sombra.

—Assustaste-me!

Roland posou as mãos sobre os ombros dela para dirigi-la para a biblioteca, enquanto olhava para trás para certificar-se de que estavam sozinhos.

—Preciso lhe falar com urgência.

Rosália se deixou guiar sem um protesto.

—E eu lhe devo uma desculpa de coração.

—Compreendo por que o escolheste.

Ela voltou seus olhos para Roland e o olhou especulativo.

—Mas isso não evita que me sinta insultado.

—Acreditei que não voltaria a vê-lo.

Roland abriu a porta de um dos quartos e a introduziu dentro com certa brutalidade.

—Posso ser muitas coisas, Rosália, mas não estúpido. Não necessito esse consolo.

Ela compreendeu que não o fazia um favor tentando justificar uma atitude injustificável.

—O senhor de Aberín contraiu uma dívida de sangue da que não poderá escapar — disse Rosália — sabe.

Os olhos azuis de Roland se entrecerraram com suspicácia.

—Terá que ignorar o passado para enfrentar o futuro — respondeu.

Rosália se encrespou violentamente ao escutá-lo. Como tinha a ousadia de dizer que tinha que esquecer a terrível afronta que o infiel tinha perpetrado contra sua família? Devia estar completamente louco.

—É um fato que estou casada com ele mediante jura, e essa união o pôs ao alcance de minha mão.

Roland jogou a cabeça para trás para olhá-la com mais atenção.

—Nunca acreditei que fosse pôr seu pescoço tão perto do fio de minha espada — prosseguiu ela.

—Pretende me dizer que só a move o desejo de vingança?

Rosália assentiu.

—Que outra razão poderia ter?

Roland poderia enumerar um total de cem, mas manteve a boca fechada.

—O senhor herdeiro de Aberín não imagina os planos que tenho para ele.

—Mas não posso protegê-la!

Rosália levantou a mão e acariciou seu queixo com suavidade.

O Navarro lhe tinha sido de muita ajuda nos momentos em que se sentiu quebrada, sem ânimos para levantar seu espírito. Rosália não esquecia nem os favores nem as afrontas recebidas.

—Não necessito seu amparo.

Roland não compreendeu.

—Logo, meu rei me outorgará a liberdade para poder me desposar com você da forma correta, mas antes desejo levar a cabo minha vingança até as últimas consequências.

—Não te compreendo, Rosália.

—Acaso o infiel não sofreu em suas carnes a humilhação de nossas núpcias? Quando me ofereceu a liberdade sob coação soube que muito em breve poderia vingar sua perfídia.

Roland a olhou com uma intensidade entristecedora.

—Este é o princípio de minha vingança implacável.

—Mas com seu reconhecimento invalidaste nossa união. O filho que espera não poderá levar meu nome.

Rosália mordeu o lábio inferior com preocupação.

—Não permitirei que cheguemos a esse ponto, tenho uma solicitude escrita de dispensa para o bispo de...

—Dê-me isso eu a levarei.

Ela olhou Roland completamente surpresa por sua repentina oferta.

—Crê acaso que posso continuar aqui vendo como se apropria de tudo o que me pertence e sem fazer nada a respeito?

Essas palavras produziram em Rosália certa apreensão, mas desprezou a desagradável sensação imediatamente. Roland só lhe tinha proporcionado compreensão e ajuda.

—Meu dever era desafiá-lo a duelo, mas temo as represálias para você e Portas Negras de seu rei Alfonso se manchar minha espada com seu sangue navarro.

Ela sabia. O rei se mostrava em ocasiões um tanto imprevisível. Ansiava uma aliança com os Navarro e daria os passos pertinentes para consegui-lo.

—Você também é Navarro.

Ele assentiu com a cabeça enquanto estalava a língua com chateio.

—Mas não sou filho do alferes, minha senhora, nem meu pai possui tantos cavalheiros sob seu mando como o conde de Aberín.

Rosália compreendia muito bem. Se o rei Alfonso fosse pronunciar-se, fá-lo-ia por quem reportasse mais benefícios para Castilla.

—Onde têm a solicitude de dispensa?

—Em meus aposentos.

—Acompanhá-la-ei.

—Não será necessário.

—Acredite-me que sim. Até que não a tenha em minhas mãos não poderei estar tranquilo.

—Quando pensa levá-la?

—Partirei esta mesma noite. Assim que tenha pronta minha montaria e possa controlar meu gênio para não a deixar viúva.

Rosália compreendia que tinha feito muito mal ao enfrentar a dois homens por sua causa, mas agitou a cabeça para limpar sua confusão. Cruzou o amplo oco que dividia a sala de espera de seu quarto e se dirigiu ao escritório onde guardava a petição. Roland a seguia muito de perto. Ela passou as páginas do livro de contas e removeu uns documentos de seu avô antes de dar com a carta dirigida ao bispo. A estendeu a ele sem hesitação.

—Aqui a têm.

Roland a guardou em seu cinto, sob sua capa.

—Demorará a retornar?

Não respondeu.

—Tenha uma boa viagem, meu senhor.

Roland inclinou a cabeça para aproximar-se de seus lábios. O beijo exigente e rude fez que Rosália o comparasse com os que tinha recebido de Gabriel. A lembrança desleal resultou ser um potente veneno que despertou seu desejo e seu aborrecimento ao mesmo tempo.

Quis apagá-lo. Fazer desaparecer o sentimento de pesar que a embargou enquanto os lábios de Roland tomavam sua boca com força desmedida. Agarrou a túnica dele pelo pescoço com ânsia, tentando aproximá-lo mais a ela; precisava sentir seu aroma, encher-se de sua fortaleza, mas a língua de Roland não sitiava seus sentidos como a de Gabriel.

A repentina flacidez dos braços de Rosália sobre seu pescoço fez que Roland terminasse o beijo de forma abrupta. Deu um passo atrás sem separar seus braços do corpo de Rosália, mas sem poder conter uma queixa furiosa.

—A minha volta...

Olhou-a uma última vez antes de dar a volta e partir com passo marcial e decidido. Rosália mordeu o lábio inferior porque lhe tinha falhado. Levantou as mãos em um gesto instintivo para segurar a cabeça, que tinha começado a dar voltas.

Que diabo estava fazendo com sua vida? Por que a cegava tanto o sentimento de vingança? A quantas pessoas teria que ferir para consumá-la e sentir-se satisfeita?

Tentou normalizar sua respiração ofegante. Precisava ordenar suas ideias, controlar os passos, mas nada saía como tinha previsto. Passou o dorso da mão pela boca tentando apagar o beijo atormentado de Roland, que a convertia em um ser mais miserável do que se sentia.

Tentou alcançar a banqueta que havia junto aos pés do leito. Sentia-se triste, sofria por sua gente e precisava recuperar forças para continuar a batalha.

Quando o alcançou, deixou-se cair nele quase desfalecida.

Rosália seguia sentada na mesma postura fazia um tempo, tentando controlar a sensação de impotência e as náuseas. Precisava manter a mente ativa e as mãos ocupadas para não pensar em Gabriel, em suas tentativas de aproximação mútua e em seus olhares de desejo reprimido, que conseguiam produzir uma sensação de atordoamento constante.

—Diga-me isso.

A suave voz controlada a encheu de sofrimento. Não necessitava que elevasse seu rosto para saber que Gabriel acabava de cruzar a soleira de seu quarto sem sua permissão, sem importar os esforços que ela fazia para fugir de sua presença perturbadora. Por que Amed tinha permitido seu passo a seus aposentos privados?

—Preciso sabê-lo, rosa minha — Indubitavelmente, Gabriel se referia a sua gravidez; Rosália soube que Amed o tinha revelado.

Ela olhou a porta aberta e resmungou zangada com Amed e suas tentativas de dobrar seu espírito combativo. O guardião tinha os dias contados. Sua lealdade devia ser para ela. Rosália suspirou de novo e se elevou de sua posição na banqueta com grande esforço, tentando controlar o enjoo. Levava várias semanas indisposta e a presença de Gabriel não fazia a não ser incrementar seu mal-estar.

—Bem-vindo a Portas Negras, marido.

Gabriel suspirou cansado ao tempo que coçava o cabelo negro com a mão.

Rosália nunca o tinha visto embelezado com roupas cristãs; sua presença resultava menos imponente vestido como um nobre e rico Navarro que como um guerreiro muçulmano.

Estavam tão perto um do outro...

Gabriel a olhou com uma intensidade arrepiante. Apesar de seu pálido rosto e de suas olheiras marcadas, via-a formosa, com essa formosura que inspirava uma vertigem negra. Amava-a com um amor que não conhecia limite nem freio, com um amor que só oferecia martírio, mas mesmo assim a amava, e a odiava por sua volubilidade.

—Não são essas as palavras que espero ouvir de seus lábios.

Ela não as ia pronunciar.

—O que faz em meus aposentos privados?

Ele avançou um pouco mais. Rosália retrocedeu o dobro, tentando pôr uma distância prudente entre os dois.

—Sou o senhor deste castelo, meu dever é me preocupar com a saúde de minha esposa e por tudo o que ocorre entre estes muros.

Ela apertou os punhos aos flancos tentando conter sua irritação.

—Diga-me isso minha rosa, para que suas palavras acalmem a angústia que se aloja em meu peito de forma perpétua. Mutilando cada broto de esperança que ressurge por obter seu afeto, e só recebo em resposta indiferença.

—Não compreendo a que se refere.

As pupilas brilharam durante um instante com uma advertência que ela ignorou sabendo bem a que se referia.

—Sua indisposição me enche de doces expectativas ou de amarga desconfiança.

—Desde meu envenenamento em Sevilha, meu corpo não tolera bem alguns mantimentos, mas alegre-se, é possível que logo seja um viúvo com um condado muito rico.

—Se o estimar necessário, farei vir Averroes para que lhe subministre uma cura a sua língua.

Rosália apertou os lábios.

—Diga-me isso e a deixarei em paz...

Ela abriu os olhos com surpresa e cheia de esperança.

—Até manhã — concluiu ele varrendo suas ilusões de um golpe.

—Por quê? —A pergunta belicosa era a esperada.

—Porque sou um homem orgulhoso.

Rosália elevou o queixo com soberba.

—Então, é melhor que mantenha minha boca selada.

O chão a desapareceu sob os pés de Gabriel ante a resposta venenosa dela.

—Assim poderá seguir mantendo seu orgulho intacto — concluiu olhando-o.

Gabriel se aproximou perigosamente a ela, mas desta vez Rosália se manteve em seu lugar, com o rosto altivo e os olhos cheios de fúria. Não ia retroceder ante ele nunca mais.

—Não sou um homem fácil de enganar.

Rosália estalou a língua com certo chateio que soou a brincadeira.

—Nem eu uma mulher fácil de convencer.

As mãos de Gabriel tinham subido pelos braços dela até posar-se em seus ombros, e durante esse percurso, Rosália tinha se precavido das sensações prazerosas que as gemas quentes dos dedos dele foram despertando em sua pele ansiosa. Agora subiam por sua garganta até segurar sua mandíbula com um gesto possessivo.

Manter-se firme custou a Rosália o maior esforço de sua vida.

—Admiti-lo-á embora tenha que obrigá-la a beijos.

Os corpos de ambos tinham ficado unidos em um contato que a acovardou. Sentia uma urgente necessidade de que a estreitasse entre seus braços, de que a acalmasse com aquelas palavras doces que a tinham apaixonado no passado, mas a razão voltou a ela de novo.

—O que deseja que admita? Que o amo? Que o odeio?

Gabriel conteve a respiração durante um instante longo e penoso.

—Que não posso viver com esta agonia culpada por me haver entregado ao assassino de meu pai? —acrescentou ela.

—Não é essa a confissão que espero ouvir de seus lábios, embora saiba que mereço isso.

A mão segurava sua nuca para obrigá-la a elevar o rosto e olhá-lo. Suas bocas estavam separadas por apenas um centímetro. Gabriel observou como os lábios dela se apertavam em uma linha, tentando conter suas emoções.

—É a única que estou disposta a oferecer.

—Diga-me isso e aliviará sua carga. Diga-me que sou o pai do filho que espera.

Rosália abriu os olhos com surpresa. Gabriel se mostrava mais sagaz do que tinha suposto.

—Solte-me!

Ele fez ouvidos surdos a sua ordem.

—Antes ficaria sem braços.

—Que pouco custam as palavras!

—Pelas suas seria capaz de morrer.

Rosália pôs as mãos no duro peito dele e, com um empurrão, tentou soltar-se de seu abraço férreo.

—Adiante então! Se for certa sua oferta, começarei a falar e não pararei até ficar sem voz...

Gabriel se manteve em silêncio.

—Covarde! O que impede isso?

—A promessa de protegê-la feita a seu pai em seu leito de morte.

Rosália levou a mão à boca para afogar um grito. Que fosse capaz de semelhante ardil...

—Mentiroso!

—Nunca desonraria um morto com uma mentira.

Rosália se sentia crispada, cheia de dúvidas, mas se seguia escutando as palavras de Gabriel, este conseguiria que cedesse a seus requerimentos, e por sua vida que não pensava permitir-lhe.

—Já o admiti como meu marido e senhor de Portas Negras diante de minha gente, não admitirei nada mais com respeito a você.

—Mas eu preciso sabê-lo, minha rosa. Não compreende que a dúvida me corrói?

Rosália tinha nas mãos a segunda fase de sua vingança, duvidou durante um instante levá-la a cabo, mas quando olhou os olhos verdes cheios de esperança sentiu um remorso em sua alma como nunca antes havia sentido.

—Jamais poderia fazer algo assim com Roland Roux de Béarn.

As pupilas dele perderam o brilho ao escutar sua confissão, com essas palavras admitia sua traição.

—Tudo isso que teme, é certo — concluiu ela.

O tempo se deteve.

Gabriel permaneceu totalmente impassível, mas foi só durante um momento, porque ao seguinte seus olhos refulgiram com um ódio cervical. Rosália teve que livrar-se da sacudida de medo que a estremeceu por um instante e recordar seu propósito. Suas palavras perseguiram um fim.

—Então teria que ter proclamado como seu marido ao Navarro e não a mim.

Rosália não compreendia aonde pretendia chegar ele.

—Por que diz isso? —Acreditava que não ia responder, mas se equivocava.

—Porque sua vingança não seria tão implacável como a minha.

Rosália abriu a boca estupefata. Tinha perdido pé ante a confissão dele, cheia de ódio.

—O que pretende dizer com isso?

Gabriel se separou dela, mas sem soltar uma mecha de cabelo que tinha enredado entre seus dedos frios.

—Que penso fazê-la pagar sua traição da forma mais humilhante. Vou ser um inimigo inclemente, que estivesse provocando todo este tempo com suas argúcias.

O desconcerto e a confusão apareceram nas pupilas de Rosália durante um instante, mas se recuperou imediatamente.

—Nada do que tramar pode me fazer dano.

—Está completamente segura?

—O que senti uma vez por você desapareceu junto com a vida de meu pai em Sevilha. Aceite! Não o amo, Gabriel Salazar de Aberín.

Os olhos verdes dele se reduziram a uma linha após as palavras de Rosália.

—Mas eu a você sim e essa é sua maior desgraça. —As mãos de Gabriel a seguraram pelos braços para atraí-la para si com um só impulso. Agarrou sua nuca para impedir que retirasse o rosto de seus lábios, que foram ao encontro dos seus com uma urgência demolidora.

Rosália estava morta de medo; se a beijava, capitularia.

—Somará uma ofensa mais contra minha pessoa?

A vacilação apareceu um instante às pupilas de Gabriel, mas este sopesou na balança os prós e contras.

—Uma a mais... O que importa?

Sua boca desceu com violência sobre a de Rosália, que não pôde deter seu avanço ávido. A língua de Gabriel se enroscou com a sua procurando uma rendição que ela se negava a oferecer, mas que não podia conter. Ao precaver-se de sua rebeldia, ele tornou o beijo mais exigente, possessivo. Explorando com sua língua de forma profunda e completa cada curva que lhe negava.

Rosália sentiu seus dedos deslizar-se por suas costas até deixar sua mão descansando no oco de sua cintura. Com a outra seguia segurando sua nuca, para que não rechaçasse a invasão de sua boca. Assim que se deu conta de que a dirigia para o leito, tentou opor um pouco de resistência, mas os sentidos tinham falhado.

Gabriel foi depositando-a lentamente sobre o fofo colchão sem deixar de beijá-la, sem permitir um descanso a sua língua, que seguia enroscada na sua como uma serpente que dança ante sua presa. A mão de Gabriel foi

deslizando-se por seu flanco até deter-se no suave montículo de seu seio por cima do vestido, mas ao momento, ela sentiu seus dedos mornos deslizar-se sob a roupa para tomar posse de seu seio e rodear de forma suave o mamilo até voltá-lo duro. Rosália gemeu perdida em suas emoções, sem atrever-se a abrir os olhos para não romper o feitiço que suas carícias produziam.

Elevou os quadris apenas uns milímetros de forma eloquente, sem precaver-se de que estava procurando um contato que desprezaria quando estivesse em seu são julgamento, mas, sumida nas sensações prazerosas que Gabriel proporcionava, era incapaz de pensar em nada mais que em sua ânsia. Necessitava sua essência, impregnar-se de seu aroma e sua doçura.

A mão ousada começou uma descida quente e lenta desde seu seio, ao encontro da pele sedosa de sua coxa; então, começou a subir de forma consciente até o vértice de suas pernas, que se abriram a sua exploração sem opor resistência. Os dedos de Gabriel deslizaram brandamente pelo tecido que ocultava seu pêlo púbico, acariciou sua carne feminina enquanto seguia submetendo-a com sua língua.

Rosália arqueou suas costas ante o prazer repentino que produziu o ar frio sobre as coxas; sentir sobre sua pele faminta o contato de Gabriel a enlouquecia, inundava-a em uma voragem de sensações que escapavam a todo controle, mas então a neblina que turvava seu cérebro se dissipou por completo quando foi consciente do que estava a ponto de fazer.

Seu desejo acima de seus princípios.

Rosália começou a soluçar com um sentimento humilhante de derrota. Gabriel, ao provar suas lágrimas, fruto da afronta, deteve sua mão, embora não seu coração, que seguia uma corrida louca para o precipício da amargura.

Ela seguia com os olhos fechados enquanto as lágrimas sulcavam suas bochechas pálidas até perder-se no começo de seus seios. Os longos e cheios cílios tremiam em suas pálpebras. Tinha a boca apertada em uma linha de derrota. Gabriel foi baixando a vista pelo corpo dela, tenso como uma lança; com suas mãos convertidas em punhos agarrava o suave tecido da colcha tão forte que os nódulos havia se postos brancos. Gabriel entendeu muitas coisas, muitas.

Após duvidar um instante, deixou-a sozinha no leito.

Rosália tentava serenar seu espírito depois que ele se fora. Tinha estado a um passo de entregar-se a Gabriel com uma paixão louca, com o mesmo desejo que sentia desde que o conhecia, mas os remorsos após sua ação censurável tinham detido sua queda, queda que podia ter significado sua ruína emocional.

Ele tinha se detido a tempo, e ela podia suspirar com alívio, porque a segunda fase de sua vingança tinha sido consumada, o filho de Gabriel ia ser reclamado por outro homem, mas então, por que sentia esse gosto amargo na boca?

Capítulo 33

Os dias passavam com uma monotonia silenciosa. Rosália seguia caminhando entre os muros de Portas Negras como uma alma penada. Esperava com anseio notícias de Esteban com a missiva de afirmação, mas o tempo transcorria com uma lentidão cansativa e ela não contava com muito mais.

Os convidados eram atendidos por seus homens de armas com eficiência demonstrada, enquanto o sacerdote tentava temperar os ânimos. Rosália lamentou que suas duas damas de companhia estivessem de viagem, pois se encontrava sozinha com seus remorsos.

Suspirou de novo profundamente. Seu estômago mal retinha o alimento e as preocupações minavam suas forças. Ela tinha acreditado que o mal-estar só duraria os três primeiros meses de gravidez, mas seu ventre seguia crescendo e preparando-se sem que tivessem remetido as moléstias. Voltou a retorcer as mãos tentando elaborar uma resposta coerente para explicar sua ausência dos salões, mas tinha que ganhar tempo...

A capela era o único lugar onde podia respirar com certa tranquilidade. Seguia ajoelhada sobre as frias pedras rogando a Deus que escutasse sua prece, mas ele estava surdo a suas orações ante seus feitos depreciáveis.

Voltou seus pensamentos ao ambiente que se respirava no castelo. O sacerdote a cominava a que se arrependesse de seus pecados, mas ela não sabia por qual deles devia começar sua expiação. Dom Miguel Salazar seguia esperando que o rei Alfonso se pronunciasse antes de partir para Aragón. Gabriel tinha tomado o mando de Portas Negras com total naturalidade, como se tivesse nascido para isso, e após a aceitação dela como seu marido, sua gente lhe tinha mostrado o respeito que merecia.

Podia ser mais inconsequente em pensamentos? Aceitá-lo como senhor para poder consumir sua vingança.

Gabriel não havia tornado a aproximar-se dela, e isso fazia que Rosália se sentisse mais tranquila, embora fosse uma sensação passageira. Sabia que tinha que chegar o momento do enfrentamento e o temia profundamente.

—Senhora.

Rosália não elevou a cabeça ao ouvir a voz de Miguel Salazar, mas sim seguiu murmurando suas orações para obter o perdão de seus pecados.

—Preciso falar urgentemente com você sem que me dê as costas de novo - insistiu o alferes.

—Agora não é um momento apropriado.

—Acredito que sim.

—Não estou preparada para escutar uma litania de adjetivos favoráveis a seu filho...

—Têm que conhecer o caráter de Gabriel antes de seguir com seu castigo.

—Fez para minha parcialidade que você ignora.

—Lamento profundamente a morte de seu pai, mas foi necessária.

—Seus pêsames não fazem a não ser aumentar meu desassossego.

—É muito injusta com um homem que a ama.

—Um homem que assassinou meu pai.

—Dona Galiana!

A forte exclamação a fez levantar o rosto pela primeira vez para olhá-lo com olhos enfebrecidos.

—Não mereço um desprezo por sua parte. Nunca lhe faltei ao respeito apesar de contemplar sua injustiça para meu sangue.

—Diga então o que tenha vindo dizer e me deixe em paz.

A capela ficou durante um momento em completo silêncio. Os lábios de Rosália seguiam murmurando uma oração inaudível.

—A mãe de Gabriel se suicidou.

Os olhos dela se abriram com surpresa; a revelação a tinha pegado completamente despreparada e cessou em sua prece para poder olhar ao homem com atenção.

—Navarra sempre gozou da amizade e de boas relações com comerciantes de Sevilha — prosseguiu ele— A guerra mudou isso, mas fui um homem extremamente afortunado. Minhas contínuas viagens ao califado de Sevilha me ofereceram a oportunidade de conhecer a mulher mais extraordinária de quantas tenha existido jamais, e, surpreendentemente, ela me correspondeu em sentimentos de afeto.

Rosália se levantou das frias lajes da capela para olhar a dom Miguel com atenção.

—Por que motivo me revela algo tão íntimo e que em modo algum me concerne?

—Porque necessito que compreenda os motivos que empurraram meu filho Gabriel a atuar da forma em que o fez com respeito a você.

—O assassinato é assassinato, e não importam os motivos ou a causa.

—O califa de Sevilha lhe ofereceu escolher entre sua vida ou a de seu pai.

Rosália inspirou fortemente ante a notícia.

—Em sua vida, Gabriel teve que enfrentar as decisões fundamentais sem poder esquivar de nenhuma delas.

—Por que se suicidou sua mãe?

—Porque não pôde suportar a ofensa cometida contra sua família. Uma princesa muçulmana não podia apaixonar-se por um cristão, mas o fez.

—Sua decisão deve ter sido muito difícil para você.

—Foi difícil para você a sua?

Pensativa, Rosália mordeu o lábio inferior. As palavras de Miguel Salazar traziam lembranças dolorosas. Tinha cometido um dos pecados mais graves.

—Deus não aceitou meu sacrifício, não pude limpar a vergonha de minha família.

—Concedeu-lhe a oportunidade de emendar seu engano.

—Meu único engano foi confiar em um infiel.

Dom Miguel negou com a cabeça repetidas vezes.

—Meu filho não é um infiel, senhora.

Rosália apertou os lábios.

—Conheci seu filho com o nome de Yibrail Ibn Ali. Pouco importa como se faça chamar agora, segue sendo um infiel na terra Santa; um Anjo Negro da morte.

—Yibrail e Gabriel são o mesmo nome em línguas diferentes.

Ela desconhecia esse detalhe, mas isso não deteve seu empenho em mostrar-se dura.

—Sua mãe o decidiu assim para que fosse chamado com o mesmo significado em sua terra ou na minha, mas nada disso importa, porque o ódio fala por você.

—Equivoca-se a palavra, senhor de Aberín; o amor por minha família é o que me impele a me expressar assim.

—Os sentimentos de meu filho por você são profundos e sinceros.

Rosália fechou seus punhos aos flancos tentando conter a ira.

—Aqui não estamos falando de sentimentos amorosos ou lascivos.

O homem mostrou seu desgosto pelas palavras dela.

—Seu filho matou um homem inocente, meu pai; isso é quão único realmente importa.

—Seu pai estava doente.

—Então correspondia a Deus decidir sobre seu destino.

—Está cega a minhas tentativas de apaziguar seus ânimos.

—Certamente estou cega de ódio e de despeito.

—Se o rei Alfonso se pronunciar...

Rosália não o permitiu acabar a frase.

—Até então não me persiga com seus conselhos.

—Aceitaste meu filho como seu senhor.

Ela esteve a ponto de soltar uma blasfêmia, mas se conteve.

—Tento purgar meus pecados, não quero acumular nenhum mais.

—Fale com ele! Suplico-lhe isso.

A mão de dom Miguel tinha agarrado a de Rosália, que não a gesticulou por prudência. Entendia os motivos do senhor de Aberín para interceder por seu filho. Uma postura admirável, mas que em modo algum lhe importava.

—Permita-lhe que abra seu coração para terminar com este absurdo enfrentamento.

—Não preciso falar com ele para conhecer seus pensamentos traidores.

O alferes entreceirou seus olhos verdes ante o tom apático de sua voz.

—Dona Galiana...

Rosália retirou a mão dentre as suas sem brutalidade, mas com firmeza.

—Meu filho —prosseguiu— pagou por meus enganos, permita-me que eu pague pelos seus tentando alcançar sua bondade.

Ela não entendia as palavras do alferes.

—Sua lealdade vos honra, mas está equivocada.

—Permita-me que lhe fale da mãe de Gabriel.

Ela se manteve em silêncio.

—Alma era uma mulher inteligente, cheia de uma bondade e fidelidade que ainda hoje, apesar de sua ausência, consegue me comover. Entregou-me seu afeto e nunca me arrependi de havê-la amado com todo meu coração.

Rosália não queria seguir escutando, mas não podia mover-se.

—Obsequiou-me com o melhor presente que pode receber um homem que ama meu filho Gabriel... —dom Miguel cessou um momento em sua revelação para tomar fôlego— que foi arrancado de meu lado contra minha vontade, raptado de minha casa sem que pudesse fazer nada a respeito, apesar das tentativas que levei a cabo para recuperá-lo.

Rosália conteve um ofego consternado.

—Minha preciosa Alma não pôde resistir à tensão a que a submetia sua família por ter dividida sua lealdade. Meu filho cresceu longe de mim e cheio de uma profunda aversão a tudo o que significava nosso parentesco. Chorei-o durante anos porque o acreditei perdido para sempre...

Rosália o interrompeu:

—Suas palavras não podem apagar o que meus olhos contemplaram.

—Mas podem fazê-la entender seus atos.

—Basta! Compreenda minha tristeza, estou de luto.

—Fale com meu filho Gabriel, faça por este velho, para que possa retomar meu caminho sem dúvidas em meu coração, sabendo que existe uma esperança para ambos.

Ela se surpreendeu da ansiedade que deixava transluzir as palavras dele.

—Dá-me sua palavra de paz com a Castilla?

—Dou-lhe isso.

—Então busque-o, diga-lhe que seguirei na capela com minhas rezas.

Dom Miguel assentiu com o alívio refletido no rosto. Rosália mordeu o lábio com pesar; uma conversa mais não podia fazer dano, e a presença do alferes já não seria necessária em sua casa.

—Senhora, o general do rei, Nuño Pérez, está cruzando com uma escolta a ponte de Alcântara em direção a Portas Negras. —Não foi Gabriel quem entrou na capela, a não ser um dos soldados para comunicar a notícia. Consciente dessas palavras, Rosália lamentou durante um muito breve instante seus atos de vingança.

O desenlace estava cada vez mais perto, e seu coração cada vez mais ferido.

—Disponha tudo para lhe oferecer a bem-vinda. Que o grosso dos homens se prepare no pátio de armas. Que Garcés arme aos homens antes que chegue a comitiva — concluiu ela.

O soldado apertou os lábios com decisão, armar aos homens queria dizer que se aproximavam problemas.

—O senhor de Portas Negras se encontra na torre, devo avisá-lo, minha senhora?

Rosália negou com a cabeça ao mesmo tempo em que gemia, Gabriel tinha sido aceito como senhor de forma muito fácil, mas que pouco lhe ia durar essa aceitação.

—Coloque quatro guardas frente à torre.

O soldado fez uma breve reverência e partiu deixando-a sozinha. Rosália se levantou do chão e alisou a saia enrugada. Ofereceu uma última oração de agradecimento e saiu resolvida pela porta. Tudo se cumpria tal como tinha planejado, agora tinha que procurar manter a compostura e o aspecto decidido. Quando saiu à claridade do dia viu que Gabriel tinha ido a

seu encontro. Ela enfrentou seu olhar enquanto dirigia seus passos para o pátio, fora da capela.

—Confio em que o senhor De Béarn não tenha criado mais problemas.

Rosália não se dignou a respondê-lo. Roland tinha que retornar com uma dispensa papal que anularia seus esponsais com o infiel, mas ela não pensava revelar-lhe ainda.

Nuño Pérez cruzava já o portão de Portas Negras. A comitiva estava formada por cinco cavaleiros embelezados com o uniforme real. Dois deles desmontaram, os outros três se mantiveram sobre suas montarias com a mão no punho de suas espadas em atitude ameaçadora.

—Dom Gabriel Salazar, herdeiro de Aberín? —O general do rei levava na mão um cilindro de pergaminho com uma ordem real.

Rosália aguardava quieta e em silêncio. Gabriel voltou seu rosto para Nuño com um olhar solene no rosto.

—Sou eu.

Nuño Pérez entrecerrou seus olhos escuros.

—Fica detido em nome do rei Alfonso de Castilla.

Nesse momento, dom Miguel Salazar saía pelas quadras em direção ao pátio de armas ao ouvir o bulício, e ouviu a ordem de detenção com perfeita clareza.

—Terá que me acompanhar a Toledo para seu julgamento e sentença.

Gabriel olhou durante um momento o rosto de Rosália e soube, sem necessidade de que ninguém o dissesse que ela era a incitadora de sua detenção. A desilusão que brilhou em suas pupilas foi um bálsamo para o espírito dela, que via por fim um pouco de justiça em vários meses.

—Mãe de Deus! —A exclamação de dom Miguel a fez ruborizar-se, mas não inclinou o rosto, mas sim manteve o queixo erguido— Quem está acusando-o? —perguntou o conde.

O desastre vinha a seguir.

—Dona Rosália Galiana, senhora de Portas Negras.

Os olhos de todos se voltaram para ela estupefatos e com as bocas emudecidas. Seus cavaleiros não podiam entender como ou por que razão sua senhora tinha aceitado ao herdeiro de Aberín como marido e senhor de Portas Negras para acusá-lo depois ante o rei. Esteban a olhou com expressão de entendimento enquanto segurava o punho de sua espada olhando aos soldados do conde, que tinham se congregado no pátio em atitude defensiva ante a detenção do herdeiro de seu senhor. Os quatro guardas que tinha postados na porta da torre seguiam preparados, esperando ordens.

—Do que me acusa?

Os olhos de Gabriel não se separavam do rosto dela, que sentia como centímetro a centímetro a percorria uma ansiedade difícil de conter. Em seu olhar não havia surpresa, parecia como se o tivesse estado esperando.

—Alta traição à coroa de Castilla. Considera-lhe um espião às ordens do califa de Sevilha, Abu Já'qub Yusuf.

Só então, Gabriel soube quão grave era a acusação.

—Isso é uma insensatez! —Miguel Salazar tinha os olhos exagerados.

—Acompanhar-nos-ão voluntariamente?

Gabriel assentiu com a cabeça ao tempo que dois dos soldados compunham parte do séquito e que tinham desmontado de seus cavalos atavam suas mãos às costas. Os homens de Aberín olhavam incrédulos o desenlace, dispostos a defendê-lo a uma ordem de seu senhor. Dom Miguel os ameaçou a que mantivessem a calma.

—Dona Galiana.

Os olhos de Rosália se cravaram no pai de Gabriel.

—Têm a obrigação moral de emendar este terrível engano; não pode permitir semelhante atrocidade.

Ela se manteve em silêncio.

Gabriel não podia deixar de olhá-la, mas em seus olhos não havia um ápice de temor.

Rosália não se pronunciou quando viu desaparecer pelos portões à comitiva do rei da Castilla que levava Gabriel detento.

O castelo de Portas Negras ficou em completo silêncio. Dom Miguel Salazar tinha rogado reiteradamente tentando abrandar o coração de Rosália, que seguia muda sem revelar pensamento algum. Ante sua falta de cooperação apesar de suas constantes tentativas por fazê-la mudar de ideia, o alferes tinha partido para Toledo para encontrar-se com o rei Alfonso e interceder por seu filho. Rosália sabia que nada poderia fazer a acusação feita por ela era muito grave para que o rei não a tivesse em conta; tinha aprendido a lição quando foi derrotado por Abu em Alarcos, e jamais voltaria a mostrar-se crédulo. Portas Negras estava em alerta, seus homens vigiavam de forma constante aos homens de Aberín e seguiam seus passos em qualquer lugar que fossem para sufocar qualquer tentativa de revolta estando seus senhores ausentes. Rosália seguiu olhando por cima das muralhas do castelo em direção a Toledo. Com o encarceramento de Gabriel culminava a última parte de sua vingança.

—Não pode permiti-lo.

A voz de Garcés a fez elevar os olhos do bastidor que sustentava sua dama de companhia na mão. Voltou sua vista ao desenho.

—Cada um deve assumir as consequências de suas ações.

O capitão se encaminhou diretamente para sua senhora.

—Depois terminará o bordado, Catalina.

A aludida soube que sua senhora despedia sua presença.

—O patíbulo foi construído na praça, os meninos brincam diariamente sobre o piso de madeira esperando o momento.

Rosália fechou os olhos ante a náusea que sentiu ao escutar a informação. Isso era o que pretendia ao sustentar sua acusação sobre Gabriel, mas agora que o final estava tão perto, lamentava sua impulsividade.

—O rei Sancho de Navarra está tentando convencer dom Alfonso do absurdo de suas pretensões.

—Fiz o correto.

Garcés negou com a cabeça, mas ela não se deixou intimidar por sua severidade.

—O conde de Aberín está desolado, senhora.

A crítica lhe ardeu; com suas palavras estava recordando a sua ingratidão para com seu marido.

—Temo as represálias do conde se não intercederem por seu marido, seu filho — acrescentou o capitão de seu guarda.

—Meu pai clamaria de sua tumba se fizesse algo tão desprezível.

Garcés se apoiou na lareira acesa enquanto entrecerrava os olhos. Rosália nunca tinha revelado a seus homens quem tinha sido o verdugo de seu pai, se o houvesse feito, Gabriel teria sido assassinado assim que tivesse pisado em Portas Negras, e isso teria sido uma morte muito doce; ela desejava que sofresse.

—Dom Juan Galiana não compreenderia sua atitude e obstinação.

Rosália lamentou a pobre opinião que o capitão de sua guarda tinha com respeito a ela, com que facilidade Gabriel o tinha ganhado em sua causa.

—Deve fazer algo, senhora — insistiu ele.

Rosália voltou a negar com a cabeça.

—Então Portas Negras tem outro inimigo... Você. —E dito isto, Garcés saiu de forma abrupta do grande salão deixando Rosália estupefata. Não compreendia a defesa que seu capitão fazia de Gabriel nem aceitava suas palavras.

Massageou as têmporas tentando deter as pulsações dolorosas que sentia. Não importava que a acreditassem a maior insultada. Tinha prometido vingança e a tinha consumado.

Capítulo 34

Gabriel sentiu como se uma brisa envenenada o percorresse quando a porta da masmorra se abriu a suas costas. Achava-se de pé no pequeno dormitório que tinha sido sua cela há várias semanas atrás, fora conduzido à residência do rei Alfonso em Toledo. Com expressão imperturbável, contemplava a úmida parede com as pernas separadas e firmemente assentadas no chão. Mantinha as mãos às costas, embora não as tinha atadas; entretanto, deveriam está-lo, porque quase não podia controlar sua ira. Um aborrecimento violento bulia em seu interior contra Rosália Galiana e contra sua própria ingenuidade. A ameaçadora serenidade que mostrava ocultava uma fúria que não remetia apesar dos dias transcorridos. Durante semanas tinha estado sumido em completo silêncio, com a única companhia de suas ânsias de vingança. Tinha renunciado a tudo por ela, para fazer-se merecedor de seu afeto, e o único que tinha conseguido era que o acusassem de espião.

Rosália tinha passado o limite do razoável. Sua passividade e remorso o tinham sumido em uma cólera ardente, em uma ira que ia fazê-la sentir se conseguia escapar com o pescoço intacto da grave acusação dirigida sobre ele. Iria ser implacável em sua vingança; ela tinha matado com sua perfídia todo o bom que aninhava em seu coração, seu profundo amor e sua necessidade de que o perdoasse.

Não só se casou com outro sabendo de que já tinha pronunciado seus votos com ele, mas também o tinha humilhado por completo diante de seu pai ao ficar ao descoberto sua volubilidade. Era falsa e instada e ele tinha uma conta pendente com ela, mas que belamente malvada era! Como necessitava o calor de seu corpo traidor...! Gabriel soltou um juramento ao sentir como se endurecia ao pensar na jovem; apesar dos atos censuráveis que ela tinha cometido.

—Meu filho!

A voz de seu pai o fez dar a volta com prontidão. Olhou-o com atenção e um algo parecido à compaixão. Naquelas seis semanas dom Miguel Salazar tinha emagrecido bastante e suas olheiras resultavam visíveis e preocupantes.

—O rei por fim escutou meu rogo. É livre; a ordem chegará aqui de um momento a outro.

Um sem-fim de emoções cruzou o rosto de Gabriel: assombro pela notícia, esperança por seu pai e uma profunda cólera que ia dirigir a uma só pessoa: Rosália.

—Nosso rei Sancho respaldou meu juramento —prosseguiu o conde— e aceitou as imposições de Alfonso para formar uma aliança com aragoneses e castelhanos. Castilla necessita a Navarra, e eu necessito a meu filho.

Gabriel entendia que seu pai colocou a corda no pescoço por ele e durante um instante lamentou os anos de desprezo que tinha sentido por sua pessoa e por tudo o que representava.

—Minhas terras vão ser tomadas como garantia de minhas palavras, mas consegui me fazer escutar pelo rei de Castilla.

Gabriel foi consciente do enorme esforço que tinha realizado seu pai para interceder por ele e o que significavam suas palavras.

Até que o rei o decidisse, dom Miguel Salazar ia estar vigiado e com a corda pendendo da cabeça dos dois.

—Livre?

Seu pai assentiu solenemente enquanto exalava um suspiro cansado.

—Dona Galiana deverá responder por suas graves acusações —asseverou o conde.

Um sorriso contumaz curvou os lábios de Gabriel ao imaginar o temor que devia sentir Rosália ante o giro inesperado que tinham tomado os acontecimentos.

A caça se convertia em presa!

—Não será necessário que o faça.

Dom Miguel entrecerrou os olhos ao escutar seu filho.

—Que não terá...? —A voz do conde soava completamente incrédula, mas Gabriel tentou aliviar seu desgosto com sua resposta.

—Minha esposa era livre de suspeitar de minhas razões, embora agora tenha que fazer frente a suas acusações.

—Não o compreendo, Gabriel.

Ele já suspeitava que seu pai não conhecesse seus motivos. Agora tocava certa revelação para que dom Juan entendesse.

—Não fui de tudo sincero com ela quando se desposou comigo em Sevilha. —Permaneceu calado durante um instante— Quando manipulei os acontecimentos para obrigá-la a me aceitar, evitei a consciência do parentesco que me unia a você; dona Galiana nunca soube em realidade com quem estava casada.

Dom Miguel abriu os olhos com assombro.

—Os enganos terminam por nos pedir contas. Felizmente, eu paguei as minhas — concluiu Gabriel.

—Filho sigo sem te compreender.

—Falarei com o rei de Castilla e lhe jurarei vassalagem.

O conde endireitou as costas sem tirar a vista de seu filho.

—A acusação foi muito grave, não deveria tomá-la à ligeira — disse.

Durante um instante, ambos se olharam de forma profunda e séria, sem pestanejar. Quando Gabriel contemplou a preocupação e o amor nos olhos verdes de seu pai, sentiu renascer nele uma confiança nova. Sentia como se estancassem com azeite temperado todas as feridas que sangravam desde sua infância.

Entendia tantas coisas, lamentava tantas outras...

—Não deve ficar nenhuma dúvida sobre as intenções de minha esposa. O rei deve compreender que não tem um inimigo em mim, mas tampouco nela.

—Estive a ponto de perdê-lo por sua traição a seus votos de respeitá-lo e te amar como marido e senhor; se nosso rei não tivesse intermediado com o seu, sua vida agora não valeria nada.

Gabriel era consciente desse fato.

—Dona Galiana receberá o castigo por sua deslealdade, mas serei eu quem dita como sancionar seus atos.

Dom Miguel não estava convencido absolutamente, tinha estado a um passo de perder seu filho na forca pelas palavras daquela mulher.

—Será divertido contemplar seu nervosismo ante minha volta.

—É uma mulher perigosa.

Seu filho negou com a cabeça. Rosália era um espírito livre e ele amava essa qualidade inata nela.

—É uma mulher manipulada por circunstâncias adversas.

—Deveria retornar a Navarra.

Gabriel voltou a negar, desta vez com mais insistência.

—Nossos esponsais me converteram no senhor de Portas Negras; domarei o caráter de dona Galiana embora fique sem uma gota de sangue na tentativa.

—Não posso te convencer? —As palavras do conde soaram esperançosas.

—Não posso deixá-la, tenho uma conta pendente com ela e penso cobrá-la.

—Então deixarei que assumo o controle sem uma réplica mais. Devo partir imediatamente ao reino de Aragón para levar um convite de nosso rei

Sancho; já demorei muito minha partida, não posso ficar para te dar meu apoio.

—Não será necessário, mas agradeço-lhe a oferta.

—Parte de meu exército, que agora é teu, acampa frente às muralhas de Portas Negras. Mandeí-o chamar faz duas semanas ante a ofensa de sua detenção.

Gabriel abriu os olhos com surpresa.

—Se o rei de Castilla não tivesse escutado meus rogos, não ficaria em pé nenhuma pedra desses muros.

—Os castelhanos podem vê-lo como uma provocação.

Dom Miguel assentiu com a cabeça deixando que aflorasse a seus lábios um sorriso sardônico.

—É uma provocação, meu filho. Ficarão em Toledo até que sua presença não seja necessária. Eu levarei comigo Felipe, Juan e Fernando. O resto lhe jurou vassalagem e o protegerão até as últimas consequências.

Gabriel estava afligido, seu pai deixava a seu mando aos homens mais valiosos de seu exército.

—Voltará para Castilla uma vez terminado seu encargo?

O conde não respondeu em seguida. Tomou seu tempo para analisar o semblante de seu filho antes de dar uma resposta.

—A tua palavra retornarei com prontidão.

Gabriel soltou o ar que tinha estado contendo.

—Envia o barão de Estella se me necessitar. E agora vamos para que fale com dom Alfonso de Castilla. Nosso rei Sancho não poderá voltar para Navarra até que termine o conselho real.

As notícias eram desoladoras.

Finalmente, o rei Alfonso tinha escutado o rogo do conde de Aberín, assim como o do rei de Navarra por um de seus súditos, e tinha decretado que soltassem Gabriel, que ficava livre de toda suspeita. As más notícias chegariam muito em breve. Rosália voltou a olhar por cima das muralhas de Portas Negras para as tendas plantadas justo frente aos altos muros. Observou as diferentes fogueiras acesas, o ir e vir de Navarros armados até os dentes.

Merecia essa reação por parte deles.

Com suas maquinações tinha declarado a guerra ao conde de Aberín. Com que facilidade se desbaratou seus planos de vingança. Gabriel estava livre de cargos e ela a ponto de enfrentar uma batalha em seus domínios por sua causa. Fixou seus olhos na maior tenda do acampamento, que tinha sido

instalada justo em frente ao portão, rodeada de outras menores que a resguardavam.

—Pela ponte de Alcântara vem o senhor de Portas Negras. —A voz de Garcés a tirou de seu isolamento— O seguem quatro cavalheiros Navarro, minha senhora.

Durante um instante, Rosália foi incapaz de mover-se. Gabriel voltava de sua prisão e ia ser implacável com ela.

—Rápido! Assegurem as portas e fechem a grade por dentro.

Garcés negou com a cabeça. Rosália o olhou com incredulidade em seu rosto sufocado.

—Ousa me desobedecer?

—Tento evitar uma derrota humilhante.

Essas palavras a fizeram enrijecer-se.

—Abandone a luta, dona Galiana, aceite que não pudeste manipular o destino e faça as pazes com seu marido pelo bem de sua gente.

Ela tomou ar com tanta força que quase sofreu um desmaio. Como se atrevia seu capitão a desobedecer a uma ordem dela?

—Esteban!

O segundo ao mando de seus soldados acudiu veloz à chamada de sua senhora.

—Feche os portões e assegurem as grades da porta.

Tanto Garcés como Esteban se olharam com certa reserva, mas Esteban não desobedeceu à ordem de sua senhora.

—E ponha a baixo preso ao Garcés até nova ordem.

—Equivoca-se de inimigo, senhora.

Rosália negou com a cabeça várias vezes.

—No coração de Castilla há uma maçã podre, vos toca decidir se é você ou o infiel.

Rosália não respondeu às palavras provocadoras.

Esteban gritou a ordem dada por ela aos dois soldados que custodiavam a porta de entrada.

O ruído das grades oxidadas fez que o pêlo de Rosália se arrepiasse, mas não retificou a ordem. Esteban, com um olhar cheio de confusão, acompanhou Garcés para as masmorras. Rosália sabia que se jogava muito. Observou de sua privilegiada altura o trote dos cinco corcéis que avançavam com um galope emparelhado, e ficou hipnotizada olhando a nuvem de pó que seus cascos levantavam, mas, quando se enfiaram na vereda que levava a Portas Negras, dobraram para a esquerda, diretamente para as tendas habilitadas no vale. Rosália pôde ver com total clareza o rosto magro e

severo de Gabriel, que não olhou nem um instante para onde ela estava, apesar de que era visível à distância que os separava.

Os cavalos se detiveram justo ao chegar ao fim do acampamento, e Gabriel dirigiu o sua para a maior tenda, a que estava justo em frente a ela. Viu-o refrescar-se com uma taça de água e então sim olhou diretamente para o alto muro, como se pudesse penetrar com seus olhos verdes o interior da fortaleza e chegar até ela. Rosália deu um passo para trás de forma involuntária. Os traços de Gabriel eram duros, mas soube por seus gestos que estava enormemente furioso e com um desejo terrível de vingança. Gabriel lhe deu as costas e entrou na tenda sem voltar o olhar para Portas Negras. Rosália seguiu nas ameias durante muito tempo. As fogueiras que tinha acendido no vale delatavam a atividade do acampamento, mas ela seguia na mais completa quietude, escutando o ir e vir de seus homens para informá-la.

—Quantos podem ser?

A pergunta de Esteban fez com que Rosália se sobressaltasse, tinha retornado após cumprir a ordem dada por ela.

—Mais de uma centena — respondeu ao tempo que secava na túnica as mãos suarentas.

—Temos a trinta cavalheiros preparados.

Rosália esteve a ponto de amaldiçoar.

—O que podem fazer trinta cavalheiros contra mais de cem Navarros? —disse voltando-se para Esteban.

Portas Negras tinha sido atacada em várias ocasiões no passado e sempre tinham saído vitoriosos, mas a todos preocupava enfrentar a uma massacre.

—Tentarei inquirir sobre seus planos.

Esteban negou com a cabeça várias vezes.

—É meu dever falar com os Navarro em ausência de nosso capitão, senhora.

Rosália elevou o queixo com gesto desafiante.

—Podemos resistir a um assédio.

Esteban assentiu com a cabeça, pensativo.

—Mas esse não é o grosso de seu exército, minha senhora, se acaso uma parte dele.

Ela já o tinha pensado com antecedência; sabia que o rei Alfonso não ia mediar em uma disputa que considerava familiar. Não, depois de ter tido que recuar em sua sentença com respeito ao herdeiro de Aberín.

Deixando livre o Navarro, ela ficava a mercê de Gabriel.

Rosália voltou a olhar para o acampamento buliçoso. Com muito cuidado, levantou-se para aparecer sobre as pedras do parapeito, mas ao momento afogou um gemido. Os soldados Navarro se congregaram em massa ao redor da tenda de Gabriel, e inclusive de sua posição elevada pareciam muito perigosos. Um deles tinha chamado poderosamente sua atenção naquelas duas semanas; seus ombros largos sustentavam uma longa capa que levava presa ao pescoço com um broche de prata que ostentava um escudo familiar Navarro. Devia ser o oficial de mais fila, pois irradiava uma orgulhosa nobreza. Era o mesmo que a tinha estado observando desde que acamparam frente ao castelo dia a dia, esperando a volta de seu senhor para receber suas ordens. Seu ar determinante e autoritário provocou uma sacudida, pois se via claro que era um homem perigoso, igual a todos os outros soldados, e sabia por instinto que Gabriel superava a todos. Rosália se obrigou a afastar a vista e se concentrou em calibrar as forças que se reuniram nos campos ensolarados ao redor do castelo. Voltou a vista de novo para onde se encontrava Gabriel e o viu de pé ante sua tenda, com as mãos enlaçadas às costas, estudando de forma pensativa a ameaçadora silhueta de Portas Negras, que se erguia para o céu imponente e orgulhoso. Conhecia cada um de seus pontos débeis.

Rosália voltou a deslizar-se com cuidado a cobertura da muralha e se encarou com Esteban com semblante preocupado.

—Esperaremos até manhã para tentar averiguar o que se propõem.

—O sol demorará um momento em ficar, me permita que galope até o acampamento e meça o terreno.

—Se abrirmos os portões ficamos expostos a que nos ataquem em qualquer momento.

Esteban voltou a negar.

—Levam mais de duas semanas postados tranquilamente no vale, se pensassem em nos atacar o teriam feito já. —Rosália olhou ao soldado sem acreditar em suas palavras— Presumo que não é essa sua intenção.

—Gabriel tem um motivo oculto para nos espreitar entre as sombras.

—Descanse minha senhora, eu mantereí a vigilância até manhã.

—Quem pensa em descansar com esta ameaça?

Rosália lamentava a ordem de prisão de seu capitão. Garcés era o mais indicado para elaborar a estratégia contra os Navarro. Em um impulso decidiu ir falar com ele, tinha sido uma completa estúpida.

—Minha senhora...?

Esteban a olhava esperando seu consentimento para ir ao encontro dos Navarro.

—Preciso recuperar a confiança de meu capitão, falarei com Garcés, tentarei fazê-lo raciocinar.

Rosália não esperou uma resposta de Esteban, apressou seus passos para a escada e se dirigiu para as masmorras do castelo. O soldado ficou fazendo guarda ao não obter o consentimento.

Capítulo 35

Rosália desceu pela estreita escada até a pequena sala de guarda. O reduzido habitáculo tinha as paredes de pedra e o piso de madeira, mas nesse momento estava vazio. A sala dava a um corredor que tinha um metro e cinquenta de longitude; ao fundo havia uma porta de ferro e duas mais a cada lado. A cela onde estava Garcés era a mais espaçosa, e Rosália lamentou o impulso que tinha tido ao ordenar que o encarcerassem. Garcés era um homem íntegro, além de seu mais leal soldado. Andou pelo estreito corredor até alcançar a porta de ferro que tinha uma barra também de ferro que a reforçava. Dentro daqueles muros úmidos que cheiravam a óxido não fazia frio, mas as tábuas do piso superior deixavam passar uma corrente de ar que penetrava através das frestas do chão. Abriu o pesado ferrolho e olhou fixamente a cela, iluminada só por uma tocha, e fez um esforço por tragar o nó que tinha subido até sua garganta. Viu com pesar as cordas que atavam os braços de Garcés, que estava sentado no estreito leito encostado a um lado da parede; seu olhar era limpo e sereno.

—Venho oferecer-lhe uma desculpa.

O silêncio de seu capitão a angustiou ainda mais.

—Em ocasiões me custa controlar meu temperamento.

Garcés não ofereceu um sorriso que indicasse que tinha aceitado sua desculpa.

—Deixei-me levar por meu desânimo.

O forte soldado se elevou de sua posição sentada e se dirigiu com passo marcial para a soleira onde Rosália estava parada.

—Compreendo seu nervosismo.

As palavras fizeram que Rosália apertasse os lábios.

—Desculpe-me você por desobedecer a uma ordem de minha senhora.

Ela inspirou profundamente ao tempo que se apoiava na grossa porta.

—Há coisas que ignora e que não revelei.

Garcés a olhou com grande atenção. Os ombros de Rosália estavam meio caídos.

—Temo o que virá a seguir com este cerco ao que estamos submetidos — disse ela.

—Portas Negras resistiu a vários assédios, poderá com um mais; prometo-lhe isso.

Ela sorriu.

—Mas necessito a experiência de meu capitão e seus sábios conselhos para que essa promessa chegue a bom término.

Garcés seguia olhando-a enquanto ela desfazia o nó da corda que atava seus pulsos.

—E eu preciso compreender seus sentimentos com respeito ao herdeiro de Aberín se pretende me ter frente a ele com minha espada.

Rosália sabia que tinha chegado o momento da verdade. Não queria que Gabriel morresse. Ou sim? Decididamente não, mas tinha realizado sua jogada e devia ser consequente com os resultados, por inesperados que fossem.

—Gabriel executou meu pai em Sevilha; a ordem a deu o califa Abu, mas foi sua cimitarra a que acabou com ele. Fizem-me contemplar sua execução sem que pudesse fazer nada para evitá-lo, minhas súplicas e rogos não foram tidos em conta.

Garcés entrecerrou os olhos com fúria inusitada e também com certa incredulidade neles.

—Gabriel Salazar de Aberín é Yibrail Ibn Ali, minhas suspeitas sobre ele não eram infundadas. Acreditei realmente que era espião do califa.

As palavras de sua senhora trocavam por completo o conceito que o soldado tinha do atual senhor de Portas Negras.

—O herdeiro de Aberín é o Anjo Negro?

Rosália assentiu e ao Garcés o percorreu um calafrio.

—Jurei sob os muros de meu confinamento em Sevilha que vingaria a morte de meu pai, e fracassei. —Um soluço saiu involuntário da garganta de Rosália.

Garcés apertou os lábios para ocultar o chiar de seus dentes.

—Então tinha direito a acusá-lo de espião.

Rosália assentiu com a cabeça sem esconder os soluços.

—E me deste a justificativa que necessito para matá-lo.

—A justiça tinha que aplicá-la nosso rei Alfonso; agora Gabriel goza de seu amparo ao havê-lo deixado livre.

—Senhora...

Rosália devia seguir com suas revelações.

—Amo-o, Garcés, mas também o odeio ao mesmo tempo, e estes sentimentos contraditórios me estão voltando louca — terminou, tampando a boca para conter um novo soluço.

—Sua lealdade... —começou a dizer Garcés.

Ela o interrompeu elevando o rosto completamente afrontada.

—Sou consciente a quem devo minha lealdade, mas... —Os ombros de Rosália começaram a tremer. Garcés a sustentou contra seu peito com ternura.

—Vingarei a morte de meu senhor! —assegurou o soldado. O silêncio que se fez na cela foi longo e penoso— Vamos! Temos muito trabalho que fazer — disse Garcés finalmente.

Estava esgotada, o medo intumescia seus nervos e esticava seus músculos em um desfalecimento físico, real. Sentia-se a um passo do desvanecimento completo. Rosália se sentou no fofo colchão de seu quarto no momento em que o ocaso se abria passo sobre Portas Negras, cobrindo com um abraço negro a luz sobre os dourados muros. A habitação ficou em penumbra, mas ela seguiu na mesma postura, vencida e inerte. Apenas se precaveu de quando Amed acendeu os cilindros de cera colocados em pontos estratégicos do quarto, iluminando com seu resplendor amarelo o escuro habitáculo carente de interesse para ela, que seguia com as pálpebras quase fechadas, especulando, fazendo planos urgentes embora se sentisse incapaz de unir um pensamento coerente com outro.

—Tem uma carta, minha senhora.

Rosália ouviu a voz de Amed, mas não compreendeu suas palavras, seguia sumida em uma confusão emocional e em um estado de falta de atenção a tudo o que a rodeava.

—Deixei-lhe isso sobre o travesseiro.

Ela não voltou os olhos para o lugar que Amed tinha indicado; seguia terrivelmente zangada com ele por sua parcial lealdade pro Gabriel quando tinha sido ela quem tinha ganhado sua liberdade.

—Preparei-lhe um banho quente e espumoso.

—Me deixe sozinha.

Amed desobedeceu à ordem de sua senhora.

—Compreendo sua irritação.

Rosália elevou os olhos e o esquadrinhou com suma atenção.

—Mas deve saber —prosseguiu ele— que jurei fidelidade a meu senhor muito antes que a você.

—Assim paga à pessoa responsável por sua liberdade?

Amed não mostrou nem um ápice de vergonha ante as palavras de Rosália.

—Minha fidelidade é para ambos, minha senhora.

Ela esteve a ponto de soltar um impropério, mas se conteve; entendia perfeitamente os sentimentos de Amed apesar de que agora era já um homem livre e não um escravo.

—O banho vos espera — insistiu.

Rosália negou com a cabeça.

—Vá, quando tiver calma o suficiente para não arrancar seus olhos, chamá-lo-ei.

Finalmente Amed acatou a ordem. Depois de fazer uma elegante reverência, saiu silencioso como sempre. Rosália desviou a vista da porta de entrada do quarto até o travesseiro do leito. Duvidou durante um momento longo entre pegar a missiva ou não, sentia-se tão cansada que não sabia como seus pés podiam sustentá-la. Inspirou profundamente antes de dar o primeiro passo. A folha de pergaminho estava completamente amassada. Amed tinha tentado alisá-la e a tinha depositado descansando sobre o almofadão fofo e branco. Rosália estendeu sua mão tremente para pegá-la sem ter ciência certa qual era seu conteúdo, embora tivesse uma ligeira suspeita. As letras pulcramente escritas começaram a tomar forma diante de seus olhos ao tempo que seu coração saltava perigosamente em seu peito.

Deus bendito!

Rosália caiu sobre seus joelhos de uma vez que lançava um gemido lastimoso. O que sustentava em suas mãos não podia ser certo. A lembrança das últimas palavras de seu pai antes de ser justificado foi a sua mente atormentando-a:

«Por favor, não creia tudo o que vê.»

Como podia ter estado tão cega...?

O pai Fabián corria pelo pátio de armas com os olhos exagerados, procurava entre os diversos soldados ao capitão Garcés; encontrou-o perto das quadras, estava reagrupando aos diferentes barões e suas guarnições. Estudavam os pontos estratégicos de Portas Negras, assim como os lugares por onde era mais provável que começasse a batalha.

—Dom Garcés.

O capitão levantou os olhos do mapa que tinha desdobrado ante si.

—Tornou-se louca... —prossegiu o sacerdote— sua senhora se tornou louca!

A angústia atendeu a garganta do Garcés.

—Onde se encontra?

—Está profanando a tumba de dom Juan Galiana, seu pai!

Todos olharam ao homem de Deus acreditando que delirava, mas Garcés não necessitou mais explicações; atravessou o pátio para o outro extremo, onde se encontrava a capela. Dois dos barões o seguiram de perto ainda sem dar crédito ao que tinham ouvido.

A porta da capela estava entreaberta e Garcés não pediu permissão para entrar. O som de seus passos ficava afogado pelos golpes que se ouviam no outro extremo, perto do altar maior. Quando chegou até ali o que viu o deixou estupefato. Com um martelo, Rosália golpeava a laje que fechava o sepulcro. Olhou o suor que banhava seu rosto acalorado. Tinha mechas de cabelo solto aderidos a seu pescoço úmido, mas não retrocedia em seu empenho de quebrar a grossa e pesada laje.

—Minha senhora.

Ela não o ouviu, e seguiu golpeando a pedra em sua tentativa de quebrá-la. Parecia a um passo da loucura, e os três homens que a contemplavam atônitos assim o pensaram. Garcés se aproximou o suficiente para segurar o pesado martelo. Quando ela voltou a elevá-lo sobre sua cabeça para deixá-lo cair com todas suas forças, voltou-se incrédula para ver o que tinha detido o golpe. Tinha os olhos completamente frágeis e uma ansiedade em suas pupilas negras que preocupou enormemente ao capitão.

—Acaso está possuída?

Rosália ofegava pelo esforço que tinha realizado. Ao abandonar a determinação, seu olhar recuperou seu brilho habitual.

—Tenho que vê-lo com meus próprios olhos.

—Não pode profanar uma tumba...

Ela estava muito longe de se importar com essa circunstância. Tinha cruzado tantas pontes para ir ao inferno que uma a mais dava o mesmo.

—... E menos a de seu pai.

—Estou procurando provas.

Garcés se sentia incapaz de compreendê-la.

—Provas...?

—Acaso está surdo?

O capitão voltou o rosto para os dois barões que seguiam olhando a cena petrificados, sem emitir som algum.

—Deixem-nos sozinhos, e aconteça o que acontecer, não permitam que o sacerdote entre.

Ambos assentiram ao unísono e se foram.

Garcés suspirou violentamente. Não compreendia a atitude da herdeira de Portas Negras, mas o último que precisavam era que declarassem sua senhora incapacitada. Não cabia dúvida de que Rosália estava fazendo

méritos para isso. Logo já pensaria na explicação que teria que oferecer ao homem de Deus para acalmá-lo.

—Estava cega, cheia de ira, e fui incapaz de ver além de minha dor.

—Dona Galiana.

—Ajude-me!

Garcés podia ser muitas coisas, mas certamente não um profanador de tumbas consagradas.

—Nem com o juízo perdido!

Rosália não o escutava. Segurava de novo o martelo e o descarregou com força sobre o sepulcro uma vez mais. O estalo da pedra ao quebrar-se fez com que Garcés apertasse as mandíbulas. Definitivamente, sua senhora se tornou louca. Viu-a jogar as partes de laje quebrada ao chão e pinçar no interior ao tempo que aproximava um círio à escuridão da tumba.

—Deus pode castigá-la por isso.

Mas ela não ouviu as palavras de advertência de seu capitão, e seguiu levantando tecidos como se estivesse tirando capas a uma cebola; o suspiro quebrado indicou ao Garcés que tinha encontrado o que procurava.

Rosália gemeu; finalmente seus dedos tinham dado com o corpo de seu pai. Aproximou o círio para vê-lo melhor a suave luz da chama; o aroma de álcool a fez entrecerrar os olhos, mas não deteve seu exame.

—A peste! —A palavra a deixou sem fôlego— Como pude ser tão estúpida?

—Minha senhora...? —Garcés não entendia nada, mas não se atrevia a aproximar-se para comprovar por si mesmo se Rosália tinha ou não razão.

—Gabriel tentou me dizer que estava doente de peste e eu não escutei; cegou-me a ira e o despeito.

—Ele matou seu pai.

—Aliviou sua agonia e me salvou a vida...

—Isso não muda o fato... —Rosália o interrompeu.

—É obvio que sim, isto muda tudo. Pela mercê de Gabriel, meu pai pôde ser enterrado em terra consagrada.

Tudo ia adquirindo mais coerência para Rosália, que não ignorava o perigo que tinham corrido na execução. A peste era uma enfermidade extremamente contagiosa.

Inspirou profundamente. Tinha sido uma completa néscia e agora era muito tarde. Compreendia tantas coisas; suas evasivas ante seu pedido de que lhe desse o corpo de seu pai para levá-lo a Portas Negras, porque dom Juan já estava em Castilla! Como tinha sido tão obcecada? Seu

comportamento com Gabriel, agora que sabia a verdade, parecia-lhe monstruoso.

—Tenho que ir buscá-lo, explicar...

Garcés seguia duvidando da prudência de sua senhora, que passava um estado histérico a outro trágico à velocidade do raio.

—É necessário que mostre...

O capitão não permitiu acabar a frase.

—Muito tarde para um arrependimento.

As duras palavras foram penetrando na mente de Rosália, que seguia fazendo planos apesar das circunstâncias.

—Muito tarde?

—Declaraste a guerra a Aberín.

—A guerra?

Garcés compreendeu que Rosália não o estava escutando.

—Não pode acusar um homem de traição e esperar que não faça nada a respeito. O herdeiro de Aberín esteve a um passo da forca por suas palavras.

Ela já sabia, mas então desconhecia o fato de que seu pai tinha estado marcado pela morte.

—Gabriel compreenderá meu engano quando o julguei.

Garcés tentou fazê-la reagir, agarrou-a pelos ombros e a sacudiu com a suficiente força para dissipar sua confusão, mas sem chegar a machucá-la.

—Estamos sitiados, minha senhora, e nosso rei não virá nos auxiliar, compreende-me? É muito tarde.

Ela sabia muito bem o que tentava lhe fazer entender o capitão: tinha levado o assunto da vingança muito longe.

—O que podemos fazer?

Garcés suspirou. Sua senhora tinha recuperado ao fim a sensatez.

—Renderemos Portas Negras — disse Rosália.

Garcés apertou as mandíbulas profundamente ofendido.

—Jurei vingar o sangue de meu senhor, não renderei o lar de seus ancestrais.

Ela acreditava que ia cair desmaiada ao chão da impressão. Nada tinha sentido.

—Abriremos os portões em sinal de paz.

O homem voltou a negar com a cabeça e Rosália se encrespou.

—Gabriel Salazar de Aberín segue sendo o senhor de Portas Negras.

—Que meu senhor estivesse doente de peste não justifica que o assassinassem de forma ímpia.

Rosália queria gritar de frustração. Ela mesma tinha se debatido com esses mesmos sentimentos até há muito pouco. Até descobrir a terrível verdade.

—O califa lhe deu a escolher entre minha vida e a de meu pai. Gabriel sabia que ele estava doente sem remissão; fez o que tinha que fazer. Eu teria feito o mesmo.

Garcés seguia mostrando-se reticente.

—Tome — disse ela ao fim— leia e compreenderá.

E Rosália colocou o pergaminho amassado com as últimas palavras de Juan Galiana. Enquanto o capitão o lia, ela o olhava com ansiedade.

Minha querida filha. O que vai presenciar será uma dura prova para ti, mas o homem que o levará a cabo prometeu cuidar de você e te proteger. Meu sacrifício significa salvar sua vida. Seu ato de valor demonstra o muito que te ama. Sei que a morte me deu seu abraço de apaixonado, mas me oferece a oportunidade de aliviar minha agonia e de me render a meu destino com a cabeça alta e o coração tranquilo sabendo que o Anjo Negro a protegerá com sua vida em minha ausência. Dei-lhe minha bênção para os dois. Perdoa que minhas últimas palavras não estejam escritas por mim, mas me encontro tão fraco mau posso sustentar a pluma.

Seja forte e nunca esqueça que te amo meu columba livia²⁴.

—Pode ser que não a escreveu seu pai.

Rosália negou ferventemente com a cabeça, enquanto se separava de Garcés. A letra não era a de Juan Galiana, mas as palavras sim. —Só um homem no mundo me chamava desse modo, sabe.

O capitão assentiu. Dom Juan Galiana chamava sua filha com esse apelido carinhoso da infância.

—Gabriel disse infinitas vezes que me amava... —Rosália deteve um momento sua declaração para secar o suor da testa com a manga de sua túnica verde— agora não sei o que fazer.

—Lutaste com o coração, siga combatendo sem arrependimento, minha senhora. Eu irei falar com seu marido.

²⁴ Pomba bravía, em latim.

Capítulo 36

Gabriel observou com atenção a silhueta de Portas Negras ao amparo do rio Talho. Nesses dias tinha tido tempo de meditar os passos que ia dar a seguir. Cada vez que planejava um assédio ou participava de uma batalha, sempre tinha em conta os fatores que podiam sair mal, tal como o estava meditando nesse preciso momento. Havia tanto em jogo...

A conversa longa e dura sustentada com o rei da Castilla antes de ser liberado tinha dissipado qualquer dúvida sobre seus interesses políticos tanto em Castilla como em Navarra. Tinha ganhado um aliado poderoso, mas tinha traído tudo que tinha acreditado desde menino. Quantas mudanças transcendentais pelo amor de uma mulher.

Amava-a com desespero! Odiava sua inconstância! Mas estava disposto a morrer por ela.

Dias atrás, enquanto galopava rumo à fortaleza, tinha dominado suas ânsias e as vontades de apertar seu pescoço pelas horas de vigília que tinha padecido desde que a conhecia. Agora não estava tão seguro: o desejo de ver seu rosto traidor seguia apressando-o, mas devia mostrar-se precavido; estava a um passo da conquista absoluta.

Da vitória sobre ela.

Gabriel conhecia de primeira mão que o enorme pátio de armas do castelo estava lotado de homens preparados para o ataque, assim como daqueles que viviam ou trabalhavam dentro dos muros, que podiam constituir também um verdadeiro exército: moços de quadra, serventes, carpinteiros, ferreiros, arqueiros e lacaios, isso sem contar as dezenas de cavaleiros que cumpriam as ordens de Rosália e que estavam preparados para a guerra. Ao olhar a seu redor, Gabriel observou que virtualmente todos os homens de seu pai esperavam suas ordens. A grande hostilidade que sentiam pela herdeira de Portas Negras era manifesta, e ele não tinha feito nada para mudar esse sentimento. Estava tão indignado com ela que não tinha pensado nas consequências de seu silêncio, mas agora tinha chegado a hora de atuar.

Justo antes que desse meia volta para o acampamento, Enrique Fidalgo, barão de Estella, deteve-se diante dele.

—Os dias passam, e os homens se impacientam.

Gabriel assentiu.

—Chegou ao acampamento o senhor De Béarn — prosseguiu o outro— diz que deseja um encontro com você.

Gabriel olhou o barão, tão alto como ele e que sustentava seu olhar sem uma vacilação. Era o cavaleiro mais influente dos que deviam vassalagem a seu pai, podia ser um perigoso adversário ou um aliado poderoso.

—Portas Negras será rendido esta noite.

Enrique Fidalgo fez um leve gesto com a cabeça compreendendo que a espera tinha chegado a seu fim.

—Que os homens se preparem. Conduza a De Béarn a minha tenda, encontrar-me-ei com ele.

Gabriel a observou estendida na grande cama com baldaquim. Percorreu lentamente com o olhar o dossel amarelo sobre o leito, com as pesadas colchas de brocado de seda corridas e oscilando levemente pela brisa que penetrava pela única janela do quarto. Voltou seus olhos inquisidores à figura que jazia no leito. O aspecto que oferecia Rosália enquanto dormia, com o cabelo estendido sobre o travesseiro e a acetinada pele nua que não cobria a fina camisola, fez-lhe desejar a proximidade de seu calor, e a raiva por sua falta de controle o golpeou de novo. Gabriel fechou os olhos e sacudiu a cabeça. Sabia que seria muito mais prudente pedir respostas, empregar sua persuasão para submetê-la, como tinha feito no passado. Quando ela tivesse admitido sua culpa e recebido as oportunas recriminações por seus atos, a levaria a cama. Tanto se estava disposta como se não, far-lhe-ia amor essa noite, e todas as noites do resto de sua vida. Se não ia a ele de bom grado, fá-lo-ia pelos remorsos que a embargavam.

Rosália se agitou em sonhos, voltou o rosto sobre o travesseiro e abriu os olhos sobressaltada por um ruído que tinha ouvido no dormitório. Assustada, piscou várias vezes para ver através da escuridão da estadia ao tempo que se incorporava sobre um cotovelo para ter uma melhor visão do quarto, iluminado só pela janela aberta. Um pouco mais serena, voltou a recostar-se, mas ao momento estremeceu por uma repentina rajada de ar frio. O grito ficou afogado por uma grande mão que tampou sua boca. Enquanto ela seguia paralisada de terror, Gabriel sussurrou ao ouvido:

—Se gritar, a amordaçarei.

Rosália assentiu ao perceber a presença perturbadora de Gabriel.

—Sábia decisão — disse ele, e afrouxou a pressão de sua mão contra a boca dela. Assim que o fez, Rosália se lançou para sua esquerda tentando incorporar-se. Gabriel acreditou que tentava chegar à janela dali para alertar

aos guardas que se encontravam no pátio, e a segurou com rudeza antes que pusesse um pé no frio chão.

—Tão traiçoeira como sempre.

Ela não discutiu a acusação, pois ele a tinha jogado sem contemplações sobre a cama e a mantinha pega de costas ao colchão; de novo fechou sua mão sobre sua boca com tanta força que apenas lhe permitia respirar, mas Rosália estava contente de vê-lo.

—Comportar-se-á bem?

Ela sacudiu a cabeça com força assentindo.

—Acreditar-lhe-ei uma vez mais. —O tom zombador a Rosália resultou inesperado— Agora, me escute com atenção sem me interromper: ides acompanhar-me de boa fé, se negar, far-lhe-ei descer inconsciente por essa janela, você escolhe.

A sugestão a fez encolher-se. Pela janela? Era muito alta. Protetoramente levou as mãos ao volumoso ventre. Os olhos de Gabriel seguiram seu gesto e endureceu a mandíbula com desdém. Afrouxou a pressão da mão e Rosália se viu com a boca livre.

—A janela está situada a mais de quinze metros sobre o chão, será impossível que desça por ela.

Ele seguia olhando-a com o despeito nas pupilas.

—Prometo acompanhá-lo de boa fé e não dar a voz de alarme.

Ele arqueou uma sobrancelha com incredulidade pela mudança operada em sua atitude, não esperava sua docilidade.

—Mas tenho que fazer uma advertência — prosseguiu ela— não porei em perigo a vida de meu filho.

Essas palavras fizeram com que ele apertasse os dentes com um desgosto enorme; a voz serena de Rosália tinha recordado sua traição. Os olhos de Gabriel desceram para seu ventre ao mesmo tempo que em seus lábios se desenhava uma careta amarga.

—Não sou um assassino de infantes.

Rosália pôde perceber a dor que transmitiam suas palavras.

—Embora sua mãe seja uma rameira instada.

O merecia; tinha-lhe feito acreditar que o filho que esperava pertencia a outro. Estava a ponto de confessar sua mentira quando um pensamento irracional a deteve. Por que bendita razão o olhar de Gabriel era tão frio? Aonde pretendia levá-la na metade da noite? Rosália se sentia louca de contente porque ao fim o tinha diante e poderia lhe dar a explicação que merecia, mas sua atitude tensa lhe produzia um vazio inexplicável na boca do estômago.

—Gabriel.

Ele silenciou suas palavras tampando novamente sua boca, mas ela não se deixou intimidar; moveu a cabeça repetidamente até desprender-se da palma quente de sua mão.

—Não gritarei, prometi isso.

Ele pôs uma distância prudente entre os dois. Tocá-la o tinha desfocado de seu propósito de assustá-la, e agora sentia uma necessidade dela que o afogava e produzia uma ira escura. O desejo de beijá-la queimava suas vísceras.

Rosália saiu da cama e colocou a bata de cetim sobre os ombros.

—Aonde pensa me levar?

Gabriel não respondeu imediatamente. Seguia com os olhos fixos em seu corpo, que nessas semanas tinha mudado muito. A amplitude de seu ventre o fazia sentir uma fúria louca. Um vazio mortal no peito.

—A Garyana.

O suspiro agradado dela terminou por confundi-lo.

—É o que mais desejo no mundo.

Estava jogando com ele? É obvio! Gabriel seguia com vida por muito pouco, e certamente não porque ela tivesse retificado sua acusação ante Alfonso de Castilla. Seguia com vida porque seu pai era alguém respeitado e o rei de Navarra muito influente; ainda estranhava que este se proclamasse seu protetor.

—Têm minha palavra de que não pensará o mesmo uma vez que esteja em Córdoba.

A ameaça não fez racho nela, sabia que Gabriel estava ressentido e tinha que tentar acalmar seu desdém, mas se sentia incapaz de encontrar as palavras para ganhar sua simpatia.

—É meu senhor e aceito o que tenha pensado para mim.

Essas palavras fizeram que ele se esticasse com um rancor mal dissimulado. Rosália não estava respondendo como esperava; não mostrava temor algum.

—Palavras vazias que só tentam proteger um pescoço, trata-se do meu ou do seu, senhora?

Rosália não tinha esperado tal atitude por sua parte.

—Você teria atuado da mesma forma que eu em circunstâncias similares.

Gabriel apertou os punhos a seus flancos com ferocidade, sem afastar a vista de seu rosto. Encontrava-se a um passo de sacudi-la com força para livrar-se do feitiço que tinha tecido sobre ele. Baixou a vista até seus seios,

que se agitavam com seus movimentos; recordava perfeitamente seu tato, seu sabor.

—Não teria esquecido tão facilmente a palavra dada.

Ela sabia que se referia à promessa de fidelidade que tinha pronunciado em Sevilha em seus esponsais e que logo tinha ignorado por completo.

—Equivoquei-me, e o lamento seriamente.

Gabriel não acreditava.

—Aturdiu-me sua chegada respaldada por Navarro. Como senhora de Portas Negras tinha a obrigação de lhe desmascarar; não acreditei que suas intenções fossem honradas.

—Renunciei a tudo por você.

Rosália inspirou profundamente ante a acusação carregada de aborrecimento.

—Ambos perdemos muito.

—Você irá perder muito mais.

A expressão dela demonstrou que não sabia a que se referia. Gabriel curvou seus lábios em um sorriso cínico.

—Quando o califa de Sevilha reduzir este castelo a ruínas, não ficará nada, nem sequer essa altivez, que conseguirei quebrar antes de sua chegada, que será breve.

Rosália inspirou profundamente ante o horror do que Gabriel revelava. A ligeira bata sobre seus ombros foi um casaco insuficiente para o frio que lhe penetrou até os ossos ao ouvir a ameaça.

—Sei que suas palavras não são certas, mas mereço isso. Está zangado pelo que tenho feito, e não o culpo.

Gabriel cruzou os braços sobre o peito ao tempo que entrecerrava os olhos.

—Foi o trato que fiz com Abu Yusuf para que lhe permitisse sair dos muros de Sevilha.

Ao ver sua expressão firme e decidida, Rosália finalmente acreditou.

—Com nossos esponsais me converti no senhor de Portas Negras; assim poderia render o castelo quando ele chegasse, e a conquista de Toledo seria muito mais fácil desta posição vantajosa.

Ela seguia sem pronunciar palavra, um nó tinha começado a formar-se em sua garganta.

—Acredito que consegui surpreendê-la — comentou ele.

—A meu grito, meus homens lhe capturarão.

A gargalhada de Gabriel a deixou perplexa. Seu olhar frio e desprovido de toda caridade era novo para ela; seus olhos já não a olhavam com a doçura a que estava acostumada.

—Seus homens se encontram prisioneiros nas masmorras e nas quadras. Amed foi uma ajuda incalculável para nos permitir a entrada sem necessidade de usar a violência.

Rosália começou a tremer.

—Gabriel...! —resultava-lhe impossível formular a pergunta que se obstruiu em sua língua paralisada.

—Precisa perguntá-lo?

Rosália sentia que ficava sem respiração.

—Amei-a muito, minha rosa, mas sua perfídia matou qualquer sentimento de amor que pudesse albergar.

Ela sentiu que um nó atendia seu coração; jamais teria esperado uma confissão dessa natureza.

—Queria começar uma nova vida junto a você e meu pai cristão — prosseguiu ele— mas sua deslealdade manchou os sentimentos profundos que senti por você.

O peito de Rosália se deteve em uma inspiração, as lágrimas acudiam quentes aos seus olhos, que se negavam a piscar.

Depois de um instante longo e doloroso, confessou-lhe:

—Acusei-o porquê me senti traída pela morte de meu pai sob sua espada, mas agora compreendi que fez algo valente por ele, e estou eternamente agradecida.

A confissão não o comoveu absolutamente. Seguiu erguido, com sua postura firme e belicosa no meio do quarto, sem afastar seu olhar verde dela.

—Guarde seu agradecimento, não o necessito. —Gabriel inspirou profundamente antes de continuar— Com seus atos mostraste para aonde se dirige sua fidelidade; eu mostrei para aonde conduzo a minha.

—Eu o amo, Gabriel Salazar de Aberín.

Um músculo pulsou na têmpora direita dele ao escutar essas palavras incoerentes; sabia que Rosália não era sincera, mas essa desfaçatez mais que preocupá-lo o enfurecia.

—Que me ame ou não carece de importância.

Ela deu um passo para ele, que, altivo, manteve-se em seu lugar. A habitação tinha subido de temperatura com os ofegos entrecortados que exalava a boca de Rosália.

—Então, nada do que diga poderá comovê-lo?

Gabriel negou com a cabeça uma só vez.

—Ajude-me a alcançar o perdão e sua simpatia, não permaneça surdo a minhas súplicas.

—Manter-lhe-ei cativa em Córdoba até o nascimento de seu filho.

A mão de Rosália baixou até seu ventre e ali se deteve protetora, temendo que seu coração fosse sair pela garganta à medida que o escutava.

—Depois negociarei sua vida com um mercador da Síria conhecido meu.

Tudo aquilo carecia de lógica, Rosália se sentia incapaz de compreender ou raciocinar as palavras de Gabriel.

—Você mesma o condenaste com sua conduta.

A adaga da irracionalidade cravou em seu peito após escutar a sentença.

—Jamais permitirei tal baixeza!

Gabriel, pela primeira vez nessa noite fatídica, sorriu-lhe com desdém.

—É o preço que pagará por seus atos.

Tinha que ser mentira! Uma falácia. Depois das lágrimas que tinha derramado não podia estar novamente equivocada com respeito a ele. Rosália ergueu as costas e o olhou com uma profunda tristeza nos olhos, mas sem perder o ânimo de espírito.

—Então, não abandonarei meu lar de boa fé. Terá que me levar pela força.

Gabriel cobriu a distância que o separava dela e pôs a mão em seu pescoço tão rápido que Rosália mal teve tempo de piscar. Emitiu um fôlego pela surpresa de ver-se meio suspensa, com os pés que quase não roçavam o chão, mas não se deixou intimidar por ele, embora suas palavras anteriores lhe tivessem parecido como alfinetes envenenados.

—Não me provoque! —disse ele.

—Deixe de me ameaçar!

—Ahhh, minha rosa, não a ameacei, expliquei-lhe as consequências de sua traição.

—Traição? —Rosália entrecerrou os olhos completamente afrontada— Ousa me chamar de traidora quando você mesmo confessaste seus planos para Portas Negras? É meu lar! A morada da mulher a que desonraste vilmente. É desprezível!

Gabriel a segurou mais forte e a olhou com olhos cheios de fogo.

Rosália mordeu os lábios pensando antes de confessar:

—Durante seu encarceramento, cheguei a lamentar profundamente o dano que infligi, mas fiz o correto como castelhana. —Calou um momento para inspirar ar; ao estar virtualmente suspensa pelo pescoço, resultava-lhe

muito difícil respirar com normalidade. Gabriel não parecia precaver-se de sua dificuldade— Amar a meu verdugo é a maior desgraça de minha vida, acredite em mim.

Gabriel a soltou ao fim, ferido pela adaga de sua declaração.

Em ambos, o despeito jogava a vontade.

—Prepare-se, espera-nos um longo caminho.

Rosália seguia massageando o pescoço tentando restabelecer a circulação. Se Gabriel se precaveu de quão mau o tinha passado, não deu amostras disso. Ela se debatia em uma confusão, sentia-se profundamente atormentada pelos resultados do encontro entre os dois. Encontro nefasto para ela e suas ilusões.

—Assim finalmente minha intuição não me tinha enganado, é um espião às ordens do califa Abu e eu sigo sendo uma prisioneira.

Gabriel sorriu cinicamente.

—Não me moverá de Portas Negras, não abandonarei meu lar com vida.

Gabriel sabia que ela não lançava ameaças em vão.

—Com sua negativa condenaste ao pai de seu filho.

A confusão brilhou nos olhos dela ao escutá-lo.

—De Béarn não merece a morte por seu comportamento caprichoso e volúvel.

O sangue tinha desaparecido do rosto dela, que o olhou absolutamente estupefata.

Estava a ponto de cair sobre o frio chão, vencida.

—Roland Roux de Béarn é um hóspede involuntário de meu acampamento; guarda-o um de meus homens, que segue esperando minhas ordens com respeito a ele.

—De Béarn é um homem inocente em seu ódio por mim.

Gabriel não podia estar mais em desacordo com Rosália; De Béarn era o motivo pelo qual ela o tinha traído, seu pesadelo feito realidade.

—Renderei Portas Negras ante o califa, têm minha palavra.

Um remorso subiu pela garganta de Gabriel ao compreender o que estava disposta a fazer pelo Navarro.

—Quanta compaixão, senhora!

—Posso sentir muitas coisas por Roland, mas em modo algum se trata de compaixão.

Que o chamasse pelo nome de batismo o enfureceu ainda mais.

—Amor possivelmente?

Rosália negou com a cabeça com um gesto de tristeza absoluta.

—Para minha desgraça, meu amor o possui o carcereiro de Sevilha você! —As pupilas de Rosália se obscureceram pela tristeza— Venceste-me, Yibrail Ibn Ali.

—Para sua mercê, Gabriel Salazar do Aberín, senhor de Portas Negras.

E dito isto, voltou-se para a porta e saiu por ela com duas pernadas, sem voltar à vista a trás.

Capítulo 37

Os cavaleiros de Aberín ocupavam os muros do sólido castelo agora controlado por Gabriel. Tinha soldados custodiando a porta de entrada, as quadras, a capela e a torre principal. Amed fez seu trabalho à perfeição ao lhes facilitar a entrada pelo muro oeste, sem vigilância a essa hora concreta da madrugada. Ninguém tinha visto o momento em que o eunuco tinha jogado a corda pelo muro e os Navarro o tinham escalado em completo silêncio. Rosália seguia encerrada em seu quarto, com dois guardas postados na porta. Não se permitia o passo ao sacerdote para confessar sua alma, embora Rosália não se preocupasse excessivamente por isso, fazia tempo que tinha deixado seus rogos inconclusos. Nessa maré de conflitos emocionais se sentia esquecida Por Deus.

Tornou-se a equivocar! Merecia o que tinha ocorrido. Seus homens estavam encerrados, seu castelo rendido e ela humilhada até o inexprimível pela segunda vez.

Mas o amava e não tinha remédio.

Rosália voltou a inspirar profundamente ao tempo que olhava a arca preparada por Amed para sua viagem a Córdoba. Em Portas Negras ficariam os homens de Gabriel enquanto eles... Rosália abriu os olhos, atônita! Como lhe tinha escapado esse detalhe? Incorporou-se na cadeira e deu os passos que a separavam da porta do corredor; quando pegou ao pomo da mesma, comprovou com chateio que não tinha a chave a golpeou com força para fazer-se ouvir.

—Preciso baixar ao salão! —Seguiu esmurrando a madeira com determinação— Preciso sair imediatamente. Abram a porta. —Rosália ouviu passos ao outro lado, no corredor, mas não se detiveram onde estava ela— Penso armar tanto ruído que se derrubarão os muros da fortaleza sobre suas cabeças.

Durante muito tempo esteve golpeando a sólida madeira sem que ninguém acudisse. O silêncio seguia cobrindo-a como um manto espesso e a raiva começou a acumular-se em seu interior.

Tinha que sair do quarto como fosse. Começou a caminhar impaciente tentando procurar uma saída para aquilo que durava já muito. Era a segunda vez que Gabriel a mantinha encerrada e seria a última. Olhou pela habitação se por acaso via algum instrumento que servisse para abrir a porta, algo assim como um gancho, mas Gabriel tinha ordenado retirar todos os utensílios salvo

a cama, uma cadeira e o roupeiro, agora vazio de vestidos. Rosália não podia se permitir afundar-se no desânimo. Seus olhos foram até a janela e então soube por onde podia escapar. O comentário de Gabriel de baixá-la inconsciente por ali não parecia agora tão desatinado. A altitude era muita. Podia deslizar-se através do oco sem muita dificuldade, mas baixar os quinze metros ia resultar mais difícil; entretanto tinha que chegar ao grande salão como fosse.

Tinha um aviso que dar e uma vingança por consumir.

Olhou os lençóis revoltos do leito e os dosséis dourados que o cobriam; teria que fazer uns nós o bastante fortes para que pudessem suportar seu peso. Quando baixou as pálpebras pensativa, seus olhos se detiveram em seu ventre volumoso com certo medo; se caísse na descida poderia perder o que tanto amava, mas estava decidida e sabia que poderia fazê-lo.

Rosália passou sua escura cabeça pelo oco aberto e olhou a distância até abaixo. Teria que esperar de noite para que não a vissem. Felizmente, sua janela dava a pequena horta do pátio interior. De madrugada, quando a noite estivesse escura como boca de lobo, ela se deslizaria pela parede e correria até onde havia um passadiço que chegava às cozinhas. Dali resultaria muito fácil chegar às quadras e mandar Elías, o ajudante de cozinha, com a mensagem de aviso à cidade de Toledo. Resolvida, dispôs-se a unir os tecidos do leito para deslizar-se por elas.

Gabriel passou a mão pelo cabelo com cansaço. Tudo estava saindo como tinha planejado; um dia mais e o pesadelo por fim teria terminado.

—A visita vem a caminho.

Gabriel elevou a cabeça da espada que lhe estava mostrando um de seus homens de armas e olhou Enrique.

—É muito cedo, a missiva saiu ontem de madrugada.

O barão de Estella negou com a cabeça.

—O mensageiro a entregou em Guadalerzas.

Gabriel entreabriu os olhos, especulativo.

—Sabia que se encontrava ali — explicou o outro.

—Como sabia o mensageiro?

Enrique Fidalgo sorriu a Gabriel astutamente.

—Os Navarro fazem bem nosso trabalho.

—Terá que enviar um aviso a dom Alfonso...

Enrique lhe adiantou.

—O aviso para o rei de Castilla saiu a primeira hora da manhã.

Gabriel fez um aceno ao Navarro por sua competência. Tudo estaria resolvido muito em breve e ele teria todo o tempo para dedicar-se a enorme tarefa de domar o coração de Rosália. Ainda havia escolhas que salvar, mas estava decidido.

Tinha prendido o tecido consigo e sujeito um dos extremos ao poste do leito de forma conscienciosa. Como a robusta cama de madeira estava cravada ao chão fortemente, Rosália tinha a certeza de que não se quebraria quando iniciasse a descida. Apoiou o pé no lado do leito e puxou o nó com força para assegurá-lo; o esforço a fez ofegar, mas não se deteve em seu empenho. Olhou para a janela e viu que tinha caído à noite. Era a hora de ir; com a preparação da fuga não tinha dado tempo de comer o jantar que Amed tinha depositado na bandeja de prata, mas ela estava muito longe de sentir apetite salvo de liberdade.

Quando finalmente jogou a improvisada corda de tecido, compreendeu que a essa hora da noite seria impossível distinguir a que altura ficava. Balançou-a várias vezes para calcular sua longitude; se tinha errado a distância ia ter um grave problema. Rosália se descalçou e tirou o pesado vestido que quão único faria seria entorpecer seus movimentos. Deixou a regata e segurou à cintura a bata de seda que tinha estendida aos pés do leito; necessitava toda a leveza possível, tanto em traje como em movimentos. Aproximou a cadeira de respaldo alto e a pegou à parede sob a janela; subiu a ela com um impulso e se sentou no parapeito. Continuando, passou uma perna com muito cuidado ao tempo que enrolava a corda de lençóis ao pulso e a passava ao redor do peito e sob as axilas. Rosália não tinha contado com o volumoso de seu ventre para deslizar-se, mas seguiu decidida. Começou meio de lado, com uma das mãos seguras ao batente com firmeza. Quando tinha a metade do corpo fora, passou a outra perna pelo oco e se deixou cair com suavidade. O tecido se esticou sob seus braços produzindo uma tensão desagradável; segurou-a com a mão ao tempo que apoiava os pés na parede para equilibrar-se melhor, mas sentiu que seus braços não iriam poder sustentar o peso de seu corpo.

Olhou um instante para baixo e em seguida lamentou havê-lo feito: à distância tinha provocado um tombo em seu estômago vazio que lhe fez fechar os olhos. Tragou a espessa saliva do medo e começou a deslizar o tecido por sua mão direita, agarrou o seguinte nó e fez outro tanto com a outra ao tempo que baixava um passo pela parede. Mas a planta do pé escorregou e, sem poder encontrar um ponto firme de apoio, ficou suspensa pelas axilas com um gesto de dor no rosto. Finalmente, conseguiu apoiar o pé

direito, mas foi insuficiente, pois seu corpo pesava muito, a gravidez a entorpecia.

Mal tinha baixado três metros quando as mãos começaram a suar copiosamente; tinha o rosto acalorado e sentia os braços mortos pelo esforço, mas tinha que consegui-lo. Havia muito em jogo.

Gabriel ignorava o estado emocional em que ia encontrar Rosália no quarto quando abrisse a fechadura. A tinha tido incomunicável e tinha chegado a hora de lhe revelar suas verdadeiras intenções. Ela já não tinha escapatória.

O silêncio na fria habitação resultou inesperado. Seus olhos percorreram o espaço vazio procurando-a sem encontrá-la. Dirigiu sua vista para a lareira apagada assim como ao roupeiro aberto um gemido afogado muito feminino embora longínquo indicou que ela estava perto. Quando seus lábios iriam pronunciar seu nome, descobriu a precária corda de tecido que ela tinha prendido a um poste da cama.

O medo atendeu seu coração e a bÍlis subiu até o céu da boca produzindo uma arcada.

Correu como alma que leva o diabo para a janela e tirou a cabeça por ela para contemplar com o horror mais absoluto Rosália suspensa sobre o vazio, segura só por um tecido que podia rasgar-se a qualquer momento.

Estava sem respiração e ofegava em um soluço lastimoso que lhe rasgou as vísceras.

—Segure-se no tecido!

O alívio que sentiu Rosália ao ouvir a voz de Gabriel não o ia esquecer em sua vida. Tinha os braços dormentes pelo esforço e uma dor constante nos rins que a fez morder os lábios com intensidade até quase fazer uma ferida.

—Vou começar a puxá-la para cima.

Ela se sentiu enormemente agradecida quando notou que começava a subi-la.

—Tenho as mãos suadas, sinto que estou escorregando.

Nunca palavras tinham produzido tal pavor a Gabriel, se ela caísse...

—Se não quer provar a força das minhas, segure-se embora seja com os dentes.

Rosália apertou os lábios enquanto Gabriel ia içando-a pouco a pouco. Depois de um momento que lhe resultou agônico, a mão dele conseguiu agarrar seu pulso. Rosália elevou a vista para olhá-lo e a ira que contemplou em seus olhos verdes a fez lamentar sua tentativa de fuga. Gabriel tinha meio

corpo fora da janela e tentava segurá-la pelas axilas. Ela rodeou com um de seus braços seu pescoço e se afezrou a ele igual um náufrago se agarra a uma tábua de salvação. Com um último impulso, Gabriel a elevou definitivamente e a pegou ao seu corpo tenso com uma força que quase a impedia de respirar. Com muito cuidado, depositou-a dentro da habitação de novo mas sem soltá-la: era incapaz de superar o medo que havia sentido. Baixou sua boca até encontrar a de Rosália e beijou os tenros lábios de forma voraz e incontrolada.

Tinha estado a um passo de perdê-la! Seguia paralisado pelo horror!

Saboreou o interior úmido e sedoso, jogou com a língua dela a um ritmo frenético, como se beijá-la fosse vital para sua sobrevivência. Necessitava-a, desejava-a, estava louco por ela.

Rosália terminou o beijo absolutamente envergonhada por haver-se deixado levar com esse entusiasmo, e consciente das recriminações que ia receber.

—É uma insensata!

Rosália tentou separar-se ao escutar o tom duro dele.

—Juro que assim que consiga me acalmar o suficiente não poderá sentar-se por uma semana!

—Não suporto estar encerrada.

Gabriel a olhou completamente atônito.

—Posso ser muitas coisas, minha rosa, mas não sou um néscio.

Ela mordeu o lábio porque sua explicação tinha soado tão absurda como era, mas de uma vez estava cheia de esperança ao ouvir o apelido carinhoso.

Podiam duas pessoas estar juntas e imensamente separadas ao mesmo tempo?

—Não posso permitir que renda meu castelo, nem que assassine a um homem inocente.

Gabriel deu um passo atrás como se essa declaração o tivesse queimado de forma física. Estava disposta a pôr sua vida em perigo pelo Navarro. Os ciúmes o aguilhoaram sem compaixão.

—Não têm mais remédio que aceitar minhas demandas como seu marido e senhor.

Rosália cruzou os braços sobre o peito antes de repreender incômoda.

—É obrigação de um marido proteger e cuidar de sua esposa.

Gabriel acreditou que ela delirava, tinha estado a um passo de perdê-la e agora debatia com ele argumentos maritais.

—Não vejo nada disso em sua pessoa.

Ele abriu a boca, mas a seguir a fechou pensativo. Rosália ergueu mais as costas à medida que ele a observava com intensidade, esquadrinhando-a a consciência.

—Não imagina as traições que cometi por você.

Ela baixou as pálpebras ao escutar essas palavras.

—Não serei uma prisioneira em meu próprio castelo.

—Não é uma prisioneira em seu castelo, esquece que agora é meu castelo.

Rosália afogou um ofego de surpresa ao precaver-se de seu sorriso malicioso.

—Jamais!

Gabriel já não lhe replicou mais, mas sim a agarrou pela mão e a conduziu fora dos aposentos privados.

—Aonde me leva? —Ele permaneceu em silêncio— Gabriel...!

—A um lugar seguro onde estará protegida e cuidada. Despertaste com suas palavras meus remorsos conjugais.

Capítulo 38

Estava na masmorra!

Como tinha se atrevido o canalha a encerrá-la como a um malfeitor? Suas saias rangiam a cada passo que dava furiosa, estava ao bordo de um ataque de histeria.

—Esse estado de fúria incontrollada não é bom para o bebê.

Rosália cravou seus olhos em Amed, que seguia sentado na velha cama de armar, absolutamente tranquilo. Gabriel havia, passado o limite de sua paciência ao encerrá-la junto ao infiel servente.

—É inconcebível que tenha me encerrado com semelhante conspirador.

Amed ofereceu um sorriso cândido que não a enganou absolutamente.

—Meu senhor deseja assegurar-se de que não fará nada perigoso.

Ah! Isso seria virtualmente impossível, concluiu Rosália que seguia extremamente nervosa.

—O nascimento se aproxima, deveria depor essa atitude belicosa.

Rosália deteve seus passos para olhá-lo com muita cautela.

—Ainda faltam várias semanas.

Amed negou com a cabeça repetidas vezes.

—Meu senhor está cego com respeito a você, mas eu não.

Respondeu-lhe com precaução.

—Certo que não está cego, mas presumo que anda curto de sensatez.

Amed não se incomodou pelas palavras dela.

—Sempre respeitei seu silêncio, minha senhora, apesar de que não compartilho sua opinião.

Como se seu corpo quisesse demonstrar seu acordo com Amed se revelou por fim com um estalo de dor que anunciava o começo do parto. A chicotada em seu ventre foi inesperada e dolorosa. Rosália gemeu consciente de sua surpresa. Devia haver-se feito mal quando tentava descer pela janela.

—Sente-se, minha senhora, está muito pálida.

Pálida? Estava a ponto de gritar como uma possessa. Felizmente a dor lacerante remeteu e ela pôde respirar com alívio.

—Não penso em me sentar perto de você, seria capaz de assassiná-lo por sua ingratidão.

Ao Amed não fez racho seu insulto; alisou o velho colchão para que se recostasse e esboçou um sorriso radiante enquanto se aproximava.

—Deveria descansar um momento, o pequeno Yibrail necessitará de todas suas forças para chegar a este mundo.

O comentário a pôs ainda de pior humor.

—Meu filho ou filha nascerá quando for o momento oportuno...

Amed elevou uma sobrelanceira em atitude cética, mas não respondeu à provocação.

—... Não quando o augurar um sírio soberbo.

—Minhas ações estão encaminhadas ao amparo de sua pessoa. — Rosália estalou a língua com chateio— A protegê-la de você mesma se fosse necessário.

—Sou a última pessoa no mundo de quem desconfiaria.

Amed a ajudou a recostar-se no estreito colchão. Rosália encolheu os pés para lhe permitir sentar-se na cama de armar. Ele agradeceu a atenção com uma inclinação de cabeça.

—Meu senhor a ama, e por isso a protege.

Essas palavras causaram um vazio em seu estômago.

—Ultimamente não vi muito desse amor que proclama.

Amed riu e a pôs de mais mau humor ainda.

—Cada ato que realiza é uma prova viva de seu amor por você. Resulta-me inaudita sua desconfiança.

—A única prova viva que queria está enterrada na capela familiar.

Amed agarrou a mão de Rosália em uma tentativa de acalmar sua angústia com suas palavras.

—Meu senhor tentou liberar seu pai quando estava detento entre os muros de Sevilha.

Rosália se reincorporou tão rápido que teve que apoiar-se na fria parede para manter o equilíbrio. O que tentava dizer Amed?

—Mentiroso!

Ele negou com a cabeça.

—Com suas palavras tenta adoçar meu coração para com seu amo, mas equivoca-se totalmente.

Amed sustentou seu olhar de forma intensa e prolongada.

—O senhor De Béarn pode corroborar com o que hei dito; meu senhor Yibrail fez um trato com o Navarro para obter sua colaboração. Pretendia tirar seu pai da cidade de Isbiliya em um barco: o Guadalquivir oferece muitos recursos para tais misteres.

Rosália inspirou com força. Se fosse certo o que Amed dizia, comportou-se como uma néscia.

—Mas Averroes o convenceu para que desistisse de sua atitude — continuou o eunuco— O detento, seu pai, tinha as horas contadas, como já sabe; meu senhor sopesou as possibilidades e escolheu a menos prejudicial para você.

Gabriel tinha tentado liberar seu pai! Mãe do céu! Por que bendita razão De Béarn tinha se calado a respeito?

—Como sei que me diz a verdade?

—Terá que confiar em minhas palavras, ou na palavra do senhor De Béarn.

Rosália tinha ficado muda, absolutamente perdida em pensamentos loucos que a aguilhoavam.

—Por que não me confiou isso Gabriel? Não tinha modo de saber!

—Deu-lhe alguma oportunidade? Meu senhor jogou seu pescoço por seu pai. O califa é um homem poderoso de quem não se desobedece a uma ordem sem pagar um preço. Yibrail estava disposto a enfrentar sua ira se com isso conseguia tirar seu pai de Isbiliya, mas dom Juan Galiana já estava condenado à morte antes que sua espada o atravessasse.

Nunca umas palavras tinham produzido tal comoção em Rosália.

—Cumpru a promessa de sangue com o califa e assim obteve a liberdade para você — concluiu Amed.

As têmperas palpitavam, a bÍlis subiu por sua garganta até posar-se no céu de sua boca produzindo uma arcada furiosa, mas sem haver-se reposto da sensação de enjoo, um estalo em seus rins a fez dobrar-se para frente tentando suportar a tensão de suas costas.

Gabriel tinha tentado salvar seu pai, e como não o tinha conseguido, tinha salvado a ela; tinha-lhe devotado o amparo de seu nome...

Tinha cometido um terrível engano! Podia ser mais desgraçada?

O grito de Rosália ressonou na estadia escura como uma premonição de castigo por suas ações.

Amuminin se mantinha erguido em sua montaria sem abandonar a postura vigilante à medida que Yibrail se aproximava dele. As hostes almohades ficavam a uma distância prudente das duas montarias que se detiveram na pequena colina cheia de carvalhos. Frente a eles, a cidade de Toledo se elevava orgulhosa, e dela provinha um tangido de sinos que convertia o silêncio em uma agradável melodia. Raysen apertou as coxas aos flancos de seu cavalo tentando controlar o nervosismo que o embargava; o longo caminho percorrido por terras cristãs tinha sido incerto e penoso. Resultava-lhe inconcebível ver Yibrail embelezado com roupas cristãs, e com

essa determinação no rosto que o preocupava enormemente; embora a distância fosse considerável, os traços eram claramente visíveis. A frieza de seu semblante lhe resultou inesperada.

Seguiam-no de perto quatro cavaleiros, dois deles vestidos com a divisa do reino de Navarra; os outros dois, com a do reino de Castilla.

Quando as montarias alcançaram uma distância prudente, os cavaleiros se detiveram.

—Amuminin, Raysen. —Gabriel lhes fez uma breve reverência respeitosa, mas omitiu a saudação em árabe.

Ambos corresponderam na cortesia sem baixar a guarda em relação aos cristãos que se mantinham a expectativa.

—Meus respeitos ao califa.

O silêncio que seguiu às palavras de Gabriel inundou a todos em uma tensão incômoda e evidente.

—Não têm do que se preocupar em terras castelhanas, meus homens se manterão quietos até escutar o que viestes a dizer, sempre que não seja uma clara provocação.

Amuminin apertou os lábios ao tempo que entrecerrava seus olhos negros; tinha esperado outra bem-vinda.

—Um pouco de água fresca para aliviar o pó do caminho?

Gabriel assentiu com um gesto da cabeça, e dois dos quatro cavalos castelhanos deram meia volta para o acampamento frente aos muros. Os dois árabes os seguiam de perto. Quando chegaram ao amplo vale, Gabriel conduziu aos dois emissários à tenda levantada no meio do acampamento, a que ele tinha ocupado dias atrás. Os Navarro foram fazendo um cerco sem perder detalhe dos severos cavaleiros que não mostravam um ápice de temor em seus rostos morenos.

Amuminin e Raysen desmontaram sem esforço e precederam Gabriel dentro da tenda quando este lhes cedeu o passo. Enrique e Guzmán os seguiram com a mão no punho de suas espadas, mas sem dizer uma palavra. Um escudeiro serviu água fresca em taças de prata que entregou a cada um dos presentes.

Raysen passeou seus olhos pela calidez da tenda observando cada detalhe ao tempo que saciava a sede.

—O califa de Isbiliya espera um convite a Portas Negras. —As palavras de Amuminin foram claras e secas.

—Jurei vassalagem por esponsais ao rei Alfonso de Castilla e por herança ao rei Sancho de Navarra.

Raysen deixou a taça na bandeja que seguia sustentando o escudeiro.

—Duvido que o califa de Sevilha deseje meu convite — acrescentou Gabriel.

Raysen compreendeu que Yibrail tinha decidido ao fim em que terra queria ser enterrado.

—São firmes suas palavras?

Gabriel assentiu com a cabeça sem afastar a vista de Amuminin.

—Diga-me então a mensagem que devo transmitir a meu senhor e abandonaremos as terras cristãs até que Alá assim o dita.

Os cavalheiros Enrique e Guzmán seguiam custodiando a entrada da tenda, escutando atentamente mas sem dizer nada; ambos sabiam que não deviam intervir sob nenhum conceito. Amuminin e Raysen não iriam começar uma luta estando rodeados de tantos cristãos, embora seu exército se encontrasse na outra ladeira, Gabriel tinha sido contundente ao repartir as ordens.

Este último apurou a água de sua taça, mas não a deixou na bandeja. Seguiu acariciando suas bordas lavradas sem levantar os olhos do chão. Tinha que medir suas palavras para o califa.

—Meu dever é defender a terra que piso. Minha escolha é firme e definitiva.

Raysen afogou uma exclamação ao escutá-lo, embora no fundo não se surpreendesse de sua postura.

—É Yibrail Ibn Ali, príncipe muçulmano. Primo de meu senhor e campeador de seu exército.

Gabriel escutou as palavras de Amuminin com denotado respeito e sábia humildade; tinha chegado a hora de declarar publicamente de que lado estava.

Inspirou com força e deixou a taça sobre a bandeja que tinha ficado esquecida em uma mesa pequena, já sem a supervisão do escudeiro. Elevou o rosto severo e afirmou sem uma dúvida em seus olhos verdes:

—Sou Gabriel Salazar de Aberín, senhor de Portas Negras. Filho de um pai vivo, filho de uma lembrança esquecida.

Amuminin o olhou fixamente ao tempo que assentia sem perder a postura respeitosa.

—Suas palavras serão repetidas ao nosso senhor, Abu Já'qub Yusuf, breve.

Ambos os muçulmanos se dispuseram a abandonar a tenda.

—Meus homens os acompanharão até a colina. Têm minha palavra de amparo.

Raysen duvidou durante um instante antes de começar a dar o primeiro passo que o afastaria da presença de Gabriel. Levantou o rosto e o olhou intensamente. Gabriel sabia que aguardava uma resposta.

—Tinha razão, meu amigo, não sou um assassino de mulheres desmaiadas.

Raysen compreendeu o duplo significado dessas palavras. Gabriel tinha decidido em consequência a seus sentimentos e ele o respeitava, embora sentisse uma profunda tristeza; com essa declaração se converteu em seu adversário. Um inimigo cristão. Finalmente, cravou seus olhos no horizonte e seguiu os passos de Amuminin.

Esperava-os um longo caminho até Isbiliya.

Capítulo 39

—Minha senhora Galiana desapareceu!

Gabriel se voltou de repente para a voz de Esteban ao tempo que empalidecia. A tensão pela chegada daquelas duas pessoas às que conhecia há tantos anos não tinha produzido um vazio de vacilação tão cruel no estômago como essas palavras de Esteban cheias com ansiedade. A sensação de liberdade e perda que sentia pela partida de Raysen tinha deixado passo ao horror do que aquilo significava. Rosália desaparecida? Que demônios queria dizer Esteban?

A tinha deixado aos cuidados de Amed nas masmorras do castelo dois dias atrás, era impossível... Como? Por quê?

—Onde está Amed?

Esteban se encolheu de ombros sem poder responder a sua pergunta.

Gabriel abandonou com pressa a tenda habilitada para ele no acampamento com o nó da incerteza retorcendo suas vísceras. Quando acreditava que tinha tudo sob controle, os acontecimentos se desbocavam de novo. Tinha faltado da fortaleza unicamente dois dias, o tempo que tinha necessitado para preparar seu encontro com Amuminin e Raysen, e agora que se dispunha a partir para Burgos para ter um encontro com o rei Alfonso com o objetivo de informá-lo sobre o resultado da visita muçulmana, tudo se complicava para inundá-lo em um poço negro de insegurança.

—Dona Esperança está histérica — continuou Esteban— Está como louca procurando uma mãe de leite...

Gabriel deteve seus passos em seco e se voltou com o rosto desencaixado. Esteban se deteve atrás dele a tempo para não tropeçar com suas costas.

—Mãe de leite...? —Gabriel foi incapaz de terminar a frase.

—Minha senhora deu a luz ontem.

O coração tinha se detido! Sentia como se o céu agitasse sua irritação sobre sua cabeça causando uma comoção violenta.

—Impossível! —A mente de Gabriel era um caos absoluto— Ainda faltam várias semanas para a iluminação...

Não terminou a frase. A seu cérebro acudiu a imagem de Rosália suspensa na janela de seu quarto a uma altura considerável e segura simplesmente a uma precária corda de tecido. Sua tentativa de fuga devia ter

adiantado o parto. Como lhe tinha escapado esse detalhe? Mesmo assim não podia acreditar que ela não estivesse no castelo.

—A encontraremos na capela.

Esteban negou com a cabeça várias vezes ao tempo que se esclarecia voz.

—Registramos palmo a palmo de Portas Negras; nossa senhora e o sírio não estão entre seus muros... —A leve vacilação de Esteban o pôs alerta— Encontramos uma missiva dirigida a você de nossa senhora.

Gabriel se esticou de forma instantânea, e observou a pequena folha de pergaminho sem decidir-se a tomá-la; O frio tinha começado a gelar seus ossos à medida que a suspeita arraigava em seu peito. Esteban estendeu a mensagem, mas Gabriel se sentia incapaz de reagir; olhava ao castelhano com uma dúvida fria em suas pupilas.

—Uma mensagem? —Gabriel agarrou a missiva completamente perdido no desejo mais elementar de sobrevivência. Leu a comunicação tão rápido que não chegou a entender seu conteúdo. Estava escrita em um perfeito latim, e não havia dúvida que tinha sido rubricada pela mão firme de Rosália. O significado lhe roubou o fôlego de vida e lhe insuflou a amargura da decepção.

Rosália tinha fugido!

Gabriel olhou o horizonte com ira negra. Nada tinha sentido. Amed devia protegê-la e a tinha ajudado. Que propósito se escondia atrás do ardil?

—Dona Esperança está histérica e o pai Fabián anda em rezas contínuas pelo infante de Portas Negras.

Gabriel fechou os olhos durante um momento para tentar tranquilizar os batimentos de seu coração. Tinha que meditar os passos que devia dar. O rei Alfonso seguia esperando sua chegada a Burgos com notícias sobre o desenlace com os emissários muçulmanos, e Enrique Fidalgo esperava suas ordens para retornar a Navarra junto com o resto dos cavaleiros de seu pai.

Rosália tinha fugido dele! Sua mente seguia voltando para sua anarquia de emoções.

Em que diabos podia estar pensando para desatender seu filho recém-nascido? Ao momento abriu os olhos com um profundo pesar e uma certeza dolorosa; nenhuma mãe abandonava seu filho por própria vontade, nenhuma salvo a sua, a princesa Alma. O remorso voltou a apoderar-se dele de novo ao compreender quão fúteis tinham sido as palavras dela e quão vazias suas promessas. Que Rosália tivesse fugido dele da mesma forma em que fugiu sua mãe lhe parecia um ato cínico, contumaz. Rosália Galiana não era uma

covarde, mas a lembrança de sua tentativa de suicídio em Sevilha voltou a mordê-lo; era possível que se equivocasse com respeito a ela.

Esteban seguia de perto a Gabriel, que cruzava depressa o acampamento procurando a tenda de dom Enrique com semblante tormentoso. No caminho deu ordens a dois cavalheiros para que se reunissem com eles. A firmeza de sua voz não admitia réplica. Gabriel fez sua entrada na tenda de dom Enrique Fidalgo sem vacilação. O cavaleiro Navarro se encontrava sentado no confortável interior falando com o capitão de sua guarda; faziam planos para a iminente volta a terras de Aberín.

—Preciso enviar um emissário ao reino de Aragón. Tem que levar uma mensagem urgente a meu pai. Outro deve partir imediatamente a Burgos com uma nova para meu rei.

Gabriel estava desenquadrado, sumido em uma voragem de sentimentos contraditórios impossíveis de racionalizar.

Tinha revistado o castelo de Portas Negras e todos os vizinhos sem êxito. Rosália tinha desaparecido, assim como Amed. A direta explicação de dona Esperança o tinha sumido ainda mais na confusão. Rosália se tinha posto de parto nas masmorras, algo que Gabriel lamentava profundamente; jamais deveria ter permitido que permanecesse entre aqueles frios muros um só instante, por mais desejo que sentisse de vingar a ofensa cometida contra sua pessoa. Rosália era uma vítima das circunstâncias, e ele um maldito enganador que merecia o resultado obtido. Depois do parto, Amed tinha despedido com indignada autoridade à parteira assim como a dona Esperança, a dama de companhia de Rosália, arguindo que ele podia ocupar-se perfeitamente dos cuidados de sua senhora. Ante o temor que inspirava sua imponente presença, todos tinham optado por aceitar; conheciam de sobra o enorme afeto que a senhora do castelo professava a seu servente muçulmano.

Gabriel entrou no quarto de Rosália com passos lentos, pesados, como se tivesse os pés de chumbo. Observou com olhos febris a babá que colocava a roupinha do recém-nascido com supremo cuidado na arca encostada aos pés do leito, olhou com atenção à criada que asseava os aposentos com rosto severo, mas decidido. Dona Esperança olhava o berço de madeira com dosséis brancos sem atrever-se a aparecer seu rosto pelo oco aberto entre eles, ao mesmo tempo em que recitava um pai nosso em latim. Voltou-se para Gabriel como se o tivesse pressentido, mas seus ombros não abandonaram a tensão com sua presença.

Gabriel não podia afastar os olhos do berço. De sua posição podia ver entre o transparente tecido o vulto que se agitava em sonhos, mas seguia sem se atrever a aproximar de tudo. O temor ao desconhecido o paralisava.

—Dona Esperança. —A voz saiu como um grasnido e fez que o pequeno que se encontrava dentro do berço se agitasse ainda mais. Ele, que tinha lutado contra inimigos desumanos, sentia-se apavorado por um inofensivo bebê.

—Busca o consolo de sua mãe. —Essas palavras o deslocaram ainda mais. Gabriel gemeu interiormente sem se decidir a dar a volta ou ficar— O calor dos braços de seu pai acalmará a ansiedade que sente o pequeno herdeiro.

Gabriel sentia que seus sentimentos o transbordavam sumindo-o na confusão.

Estava terrivelmente assustado e experimentava uma impotência que o paralisava. Durante um breve momento, durante um instante sagrado, foi capaz de compreender a angústia que tinha sofrido seu pai Miguel Salazar de Aberín. Sentiu em sua própria carne o cárcere de sua solidão, o desespero impotente que rendia suas contas como um detento. Quão equivocado tinha estado! Seu ódio para sua mãe que o consumia devia terminar de uma vez. Agora, quando suas emoções o torturavam até o ponto da agonia extrema, era capaz de valorar o sacrifício da espera de seu pai com respeito a ele e seus contínuos rechaços ao sangue que os unia. Ele mesmo tinha sido um menino abandonado, marginalizado por um estigma que não tinha podido apagar jamais e que lhe tinha deixado um gosto amargo de incompreensão. Entendia a tristeza lacerante que deve ter sentido seu pai pela mulher que fugiu como uma covarde marcando com uma mancha indelével sua própria carne indefesa. Seu próprio filho.

O infante de Portas Negras ia sofrer seu mesmo destino! E ele tinha a obrigação de impedi-lo.

—Dona Esperança, o senhor De Béarn se encontra no acampamento custodiado por dois Navarro, homens leais a meu pai. Mande um mensageiro para que venha imediatamente, recebê-lo-ei no grande salão.

A mulher duvidou um instante em deixar sozinho ao recém-nascido, mas terminou indo cumprir o encargo com prontidão.

—A criada e a babá podem partir até sua volta, eu lhes aguardarei aqui.

Quando a porta do quarto se fechou a suas costas, o silêncio caiu sobre ele como um golpe de tocha afiada. Na lonjura se ouvia o uivo de um lobo, assim como o tangido dos sinos da cidade de Toledo, que rompia com uma

musicalidade inesperada a quietude da tarde entre aqueles quatro muros, mas ele estava surdo a nada que não fosse o som do menino que seguia removendo-se inquieto sob a suave colcha de cambraia. Da breve distância que os separava, podia apreciar o cabelo escuro de sua cabeça através do tecido transparente, suas pequenas mãozinhas gesticulavam no ar procurando um sustento que lhe tinha negado, mas Gabriel era incapaz de mover-se em uma direção ou em outra. Seus pés pareciam unidos às pedras do chão com uma força espiritual que conseguia imobilizá-lo, impedindo que saísse dali.

Sentia o batimento de seu coração nos ouvidos e os pulmões aprisionados tão estreitamente que não ficava um oco necessário para o ar, tinha que respirar! Mas seguia de pé, a uma escassa distância do infante e de sua própria agonia.

Gabriel se sentia ferido pela vida, que tinha marcado seu destino com um golpe feroz, e no formoso berço de madeira esculpido havia um menino que não era dele. Tinha que evitar uma desgraça como a sua. Agora mais que nunca reprovava a Rosália sua covardia, sua veleidade feminina, mas o gorjeio infantil deteve seus pensamentos amargos para reconduzi-los de novo para ele.

Com um esforço sobre-humano, deu os passos que o separavam do pequeno berço de madeira onde repousava o menino. Quando chegou a um escasso meio metro elevou a mão e pegou a borda do tecido que sobressaía do corrimão; a mão bronzada contrastava enormemente com a malha pulcra e branca, mas ele não era consciente desses pequenos detalhes. Sentiu como seus dedos se fechavam crispados e aprisionavam o suave tecido com uma frustração que não conseguia controlar. Quase podia esmiuçá-la entre seus dedos frios, mas não podia elevar os olhos, sentia-se incapaz de contemplar seu fracasso refletido em um rosto infantil. Gabriel sentiu como seu coração tomava uma resolução por ele e terminou por enchê-lo totalmente de uma paz infinita. A luz tinha acendido na escuridão de sua alma mostrando uma saída para seu desassossego, uma via de escapamento à frustração de sua existência. Quando foi consciente de sua resolução, de tudo o que implicava a aceitação de sua derrota, cravou seu joelho direito no frio chão do quarto e inclinou a cabeça com a honra que requeria uma promessa solene. Tomou entre sua mão calejada e rígida o punhozinho que gesticulava no ar, fê-lo com uma infinita doçura, mas sem olhá-lo, ainda não tinha encontrado o valor suficiente para posar seus olhos naquele corpo pequeno e indefeso. Gabriel apertou os lábios em uma careta decidida, e inspirou longamente antes de pronunciar as palavras que selariam seu destino:

—Pequeno Juan Galiana, futuro senhor de Portas Negras e de Aberín, juro que o protegerei com minha vida até que a morte me reclame. Velarei por seu futuro cada um de meus dias até que Deus ocupe meu cargo de protetor. Ofereço-lhe minha promessa de sangue.

Seus lábios se mantiveram fortemente fechados, mas sua garganta tinha recitado o juramento sem vacilação. Quando seu coração começou a pulsar novamente de forma compassada e o frio de seus ossos começou a remeter, Gabriel foi levantando seu rosto ao tempo que elevava a vista. O primeiro que viu quando fixou as pupilas no centro do berço, foi o pequeno corpo que se mantinha parcialmente abafado com uma fina colcha bordada com flores de lis. Seguiu o percurso de forma lenta e inexorável até que seus olhos se encontraram com o arredondado rosto inquieto; ao contemplar pela primeira vez os traços infantis, o gelo que aprisionava seu peito se desfez ao fim.

Os caminhos do Senhor eram, certamente, inescrutáveis.

Capítulo 40

Rosália tragou suas lágrimas ardentes ao tempo que elevava uma prece por seu pequeno. Com toda a dor de seu coração clamou desde sua boca amordaçada com um lenço para que Deus tivesse piedade de sua alma pecadora. O parto tinha sido curto, mas intensamente doloroso. Amed tinha sido de grande ajuda na fria masmorra durante a iluminação, que a tinha pegado por surpresa, mas a traição da que logo a tinha feito objeto a queimava com uma raiva difícil de conter. Por que bendita causa a tinha atada a um destino desconhecido? Acaso seguia ordens de Gabriel de levá-la a Garyana como prisioneira?

Como podia duvidá-lo!

Depois da dolorosa prova do parto, Amed lhe tinha dado uma infusão de ervas que tinham sido sua perdição, pois a tinham sumido em uma letargia semi-inconsciente do que não se precaveu salvo quando estavam muito longe de Portas Negras. Seu ventre ainda dolorido se queixava com espasmos que produziam fortes dores, como se o parto não tivesse concluído ainda e seus peitos inchados e sensíveis se esticavam com um aviso que tão somente podia satisfazer seu pequeno.

Deus bendito! O que pretendia Gabriel ao afastá-la de seu menino recém-nascido? Por que a tinham separado de seu pequeno e a levavam longe de seu cuidado e do alimento necessário que brotava de seus seios repletos?

Gabriel tinha completado sua palavra de afastá-la de seu filho e o desespero voltava a fazer presa nela. Tinha-o subestimado outra vez, mas Deus mediante, seria a última.

—Cuide dele, Anjo Negro! Cuide-o por mim!

Como uma litania elevava as palavras em um rogo para que chegassem até Gabriel, ao tempo que o arrependimento tardio a mordia com fúria. Pesava-lhe enormemente haver ocultado a verdade, tinha desperdiçado a ocasião. A mentira a golpeou com brutalidade deixando-a sem fôlego! Mostrou-se tão egoísta, tão orgulhosa em sua desgraça que agora não tinha modo de mudar seu destino. Ignorava como elevar sua súplica a um plano espiritual para que esta fosse escutada, para que sua dor lacerante e cheia de impotência fosse tida em conta. Seu desespero como mãe não conhecia limites. As lágrimas salgadas não tinham deixado de deslizar por suas bochechas, do mesmo modo que o sangue de seu ventre escorria pelos

flancos do cavalo à medida que continuavam o avanço a um trote ligeiro. O corpo da montaria se tornava carmesim a cada passo, e ao tempo, a pele de Rosália se via mais transparente. O enjoo fazia presa dela, que não fechava os olhos e se abandonava ao esquecimento por pura teima. Tinha que urdir uma forma de escapar, uma maneira de burlar a vigilância de Amed para empreender a volta a Portas Negras junto a seu bebê, mas seguia partindo para uma escravidão desconhecida e um futuro incerto. Sentia-se tão esgotada, tão sumida na auto-compaixão que sua mente confusa era incapaz de alinhar um pensamento de esperança, um raciocínio lógico que a tirasse do abismo negro ao que tinha saltado com seu egoísmo. Lamentava profundamente a mentira que tinha tecido sobre Gabriel e o filho de ambos, esse pequeno ser não tinha a culpa de sua imaturidade perpétua. De sua incapacidade para discernir a verdade da mentira nessa vingança de amores despeitados. O abismo que tinha aberto entre os dois seres que amava propiciavam uma separação que resultaria inviolável, e só ela era a culpada sem remissão.

Gabriel ia vender como escravo a seu próprio filho!

O Anjo Negro se mantinha de pé diante do Navarro com atitude intimidadora, mas sem perder a serenidade. Ele magnificava com aquele olhar glacial e poderoso o apelido que lhe tinham dado os cristãos. Roland compreendia que seu adversário era um homem ao que não podia manipular, disposto a tudo e alimentado por uma sede de vingança.

—É meu desejo que renuncie por própria vontade a qualquer pretensão sobre Rosália Galiana, senhora de Portas Negras.

Roland observou com cautela o rosto severo e firme de Gabriel Salazar. Durante vários dias tinha sido hóspede involuntário em sua tenda enquanto se decidia o destino da fortaleza aos pés da cidade de Toledo; o trato recebido tinha sido extremamente justo e imparcial. O senhor de Aberín era um homem íntegro, mas a belicosidade de sua postura era inconfundível; seguia acariciando o punho de sua espada com dedos inquietos, em clara amostra de quão fácil seria provocá-lo. Roland não pensava cair na armadilha.

—Minha renúncia, no suposto que assim o dita, só será oferecida a dona Rosália Galiana.

Gabriel esquadrinhou a figura do Navarro sopesando suas palavras com atenção.

—Pai Fabián, explique a ele a posição que ocupa neste preciso momento.

Roland voltou seu rosto à figura que até então se manteve sentada de forma discreta em um canto da sala. Viu-o caminhar rápido para eles com as mãos entrelaçadas sobre seu estômago volumoso. O Navarro sabia o que viria a seguir.

—O segundo matrimônio da herdeira de Portas Negras foi declarado nulo pelo bispo de Toledo, dom Martín López.

Roland já sabia; a solicitude de dispensa tinha sido negada com celeridade também no bispado de Pamplona.

—Em minhas mãos —prosseguiu o sacerdote— tenho o poder outorgado pelo rei Alfonso de Castilla reconhecendo o primeiro matrimônio de dona Galiana, e também o reconhecimento do rei Sancho de Navarra.

Roland sabia que tinha perdido, mas tinha o suficiente sentido comum para aceitá-lo.

—O filho de... —Gabriel não o permitiu continuar. Apertou tanto os dentes que Roland acreditou que iriam partir-se.

—O herdeiro de Portas Negras o será também de Aberín, como seu pai, Gabriel Salazar, o aqui presente. —Com essa afirmação tinha declarado a legitimidade do filho de Rosália.

De Béarn entendeu que não podia fazer nada. O senhor de Aberín devia conhecer quem tinha direitos de sangue sobre o menino, e ele não ia começar uma disputa de tutela sem o favor do rei de Navarra.

Como bom soldado, sabia quando devia retirar-se.

—Ofereço-lhe um feudo sem cargo se me jurar vassalagem como conde de Portas Negras e futuro conde de Aberín. O feudo que lhe ofereço é Mérida.

Roland sabia que o oferecimento era extremamente generoso, como vassalo de Gabriel poderia abandonar sua vida de mercenário e desfrutar da paz até que a guerra o reclamasse de novo, mas lutaria como um cavaleiro Navarro e não como um mercenário. Sua ambição tinha sido muita, entretanto devia retirar-se.

Compreendia a perfeição que o homem que estava plantado diante dele estava respaldado por dois reis poderosos e cavaleiros leais que não duvidariam em cravá-lo com uma lança à parede a menor ameaça por sua parte. Sua anterior vida em terras muçulmanas não conseguia ocultar o orgulho Navarro que demonstrava em sua pose e olhar.

—Jurar-lhe-ei fidelidade e lhe renderei minha espada.

Gabriel assentiu com a cabeça enquanto lançava um suspiro baixo. O Navarro tinha resultado fácil de agradar. Tinha estado disposto a muito mais com tal de proteger ao pequeno Juan Galiana, mas entender que o homem

que tinha diante já não supunha uma ameaça, enchia-o de um profundo alívio.

Rosália despertou de sua inconsciência. Sentia-se débil e enjoada. O calor de seu corpo provocado pela febre a estava asfixiando. A umidade entre suas coxas significava que não tinha cessado a hemorragia. Lambeu os lábios feridos ao tempo que tentava inspirar para acalmar os tremores que a sacudiam, mas a dor de seu ventre resultava insuportável e eterna. A habitação estava escura e fria, mas não se importou. Nesse momento mais que nunca tinha que tentar recuperar forças, embora só o feito de respirar supusesse um esforço incrível e tremendamente angustiante. Seu peito subia e baixava agitado. A chicotada de dor a fez encolher-se de repente. Algo não funcionava dentro dela.

Seu bebê! Necessitava-o, tinha que estreitá-lo entre seus braços para não voltar-se louca, mas só sentia uma profunda dor negra que a engolia para um abismo.

—Meu Deus! Quando vais perdoar-me? —A oração sincera brotou de seu ser com uma tristeza absoluta, com um desespero nascido da impotência— Proteja a meu pequeno, Meu Senhor, me redima de meu pecado como mãe se acaso não pode ignorar as outras ofensas cometidas como cristã.

—Tome, esta infusão ajudará a acalmar os tremores da febre.

Rosália abriu os olhos de repente ao ouvir a voz suave que falava em latim.

—Meu nome é Ibn Rushd.

Ela o conhecia, era o homem que tinha lutado com a morte por ela em Sevilha, mas por que motivo o via impreciso? A figura parecia longínqua, igual seu som.

—É Averroes o erudito.

O homem de olhar paciente assentiu com a cabeça.

—Onde estou? —perguntou ela.

Ibn Rushd elevou ligeiramente sua cabeça e aproximou uma tigela quente aos lábios gretados. Rosália bebeu até a última gota sem uma réplica. Estava sedenta.

—Em Orgaz, em casa de seu avô, o conde de Portas Negras.

Que fazia ela em Orgaz? Por que a atendia o erudito árabe?

—Sua debilidade não permitiu que continuassem a viagem.

—Amed...?

Averroes negou com a cabeça.

—Seu guardião e protetor seguiu seu rumo para Isbiliya.

Sevilha! Por que Amed se dirigia a Sevilha? Rosália tentou incorporar-se, mas a dor de seu ventre a fez recostar-se de novo. O gemido doloroso foi claramente audível, mas não se sentiu envergonhada; tinha passado a linha do superficial fazia muito tempo.

Se pudesse parar os tremores que a sacudiam!

—Leva dois dias inconsciente, é necessário que descanse.

Rosália se agitou com fúria no coração, mas com o corpo lasso.

—Tenho que voltar para Portas Negras! Meu bebê...

Averroes a segurou pelos ombros e a reteve no colchão, que estava manchado com seu próprio sangue.

—Primeiro têm que se repor, recuperar forças suficientes para poder empreender de novo o caminho sem que corra risco de vida.

Milhares de perguntas iam à mente de Rosália e ela não sabia como lhes dar resposta.

Por que Amed tinha decidido deixá-la na metade do caminho? Rosália não se deu conta de que tinha formulado a pergunta em voz alta. Averroes tentou responder algumas de suas interrogações.

—Assegurei-lhe que seu fôlego ia se extinguir se continuava em seu empenho de lhe levar a Isbiliya, e compreendeu que tinha razão.

O rosto de Rosália era de pura confusão.

—Encontramo-nos em um cruzamento do caminho, ele ia com destino à Isbiliya e o meu se dirigia para Toledo, em busca de seu marido.

—Como conhecia Amed esta casa?

Averroes se encolheu de ombros.

—Pode ter problemas em terras castelhanas se ficar aqui para me atender.

Averroes assentiu com a cabeça.

—Sou consciente desse fato, mas tive dificuldades em Isbiliya, e necessito um lugar tranquilo e afastado da ira de Abu até que as águas se voltem mansas de novo.

Rosália não compreendia.

—Seu marido fez uma promessa faz muito tempo, agora necessito que a cumpra, por esse motivo ia a seu encontro por terras castelhanas.

—Senhor Ibn Rushd.

O médico a observou atentamente.

—Vou morrer?

O árabe não respondeu com a prontidão que ela esperava, mas sim tomou seu tempo para analisar o brilho opaco de seus olhos e a temperatura ardente de seu corpo.

—Contraíste uma infecção muito grave e a perda de sangue foi considerável. Amed devia estar louco para fazer cavalgar a uma recém parida sem descanso.

Rosália se encolheu devido à dor lacerante que se estendeu de seu abdômen até seu peito.

—Está em mãos de Deus, dona Galiana.

Ela já sabia.

Capítulo 41

A tinha procurado sem êxito! Durante semanas tinha cavalgado com uma guarnição de seus homens em uma busca infrutífera para terminar com uma sensação de impotência no peito. As semanas transcorridas da fuga de Rosália tinham passado para ele como um pesadelo. Podia lhe perdoar o engano a seus sentimentos, mas não o abandono de sua própria carne. Ele era um triste consolo para um menino ao que não podia contemplar sem que o nó de sua garganta o asfixiasse. Dona Esperança o recriminava cada dia a indiferença que mostrava, mas não era indiferença a não ser um medo atroz a derrubar-se e permitir que a debilidade o afastasse da promessa feita. A gente murmurava a suas costas, mas ele fazia como se não os ouvisse. Gabriel tentava governar o condado com mão firme e ideias práticas. Garcés e Esteban, os dois melhores soldados que tinha, conseguiam temperar os ânimos dos castelhanos, que se mostravam indecisos ante a ausência da senhora. Os dias passavam com uma lentidão desesperadora. Conseguiam minar qualquer rastro de esperança que começasse a germinar em seu interior.

O rei Alfonso lhe tinha concedido a mercê de uma audiência para que autentificasse sua posição e lealdade para com Castilla. Ele pôde então lhe relatar com todo luxo de detalhes o propósito da visita de Amuminin e Raysen. O rei conhecia a resposta que Gabriel tinha dado aos muçulmanos, e enquanto isso, junto com o general do rei, Nuño Pérez, e ele ideavam estratégias de defesa para a cidade de Toledo dos muros do castelo de Portas Negras. A cidade tinha sido duplamente protegida da Torre dos Diabos até as pontes fortificadas de São Martín e de Alcântara. Os dois sabiam que o califa de Sevilha não ia conformar-se com a negativa de Gabriel a render o castelo. Este último elevou o rosto para o céu nublado; o cinza das nuvens obscurecia a tarde com uma sombra triste, funesta, melancólica e tétrica como seus pensamentos. Seguiu caminhando pelas ameias com passo lento e errático. De vez em quando seus olhos se voltavam para o horizonte, para a lonjura da colina que separava o condado de Portas Negras do resto das terras de Castilla. Uma ligeira garoa começou a cair de forma implacável, mas essa circunstância não o incomodou. Gostava da sensação de liberdade que se respirava ao ar livre, onde seus demônios interiores deixavam de envenená-lo por uns breves instantes. Voltou à vista ao oeste, como fazia cada tarde desde há tempo, mas a voz de seu pai o atraiu de novo para a realidade do

presente. Dom Miguel passeava junto a Garcés e iam falando tranquilamente sobre política e de vez em quando trocavam brincadeiras que escapavam aos ouvidos de Gabriel. Observou a uns soldados no canto norte do pátio de armas praticando lançamentos de lança sobre um objeto colocado estrategicamente em um lugar bastante afastado. Seguiu percorrendo as diferentes estadias até topar-se com a capela, onde a tumba profanada do pai de Rosália tinha sido novamente restaurada. O pai Fabián tinha feito cargo de tudo, inclusive do revoo que tinha provocado Rosália quando a profanou. Após um suspiro profundo, Gabriel se voltou para a porta principal e começou uma baixada pressurosa das ameias em busca de Esteban. Precisava sair da letargia em que se mantinha e deduziu que um pouco de exercício físico poderia o fazer muito bem. O chiado da grade de ferro que subia e baixava a porta de entrada ao castelo atraiu sua atenção para a entrada, não tinha se precavido de que vinha visita. Quando contemplou com olhos desanimados à pessoa que cruzava a soleira da porta fortificada, sua garganta rugiu com um bramido de cólera. Rosália estava plantada no pátio!

O medo oprimia seu coração, mas a urgente necessidade de ver seu filho supria o valor que lhe faltava. Averroes caminhava atrás dela, segurando as montarias nervosas. A volta desde Orgaz tinha resultado longa e penosa, e ainda se encontrava muito débil, mas nada disso importava salvo o desespero de embalar seu menino em seus braços. Mostrar-lhe seu amor e recuperar o tempo perdido.

Se é que podia recuperar-se...

Os dois soldados que custodiavam a entrada principal do castelo a olhavam completamente assombrados, embora não tinham duvidado ao vê-la parada ao outro lado da porta. O reconhecimento tinha sido instantâneo. Rosália tirou o capuz negro da cabeça para mostrar um sorriso a seus homens, mas o rugido inesperado a fez esticar os ombros com temor. Tinha reconhecido a voz de Gabriel e, embora esperasse sua presença, teria gostado de dispor de mais tempo para preparar-se para o encontro, um encontro que ia ser demolidor para seu espírito. Averroes se colocou a seu lado e tomou a mão dela entre as suas para brindar o ânimo que lhe faltava. Gabriel se plantou diante dela muito mais rápido do esperado.

—Detenham-na!

Os dois soldados deram um passo para trás com precaução ante o violento estalo, desatendendo a ordem direta. Rosália inspirou antes de encarar-se com ele. Elevou seu rosto sério para ele. Quando Gabriel

contemplou a extrema magreza dela e as profundas olheiras debaixo de seus olhos, deteve a enxurrada de impropérios.

Rosália estava irreconhecível! Parecia um cadáver andante.

—Meu amigo, meu coração se deleita ao te contemplar de novo.

Gabriel se deu conta então de quem era a pessoa que se mantinha imóvel ao lado de Rosália: era Ibn Rushd. Por um momento, ficou sem palavras.

—Olá, Gabriel.

Este voltou à vista imediatamente para ela, que tinha adotado uma pose submissa, com as mãos entrelaçadas no colo e os ombros caídos de pesar.

—Por que retornastes?

Rosália não pôde responder a sua pergunta. Averroes tinha posado um braço em seus ombros tentando transmitir sua força, subministrar um ponto de apoio que ela necessitava com desespero. O detalhe foi perfeitamente claro para Gabriel.

—Estamos sedentos, meu amigo. Um pouco de água nos viria muito bem.

Gabriel se debatia em uma tortura contínua. Sua régia educação da infância o impedia de negar-lhes a solicitude de refrescar-se, mas ele não podia afastar a vista da pessoa de Rosália, que seguia em um silêncio suspeito. A ansiedade tinha surto em seu interior consumindo tudo. Necessitava explicações e as queria já.

—Minha amiga esteve muito doente, precisa descansar. Eu mesmo o necessito também.

Gabriel recuperou o aprumo com muita dificuldade.

—Sede bem-vindo a Portas Negras, Ibn Rushd. —Rosália não se surpreendeu de que esse recebimento não a incluísse — A visita de um amigo é um acontecimento feliz para mim.

Gabriel estendeu seu braço esquerdo assinalando a entrada à torre, e Ibn Rushd o precedeu sem soltar os ombros de Rosália. Gabriel começou a caminhar atrás deles com o cenho franzido de cólera e os lábios apertados de dúvidas.

Rosália estava tremendamente nervosa, a humildade de sua postura punha em alerta Gabriel, que a via percorrer a estadia com olhos melancólicos. Bebeu a taça de água oferecida e tinha uma urgência nos olhos que ele não atendeu. Gabriel sabia perfeitamente o que ela pretendia, mas por sua vida que ia suar sangue antes de ser agradada.

A chegada de Esperança assim como a de pai Fabián a pôs ainda mais nervosa; o tremor em suas pernas ameaçava a não sustentá-la.

—Necessito... —A mão elevada de Gabriel selou seus lábios de um golpe.

—Não falemos de necessidades ainda... Senhora. —Gabriel vaiou o apelativo com desdém.

Rosália baixou os olhos, envergonhada.

—Dona Galiana, o que lhe ocorreu? —O rosto de pai Fabián era de incredulidade total.

Esperança não encontrava as palavras adequadas para expressar o que sentia ao vê-la tão piorada. Averroes decidiu ir em sua ajuda.

—Minha amiga esteve à beira da morte. —Os olhos de Gabriel se reduziram a uma linha— Teve de guardar cama durante várias semanas antes de poder iniciar a volta a seu lar.

Tanto o pai como a dama olharam Averroes completamente surpreendidos. Tinham estado tão absortos na pessoa de Rosália que não se precaveram do muçulmano que a sustentava. O pai Fabián endireitou as costas com cautela.

—Fugir a cavalo depois de um parto é ser muito insensato. —A voz cheia de ira de Gabriel produziu em Rosália um calafrio.

—Minha fuga não foi voluntária.

Gabriel lhe dedicou um olhar sombrio.

—Fui sequestrada por Amed, embora ignore o motivo real que o levou a fazê-lo.

Gabriel estava a ponto de estourar.

—Deixem-nos sozinhos!

A ordem foi acatada imediatamente. A sala ficou vazia em questão de segundos, todos se foram salvo Averroes, que demorou um momento mais em decidir-se. Rosália fez um assentimento de cabeça que ele aceitou.

—Chegou minha hora.

O médico entendeu suas palavras, e em silêncio, acompanhou ao sacerdote e à dama de companhia que apertava os lábios com desgosto ante a grosseira ordem. Rosália e Gabriel ficaram a sós.

O silêncio caiu sobre ambos como uma pesada laje. O ar da sala se rarefez e espessado até um ponto insuspeitado.

—Está bem?

Gabriel tomou todo o tempo do mundo em responder. Sabia que a fazia sofrer, mas o merecia. Manteve o silêncio durante tanto tempo que Rosália se desesperou.

—Cresce são e feliz.

Os ombros dela tremeram de alívio. Por um instante maldito tinha temido o pior. A quietude que sentiu ao compreender que o pequeno estava a salvo lhe produziu uma descarga de felicidade que mal podia ocultar.

—Desejo vê-lo.

Ele negou repetidamente com sua morena cabeça.

—É meu filho, Gabriel.

—A um filho não o abandona.

Ela o olhou ao fim de frente. Tinha ido ali para lutar e lutaria.

—Não o abandonei por própria vontade, que me creia ou não está em mãos de Deus.

A expressão dele mostrava claramente que não acreditava absolutamente. Rosália contava com esse detalhe, mas tinha algo que oferecer, algo que não poderia rechaçar.

—Ainda tenho suas palavras escritas que demonstram a mentira de sua afirmação.

Rosália o olhou com franca surpresa. A que palavras se referia?

—Não o entendo.

Gabriel titubeou só um instante, pois os brilhantes olhos dela se viam sinceros. Felizmente, repôs-se imediatamente. Tinha estado a ponto de esquecer quão instada era.

—Já não importam suas mentiras, partirá de Portas Negras tão logo tenha se refrescado.

Rosália esticou as costas e adotou uma postura mais firme.

—Assim o farei, é também minha decisão, mas não irei sozinha.

Já tinha declarado sua intenção, Gabriel a olhou de forma ameaçadora.

—O herdeiro de Portas Negras está sob meu amparo.

Suas palavras frias impregnaram seus ossos. Rosália fechou os olhos um instante para recuperar o aprumo.

—Partirei com meu filho do castelo e não retornarei jamais.

O rosto de Gabriel tinha passado do aborrecimento à estupefação em um instante.

—Está completamente louca!

—Não estou louca a não ser decidida.

—Juan Galiana não abandonará os muros de Portas Negras.

Rosália abriu os olhos com assombro ante o nome dado a seu filho. Tinha ocorrido tudo tão depressa que não tinha tido a oportunidade de oferecer ela um. As lágrimas ameaçaram transbordar-se ante a lembrança do nome amado de seu pai.

—Jurei protegê-lo de você.

O desânimo voltou a apoderar-se dela.

—Meu filho não necessita que o protejam de sua mãe.

Os punhos de Gabriel se fecharam com fúria a seus flancos.

—Minha marcha não foi premeditada, juro-o por minha alma.

—Palavras vazias que não me convencerão.

Era impossível obter sua misericórdia. Gabriel estava ferido em seu orgulho e ela não podia fazer nada para trocar esse fato.

—Juan Gabriel Salazar de Galiana — retificou ela— necessita do afeto de sua mãe, e isso é algo que não negociarei com você.

O coração de Gabriel tinha começado um galope temerário.

—Deseja Portas Negras e eu lhe darei isso gostosa, meu filho e eu viveremos em Orgaz.

Gabriel tinha perdido o fio da conversa, não sabia aonde pretendia chegar ela. E por que diabo chamava o bebê assim? Com seu nome?

—Já tenho Portas Negras.

Rosália apertou os lábios.

—Não tenho nada que oferecer em compensação salvo meu legado, renunciarei ao título de condessa de Portas Negras em seu favor, entregar-lhe-ei todos os títulos que tenho em propriedade salvo o de Orgaz, que será a herança de Juan Gabriel.

—Certamente não têm nada, dona Galiana, salvo sua insensatez.

Ela não pensava render-se tão logo.

—Sigo sendo a senhora de Portas Negras, a minha ordem... —Deixou a ameaça no ar, mas a tremenda gargalhada que soltou Gabriel a deixou atônita. Tinha perdido terreno e não sabia como.

—Todos aqui sabem de sua fuga. Abandonou seu filho recém-nascido, a quem crê que declararão sua lealdade quando se pronunciar? Jurei proteger ao pequeno Juan de sua perfídia, e as artimanhas que urda não me farão mudar de opinião a respeito.

Rosália inspirou fundo. Sabia que as negociações iriam ser muito duras, mas ela não estava vencida, já não. Tinha estado a um passo da morte, mas tinha retornado muito mais forte e decidida. Morria de vontade de abraçar seu pequeno e pensava lutar até o final para consegui-lo. Relaxou os ombros e se aproximou um passo de Gabriel, que não retrocedeu, mas sim seguiu mantendo seu olhar com uma ira louca em seus olhos verdes.

Rosália sabia que tinha que trocar de estratégia.

—Foi um menino abandonado, Gabriel, ides condenar ao seu a sofrer a mesma desdita?

Ele entrecerrou os olhos até reduzi-los a uma linha; as palavras dela o tinham sacudido emocionalmente. Por que demônio tinha utilizado «o seu» para referir-se ao pequeno Juan?

—Equivoca-se, senhora, não fui um menino abandonado, fui um menino órfão de mãe, evita a diferença.

Rosália se aproximou um passo mais para ele. Gabriel não sabia a que jogava, mas manter-se firme custou o esforço de sua vida.

—Não desejo ir de seu lado, Gabriel Salazar de Aberín, eu o amo. — Essas palavras derrubaram as defesas dele até um ponto inesperado— Compreendo que te feri de forma irremediável com meus desejos de vingança, mas agora só desejo viver em paz com minha consciência.

—Brinca?

Ela estava o suficientemente perto para elevar a mão e roçar sua bochecha em uma carícia tão suave que Gabriel duvidou de se a tinha feito ou não. O rosto se endureceu como o granito. Com esse gesto, Gabriel tinha transbordado as lembranças e as ânsias nele. Estava tão formosa que doía, apesar de sua magreza e seu rosto cítrico, apesar de suas mãos frias e das sombras escuras sob seus olhos. Amava-a tanto como a odiava, passava-lhe quanto mesmo com sua mãe. Não podia confiar nela, já não.

Capítulo 42

—Se amar, de alguma forma a meu pequeno, vai me perdoar.

Gabriel esboçou um sorriso sardônico.

—Posso-lhe perdoar quase tudo: as mentiras, as acusações, sua tentativa de suicídio que marcou com fogo o afeto que lhe professava. — Gabriel calou um momento para tomar fôlego— Mas não posso perdoar o abandono de um menino inocente. Sua deslealdade me aborrece.

Rosália fechou as pálpebras brandamente. Gabriel tinha baixado a guarda sobre seus sentimentos. Agora só devia imperar a verdade e ia oferecê-la com acréscimo.

—Amed me drogou após o parto, eu estava exausta depois da dura prova que supôs o nascimento. Ante meu esgotamento, Esperança levou o pequeno Juan para que eu pudesse recuperar forças durante a noite. Seu escravo se aproveitou de minha letargia induzida para me atar às mãos e me tirar de minha casa na metade da noite, sem que nenhum de meus leais soldados se desse conta do que ocorria a seu redor. Estavam muito pendentes de suas ordens para prestar atenção as montarias que saiu de forma sigilosa sob o amparo da escuridão. Meu marido tinha a obrigação de me proteger, mas não estava aqui. Tinha me encerrado em uma masmorra junto a um espião do califa de Sevilha.

O rosto de Gabriel ia perdendo a cor à medida que a escutava.

—Eu seguia sendo a moeda de troca para obter a rendição de Portas Negras, da mesma forma que fui em Sevilha quando lhe ordenou que executasse meu pai que se encontrava doente de peste e despejado. Assim me salvou a vida.

Gabriel inspirou com força. Amed era realmente um espião às ordens de Abu? Teria sentido.

—Cheguei até os muros de Sevilha buscando-a, senhora. Penteei cada palmo desta terra sem êxito.

—Amed decidiu me deixar a meio caminho de Sevilha, em Orgaz. Averroes o convenceu para que seguisse seu caminho sem mim, morta não lhe serviria de nada.

—Mentira! —A forte exclamação a sobressaltou.

—Está em seu direito de acreditar em minhas palavras ou de negá-las, mas medite durante um momento. Qual é o motivo de minha volta?

Gabriel se sentia incapaz de encontrar uma razão válida para sua volta.

—Martirizar-me!

Rosália o olhou francamente surpresa. Essas palavras podiam dar asas a seus sentimentos, mas tentou segurar suas ânsias sob uma aparência de racionalidade.

—Pude sobreviver a estas semanas de angústia porque sabia que meu pequeno estaria protegido por você.

O momento de debilidade tinha passado para Gabriel após escutar a pronúncia falsa. Ela seguia afundando a faca da vingança em seu coração de forma implacável.

Não ia prestar-se a isso.

Gabriel se deu a volta para partir, mas ela o segurou pelo braço para impedir-lhe. O contato foi uma descarga que o deixou confuso e ferido, tremendamente afetado pelo desejo que o consumia de estreitá-la de novo entre seus braços, aspirar ao aroma de seu cabelo, acariciar a pele suave de seu rosto, mas as reservas que sentia o impediam.

—Parta não suporto sua cercania!

As palavras dele a enrijeceram.

—Está julgando a sua mãe, e eu não sou a princesa Alma.

A dor o mordeu com fúria. Olhou-a tão pesaroso que Rosália duvidou que suas palavras tivessem sido acertadas, mas não as retirou.

—Está certo, Gabriel.

Ambos se voltaram ao ouvir a voz de dom Miguel Salazar, que se mantinha erguido na soleira da porta que separava o grande salão do corredor que distribuía as diferentes dependências da torre. Tinham estado tão concentrados em suas mútuas recriminações que não o tinham ouvido chegar. O vulto que levava o pai de Gabriel nos braços fez que Rosália lançasse um profundo gemido de desejo.

Sua penitência chegava a seu fim!

A loucura fez presa dela, que se lançou totalmente a cruzar a sala com as mãos plenas de esperança e o coração pulsando de alegria. As lágrimas começaram a deslizar por suas bochechas, que tinham adquirido um suave tom rosado pela disputa mantida com Gabriel momentos antes, mas não lhe subtraía a beleza espiritual que a caracterizava. Miguel a contemplou com empatia. A senhora de Portas Negras devia ter sofrido muito, seu aspecto débil e doentio era uma clara amostra disso.

—Pai...! —A exclamação de Gabriel não foi atendida por dom Miguel, que o ameaçou com seus olhos verdes a que se mantivesse onde estava.

—Seu amigo Averroes me contou tudo; não faça com seus atos que me sinta ainda mais envergonhado.

Rosália já tinha chegado até Miguel. Estendeu seus braços com um desejo insatisfeito que ele entendeu à perfeição. O pequeno foi dado com supremo cuidado, e ela o estreitou contra seu coração. Abandonou-se no chão, chorando, soluçando, rindo com um júbilo indescritível.

Gabriel tentava segurar seu coração ante o descalabro emocional de ver como ela seguia estreitando em seus braços ao pequeno Juan.

A batalha estava perdida. Ele estava irremediavelmente perdido.

Encontrava-se absolutamente quieto, ouvindo o som de sua respiração entrecortada. As lágrimas de Rosália eram de uma pureza singular e ele as tinha desprezado com suas palavras ao não acreditá-la em um princípio. Não continham arrependimento, a não ser dor e agonia. Sua tristeza e aflição eram reais, assim como o júbilo com que ria e chorava, sentada com seu filho no frio chão de Portas Negras.

Ele tinha demonstrado ser um Anjo desumano, um Anjo Negro da morte e da destruição. O pesar o sacudiu com força fazendo cambalear todas e cada uma de suas convicções. Destroçava-lhe a alma vê-la chorar, ouvir sua tristeza extrema e a alegria encontrada à medida que arrulhava seu filho com adoração.

Gabriel se sentia como uma besta desprezível. Caminhou com energia para sair da sala que o afogava por momentos. Precisava escapar, afastar-se da imagem de Rosália cheia de felicidade; tinha que sair imediatamente ou do contrário se quebraria em milhares de lascas impossíveis de recompor. Seu pai fez um gesto negativo com a cabeça que ele não aceitou. Dom Miguel fechou a grossa porta para impedir a saída de Gabriel, que precisava sair da estadia como fosse. Quando foi estender a mão para agarrar o pomo da porta, viu que seus dedos tremiam como uma folha balançada por um vento furioso. Sentia o nó em sua garganta fazendo-se mais e maior impedindo que o ar enchesse seus pulmões, que tinham se contraído pelo medo e a vergonha. Faltava pouco para escapar livre dos demônios do arrependimento que seus atos lhe produziam. A porta seguia fechada, ele incapaz de abri-la.

—Gabriel!

A voz dela o deteve na soleira, mas não se voltou. Respirou tão profundamente que quase se afoga com seu próprio ar.

—Obrigado de coração! —Ele permanecia preso ao chão a ponto de cair fulminado por sentimentos contraditórios que o desfocavam— O fiz acreditar que não era seu, e apesar de minha mentira, de meu engano execrável, cuidaste dele com afeto. Protegeste-o de tudo e de todos. Sinto-me profundamente envergonhada.

O mundo se deteve. As pulsações de seu coração martelavam em seu cérebro como se fosse um metal maleável sob um martelo de forja. O vazio em seu coração era uma séria ameaça a sua integridade como soldado para manter o aprumo.

—Perdoe-me, Gabriel!

Os soluços começaram de novo atrás das costas de Gabriel e o olhar deste se tornou de repente impreciso. Deixou cair os ombros tensos tentando recuperar as forças que escapavam. Elevou sua mão direita para esfregar as pálpebras, e ao fazê-lo notou as gemas de seus dedos úmidas; as lágrimas tinham ido a seus olhos sem que ele pudesse as reprimir. Então se deu conta de que eram lágrimas de sua infância, daquela infância perdida. Lágrimas que não tinha derramado pela morte de sua mãe, a mulher que não tinha valorizado sua vida nem a de seu filho o suficiente para lutar por ele e se abandonou a sua sorte.

Seus ombros se sacudiram com soluços que tentava afogar com muita dificuldade.

—Gabriel!

A mão dela posou em seu ombro com infinita suavidade. Perdido em suas lembranças, não tinha se precavido de que se levantou e ido para ele.

—Desafoguemos juntos nossa tristeza e recuperemos a alegria do encontro.

Não soube como nem de que maneira, mas de repente, Rosália estava encerrada entre seus braços, e ele a estreitava com força. Enterrou o queixo em seu cabelo e aspirou ao doce aroma de seu perfume, que retornava a ele depois de tanto tempo. Era maravilhoso senti-la junto a seu peito, pulsando ambos os corações ao uníssonos. Rosália se deixou abraçar extasiada de alegria. Gabriel a tinha perdoado, tinha compreendido.

—Têm seus olhos, nosso pequeno Juan Gabriel é idêntico a você.

O Anjo Negro conteve o fôlego.

Seus olhos procuraram o rosto do bebê, que observava tudo com inusitada curiosidade. Quando cravou seus olhos incrédulos nos do menino, a verdade o golpeou com uma fúria de vendaval.

Tinha sido um néscio absoluto! Agora entendia por que ela se empenhava em chamá-lo Juan Gabriel Salazar. Era dele!

Uns olhos verdes menores que os seus devolveram seu olhar um só instante, logo o pequeno seguiu seu percurso até encontrar de novo o rosto de Rosália e lhe oferecer um primeiro sorriso. A musicalidade da voz dela o tranquilizava.

—É um bebê precioso. Meu pequeno Juan Gabriel, o menino mais formoso que eu tenha contemplado jamais.

Como se quisessem agradecer suas palavras, o menino lhe ofereceu um gorjeio que teve sabor de glória bendita. Seus olhos se alagaram em lágrimas outra vez.

Gabriel não podia afastar a vista do rosto do bebê. Naquelas semanas tinha mudado muito. Quando o viu pela primeira vez, suas íris não tinham essa tonalidade brilhante esmeralda. Nem seus traços eram tão definidos como então. Gabriel estava contemplando uma imagem em miniatura de si mesmo.

—Estive cego minha rosa.

Ela sentiu como seu peito se enchia de confiança após escutar o apelido carinhoso; o passado a abraçava sem rancor.

—Acreditei em todas e cada uma das acusações que lhe imputei. Têm muito que me perdoar.

—Te amo com todo meu coração e o passado já não tem importância.

Gabriel baixou sua boca ao encontro dos lábios dela; Rosália os ofereceu com uma submissão completa.

Epílogo

O castelo de Portas Negras se vestiu de festa. No grande salão de audiências tinha se disposto mesas enormes para o banquete que ia se celebrar essa noite. Averroes tinha sido convidado a ficar todo o tempo que quisesse em Toledo antes de retornar de novo a Sevilha. Miguel Salazar de Aberín continuava com suas rezas de gratidão pela felicidade manifesta de seu filho Gabriel e a castelhana Rosália. Garcés e Esteban festejavam junto ao resto dos soldados a volta da senhora de Portas Negras. O desfile dos aldeãos essa tarde, levando a Rosália presentes de bem-vinda, fez que o tempo transcorresse veloz e harmônico. Gabriel a tinha informado de suas conversas com o rei Alfonso de Castilla, de sua posição de lealdade e sua declaração a Amuminin sobre sua integridade e interesses. Tinha-lhe explicado com detalhe todos os sentimentos que albergava em seu peito por ela e Rosália abriu seu coração em compensação.

Todas as dúvidas ficaram resolvidas salvo uma: o paradeiro de Roland. Garcés foi quem a informou que o Navarro era agora vassalo do conde de Portas Negras, e senhor de um pequeno feudo em Navarra.

—Não sabia que era meu filho — disse Gabriel com a voz cheia de emoção.

Rosália voltou seu rosto risonho para ele, sentado a seu lado no grande salão. Ambos estavam recebendo juntos aos aldeãos.

—Isso te honra ainda mais.

Gabriel apertou os lábios com certo desgosto.

—Têm muito que me perdoar minha rosa.

Ela esboçou um sorriso radiante.

—Recorde-me isso esta noite, amor. Começará a pagar tudo àquilo que deve, e vai levar toda uma vida.

Gabriel soube então o que era a felicidade e a esperança de um futuro.

Abu Já'qub Yusuf olhou seu primo e a desilusão brilhou em suas pupilas. Ambos se encontravam frente a frente. Nenhum soldado os acompanhava. Tinham decidido encontrar-se durante uma solitária noite de verão em um lugar retirado, longe de olhares curiosos e inquisitivos. Atrás do califa, podiam divisar os Montes de Córdoba; atrás de Gabriel, situava-se a fronteira castelhana. Raysen e Amuminin esperavam a uma distância prudente. Garcés e Esteban se encontravam também um pouco retirados

para permitir que seu senhor desfrutasse do momento de intimidade que necessitava para confrontar cara a cara com seu primo.

O califa se permitiu que um momento de avaliação aparecesse em seus olhos ao contemplar a silhueta que tinha em frente a ele. Yibrail Ibn Ali, agora chamado Gabriel Salazar de Aberín, seguia sustentando seu olhar sem que nenhuma dúvida se refletisse em seus olhos verdes. O temido campeador, o martirizador de cristãos se mantinha absolutamente imóvel. Seguia respeitando-o apesar de sua traição.

Gabriel, a sua vez, olhou com consideração seu primo. Abu Já'qub Yusuf tinha pedido que se encontrassem, e ele o devia. Não temia por sua segurança, o califa não ia trair a confiança que uma vez existiu entre eles. Mesmo assim, sua sagacidade o fazia ser comedido e prudente.

—É consciente de sua postura?

Gabriel assentiu com a cabeça em um gesto quase imperceptível.

—Decidi em que terra desejo ser enterrado.

Abu compreendeu que suas palavras inclinavam a balança de sua lealdade para mãos cristãs.

—Essa afirmação o converte em meu inimigo.

Gabriel tinha contido o fôlego. Tinha tentado encontrar as palavras adequadas para expressar a mudança que se produziu em sua forma de pensar.

—Perdi algo muito importante de minha vida anterior e o lamento profundamente, mas em troca recuperei minha identidade e minhas raízes.

O califa coçou a barba.

—Sou imensamente feliz em terras castelhanas. Nada pode mudar a decisão que tomei. Minha postura é firme.

—Tulaytulah será conquistada com sua ajuda ou sem ela.

Gabriel assentiu ao mesmo tempo em que segurava com mais firmeza as rédeas de sua montaria. Cravou suas pupilas nos olhos escuros de seu primo. Estes lançavam ameaças veladas que não passaram despercebidas.

—Então, nosso próximo encontro será no campo de batalha.

Abu assentiu.

—Por esta vez, perdôo-lhe a vida.

Gabriel suspirou com certa cautela.

—Considero que minha dívida foi saldada.

—Que a paz seja contigo, primo.

Abu Já'qub Yusuf fustigou seu cavalo e este se deu a volta para empreender a volta a terras muçulmanas. Gabriel contemplou a marcha do califa em silêncio e com certo alívio. Tinha tomado uma difícil decisão, mas os

rostos de Rosália e seu filho o fizeram posicionar-se com mais claridade. Sabia que teria que enfrentar seu primo em um futuro, mas até então pensava desfrutar da paz que se respirava em Castilla. Depois de lançar um último olhar ao horizonte, empreendeu a volta para Portas Negras.

Fim

GRH

Grupo de Romances Históricos

Para entrar neste grupo, enviar e-mail para
moderacaogrh@yahoo.com.br

